

Universidade do Porto
Faculdade de Letras
Departamento de Ciências e Técnicas do Património

**O Abastecimento de Água na Cidade do Porto nos Séculos XVII e
XVIII.
Aquedutos, Fontes e Chafarizes.**

Diogo Emanuel Pacheco Teixeira

Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa orientada pelo Professor
Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha

Porto
2011

Para a minha mãe, Ana Paula.

“Quem não poupa água nem lenha não poupa nada que se tenha”
- Adágio Popular.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha, que desde o início me apoiou e depositou grande confiança em mim para a realização deste trabalho.

Aos meus colegas e amigos, Aida Santos, Ana Paula Oliveira, Hugo Soares, Manuela Conde, Safira Reis, Ricardo Reis e Vera Santos, pelo grande apoio e força que prestaram.

Aos amigos, Diogo Pereira, Emanuel Pereira, José Monteiro, Pedro Dâmaso e Rui Pais, que muitas vezes me ampararam e apoiaram nos bons e maus momentos.

Aos meus irmãos, Nuno Pedro, Ana Margarida e Hugo Marcelo, que sempre estiveram ao meu lado, apoiando e depositando um grande orgulho em mim, o qual é recíproco.

À Adélia, companheira e grande amiga, pelo apoio tanto nos momentos como nas decisões mais difíceis.

À minha mãe, Ana Paula, que sozinha, com grande empenho, coragem e afeição, lutou pela educação dos quatro filhos. Com ela aprendi o verdadeiro significado de esforço e dedicação para a concretização dos nossos sonhos.

Por último, um muito obrigado a todos aqueles, que mesmo não sendo mencionados, me apoiaram e deram força para a conclusão deste trabalho.

ABREVIATURAS

a. C. – antes de Cristo

A.H.M.P – Arquivo Histórico Municipal do Porto

Aa. Vv. – Vários Autores

c. – cerca de

cf. – confrontar

d. C. – depois de Cristo

dir. - direcção

fig. – figura

figs. – figuras

fl. – fólio

fls. – fólhos

p. – página

pp. – páginas

r. – reinou entre

s. d. – sem data

s. ed. – sem editor

s. l. – sem local

S.M.A.S. – Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento

séc. – século

v. – verso

vol. – volume

vols. – volumes

SIGLAS

[...] – palavra ou palavras omitidas numa transcrição.

(?) – palavra ou palavras ilegíveis numa transcrição.

--- – sem informação para preencher um campo de uma tabela.

ÍNDICE

RESUMO	11
INTRODUÇÃO	13
PARTE I – A Água na Ciência e na Arquitectura	16
PARTE II – O abastecimento de água no Porto nos Séculos XVII e XVIII	39
1. A Água e o Poder Local	39
2. As Redes de Distribuição de Água à Cidade	46
2.1 – Manancial de Paranhos	47
2.2 – Manancial do Campo Grande	55
2.3 – Manancial das Fontainhas	58
2.4 – Manancial das Virtudes	59
2.5 – Manancial de Malmeajudas	60
PARTE III – As fontes e chafarizes públicos que abasteciam a cidade nos séculos XVII e XVIII	62
1. Chafarizes	65
1.1 – Dentro de Muros	65
1.1.1 – Chafariz da Rua Chã	65
1.1.2 – Chafariz da Porta do Olival	66

1.1.3 – Chafariz de São Domingos.....	68
1.1.4 – Chafariz da Rua Nova.....	69
1.1.5 – Chafariz de São Miguel-o-Anjo.....	70
1.2 – Fora de Muros.....	71
1.2.1 – Chafariz da Praça Nova.....	71
1.2.2 – Chafariz da Rua de Santo Ovídio.....	72
1.2.3 – Chafariz da Vila Parda.....	72
1.2.4 – Chafariz da Fábrica do Tabaco.....	74
1.2.5 – Chafariz do Terreiro da Batalha.....	74
2. Fontes.....	75
2.1 – Dentro de Muros.....	75
2.2.1 – Fonte dos Pelicanos.....	75
2.2.2 – Fonte dos Canos.....	77
2.2.3 – Fonte das Taipas.....	78
2.2.4 – Fonte da Praça de Santa Ana.....	78
2.2.5 – Fonte da Praça da Ribeira.....	79
2.2.6 – Fonte Aurina.....	80
2.2.7 – Fonte da Biquinha.....	81
2.2.8 – Fonte da Ponte Nova.....	81
2.2.9 – Fonte da Rata.....	82
2.2.10 – Fonte de São João Novo.....	82

2.2.11 – Fonte dos Banhos.....	83
2.2 – Fora de Muros.....	83
2.2.1 – Fonte das Virtudes.....	83
2.2.2 – Fonte do Carvalhinho.....	87
2.2.3 – Fonte da Colher.....	87
2.2.4 – Fonte das Bicas de Massarelos.....	89
2.2.5 – Fonte da Arca.....	89
2.2.6 – Fonte das Oliveiras.....	92
2.2.7 – Fonte do Bom Sucesso.....	93
2.2.8 – Fonte de São Lázaro.....	93
2.2.9 – Fonte da Rua do Almada.....	94
2.2.10 – Segunda Fonte da Rua do Almada.....	95
2.2.11 – Fonte das Águas Férreas.....	95
2.2.12 – Fonte dos Ablativos.....	96
2.2.13 – Fonte da Areia.....	97
2.2.14 – Fonte das Fontainhas.....	98
2.2.15 – Fonte da Cordoaria.....	99
2.2.16 – Fonte da Porta de Carros.....	99
2.2.17 – Fonte das Aguadas.....	100
2.2.18 – Fonte do Laranjal.....	101
2.2.19 – Fonte do Touro.....	102
2.2.20 – Fonte da Igreja de Campanhã.....	103
2.2.21 – Fonte das Musas.....	104

2.2.22 – Fonte de Bonjóia.....	104
2.2.23 – Fonte de Fradelos.....	105
2.2.24 – Fonte de Santa Catarina.....	105
2.2.25 – Fonte de Santo António do Bolhão.....	106
2.2.26 – Fonte do Senhor do Carvalhido.....	106
3. Outras Fontes.....	107
CONCLUSÃO.....	109
BIBLIOGRAFIA.....	112
ANEXOS.....	Objecto Digital

RESUMO

Palavras-chave: água, hidráulica, aqueduto, fonte, chafariz.

A arquitectura da água é um campo pouco estudado em Portugal. Este trabalho consiste numa contribuição para o conhecimento dos desafios para a captação e distribuição desse bem essencial à sobrevivência humana. Os estudos começaram por ser desenvolvidos já em épocas remotas, sendo o tratado de arquitectura de Vitruvius o mais antigo a chegar aos nossos dias, onde são desenvolvidos conceitos redescobertos pelos grandes arquitectos e cientistas da época moderna, contribuindo assim para um grande desenvolvimento tanto da arquitectura da água como da hidráulica enquanto ciência. Das estruturas romanas aos aquedutos, fontes e chafarizes da época moderna há um grande processo evolutivo que se repercute por toda a Europa, aliando o abastecimento de água ao aparato dos objectos de distribuição, como sinónimo de poder.

No Porto, estas evoluções só serão postas em prática nos amplos jardins das casas senhoriais, e no caso público irão sofrer um progresso lento, ao longo da época moderna a partir do século XVI até finais do século XIX, devido a sérios problemas de escassez de água. Nesta altura, a cidade era abastecida por cinco mananciais, sendo o principal o de Paranhos. A cidade tinha várias fontes e chafarizes, algumas abastecidas pelos mananciais e outras por nascentes próprias. É verdade que a excepção faz a regra, porque mesmo com falta deste elemento tão essencial à vida do Homem, houve alguns objectos de abastecimento, apesar de serem muito poucos, que se tratavam de composições de grande aparato, como os casos da fonte da Arca e da fonte das Virtudes, esta última tendo chegado até nós.

ABSTRACT

Keywords: water, hydraulic, aqueduct, spring, fountain.

The architecture of the water is a field little studied in Portugal. This work is a contribution to the knowledge of the challenges for the uptake and distribution of this essential good for human survival. The studies began to be developed already in remote

times, being the treaty of architecture of Vitruvius the oldest to reach our days, where are developed concepts that have been rediscovered by the great architects and scientists of modern age, thus contributing to a great development of both the architecture of water and the hydraulic as a science. From the Roman's structures to the aqueducts, springs and fountains of the modern age there is a great evolutionary process which has repercussions across Europe, combining the water supply with the apparatus of the objects of distribution as a synonym of power.

In Porto, such developments can be implemented in the ample gardens of stately homes, and the public case will suffer a slow progress, throughout the modern age from the sixteenth century until the end of the nineteenth century, due to serious problems of water shortage. At this time, the city was supplied by five water sources, the main one being the Paranhos. The city had several sources and fountains, some supplied by the above five water sources and the others had their own headwaters. It is true that the exception makes the rule, because even with the lack of this element as essential to human life, there were some objects of supply, although very few, that were items of great pomp, as the cases of the source of the Arca and the source of the Virtudes, the latter having come down to us.

INTRODUÇÃO

O presente estudo centra-se nas formas de abastecimento público de água à cidade do Porto ao longo dos séculos XVII e XVIII, desde os mananciais até às fontes e chafarizes. Foi neste período que assistimos à maior preocupação dos órgãos administrativos em providir a cidade de meios de abastecimento público, devido à escassez deste bem tão precioso, bem como a conservação destes aparatos, mantendo-os sempre asseados.

Apesar de inicialmente pretendermos restringir o nosso estudo ao século XVIII, por ideia do nosso orientador, o Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha, acabamos por tratar também o século XVII, devido à importância do manancial de Paranhos. O objectivo principal deste trabalho constituiu-se em compreender os meios de abastecimento público à cidade do ponto de vista da História da Arte, onde damos a conhecer as obras que existiam e as que chegaram até nós.

Sobre este tema, e até à data de entrega do presente trabalho, a obra de maior relevância publicada é um breve estudo da autoria de Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves, *A arquitectura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*, que apresenta algumas das fontes e chafarizes existentes neste período específico.

Outros estudos foram efectuados, apresentando apenas pequenos trechos de informação relevante, como é o caso de alguns artigos dos periódicos *O Tripeiro* e o *Boletim Cultural*, e a obra de Germano Silva, *Fontes e chafarizes do Porto*. Outras obras, como a *Cidade do Porto*, de Maria Clementina de Carvalho Quaresma, não acrescentam nada de novo relativamente a este tema, apresentando, sem qualquer citação ou nota, o que diz Horácio Marçal no seu artigo d'*O Tripeiro*, *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*, e Bernardo Xavier Coutinho no seu artigo do *Boletim Cultural*, *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia*.

Decidimos dividir este trabalho em três partes, sendo a primeira ligada à tratadística, onde primeiro expomos algumas ideias sobre a tentativa, ao longo da história, para a compreensão do ciclo da água, e o desenvolvimento da engenharia hidráulica. Seguidamente fizemos uma pesquisa em vários tratados de arquitectura. Aqui discorremos sobre alguns estudos, tanto escritos como desenhados, de vários arquitectos e artistas como Vitruvius, Leon Baptista Alberti, Bernard Palissy, Leonardo

da Vinci, Sebastiano Serlio, Philibert de L'Orme, Andrea Palladio, Hans Vredeman de Vries, Vincenzo Scamozzi e Bernard Forest de Belidor.

Devido à escassez de tempo, abordamos com maior profundidade os tratados de Vitruvius e de Alberti. A escolha recaiu sobre estes dois tratados uma vez que para além de Scamozzi, que tem como referência os dois atrás referidos, os outros autores pouco ou nada falam sobre questões ligadas à água, com excepção de Belidor, que aborda o tema com tamanha profundidade, que pode-se considerar uma verdadeira enciclopédia da hidráulica, mas que em Portugal só será posto em prática a partir do século XIX.

Na segunda parte pretendemos mostrar como era feito o abastecimento de água à cidade do Porto, começando por fazer uma breve contextualização histórica sobre o provimento deste elemento à população e referindo alguns problemas associados, como as questões de higiene que levaram a Câmara do Porto a criar leis para as combater, em algumas vereações ao longo dos dois séculos estudados. Seguidamente apresentamos as cinco principais redes de distribuição de água da cidade, sendo elas: o manancial de Paranhos, o manancial do Campo Grande, o manancial das Fontainhas, o manancial das Virtudes e o manancial de Malmajudas.

De todos estes mananciais, apenas o de Paranhos se encontra no activo, sendo possível visitá-lo sob autorização dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento da cidade Porto, a qual não obtivemos, por falta de resposta por parte da direcção, tanto aos nossos pedidos como do nosso orientador.

Na terceira, e última parte, apresentamos as fontes e chafarizes que abasteciam a cidade, começando, num primeiro ponto, por definir a diferença entre fonte e chafariz, que muitas vezes encontram-se indissociáveis. Depois, dividimos o segundo ponto em duas tipologias: uma referente aos chafarizes; e a outra relativa às fontes. Por sua vez, fixamos cada uma delas em duas questões geográficas, sendo estes objectos demarcados pela sua localização fora e dentro dos muros da cidade.

Para efectuar esta arrumação foi necessário saber quais as fontes e chafarizes que existiam no Porto nos séculos XVII e XVIII, e depois descobrir a sua localização. Então recorremos a memórias e descrições destas duas centúrias, sendo elas: a *Memoria das Fontes que tem a Cidade do Porto, em que paragem nassem, que alturas, larguras e comprimentos tem suas Arcas: que quantidades se devidem para os Chafarizes; por que paragens vem, os nomes que tem, e donde se derivaraõ*, de 1669, do padre Baltasar Guedes, o *Anacrísis Historial*, dos finais do século XVII, de Manuel Pereira de Novais,

as *Memórias Paroquiais*, de 1758, e a *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*, de 1788, de Agostinho Rebelo da Costa.

Estas obras também ajudaram a esclarecer questões relativas aos mananciais uma vez que contêm informação relevante sobre estes. Todo este conhecimento acerca deles, das fontes e dos chafarizes foi cruzado com vários estudos actuais, apesar de escassos, como também com outras descrições do século XIX, por conterem noções importantes das várias estruturas estudadas.

Apesar de pretendermos tratar a arquitectura da água até à exaustão, nos séculos definidos, como objectivo inicial deste trabalho, esta tarefa revelou-se impossível, pois para além da documentação estar dispersa, o tempo tornou-se escasso para o cumprirmos. Ficamos pela exposição dos objectos artísticos de distribuição de água que existiam, ficando assim um trabalho de cripto-história da arte, pois poucas foram as fontes e chafarizes que chegaram aos nossos dias.

PARTE I – A Água na Ciência e na Arquitectura

A água foi um factor determinante para o nascimento e desenvolvimento das cidades, tornando-se numa componente dinâmica das cidades, sem a qual elas não poderiam ter aumentado as suas dimensões e poder. O facto, de a maior parte das cidades da antiguidade como a Babilónia e Roma localizarem-se junto a rios, só demonstra esta importância, pois para além de permitir o comércio e transporte através destas vias, também permitia o abastecimento de água¹.

A água surgiu nos espaços da vida do Homem, desde a civilização egípcia à persa. Cada uma delas desenvolveu formas de controlar e manipular a água no terreno, mas é a civilização romana a que cria múltiplas formas desse controlo e manipulação em muitas das suas cidades, através da condução e distribuição de água, convertidos em aquedutos, canais, tanques, reservatórios, cisternas e fontanários aparecendo, deste modo, como pontos ordenadores dos espaços públicos.

Estes elementos resultaram para satisfazer necessidades básicas como beber e regar, que logo começaram a evocar valores a nível cultural, social e espiritual, até ao nível religioso, fazendo com que vários povos criassem e adorassem divindades com origem na água², demarcando a importância da presença da água na busca harmoniosa entre a natureza e a arquitectura³.

A dualidade entre função e simbolismo esteve presente nos jardins persas, onde a água desempenhava um papel essencial ao dividir as várias zonas do jardim, sendo também um símbolo da presença da vida, contrastando com a paisagem árida caracterizante do seu território, levando a que esta presença viesse a ter, mais tarde, uma grande influência na cultura islâmica, que seguindo esta tradição, e reinterpretando os conhecimentos de engenharia hidráulica dos romanos, continuou a integrar a água no seu meio⁴.

A evolução das técnicas de recolha, transporte e distribuição da água aos domínios públicos e privados, fez com que a arquitectura da água evoluísse com grande

¹ GANHÃO, Carolina – *Da sustentabilidade à insustentabilidade da água nas cidades*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2009. pp. 191-192.

² MAIA, Fernando do Nascimento - *Fontes, fontanários e chafarizes do concelho da Covilhã*. Covilhã: s. ed., 1994. pp. 9-15.

³ MENDES, Nelson Gomes – *ACQUA. Água, essência na arquitectura de Carlo Scarpa*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2009. p. 15.

⁴ MENDES, Nelson Gomes – *ACQUA. Água...* pp. 15-17.

impacto, ao longo dos tempos e das várias culturas, como é o caso do renascimento e barroco italiano, onde a sua presença emergiu numa dimensão de carácter representativo e simbólico, assente numa confiança artística e intelectual, tornando-se ornamental e demarcando uma incessante afirmação do poder do Homem sobre o mundo natural e civilizacional⁵, perdurando os grandes exemplares de fontes monumentais, como as de Roma⁶.

Entretanto, no resto da Europa, e após o renascimento, os jardins franceses, como por exemplo, os do Palácio de Versalhes, marcaram um momento importante na história da arquitectura da água, explorando-a a um nível formal, com a aplicação da geometria, mecânica e das ciências hidráulicas, demarcando o domínio do Homem sobre a natureza. Precisamente o oposto do movimento paisagista inglês do séc. XVIII, que encarou a presença da água nos seus jardins de forma mais natural, procurando recriar a natureza da forma o mais fiel possível, através da sinuosidade e imprevisibilidade⁷.

A água nos tratados de arquitectura, ao longo do tempo, é um tema muito extenso que levaria à elaboração de uma tese única sobre o assunto e por isso, não se pretende elaborar uma síntese exaustiva, mas sim evidenciar alguns dos tratados dos estudiosos mais marcantes para compreender o tratamento que cada um deu à água.

A água vem sendo um campo de estudo na arquitectura desde a antiguidade, tendo Vitruvius como ponto de partida e, este constituindo um dos principais trabalhos neste campo. Utilizado em obras de outros arquitectos como o de Leon Battista Alberti, foram estes dois curiosos personagens os grandes impulsionadores da teoria da arquitectura.

Quanto ao tema da água, Vitruvius revelou-se um autor completo, seguido por muitos tratadistas, principalmente no campo de construção de pontes. Quanto ao tema de abastecimento urbano, poucos são os que referem este assunto, sendo novamente Alberti e, também, Vincenzo Scamozzi, aqueles que mais incidem nesta matéria, tendo sempre Vitruvius como base. Só no século XVIII, com o desenvolvimento da hidráulica

⁵ MENDES, Nelson Gomes – *ACQUA. Água, essência na arquitectura de Carlo Scarpa*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2009. p. 17.

⁶ POCINO, Willy – *Le Fontanelle di Roma. Un insolito itinerario alla scoperta di uno degli elementi più caratteristici dell'arredo urbano*. Roma: Tascabile Economici Newton, 1997. p. 7.

⁷ MENDES, Nelson Gomes – *ACQUA. Água, essência na arquitectura de Carlo Scarpa*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2009. pp. 17-19.

enquanto ciência, vão surgir duas obras, a de Belidor e a de Prony, que levarão a arquitectura hidráulica ao seu grande aperfeiçoamento no século XIX.

O tratado de arquitectura do romano Vitruvius, *De Architectura Libri Decem*, é o único conhecido da antiguidade clássica, sendo redescoberto no século XV, e logo surgiram várias traduções, interpretações e adaptações. A primeira conhecida remonta a 1486, levada a cabo pelo gramático Fra Giovanni Sulpitius. Mas é em 1511, sob a autoria do engenheiro/arquiteto Fra Giovanni Giocondo que aparece a primeira tradução ilustrada⁸, visto que as ilustrações do original, muito provavelmente, se perderam e não chegaram até nós⁹. Para a elaboração deste capítulo utilizamos a tradução portuguesa, recentemente publicada, da autoria de Justino Maciel¹⁰.

O tratado divide-se em dez livros, sendo os sete primeiros dedicados à arquitectura edificada¹¹, o oitavo à hidráulica¹², o nono à gnomónica¹³ e o décimo à mecânica¹⁴. O livro oitavo, que é o que nos interessa abordar, está dividido por um preâmbulo e seis capítulos. Nos capítulos IV, VI e no VII do décimo livro, apresentamos algumas máquinas de elevação de água, ou seja, no quarto apresenta-nos três, no sexto e no sétimo, uma em cada um. Estes aparelhos são idênticos a algumas máquinas de rega que vieram a ser utilizadas no meio rural português até aos nossos dias¹⁵.

No preâmbulo, Vitruvius começa por referir a importância dos quatro elementos da natureza (água, ar, fogo e terra), bem como o que outros pensadores clássicos diziam deles. Aqui, Vitruvius elege a água como sendo o elemento mais importante por satisfazer muitas necessidades quotidianas, mas também por ser gratuita. Ainda aqui, explica que a água é um forte elemento religioso, dando-nos o exemplo egípcio, para além de referir que os físicos, os filósofos e os sacerdotes defendiam que tudo subsistia graças à água. O autor termina este prefácio com a explicação da importância da

⁸ CONCEIÇÃO, Luís Filipe Pires da – *A consagração da água através da arquitectura, para uma arquitectura da água*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1997. p. 93.

⁹ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*. Introdução e notas de Justino M. Maciel. Lisboa: IST Press, 2009. p. 311.

¹⁰ Sabe-se, no entanto, que no século XVI, o rei D. João III encomendou uma tradução deste tratado ao matemático Pedro Nunes. Pois o rei estava ciente da importância do tratado de Vitruvius para a renovação da cultura portuguesa. Mas fica a incógnita se a tradução terá sido feita, pois se o foi, não foi publicada. VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura...* p. 7.

¹¹ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura...* pp. 13-15.

¹² VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura...* p. 15.

¹³ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura ...* p. 15.

¹⁴ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura...* p. 15.

¹⁵ DIAS, Jorge; GALHANO, Fernando – *Aparelhos de elevar a água de rega. Contribuição para o estudo do regadio em Portugal*. Porto: Junta da Província do Douro Litoral, 1953. pp. 179-228.

redacção deste livro: *“julguei que seria oportuno tratar neste da exploração da água, das suas características segundo as propriedades dos lugares, das formas de a conduzir e da maneira de a tratar previamente”*¹⁶.

O primeiro capítulo diz-nos que a água é fundamental para a vida e para o uso quotidiano, devendo esta estar sempre acessível. Aqui, o autor propõe-nos as suas ideias e técnicas para encontrar água¹⁷, bem como a sua qualidade em vários tipos de terreno¹⁸. Neste capítulo, a única menção que faz à arquitectura da água, tem a ver com a com a escavação de poços e, no caso de ser descoberto um manancial de água, logo se aconselha a abrir outros em volta que, através de galerias subterrâneas, conduzirão todos os filões para o mesmo ponto. Também nos dá a indicação de que estes trabalhos devem ser feitos em montes e locais voltados para o Norte, devido à boa qualidade da água¹⁹.

O autor dedica o segundo capítulo à água das chuvas, afirmando que esta é a melhor *“porque provém de mananciais mais leves, subtis e ténues”*²⁰. Também explica o ciclo da água desde a sua evaporação, passando pela formação de nuvens, até à condensação, dando origem aos rios²¹.

O terceiro capítulo é o mais longo e descreve vários tipos de qualidade de água. Começa por descrever o processo de aquecimento natural das águas, afirmando que as águas que passam por este sistema têm qualidades medicinais²². Depois fala de águas frias nitrosas com propriedades medicinais, afirmando que *“cuja bebida, passando pelo intestino, purifica e também diminuí os tumores escrofulosos”*²³. Seguidamente, o autor descreve outros tipos de água, mas de má qualidade, concluindo que a qualidade do solo afecta o sabor, tanto da água, como os frutos. Também afecta os odores das resinas das plantas, bem como os animais que beberem destas águas mudam de cor²⁴. Vitruvius afirma que estes problemas são devidos à *“inclinação da terra e a força do Sol que, seguindo uma trajectória mais próxima ou mais afastada, dão aos terrenos tais*

¹⁶ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*. Introdução e notas de Justino M. Maciel. Lisboa: IST Press, 2009. pp. 293-294.

¹⁷ Vide Fig. 1.

¹⁸ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*. Introdução e notas de Justino M. Maciel. Lisboa: IST Press, 2009. pp. 294-296.

¹⁹ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... p. 296.

²⁰ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... p. 297.

²¹ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... pp. 297-298.

²² VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... pp. 300-301.

²³ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... p. 301.

²⁴ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... pp. 301-304.

diferenças”²⁵. Seguidamente são-nos apresentadas várias tipologias de águas com as mais diversas qualidades, desde as mortíferas (ou venenosas)²⁶, as inebriantes, as que curam o alcoolismo, águas que fazem cair os dentes, águas que melhoram a voz, entre outras²⁷. Por último, fala-nos da água existente no corpo humano, também afirma que muita da informação deste capítulo surgiu de leituras de livros de hidrólogos gregos, e explica que escreveu este capítulo para que as pessoas soubessem como escolher a água para distribuição a zonas habitacionais²⁸.

O quarto capítulo é o mais curto e centra-se em mostrar diferentes formas de avaliar a boa qualidade da água. Para tal, aconselha a examinar a qualidade da água de uma determinada zona, através dos sinais de saúde exteriores dos habitantes, mas caso seja uma fonte encontrada recentemente, esta deve ser fervida num vaso de bronze, e se não deixar nenhuma mancha, é sinal que é de qualidade. Também apresenta formas de analisar se a água é pura: uma consiste em cozer legumes, e se a cozedura for rápida é sinal de que a água é limpa, outra forma é ver se a água é límpida junto á nascente²⁹.

A partir do quinto capítulo, Vitruvius começa o seu discurso sobre a hidráulica propriamente dita. Aqui, fala-nos dos instrumentos de nivelamento para as condutas de abastecimento a cidades e a habitações. Como esta era a primeira tarefa a ser feita, era necessário escolher um nível: dioptras³⁰, níveis de água³¹ ou um coróbata³², este último era o mais rigoroso³³. Consistia em uma régua de vinte pés³⁴ de comprimento, que nas extremidades fazia um ângulo recto com dois suportes e tinha dois braços de suspensão que se encontravam. Entre estes e a régua tinha umas travessas que “*apresentavam linhas traçadas rectilineamente na perpendicular, pendendo de cada um dos lados da régua fios de prumo que, montado o coróbata, coincidirão perfeitamente com as linhas*

²⁵ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*. Introdução e notas de Justino M. Maciel. Lisboa: IST Press, 2009. p. 304.

²⁶ Vitruvius afirma que foi este tipo de águas que causou a morte a Alexandre Magno. VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... p. 305.

²⁷ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... pp. 305-308.

²⁸ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... p. 309.

²⁹ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... p. 310.

³⁰ “[...] instrumentos em quarto de círculo, utilizados na agrimensura, que permitiam definir cotas por determinação de ângulos mediante o recurso ao alinhamento de duas pínulas.” VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... p. 310.

³¹ “[...] instrumentos semelhantes à dioptra em que as pínulas são substituídas por visores com água em regime de vasos comunicantes.” VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... p. 310.

³² “[...] instrumento de agrimensura em forma de banco que define planos horizontais e verticais com recurso a fios de prumo.” VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... p. 310.

³³ Vide Fig. 2.

³⁴ Um pé equivale a 30,48 centímetros.

atrás referidas, indicando que o instrumento se encontra colocado na horizontal”³⁵. Mas se houver vento, pode não haver uma referência certa, então é-nos apresentada uma solução de ajustamento: em cima da régua devia haver um sulco “*com cinco pés de comprimento, a largura de um dedo e a profundidade de um dedo e meio, que se encherá com água*”³⁶. Se a água tocar equilibradamente a parte superior das bordas desse sulco, saber-se-á o grau de inclinação³⁷. Este capítulo termina com alguns apontamentos das leis da física relacionadas com o uso deste aparelho, concluindo que “*quanto maior for o desnível, mais fácil será o débito de água*”³⁸.

O sexto, e último, capítulo é dedicado à condução de água aos meios urbanos. Aqui, Vitruvius começa por nos indicar que existem três maneiras de transportar a água: uma delas é por condutas de concreto, outra por canos de chumbo ou, ainda, por tubos cerâmicos.

Se a construção for por condutas de concreto, tem de ser bastante resistente e deviatar cerca de 0,5% de inclinação³⁹, devendo as condutas “*ser abobadadas, para que a água seja o menos possível tocada pelo Sol*”⁴⁰. Mal a água chegasse às muralhas, devia levantar-se um *castellum*⁴¹, onde eram construídos três tanques emissários⁴² para receber a água de três canos⁴³, de tal modo que os das pontas quando enchessem, verteriam para o do meio que escoaria a água, através de canalizações, para abastecer “*todos os reservatórios e fontanários*”⁴⁴. Dos outros dois tanques, um servia para abastecer os banhos públicos e o outro fornecia as habitações privadas⁴⁵. No seu percurso, se a conduta se deparasse com montanhas, deviam fazer-se aquedutos subterrâneos, mantendo-se a mesma pendente. Se o terreno fosse de rocha ou tufa, a

³⁵ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*. Introdução e notas de Justino M. Maciel. Lisboa: IST Press, 2009. pp. 310-311.

³⁶ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... p. 311.

³⁷ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... p. 311.

³⁸ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... p. 311.

³⁹ Um quarto de polegada por cada sem pés. VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... p. 312.

⁴⁰ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... p. 312.

⁴¹ “*Arca-de-água, reservatório, torre de distribuição de água.*” VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... p. 312.

⁴² Vide Fig. 13.

⁴³ Vide Fig. 3.

⁴⁴ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... p. 312.

⁴⁵ Tanto um como outro tinham de pagar impostos por usufruir da água. Quem utilizava os banhos públicos pagava uma taxa anual ao Estado, enquanto quem era servido no domicílio pagava uma taxa aos publicanos que servia para garantir a manutenção das condutas de água. VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... p. 312.

conduta era escavada⁴⁶, mas se fossem terrenos moles, construíam-se abóbadas nas galerias, com respiradouros a cada cento e vinte pés⁴⁷.

Quanto à utilização de tubagens de chumbo, deveria, imediatamente, ser construída uma arca-de-água na nascente e outra na cidade de destino⁴⁸. A espessura dos canos eram determinados de acordo com a quantidade de água que se pretendia transportar. Estes eram feitos de chapas de chumbo fundido e tinham dez pés de comprimento e a sua largura variava, bem como o seu peso. Durante o percurso, se encontrassem algum declive, os espaços das elevações eram preenchidos de alvenaria, locais onde eram construídos os *ventres*⁴⁹, conseguindo assim ajustar o grau de inclinação à pressão da água. Esta técnica permitia que a água percorresse por cima do monte, ou até curvas e contracurvas. Para evitar ruptura dos canos eram feitos orifícios na zona do ventre para aliviar a pressão. A cada sete quilómetros era aconselhado a construção de arcas-de-água, caso o terreno tivesse uma pendente acentuada⁵⁰.

Os tubos de cerâmica eram mais baratos. Eram feitos de cerâmica com o mínimo de dois dedos de espessura, sendo mais estreitos num dos lados, para se encaixarem uns nos outros, devendo as juntas ser lacradas com uma massa à base de cal e azeite. “*Nos encurvamentos que ligam à parte nivelada do ventre, onde se faz mesmo cotovelo, será colocada uma pedra de rocha vermelha furada de um lado ao outro, de modo que se adaptem a ela o último tubo de cerâmica do declive descendente e o primeiro do plano horizontal.*”⁵¹. O mesmo processo realiza-se na inclinação ascendente, havendo uma união entre o último tubo do plano horizontal do ventre, o buraco na rocha vermelha e o primeiro cano em ascensão. Com este processo, previne-se a destruição das tubagens. O resto das precauções são idênticas às dos canos de chumbo, com a exceção de que, antes de ligar a água aos canos, deve-se colocar cinza dentro dos tubos para tapar pequenas frinchas que possam haver nas juntas. A canalização de cerâmica é melhor

⁴⁶ Vide Fig. 4.

⁴⁷ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*. Introdução e notas de Justino M. Maciel. Lisboa: IST Press, 2009. p. 312.

⁴⁸ Vide Fig. 5.

⁴⁹ “[...] disposição horizontal das canalizações no fundo dos vales encurvando na passagem para os declives, permitindo uma melhor distribuição da pressão e o funcionamento do sistema de sifão.” VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*. Introdução e notas de Justino M. Maciel. Lisboa: IST Press, 2009. p. 313.

⁵⁰ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura* ... pp. 313-314.

⁵¹ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura* ... p. 314.

que a de chumbo, por ser mais fácil manter a qualidade e o sabor da água, enquanto a segunda é nociva à saúde⁵².

Quando há ausência de nascentes, Vitruvius aconselha escavar poços⁵³, mas previne ser necessário avaliar as circunstâncias naturais envolventes, nomeadamente a terra que contém várias propriedades para além da água. O autor menciona o calor, como estimulante ao aparecimento do enxofre, o alúmen, o betume, bem como uma quantidade de outros gases também nocivos. Estes chegam com violência à base dos poços, causando várias fatalidades entre quem os respira. O conselho dado para evitar estes problemas consiste em acender uma candeia com pavio alimentado a azeite e colocá-la no interior da vala que dará origem ao poço e se a chama se mantiver é sinal de que não há perigo, mas se se apagar devem ser construídos respiradouros de arejamento nas paredes do poço. Logo resolvida esta situação e encontrada água, devia-se colocar pedra seca, sem qualquer tipo de argamassa, para não obstruir os filões⁵⁴.

Quando o terreno era muito duro e os recursos hídricos localizavam-se em zonas muito profundas, deviam conduzir a água das chuvas de telhados ou outras áreas elevadas para cisternas feitas de argamassa de cal, areia e pedra moída, com o peso inferior a uma libra⁵⁵. O processo de construção consistia em misturar duas partes de cal para cinco de areia, então juntava-se a pedra moída. De seguida deitava-se esta argamassa numa cova com a profundidade pretendida, onde será calcada nas paredes com maços de madeira até à superfície. De seguida, retirava-se a terra que se encontrava no meio das paredes, até à base. Depois do solo estar nivelado, aplicava-se a mesma cobertura com a espessura desejada. Para Vitruvius, o ideal seria haver, num mesmo local, dois ou três reservatórios destes, ligados entre si, de modo a purificar água⁵⁶.

No capítulo IV do livro X, Vitruvius introduz-nos três máquinas hidráulicas de elevação de água. A primeira é o tímpano⁵⁷ que não se destina a elevar a água a grande altura, mas tira-a em grande quantidade⁵⁸. É composto por uma roda, construída em madeira em torno de um eixo coberto por lâminas de ferro assentado em estacas, sendo

⁵² VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*. Introdução e notas de Justino M. Maciel. Lisboa: IST Press, 2009. pp. 314-315.

⁵³ Vide Fig. 6.

⁵⁴ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*. Introdução e notas de Justino M. Maciel. Lisboa: IST Press, 2009. pp. 315-316.

⁵⁵ Uma libra equivale a cerca de 0,453 kg.

⁵⁶ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*. Introdução e notas de Justino M. Maciel. Lisboa: IST Press, 2009. p. 316.

⁵⁷ “[...]engenho em forma de tambor para tirar água.” VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... p. 373.

⁵⁸ Vide Figs. 7 e 15.

a área junto ao centro tapada com tábuas de madeira circular, de forma a assemelhar-se a um tambor, e no interior são colocadas oito tábuas, intercaladas, que convergem para o centro. Depois de construída era coberta com pez⁵⁹. Esta máquina era movida pela força de homens⁶⁰, “*recolhendo a água através das aberturas que se encontram nas testeiras do tambor e lançando-a fora pelas cavidades junto ao eixo, tendo em baixo um recipiente de madeira que tenha ligado a si um escoadouro*”⁶¹. A segunda máquina é a roda de água⁶². Esta pouco difere do tímpano, tendo o objectivo de elevar água mais alto. Construía-se, então, uma roda adaptada à altura que se queria elevar, fixando-se no lado de fora copos de secção quadrangular untados com pez e cera. Esta máquina também girava, com base na força humana, e lançava água num colector⁶³. A terceira surge com o nome de nora⁶⁴, e consistia em elevar a água mais alto que as máquinas anteriores. Utilizando o mesmo princípio construtivo da roda, mas desta vez prende-se em volta do eixo uma dupla corrente de ferro, que se colocava na água, com baldes de bronze nas extremidades, cuja capacidade era de 3,25 litros cada. O girar da roda enrolava a corrente, elevando baldes acima do eixo, onde eram virados para verter a água num reservatório⁶⁵.

O sexto capítulo, é dedicado ao método do parafuso⁶⁶, ou simplesmente, parafuso de Arquimedes⁶⁷. Este permite extrair grandes quantidades de água, mas não tão alto como a roda. Trata-se de um dispositivo constituído por um parafuso de madeira dentro de um cilindro do mesmo material. Vitruvius também refere que a sua colocação deverá ser em altura, com um ângulo de inclinação que, em conformidade com o triângulo rectângulo de Pitágoras, tenha a relação seguinte: por uma divisão do

⁵⁹ Trata-se do mesmo que betume (ou bitume). É uma mistura sólida, formada por compostos químicos, e que pode tanto ocorrer na Natureza como ser obtido artificialmente, em processo de destilação do petróleo. Desta substância são obtidos vernizes utilizados para tratar a madeira.

⁶⁰ Normalmente com os pés. VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*. Introdução e notas de Justino M. Maciel. Lisboa: IST Press, 2009. p. 373.

⁶¹ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*... pp. 373-374.

⁶² Vide Figs. 8 e 15.

⁶³ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*. Introdução e notas de Justino M. Maciel. Lisboa: IST Press, 2009. p. 374.

⁶⁴ Vide Figs. 9 e 15.

⁶⁵ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*. Introdução e notas de Justino M. Maciel. Lisboa: IST Press, 2009. p. 374.

⁶⁶ Vide Figs. 11 e 16.

⁶⁷ SEQUEIRA, João Meneses de – *Os desenhos do De Architectura (arcitektouikh)*. AE...Revista Lusófona de Arquitectura e Educação, nº4. Lisboa: LABART, 2010. pp. 82-83.

comprimento em cinco partes, a elevação do topo deve ter três dessas partes; a distância entre a vertical e os orifícios da parte de baixo será assim de quatro partes⁶⁸.

Por último, no sétimo capítulo, Vitruvius descreve a máquina de Ctesíbio⁶⁹, que servia para elevar a água muito alto. Era fabricada em bronze e era composta por dois cilindros idênticos, pouco distantes, tendo paralelamente colocados pequenos tubos em forma de forquilha, direccionados para um reservatório central, protegidos por válvulas. Depois de um complexo engenho de pressão, este instrumento bombeia a água a grande altitude, como um repuxo⁷⁰.

Leon Battista Alberti escreveu o *De Re Aedificatoria* entre 1442 e 1452, sendo impresso a partir de 1483, após a morte do autor. No entanto, a primeira versão ilustrada apenas surge em 1565, na tradução de Cosimo Bartoli. Esta obra foi o primeiro tratado pós-vitruviano, organizado em dez livros, tal como o de Vitruvius, para além de seguir as ideologias deste, apresenta algumas ideias próprias⁷¹. Françoise Choay divide o *De Re Aedificatoria* em quatro partes: a primeira (Livros I a III), corresponde ao “*nível da necessidade*”; a segunda (Livros IV e V), ao “*nível da comodidade*”; a terceira (Livros VI a IX), ao “*nível do prazer*”; e a quarta (Livro X), ao “*nível da correcção*”⁷². Ao longo de todo o tratado surgem várias referências à água, mas é no último livro que o autor aborda o tema com mais exatidão e, grande parte do texto, segue uma matriz lógica suportada por Vitruvius.

Também é importante salientar que, tal como acontece na nossa análise de Vitruvius, decidimos deixar de lado todas as ideias que tratam a água fora do campo da distribuição pública de consumo⁷³. Assim, optamos por utilizar a tradução de Giacomo Leoni, impressa em Londres, no ano de 1726, que contém os três tratados de Alberti e está simultaneamente em italiano e em inglês.

No quarto capítulo do Livro I, para além de falar sobre a escolha do terreno para a construção, Alberti também dedica parte deste capítulo à importância da água encontrada no local, alertando para a importância da qualidade, fazendo alusão a

⁶⁸ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*. Introdução e notas de Justino M. Maciel. Lisboa: IST Press, 2009. pp. 375-376.

⁶⁹ Vide Figs. 12 e 16.

⁷⁰ VITRÚVIO – *Tratado de arquitectura*. Introdução e notas de Justino M. Maciel. Lisboa: IST Press, 2009. p. 377.

⁷¹ Aa. Vv. - *Teoria da arquitectura. Do Renascimento aos nossos dias*. Lisboa: Taschen, 2006. pp. 10-13.

⁷² CHOAY, Françoise – *A regra e o modelo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995. pp. 81-83.

⁷³ Banhos públicos, distribuição de água a acampamentos militares, abertura de canais de navegação, portos, pontes, etc.

Vitrúvio, e às doenças que uma água não depurada pode causar. Informa, também, que o tema da água será desenvolvido posteriormente, e sublinha que a água é um bem essencial para todos os organismos e, ainda, partilha vários concelhos práticos, semelhantes aos do arquitecto romano – para analisar a sua pureza, como se – devemos considerar como se fosse um pano limpo depois de molhado, se este não manchar e se a água depois de fervida não deixar depósito, é sinal de que a água é límpida⁷⁴.

No capítulo XVI do Livro III, há uma passagem onde o autor refere os problemas de drenagem de águas pluviais, referindo que as superfícies a céu aberto devem ser dispostas em pendente, atingindo uma inclinação mínima de duas polegadas por cada dez pés, de modo a que a água escorrera para uma cisterna ou para esgotos, mas quando não for possível dirigi-la dos esgotos para o mar ou rios, deve-se cavar poços em locais apropriados onde passe água corrente, sendo os buracos tapados com seixos⁷⁵.

No capítulo II do Livro IV, o autor trata o posicionamento geográfico e finalidade das cidades. Assim, dedica alguns pontos quanto à localização da cidade junto a cursos de água, começando pela orientação dos rios⁷⁶, terminando pelas características das suas águas e leitos⁷⁷.

O capítulo II do Livro X trata de uma pequena introdução ao tema da hidráulica, referindo algumas problemáticas ligadas à falta de água, afirmando que se este elemento faltasse, todas as coisas vivas desapareceriam. Também faz referência à irrigação, dando exemplos da antiguidade clássica, e apresenta diversas qualidades de água e as suas propriedades, seguindo um discurso muito idêntico ao de Vitrúvio⁷⁸.

No capítulo III do mesmo livro, Alberti apresenta-nos formas de procurar a água por intermédio de poços, afirmando que “quando se cava um poço, não se encontra

⁷⁴ ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Batista Alberti, della pittura e della statua*. Tradução de Cosimo Bartoli. Bolonha: Intituto delle Scienze, 1782. fl. 5.

⁷⁵ ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Batista Alberti...* fls. 60-61.

⁷⁶ Quando uma cidade é construída numa planície junto ao leito de um rio que não atravessa as muralhas, este não deve ser proveniente do Sul, devido à humidade gerada; como não deve dirigir-se para o mesmo ponto cardinal, por causa do frio que provoca. Estes dois problemas acrescidos pelas neves fluviais podem causar problemas nocivos à população. ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Battista Alberti...* fls. 82-83.

⁷⁷ Alberti aconselha a evitar os rios com margens escarpadas, com leito profundo, pedregoso e escuro, afirmando que a água destes é nociva e torna a atmosfera doentia. Também refere ser prudente manter-nos afastados de águas estagnadas e de locais pantanosos. ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Battista Alberti...* fls. 83-84.

⁷⁸ ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Battista Alberti...* fls. 250-252.

água até que se tenha atingido o nível de um rio”⁷⁹. Também apresenta as condições em que isto se torna possível, dizendo que as montanhas estão cheias de aberturas que faz a água condensar-se com o frio, e que os maiores rios nascem nas maiores montanhas. O autor ainda relaciona o surgimento de água com a frequência das chuvas numa dada região e fala-nos de casos que originam nascentes através de forma imprevista e sem causa aparente, ou através de terremotos que fazem brotar nascentes que podem durar bastante tempo, mas muitas vezes esgotam-se, umas no inverno e outras no verão⁸⁰. Ainda no mesmo capítulo, menciona quatro operações essenciais relativas à água: repetir, canalizar, escolher e conservar. No entanto, apenas constata que este elemento só se conserva em “vasilhas” naturais, os rios e o mar⁸¹.

O capítulo IV expõe-nos indicadores para detectar nascentes de água através da natureza do terreno, exemplificando que os lugares de forma côncava são uma espécie de vasilha prontas a receber água das chuvas, e os locais muito quentes pode encontrar-se pouca ou nenhuma água. Tal como Vitruvius, também nos diz que a presença de determinadas plantas, heras, juncos e salgueiros, são indicadores da existência de água. Também refere a presença de lençóis de água nos estratos geológicos das montanhas, bem como a qualidade e quantidade de água que é possível encontrar em vários tipos de rocha, exemplificando-nos que as rochas de cor vermelha, normalmente, encontram-se impregnadas de água, mas como estas estão cheias de veios, é muito difícil a extração. Outro exemplo refere os terrenos delgados, que são ricos em água, mas de má qualidade e, por último, dá-nos o modelo dos terrenos de areia grossa, onde é possível extrair água de muito boa qualidade. Ainda neste capítulo, diz-nos que no sul, o melhor período para realizar escavações para extrair água nos terrenos mais secos é na Primavera e nos terrenos mais húmidos é no Outono. Termina o capítulo com a exposição de um método experimental, utilizado por Vitruvius, para a localização subterrânea de água⁸². Este tem de ser feito ao nascer do dia, em que o homem deita-se de barriga para baixo, com o

⁷⁹ ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Batista Alberti, della pittura e della statua*. Tradução de Cosimo Bartoli. Bolonha: Intituto delle Scienze, 1782. fl. 253.

⁸⁰ É interessante que Alberti também menciona que são conhecidos casos em que surgem nascentes de água doce em pleno oceano. ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Battista Alberti...* fl. 253.

⁸¹ ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Battista Alberti...* fl.. 253.

⁸² Vide Fig. 17.

queixo apoiado no chão e se verificar a existência de vapores a elevar-se do terreno é sinal da existência de água⁸³.

Alberti dedica o capítulo V aos tipos de escavações para encontrar água, dividindo em dois tipos: poços, quando a escavação é feita em profundidade, e galerias quando é feita em extensão. Utiliza Vitruvius para referir os perigos latentes nestas escavações, como gases nocivos e desmoronamentos, e apresenta métodos para precaver esses perigos, como no caso dos poços, em que na base da construção, no local onde se pretende escavá-los, se deve construir uma moldura de mármore ou de madeira muito sólida, com a dimensão da estrutura. As suas paredes devem ser edificadas sem recurso a reboco para evitar a obstrução dos veios, ou construir-se-ão paredes triplas para obter uma água mais pura. Para evitar a ruptura da bacia de água subterrânea, o poço devia ser arquitectado de forma cilíndrica, reforçando-se o interior com anéis de madeira e tábuas, constituindo uma protecção dupla. No espaço vazio entre as duas armaduras deve deitar-se uma mistura à base de saibro ou de detritos de silício ou mármore misturados com cal viva. Depois, seria aconselhável deixar os materiais secar durante seis meses. O produto final resultaria numa estrutura que fornece uma água límpida e pura. Quanto às galerias, o autor refere que para evitar desabamentos, devem utilizar-se escoras e construir uma cobertura abobadada, onde devem ser abertos respiradouros, em direcções verticais e oblíquas, para criar vias de saída para o entulho e não para proteger de emanações nocivas⁸⁴.

O início do capítulo VI dedica-se às várias qualidades e aplicações da água, deixando bem claro que a água é um bem essencial com várias utilizações e, portanto, *“é necessário eleger a melhor água para beber; o resto será empregue aos usos considerados mais convenientes”*⁸⁵. Neste capítulo, Alberti cita Celso (25 a.C.-50 d. C.) quanto à hierarquia da qualidade da água, sendo a das chuvas a melhor, por ser a mais leve, seguindo-se a das fontes, depois a dos rios, seguida pela do poço e em último, a proveniente da fusão da neve e do gelo. No entanto, elege a água dos lagos e dos pântanos as piores e mais nocivas⁸⁶. Alberti ainda refere que a água é um corpo não composto simples e sempre que contenha quaisquer misturas ou odores, será nociva à

⁸³ ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Batista Alberti, della pittura e della statua*. Tradução de Cosimo Bartoli. Bolonha: Instituto delle Scienze, 1782. fls. 253-255.

⁸⁴ ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Battista Alberti...* fls. 255-256.

⁸⁵ ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Battista Alberti...* fls. 256-257.

⁸⁶ ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Battista Alberti...* fl. 257.

saúde, mas as águas das chuvas são as melhores, por serem constituídas por vapores, sendo de grande importância a estação e a hora do dia em que se recolhe a água da chuva. Assim, no Inverno, as águas são mais pesadas e doces que as do Verão, que são impuras por serem salgadas. Também informa que a água das chuvas que cai durante a noite é preferível à que cai de dia e as águas voltadas a norte são as mais vantajosas, por serem mais frias, e também, são preferíveis as águas que jorram da pedra viva às que escorrem na lama. Alberti utiliza estes exemplos para explicar que o mesmo acontece com as águas das nascentes e dos poços, recomendando que os últimos devem ser construídos abertos, mas no interior de um edifício coberto, para evitar os malefícios do Sol⁸⁷. Este capítulo é concluído com a distinção entre lago e charco, sendo as águas do primeiro contínuas, e as do segundo temporárias. Assim, define três tipos de lago: o que se encontra fixo, dentro dos seus limites, o que transborda, originando rios, e o que recebe águas provenientes do exterior, reenviando-as noutra curso de água. Alberti, ainda, refere que se as águas dos charcos contiverem enguias, devem considerar-se tudo menos inúteis e ser recolhidas no Inverno⁸⁸.

O capítulo VII dedica-se aos métodos de condução de água – os canais e as condutas. Aqui, estabelece a diferença entre os dois, afirmando que nos primeiros a água tem que correr em pendente contínua, enquanto nos segundos pode subir limitadamente num certo ponto do percurso⁸⁹. Assim, o canal deve ter inclinação proporcional à curvatura da terra⁹⁰, devendo baixar um pé a cada oito estádios, relativamente à sua embocadura, para a água não estagnar, mas advertindo que se, no espaço de oito estádios, baixar mais de seis pés, a velocidade da corrente tornar-se-á difícil. Depois, menciona que existem dois tipos de canais – os de navegação e os de condução de água para consumo. Estes podem ser escavados ou fabricados. O canal escavado pode ser de dois tipos: um atravessa território plano, outro atravessa a montanha, denominados por galerias. Nestas abrir-se-ão bocas de poços a cada cem pés, e durante a escavação as paredes serão reforçadas com muros, consoante a solidez do terreno. Seguidamente, fala-nos da definição de canal e dos seus constituintes, dizendo

⁸⁷ ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Batista Alberti, della pittura e della statua*. Tradução de Cosimo Bartoli. Bolonha: Intituto delle Scienze, 1782. fls. 257-260.

⁸⁸ ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Battista Alberti...* fl. 260.

⁸⁹ *Vide* Figs. 18, 19 e 20.

⁹⁰ Alberti informa-nos que o círculo máximo da terra é de 252.000 estádios. ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Batista Alberti, della pittura e della statua*. Tradução de Cosimo Bartoli. Bolonha: Intituto delle Scienze, 1782. fl. 261.

que canal é um local que se vai baixando à medida que se alonga. Este é constituído por comportas⁹¹, reservatórios⁹², valas⁹³ e tomadas de água⁹⁴. Todas estas partes do aqueduto devem ter paredes sólidas, estáveis e o revestimento deve ser duradouro e impermeável. Junto das comportas deve existir uma porta, para permitir a reparação do aqueduto sem perdas de água. Já os reservatórios devem ser construídos de cem em cem cúbitos, devendo ter uma vala, abaixo do fundo do canal, com 20 pés de largura, 30 de comprimento e 15 de profundidade para as impurezas aí se depositarem⁹⁵.

Outro modo de conduzir água que este capítulo nos apresenta, consiste na utilização dos tubos de chumbo, de argila ou de madeira, mas avisa que os dois últimos serão melhores, porque os primeiros são nocivos à saúde. Depois, utiliza os conselhos construtivos idênticos aos do Vitruvius, como as juntas de ligação que surgem em mudanças de direcção ou de nível das condutas e a escolha dos locais para os reservatórios. O capítulo termina com instruções para atravessar terrenos pantanosos ou lagos, recorrendo às tubagens de chumbo, assentes em estacas de madeira⁹⁶.

O capítulo VIII é dedicado às cisternas⁹⁷. Estas são recipientes semelhantes aos reservatórios, mas de grandes proporções, convindo que o fundo e as paredes sejam bem ligadas, robustas e duradouras. Assim, apresenta duas tipologias de cisternas: uma serve para guardar a água para consumo, denominada “*potoria*”, e outra serve para outros fins, como a extinção de incêndios, apelidada “*cisterna de capacidade*”. A distinção é feita consoante a necessidade de maior ou menor pureza da água. Seguidamente, diz-nos que a obra deve estar completamente seca antes de se encher de água, para evitar que a pressão desta não danifique as paredes. Depois fala-nos do sistema de filtragem, que consiste em deitar, no fundo da cisterna, saibro poligonal ou areia fluvial de grão grosso, bem lavada, até três pés de altura, e quanto mais espesso for o enchimento, melhor a qualidade e limpidez da água. Ainda apresenta outros métodos de manter a água pura, desde a colocação, a boiar na água, de um recipiente de vidro com sal, tapado com cal e óleo, ou a colocação de pequenos peixes que se alimentam das impurezas da água. Mas o método de manter a água potável, mais satisfatório que apresenta, consiste

⁹¹ Colocam-se junto a um ponto de intersecção para desviar a água.

⁹² São arcas-de-água, locais de recolha de água para o público.

⁹³ Ponto com as margens realçadas, de onde se pode ver a água do alto.

⁹⁴ Parte terminal da conduta, onde a água é disseminada para o exterior.

⁹⁵ ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Batista Alberti, della pittura e della statua*. Tradução de Cosimo Bartoli. Bolonha: Intituto delle Scienze, 1782. fls. 261-264.

⁹⁶ ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Battista Alberti...* fls. 264-265.

⁹⁷ Vide Fig. 21.

na construção de um poço profundo, ligado à cisterna por uma passagem feita em material poroso⁹⁸.

Quanto às máquinas hidráulicas, Alberti não faz qualquer menção específica. Apenas menciona, no capítulo IV do Livro X, que a condução de água em aquedutos elevados levou ao surgimento de máquinas de elevar água⁹⁹, não dando qualquer exemplo.

Muitos foram os arquitectos e artistas que seguiram o exemplo de Alberti no modo de redigir um tratado, contendo inovações estéticas e funcionais, incluindo o modo de tratamento da água – uns dando mais ênfase a este tema do que outros, mas nunca tratando-o com a respeitosa profundidade que lhe é merecido. Assim surgem-nos alguns nomes como Antonio Averlino, dito Il Filareto (c.1400-c.1465), Francesco di Giorgio Martini (1439-1501), Sebastiano Serlio (1475-1553/5), Giacomo Barozzi da Vignola (1507-1573), Andrea Palladio (1508-1580), Philibert de L'Orme (1514-1570), Hans Vredeman de Vries (1527-c.1607), Vincenzo Scamozzi (1548-1616) e Julien Azis Guadet (1834-1908).

Apesar de não ter escrito nenhum tratado, Leonardo da Vinci, também mostrou algum interesse pela hidráulica. Esta curiosidade nasceu quando se mudou para a Lombardia e começou a explorar o vale do Pó que, desde há dois séculos, tinha sido dotado de uma rede de canais para aproveitamento das águas que desciam dos Alpes¹⁰⁰. Este interesse levou Leonardo a elaborar vários estudos sobre a hidráulica, patentes no *Codex Madrid I* e no *Codex Atlanticus*.

Os manuscritos do *Codex Madrid I*, publicado na década de 1490, centra-se, sobretudo, nas movimentações e leis da física, sendo a água um dos campos explorados. No entanto, apesar de muitos dos problemas apresentados por Leonardo nos seus estudos só terem sido resolvidos no século XIX, é importante salientar que esses mesmos estudos foram fundamentais para o desenvolvimento das leis de Pascal, em 1650, e de Bernoulli, em 1738¹⁰¹.

⁹⁸ ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Batista Alberti, della pittura e della statua*. Tradução de Cosimo Bartoli. Bolonha: Intituto delle Scienze, 1782. fls. 265-267.

⁹⁹ ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Battista Alberti...* fl. 235.

¹⁰⁰ PEREIRA, Orlindo Gouveia – *Os Tratados da Água de Leonardo da Vinci*. Lisboa: Edições Inapa, 1998. p. 91.

¹⁰¹ PEREIRA, Orlindo Gouveia – *Os Tratados da Água...* p. 91-95.

O *Codex Atlanticus*, uma compilação de desenhos compreendidos entre 1478 e 1518¹⁰², é aquele que apresenta os mais variados estudos sobre máquinas de elevação de água e abertura de canais. Muitas delas são conhecidas dos textos de outros arquitectos e engenheiros, como é o caso do parafuso de Arquimedes em Vitruvius. É também neste códice que estão os estudos de máquinas a serem utilizadas para o desvio do rio Arno para servir Milão¹⁰³, bem como a projecção do dique para desviar o mesmo rio¹⁰⁴. No entanto, para além destes conjuntos, também existem estudos para chafarizes antropomórficos¹⁰⁵, no cimo de colunas, que podem ser encontrados na Royal Library, sediada no Castelo de Windsor, em Londres¹⁰⁶.

Sebastiano Serlio foi um pintor e arquitecto bolonhês que escreveu oito livros de arquitectura, mas todos foram publicados sem qualquer ordem a partir de 1517, sendo o Livro VII publicado logo após a sua morte, em 1575, e os Livros VI e VIII apenas foram publicados recentemente. O tratado *Tutte l'opere d'architettura et prospettiva di Sebastiano Serlio bolognese*, foi publicado em 1619 e trata-se da compilação dos Livros I a V, o VII e o *Libro Extraordinario*, mais conhecido como o Livro VI¹⁰⁷.

Na nossa pesquisa utilizamos uma versão veneziana, de 1566, que contém a compilação dos cinco primeiros Livros e o Livro Extraordinário, denominado de *Libro d'architettura di Sebastiano Serlio bolognese*.

No entanto, Serlio não dedica nenhum livro, ou capítulo, ao tema da arquitectura da água em específico. No entanto, aborda, nalgumas partes, obras ou tipologias arquitectónicas que se relacionam, directa ou indirectamente, com o tema da água. Estas aparecem no Livro III, tratando-se de gravuras e textos explicativos de reconstituições de obras do período romano, no respeitante à sua composição e dimensionamento, onde a água surge como elemento ordenador ou gerador. Estes mesmos textos e gravuras consistem em várias termas e pontes romanas¹⁰⁸, sem fazer qualquer menção a aquedutos, e formas de abastecimento.

O arquitecto e tratadista Philibert de L'Orme, também titular do cargo de arquitecto ordenador geral dos edifícios reais da corte do rei Henrique II (r.1547-1559),

¹⁰² Vide Figs. 25, 26, 27 e 28.

¹⁰³ ZÖLLNER, Frank – *Leonardo da Vinci. Desenhos e Esboços*. Lisboa: Taschen, 2005. p. 166.

¹⁰⁴ ZÖLLNER, Frank – *Leonardo da Vinci...*p. 143.

¹⁰⁵ Vide Figs. 29 e 30.

¹⁰⁶ ZÖLLNER, Frank – *Leonardo da Vinci. Desenhos e Esboços*. Lisboa: Taschen, 2005. p. 187.

¹⁰⁷ Aa. Vv. - *Teoria da arquitectura. Do Renascimento aos nossos dias*. Lisboa: Taschen, 2006. p. 36.

¹⁰⁸ SERLIO, Sebastiano – *Libro d'architettura di Sebastiano Serlio bolognese*. Veneza: Francesco Senese & Zuane Krugher, 1566. fls. 88-96.

em França, entre 1547 e 1559, foi criador do estilo francês, juntamente com Pierre Lescot (c.1500/15-1578) e Jean Bullant (c.1515-1578), baseando-se numa adaptação livre dos modelos do renascimento italiano. De l'Orme escreveu dois tratados, um em 1561 e outro em 1567¹⁰⁹.

O primeiro, *Nouvelles inventions pour bien bastir et petits fraiz*, é a primeira obra francesa sobre práticas de construção. Trata-se de um livro bastante reduzido que aborda a questão do vigamento ligeiro, do qual De l'Orme é criador, onde adopta a construção de abóbadas de grandiosas dimensões, evitando a utilização de grandes traves. Esta técnica apresenta nervuras de sustentação permitindo que a chave da abóbada fique suspensa ao centro. Com esta técnica, o autor procura conciliar as técnicas de construção da Idade Média com as modernas¹¹⁰.

O segundo tratado, *Le premier tome de l'architecture*, é muito diferente do primeiro, por ser mais teórico. Nesta obra, o autor alia algumas temáticas apresentadas por Vitruvius à sua experiência prática como arquitecto. O tratado divide-se em seis partes: a primeira, corresponde ao Livro I, trata das relações entre cliente e arquitecto; a segunda, Livro II, fala dos princípios fundamentais da geometria; a terceira, Livros III e IV, explica a estereometria, ou seja, o corte das pedras; a quarta centra-se entre os Livros V e VII, onde apresenta apontamentos sobre as várias ordens arquitectónicas; a quinta parte, Livro VIII, dedica-se às portas e janelas; e a sexta, Livro IX, trata as lareiras¹¹¹.

Nestas obras, apesar da sua grande importância, não é apresentada qualquer questão sobre o abastecimento de água. Apenas, por questões de saúde, no segundo tratado, Livro III, capítulo II, é exposta uma solução para o escoamento de dejectos nos esgotos, em edifícios privados. Os ductos devem ser construídos em pedra dura e de boa qualidade, devem ter uma boa inclinação para não deixar estagnar as imundícies e as câmaras dos esgotos devem, também ser bem construídos, de modo a não vazarem¹¹².

O tratado de Andrea Palladio, *I Quattro Libri dell'Architettura*, foi publicado em Veneza, em 1570. Após uma análise de um século de obras sobre arquitectura, o convívio com Serlio e o conhecimento das gravuras dos Livros III e IV deste, fizeram a obra de Palladio ocupar-se em demonstrar os princípios gerais da arquitectura, como

¹⁰⁹ Aa. Vv. - *Teoria da arquitectura. Do Renascimento aos nossos dias*. Lisboa: Taschen, 2006. p. 124.

¹¹⁰ Aa. Vv. - *Teoria da arquitectura...* pp. 124-126.

¹¹¹ Aa. Vv. - *Teoria da arquitectura...* p. 126.

¹¹² L'ORME, Philibert de - *Le premier tome de l'architecture*. Paris: Frédéric Morel, 1567. fls. 52v.-54v.

também a construção de várias tipologias de serviço privado e público, tornando-se numa obra de tal importância que fundou um estilo próprio – o palladianismo¹¹³.

Palladio pouco menciona a arquitectura da água e modo de abastecimento a cidades, dando principal relevo às pontes, as quais são tratadas nos capítulos IV a XV do Livro III¹¹⁴, no capítulo XXI, é feita uma pequena referência aos banhos¹¹⁵. Já no capítulo XVI do quarto Livro, o autor descreve o Baptistério de Constantino¹¹⁶.

No entanto surgem pequenos fragmentos de informação com interesse, e ligeiramente afectas, ao tema deste trabalho. Assim, remontamos para a primeira abordagem à água neste tratado, que vai surgir no capítulo XII do Segundo Livro. Aqui surgem algumas sugestões para a escolha do local da construção de uma *villa*, dá algumas indicações quanto à detecção da pureza da água e quanto aos perigos que as águas estagnadas ou conspurcadas encerram, fazendo referência explícita a Vitruvius e Alberti. Ainda refere que a proximidade dos rios é uma colocação conveniente, pois permite a deslocação rápida para as cidades, bem como serve para os “*usos da casa e do gado*”¹¹⁷.

Por último, no capítulo I do Livro Quatro menciona que os templos dedicados a Esculápio¹¹⁸, à saúde e a outros deuses que achavam ter propriedades curativas eram construídos em locais saudáveis, perto de águas salubres, que ajudavam na reabilitação dos enfermos e no zelo pela religião¹¹⁹.

Palladio não faz mais nenhuma menção à água no seu tratado. Podemos constatar que terá depreendido que não deveria acrescentar nada de novo ao que dizem outros arquitectos.

Hans Vredeman de Vries, dedicou o seu tratado, *Perspective*, ao estudo aprofundado da perspectiva. Esta obra divide-se em duas partes – a primeira publicada em 1604 e a segunda em 1605. Grande parte da sua obra é constituída por gravuras,

¹¹³ Aa. Vv. - *Teoria da arquitectura. Do Renascimento aos nossos dias*. Lisboa: Taschen, 2006. pp. 62-64.

¹¹⁴ PALLADIO, Andrea – *I Quattro libri dell'architettura*. Livro III. Veneza: Bartolomeo Carampello, 1581. fls. 11-30.

¹¹⁵ PALLADIO, Andrea – *I Quattro libri dell'architettura*... fls. 44-45.

¹¹⁶ PALLADIO, Andrea – *I Quattro libri dell'architettura*. Livro IV. Veneza: Bartolomeo Carampello, 1581. fl. 61.

¹¹⁷ PALLADIO, Andrea – *I Quattro libri dell'architettura*. Livro II. Veneza: Bartolomeo Carampello, 1581. fls. 45-46.

¹¹⁸ É o Asclépio para os gregos. É o herói e deus da medicina. GRIMAL, Pierre – *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Alges: Difel, 2004. p. 49.

¹¹⁹ PALLADIO, Andrea – *I Quattro libri dell'architettura*. Livro IV. Veneza: Bartolomeo Carampello, 1581. fl. 5.

numeradas, que servem como exemplo prático. O autor não faz qualquer menção a arquitecturas da água, apenas apresenta duas gravuras, em cada parte, onde se encontram enquadrados chafarizes. Na primeira parte, um encontra-se enquadrado no centro de um claustro, no meio de um jardim¹²⁰, e outro encontra-se num canto da gravura, no centro de uma praça¹²¹. Já na segunda parte, um chafariz encontra-se no centro de um cruzamento de estradas¹²² e outro está colocado num pátio¹²³.

O arquitecto Vincenzo Scamozzi publicou o seu tratado, *L'idea della architettura universale*, em 1615. Esta obra, o último tratado do renascimento, teve uma grande difusão, mas foi o Livro VI, sobre as ordens de colunas, que obteve um estatuto de referência no século XVII. Para a elaboração deste estudo, o autor inspirou-se nos ensaios de Bramante, Serlio e Vignola. Mas é em Vitruvius e Alberti que vai encontrar o seu conceito fundamental – em todas as partes da arquitectura devem reinar a ordem e a razão, bem como a definição das suas noções estéticas, principalmente as sugeridas por Vitruvius¹²⁴.

O seu tratado, originalmente, foi organizado em doze Livros, mas foi mais tarde reduzido para dez. No entanto, seis deles (Livros I, II, III, VI, VII e VIII) foram publicados em 1615, em Veneza, e o material dos outros quatro dissipou-se, surgindo algumas gravuras na edição holandesa de 1661, em Amesterdão, e outras numa versão francesa de 1713, em Leida. Assim, o primeiro Livro é dedicado à formação do arquitecto e à ciência da arquitectura, o Livro II trata as condições geográficas e topográficas para a construção, o Livro III incide na construção particular, o Livro VI é dedicado às ordens arquitectónicas, e os Livros VII e VIII tratam dos materiais de construção¹²⁵.

Quanto ao tema da arquitectura de abastecimento hídrico, Scamozzi dedica alguns capítulos dos Livros segundo, terceiro e oitavo, mas não acrescenta nada de novo, pois segue as ideologias científicas, construtivas e materiais, tanto de Vitruvius como de Alberti.

¹²⁰ Vide Fig. 44. VRIES, Hans Vredeman de - *Perspective: c'est à dire les très-renommé art du point oculaire d'une veue dedans ou travers regardante*. Leiden: Lugduni Batavorum, 1604. Gravura 40.

¹²¹ Vide Fig. 45. VRIES, Hans Vredeman de - *Perspective...* Gravura 42.

¹²² Vide Fig. 46. VRIES, Hans Vredeman de - *Perspective: la seconde partie, de la très-excellente science*. Leiden: Lugduni Batavorum, 1605. Gravura 15.

¹²³ Vide Fig. 47. VRIES, Hans Vredeman de - *Perspective: la seconde partie ...* Gravura 19.

¹²⁴ Aa. Vv. - *Teoria da arquitectura. Do Renascimento aos nossos dias*. Lisboa: Taschen, 2006. pp. 70-72.

¹²⁵ Aa. Vv. - *Teoria da arquitectura...* p. 72.

No Livro II, os capítulos X e XI são dedicados à qualidade e naturezas das águas, bem como os seus benefícios e malefícios¹²⁶. Já no Livro III os últimos seis capítulos são dedicados às práticas construtivas, seguindo os princípios vitrúvianos e albertianos. Assim, o capítulo XXV fala-nos do surgimento da água, sua natureza e boa qualidade para uso do Homem, bem como a forma de evitar a de má qualidade¹²⁷. O capítulo XXVI explora a extracção artificial de águas subterrâneas¹²⁸. O capítulo XXVII expõe os modos de condução de água, segundo os antigos¹²⁹. O capítulo XXVIII apresenta técnicas de recolher as águas para fontanários¹³⁰. O XIX dedica-se ao modo de construir poços e cisternas¹³¹ e o capítulo XXX é dedicado às máquinas hidráulicas de extracção de água¹³², das quais não apresenta nenhuma inovação em relação às apresentadas em Vitruvius. Para finalizar o tema da água, Scamozzi apenas dedica um capítulo do Livro VIII aos sistemas de escoamento de esgotos¹³³, voltando a centrar-se nos antigos.

Bernard Forest de Belidor publicou a sua obra, *Architecture Hydraulique ou l'art de conduire, d'élever et de ménager les eaux pour les différents besoins de la vie*, entre 1737 e 1752, está dividida em quatro volumes, dois tomos com duas partes cada um. Trata-se de uma autêntica enciclopédia hidráulica, onde são desenvolvidos a maior parte dos temas estudados até à data sobre a ciência hidráulica. Apesar do título, o estudo foca o campo da física, onde analisa várias teorias e descreve algumas experiências de modo a atingir a perfeição.

Trata-se de uma obra complexa e vasta, que por motivos temporais, não levamos a cabo uma análise aprofundada. Fica, no entanto, registado a grande qualidade das gravuras, que são bastante elucidativas quanto às ideias do autor, ilustrando faróis, máquinas de guerra navais, escavadoras de portos, moinhos de água, bombas hidráulicas e aparelhos hidráulicos.

Esta obra, cujo teor só viria a ser aplicado a partir dos finais do século XVIII e durante o século XIX, é constituída por quatro volumes, contendo dois livros cada um.

¹²⁶ SCAMOZZI, Vincenzo - *L'idea della architettura universale*. Tomo I. Veneza: Expensis Auctoris, 1615. fls. 127-132.

¹²⁷ SCAMOZZI, Vincenzo - *L'idea della architettura...* fls. 331-335.

¹²⁸ SCAMOZZI, Vincenzo - *L'idea della architettura...* fls. 335-338.

¹²⁹ SCAMOZZI, Vincenzo - *L'idea della architettura...* fls. 338-342.

¹³⁰ SCAMOZZI, Vincenzo - *L'idea della architettura...* fls. 342-345.

¹³¹ SCAMOZZI, Vincenzo - *L'idea della architettura...* fls. 346-349.

¹³² SCAMOZZI, Vincenzo - *L'idea della architettura...* fls. 350-352.

¹³³ SCAMOZZI, Vincenzo - *L'idea della architettura universale*. Tomo II. Veneza: Expensis Auctoris, 1615. fls. 355-356.

Assim, o primeiro livro, do primeiro volume, é uma introdução ao tema da hidráulica, e está dividido por três capítulos, onde apresenta várias teorias da física¹³⁴. O segundo livro, encontra-se dividido em quatro capítulos e apresenta descrições de vários tipos de moinhos bem como a forma de calcular os prejuízos para deslindar o ponto de perfeição¹³⁵.

O primeiro livro do segundo volume está dividido em quinze capítulos, onde Belidor apresenta o conhecimento preliminar para o instituição de trabalhos a serem feitos na água, dando exemplos de cidades como Dunquerque, em França, bem como dar várias dicas sobre a construção de eclusas¹³⁶, tema que continua a explorar no segundo livro deste volume. Nos sete capítulos deste, o autor descreve vários tipos de eclusas, e apresenta propostas para o seu uso em marinas e locais fortificados¹³⁷.

O terceiro volume é dedicado às bombas e máquinas hidráulicas, sendo acompanhado por várias gravuras elucidativas sobre os engenhos. Assim, o primeiro livro dedicado à teoria das bombas, como movê-las, onde apresenta algumas descrições sobre “*várias máquinas bonitas para elevar a água*”¹³⁸. Este divide-se em cinco capítulos, sendo o primeiro dedicado às propriedades do ar e servindo como introdução à teoria das bombas¹³⁹. O segundo capítulo apresenta uma teoria sobre máquinas alimentadas pelo vento¹⁴⁰. No terceiro, o autor faz-nos uma descrição geral de bombas de vários tipos, acompanhada de ideias para as aperfeiçoar¹⁴¹, e no quarto capítulo descreve várias máquinas para elevar água por meio de bombas¹⁴². O livro termina com uma descrição e análise da máquina hidráulica aplicada na ponte Notre-Dame, em Paris, bem como o projecto aplicado para a rectificar¹⁴³.

O segundo livro deste volume inclui descrições de várias máquinas de elevação de água, bem como apresenta formas de a dirigir e distribuir às fontes públicas¹⁴⁴, para

¹³⁴ BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique, ou L'art de conduire, d'élever et de ménager les eaux pour les différens besoins de la vie*. Tomo I, Parte I. Paris: L. Cellot, 1782-1790. fls. 1-276.

¹³⁵ BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique*... fls. 277-388.

¹³⁶ BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique, ou L'art de conduire, d'élever et de ménager les eaux pour les différens besoins de la vie*. Tomo I, Parte II. Paris: L. Cellot, 1782-1790. fls. 1-312.

¹³⁷ BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique*... fls. 313-412.

¹³⁸ BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique, ou L'art de conduire, d'élever et de ménager les eaux pour les différens besoins de la vie*. Tomo II, Parte I. Paris: L. Cellot, 1782-1790. fl. 1.

¹³⁹ BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique*... fls. 1-30.

¹⁴⁰ BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique*... fls. 30-53.

¹⁴¹ BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique*... fls. 53-132.

¹⁴² BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique*... fls. 132-203.

¹⁴³ BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique*... fls. 204-235.

¹⁴⁴ Vide figs. 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58 e 59.

jorrar nos jardins de recreio, e para a manter em reservatórios e lagoas¹⁴⁵. O autor começa por dedicar o primeiro capítulo a ao modo de elevar a água bastante alto¹⁴⁶, de forma a cair num nível superior¹⁴⁷. O segundo capítulo trata da acção da água dentro das tubagens de conduta¹⁴⁸. O terceiro capítulo é dedicado às máquinas de extrair água a grande profundidade¹⁴⁹, movidas pela acção do fogo¹⁵⁰. No quarto capítulo são expostas pesquisas para a condução e distribuição de água¹⁵¹. Por último, o quinto capítulo propõe algumas ideias sobre como distribuir e direccionar as águas das fontes para decoração de jardins¹⁵².

O primeiro livro do quarto volume divide-se em treze capítulos, e apresenta ensinamentos para a construção de portos marítimos¹⁵³, e o segundo, e último livro de toda esta obra, divide-se em catorze capítulos, e mostra ideias para fazer rios navegáveis, construir canais de navegação e de irrigação¹⁵⁴.

Esta obra será retomada, e aperfeiçoada, no final do século XVIII, por Gaspard-François-Claire-Marie le Riche de Prony¹⁵⁵, que juntamente com Belidor, constituirão os grandes precursores da arquitectura hidráulica nos séculos XIX e XX, como poderemos constatar nas obras de autores como E. Marzy¹⁵⁶ e Giuseppe Belluzzo¹⁵⁷.

¹⁴⁵ BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique, ou L'art de conduire, d'élever et de ménager les eaux pour les différens besoins de la vie*. Tomo II, Parte I. Paris: L. Cellot, 1782-1790. fls. 235-422.

¹⁴⁶ Vide Fig. 51.

¹⁴⁷ BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique, ou L'art de conduire, d'élever et de ménager les eaux pour les différens besoins de la vie*. Tomo II, Parte I. Paris: L. Cellot, 1782-1790. fls. 235-265.

¹⁴⁸ BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique...* fls. 265-308.

¹⁴⁹ Vide Fig. 53.

¹⁵⁰ BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique, ou L'art de conduire, d'élever et de ménager les eaux pour les différens besoins de la vie*. Tomo II, Parte I. Paris: L. Cellot, 1782-1790. fls. 308-339.

¹⁵¹ BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique...* fls.339-389.

¹⁵² BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique...* fls. 389-422.

¹⁵³ BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique, ou L'art de conduire, d'élever et de ménager les eaux pour les différens besoins de la vie*. Tomo II, Parte II. Paris: L. Cellot, 1782-1790. fls. 1-273.

¹⁵⁴ BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique...* fls. 273-479.

¹⁵⁵ PRONY, Gaspard-Clair-François-Marie Riche de - *Nouvelle architecture hydraulique, contenant l'art d'élever l'eau au moyen de différentes machines, de construire dans ce fluide, de le diriger, et généralement de l'appliquer, de diverses manières, aux besoins de la société*. 2 vols. Paris: F. Didot, 1790-1796.

¹⁵⁶ MARZY, E. - *L' hydraulique*. Paris: Hachette, 1868. pp. 243-323.

¹⁵⁷ BELLUZZO, Giuseppe - *Le turbine idrauliche*. Milano: s. ed., 1901. pp. 158-178.

PARTE II – O Abastecimento de Água no Porto nos Séculos XVII e XVIII

1. A Água e o Poder Local

A história das sociedades e a ocupação do território estiveram ligadas à água desde o início. A carência e/ou abundância dos recursos hídricos influenciou o desenvolvimento bem como a organização e a distribuição das cidades. Para obter um melhor aproveitamento da água, era imperativo controlar a sua abundância, indo ao seu encontro e fazê-la chegar certa e regular aos pontos necessários. Auxiliando-se das várias tecnologias conhecidas, o Homem construiu engenhos que lhe permitiram extrair as águas de rios, ribeiras e mesmo do subsolo¹⁵⁸. Portugal não é excepção, estando a distribuição de água às populações do território ligada ao período romano, através de aquedutos, tanques e cisternas¹⁵⁹.

Após este período, só a partir dos finais do século XV é que vão começar a surgir grandes obras de abastecimento público nas principais cidades do país, apesar de terem sido feitas algumas obras durante o período medieval, com o objectivo de melhorar as condições de habitabilidade e conforto. Tanto neste período, como durante todo o século XVI, vão ser restaurados vários aquedutos romanos, como também serão construídos novos, devido ao entusiasmo do rei D. João III (1502-1557) pela arquitectura, sendo o principal responsável pela implementação do renascimento português. Mas no século XVII, a construção de novos aquedutos vai estar a cargo de iniciativas privadas, e só a partir do segundo quartel do século XVIII é que esta tipologia arquitectónica volta a estar a cargo de financiamentos públicos¹⁶⁰.

Durante séculos, o abastecimento de água à cidade do Porto foi efectuado por inúmeros cursos de água, como ribeiros, minas ou poços, sendo os dois principais a atravessar a cidade: o rio da Vila, que corria da zona do Marquês para o Douro, recebendo as águas de um caudal proveniente do Bolhão, na actual Praça Almeida

¹⁵⁸ PRATA, Cristina dos Reis – “*Arquitectura da água - Fontes, chafarizes e tanques para o inventário do património histórico edificado do concelho de Palmela*”. +Museu: Boletim do Museu Municipal de Palmela nº8 (suplemento). Palmela: Museu Municipal de Palmela, 2007. p. 2.

¹⁵⁹ QUINTELA, António de Carvalho – *Breve caracterização das obras hidráulicas e da utilização da água em Portugal Anteriormente ao século XVIII*. Actas do Simpósio Internacional Hidráulica Monástica Medieval e Moderna. Lisboa: Fundação Oriente, 1993. p. 16.

¹⁶⁰ MONTEIRO, Maria Filomena Mourato; JORGE, Virgolino Ferreira - *O sistema hidráulico quinhentista da cidade de Évora*. Monumentos, nº26. Lisboa, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 2007. p. 92.

Garrett; e o rio Frio, cuja nascente era perto da rua da Torrinha e passava pelo local onde se encontra o Hospital de Santo António, depois dirigia-se para o Douro, passando pelas Virtudes¹⁶¹.

Devido à constituição granítica do solo e ao clima chuvoso, estes cursos de água brotavam do subsolo com uma certa abundância, independentemente da qualidade e quantidade das suas águas. Um considerável número de nascentes naturais e mananciais abasteciam poços particulares ou eram encaminhadas pelo Homem através de galerias subterrâneas ou a céu aberto para abastecer as fontes e chafarizes públicos espalhados pela cidade. Mas o crescimento e expansão graduais da população foram-se tornando gradualmente insuficientes¹⁶².

Agostinho Rebelo da Costa rebela-nos na sua *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*, de 1788, que atravessavam “esta cidade muitos ribeiros de água, que servem, uns, para lhe levarem as imundícies, e tal é o chamado rio da Vila, outros para neles se lavar roupa e moverem com as suas correntes várias rodas de moinhos e azenhas”¹⁶³. Continua a sua descrição referindo que “é copiosíssimo o número das fontes, chafarizes e poços de água nativa e pura, que servem de uso e regalo a todas as famílias. Os poços excedem o número de 2000 [...] o número das fontes públicas passa de cem.”¹⁶⁴.

Não obstante, a primeira referência escrita que menciona a existência de chafarizes públicos na cidade surge a 9 de Julho de 1392, tratando-se de uma sessão camarária, patente no livro de Vereações desse ano, onde foi discutida a grande falta de higiene no uso dos chafarizes e fontes, cuja contaminação das águas, através do lixo

¹⁶¹ AMORIM, Alexandra Agra; PINTO, João Neves – *Porto d’agoa: o abastecimento de água na cidade do Porto através dos tempos*. Porto: Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2001. p. 32.

¹⁶² AMORIM, Alexandra Agra; PINTO, João Neves – *Porto d’agoa...* p. 32.

¹⁶³ COSTA, Agostinho Rebelo da – *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*. Lisboa: Frenesi, 2001. p. 51.

¹⁶⁴ O autor ainda enumera os chafarizes públicos existentes na época: “os da Ribeira, São Domingos, Taipas, Porta do Olival, Fábrica, Rua Chã, Santo Ildfonso, Sé e o da Serra”. Ainda rebela os chafarizes particulares, que na sua maioria são explorados pelas ordens religiosas, afirmando que alguns deles também eram de utilidade pública. Esses chafarizes eram: “os do Terreiro de Santa Clara, Monchique, Franciscanos, Domínicos, Bentos, Lóios, Congregados, Carmelitas, Agostinhos Descalços, Crúzios, Antoninhos de Vale de Piedade e paços episcopais.” COSTA, Agostinho Rebelo da – *Descrição topográfica...* p. 52.

Uma lista das fontes e chafarizes na cidade do Porto nos fins do século XVIII apresentada na revista *O Tripeiro*, no ano de 1919, da autoria de C. de P., rebela que os chafarizes de S. Francisco e dos Lóios eram obrigados a fornecer água ao público. C. de P. – *Fontes e chafarizes da cidade em fins do século XVIII*. O Tripeiro, Série II, Ano I. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1919. p. 156.

lançado e da lavagem das roupas e tripas, estava a causar grandes danos à população e animais, tendo sido decidido punir os transgressores com uma multa de três libras¹⁶⁵.

Mas a referência a mananciais, arcas e nascentes remete para a *Carta de doação e couto do burgo do Porto a favor do bispo D. Hugo e seus sucessores*, de D. Teresa (1080-1130), em 18 de Abril de 1120¹⁶⁶, onde já é mencionado o manancial de Paranhos, e a *Carta de confirmação e ampliação do Couto dado por Dona Teresa à Sé do Porto*, de D. Afonso Henriques (1109-1185), em Maio de 1138¹⁶⁷, onde são referenciados com função de marcos divisórios. O Canal Maior (Canallem Maiorum) referido nestas cartas tratava-se do rio da Vila e, portanto rio Frio seria o Canal Menor. Passaram a ser assim designados durante o reinado de D. Afonso IV (1325-1357)¹⁶⁸. Mas, sabe-se que no século XII havia um poço no burgo, estimando-se a sua localização no cemitério, ou até mesmo dentro dele, para onde os homens e os animais se dirigiam, pisando ossos, pois o “*horror por cadáveres e esqueletos ainda não se inventara. Nem a piedade por anónimos. Serão sentimentos futuros. E também não se inventara ainda a preocupação da saúde pública nem o luxo da higiene privada*”¹⁶⁹.

Porém, o rio da Vila deveria ser um motivo de embelezamento da cidade, mas tornou-se a corrente de toda a sordidez citadina, a “*cloaca máxima, fétida e*

¹⁶⁵ “*It no dia os ditos Juiz vereadores homens bons Acordaram que por quanto nos Chafarizes e fontes da dita Cidade se faziam grandes sujidades de muitos lixos que se em elas lançava e dos panos que dentro em elas lavavam por a qual razão se seguia grandes danos às Gentes e bestas que era bem de se rendarem em ramos cada uma sobre si e que disto se seguiria prol ao Concelho e as Gentes se Refreariam de não fazerm elas lixos E mandaram-nas logo pôr pregão cada uma sobre si e puseram de pena para as lavarem os arrendadores que as rendar quisesse que qualquer que acharem nas ditas fontes Chafarizes lavar panos ou tripas ou outras algumas cousas que por sua vez que em elo achados forem pagem para o concelho/três libras assim nos chafarizes fontes como da redor deles duas braçadas./” AMORIM, Alexandra Agra; PINTO, João Neves – *Porto d’agoa: o abastecimento de água na cidade do Porto através dos tempos*. Porto: Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2001. pp. 32-33.*

¹⁶⁶ “[...] e o faço couto firmíssimo, por seus termos que são: por Lueda; e daí pelo Ribeiro do Conairo, que corre junto ao Paço de Garcia Gonçalves; e daí pelas Pedras Fixiles; e daí por Paramios, até Barrosa; e daí até à Arca Velha que está junto à fonte; e daí até oura Arca; e daí pela Pedra Furada; e daí até ao Mone que chamam Pé de Mula; e daí pelo Monte Captivo, onde se separa Cedofeita com Germinalde; e daí à Cortinha dos Frades; e daí ao Canal Maior, assim como corre o rio Douro [...]” RAMOS, Luís A. de Oliveira (dir.) - *História do Porto*. Porto: Porto Editora, 2000. p. 62.

¹⁶⁷ “[...] sendo os limites do mesmo couto: por Lueda até à fonte do Conairo; e daí por Fugium Lobal; e daí por Monte Louseneiro; e daí até à Arca da Samigosa; e daí à Mamoá Pedrosa; e daí às Penhas da Regueira; e daí a Asprela; e daí até à Mamoá Furada; e daí até à Sertagem; e daí aos Sobreiros Muidos; e daí à Portela do Arrabalde tal como se divide pelo couto de Cedofeita com Germinalde, e daí ao Canal Maior, assim como vai correndo para o Douro...” RAMOS, Luís A. de Oliveira (dir.) - *História do Porto...* pp. 62-63.

¹⁶⁸ AMORIM, Maria Inês; OSSWALD, Maria Helena – *A água do convento de S. Francisco do Porto: organização, conflitos e decisões régias*. Boletim do Arquivo Distrital do Porto, vol. I. Porto: Arquivo Distrital do Porto, 1982. pp. 8-9.

¹⁶⁹ RAMOS, Luís A. de Oliveira (dir.) - *História do Porto*. Porto: Porto Editora, 2000. pp. 128-129.

*indecente*¹⁷⁰, pois por volta do século XV todas as imundícies eram depositadas no rio, tornando-se num antro de doenças infecciosas. Este acumular de lixos fez com que em 1763 a Câmara o encanasse num aqueduto e construísse a rua de São João por cima de parte do seu leito. O resto do canal foi encanado em 1875, aquando da abertura da rua de Mouzinho da Silveira, e por esta sobreposto, não restando qualquer sinal visível dele¹⁷¹.

Os habitantes tornaram esta conduta imunda e isso fez com que a Câmara do Porto emitisse, ao longo dos anos, uma série de acórdãos para evitar que a população do Porto cometesse tais actos, aplicando sanções severas a quem conspurcasse as águas, pois *“a agua é como o sangue de uma cidade; da sua boa ou má qualidade depende em grande parte o estado sanitario de uma população.”*¹⁷².

Assim, o acórdão de 31 de Agosto de 1613 é um código resumido de prescrições sanitárias que protege os riachos contra imundícies. Ao que parece, os moradores despejavam e lavavam os bacios nas águas públicas, tendo como exemplo o manancial e fonte da Arca, apesar da existência de locais próprios para o efeito. Então, torna-se proibido que os particulares retenham esterqueiras nas suas casas, apelando expressamente os motivos de saúde pública, demonstrando o conhecimento da génese de doenças pela sordidez, sob a pena de 6\$000 reis¹⁷³.

No entanto, em 1640 os hábitos de sujidade continuavam tanto nas fontes, chafarizes e tanques como nos cantos das ruas, mesmo contra os acórdãos apresentados pelos vereadores, levando a Câmara a tomar medidas decisivas a 3 de Novembro do mesmo ano. Se alguém fosse apanhado a lavar imundícies nas águas públicas ou a amontoar sujidades nas ruas, era aplicada uma multa de 2\$000 reis. Para o efeito, a Câmara destacou um meirinho da saúde, cuja função era aplicar as multas a quem fosse

¹⁷⁰ RAMOS, Luís A. de Oliveira (dir.) - *História do Porto*. Porto: Porto Editora, 2000. p. 146.

¹⁷¹ AMORIM, Maria Inês; OSSWALD, Maria Helena – *A água do convento de S. Francisco do Porto: organização, conflitos e decisões régias*. Boletim do Arquivo Distrital do Porto, vol. I. Porto: Arquivo Distrital do Porto, 1982. p. 9.

¹⁷² NORONHA, Tito de Bourbone – *As aguas do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1885. p. 73.

¹⁷³ “[...] assentaram que nem hua pesoa no rio da fonte d’arqua podese lansar servidor nem outra immundia nem no dito lugar pudesem ter esterqueiras e que os ditos serviços fossem levar aos logares deputados que para isso avia que outro si nenhua pessoa pudese em sua casa ter esterqueira em que lansasse serviço nem immondicia pelo muito prejuízo e mau cheiro que dela resultava que causava muitas doenças e enfermidades e que toda a pesoa fosse contra este acordo incorrese em pena de seis mil reis para a cidade [...]” AMORIM, Alexandra Agra; PINTO, João Neves – *Porto d’agoa: o abastecimento de água na cidade do Porto através dos tempos*. Porto: Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2001. p. 50.

apanhado a cometer estes actos ilícitos, cabendo-lhe uma terça parte, já que ao que parecia, o responsável das coimas estava feito com os transgressores¹⁷⁴.

Entretanto, a Câmara criou um cargo municipal que zelaria pela limpeza dos chafarizes, das fontes e dos tanques da cidade, como é referido por Germano Silva, numa acta de vereações referente ao dia 5 de Julho de 1732, onde são nomeados os doze membros do povo detentores desta tarefa¹⁷⁵.

A 12 de Fevereiro de 1787 a Câmara reuniu uma série de acórdãos, que estiveram em uso até às últimas décadas do século XIX, com a aprovação do clero e do povo, apresentado como um código de posturas, intitulado *Dos entulhos e limpezas da cidade*. Aqui estão patentes regras, bem como as respectivas coimas face à infracção, como: se alguém fizesse estrumeiras junto ao muro da cidade ou em qualquer outro local da mesma, bem como em locais fechados, apanhava com uma coima de 2\$000 reis; se alguém atira-se animais mortos ou outras coisas de mau cheiro na rua, apanhava uma multa de 0\$200 reis por qualquer animal e 0\$050 pelo gato; ninguém podia deitar o que fosse para a rua, por mais pequeno que seja, que pudesse sujar ou fazer as pessoas escorregar, sob a pena de 0\$240 reis; era expressamente proibido deitar dejectos para a rua durante o dia, podendo apenas fazê-lo à noite, após o toque de recolher, mas

¹⁷⁴ “[...] tratando-se do modo com que poderião Remediar as emmundices que se lavão nas fontes E chafarizes E tanques como as que monteavão os lavradores pelos cantos das Ruas publicuas assentarão diguo mandarão chamar a esta Camera o meirinho da saude E lhe mandarão que achando lavando qualquer pessoa em fonte ou chafariz ou tanque alguma immundice em Ruas desta Cidade lance mão delles e os possa acusar pola pena de dois mil reis dos quaes se applicão a elle meirinho a terça parte visto estar o Coumeiro consertado com eles [...]” AMORIM, Alexandra Agra; PINTO, João Neves – *Porto d’agoa: o abastecimento de água na cidade do Porto através dos tempos*. Porto: Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2001. p. 50.

¹⁷⁵ “Vereação de cinco de Julho de mil setecentos e trinta e dous annos a q. Asestirão o Doutor Juiz de Fora M.el de Carvalho Pães e os vereadores Dr. B.meo de Nor.ª, Fmc.º de Tavora e Nora com assistª do Pr.or da Cidade M.el Alz Cor? por impedimen.to do Pd.or actual Luis Soares de Avelar, e os do Povo todos ao diante assignados.. Logo neste vereação forão nomeados p.a Olheiros da limpeza das fontes e dos tanques da Cid.e os quais são pessoas ao diante nomeadas:

Para o da rua Nova Antº Gomes Leite Alfaayate; P.ª o de S. João Novo Joseph Leite Sapateyro; P.ª o da Porta do olival Alberto Ferraz Selleyro; P.ª op da Porta de Carros M.el Pr.ª espadeyro; P.ª o da rua chans Dom.os da Sylva sapatº; P.ª o da Batalha Na.tº Roiz ferrador; P.ª o de S. Sebastian M.el Vr.ª alfaayate; P.ª o da Ribeirª Domi.os Xorrea espadr.º; P.ª o dos Baynhos Leandro da Sylva alfaayate; P.ª o de S. Domingos Ant.º Prª Alfaayate; P.ª o dos canos Fernando da Cruz Alfaayate; P.ª o do Pelames Francisco da Sylva Alfaayate; P.ª o da Fonte do cabo daAreya Antonio Montenegro

Nesta forma houverão esta vereação por feita e acabada despachando papeis e petiçoens e deferindo as partes seus requerim.tºos de que fs este termo que todos assignarão, Joachim Cor? de Azdº Montenegro o escrevey

Carvalho – Noronha – Tavora – Alves – Domingos da Costa”. SILVA, Germano – *Fontes e chafarizes do Porto*. Porto: SMAS - Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2000. p. 71

avisando os transeuntes com um famoso *agoa vai*, estando sujeito a uma pena de 2\$000 reis e perda deste direito se acertasse em alguém¹⁷⁶.

Estas medidas eram tomadas porque cabia aos vereadores¹⁷⁷ garantir uma boa vivência na cidade, caucionando o cuidado pela criação de condições materiais e morais, aplicando quando necessário a administração da justiça, tendo como uma das suas funções a construção de fontes e chafarizes, de caminhos e calçadas, de pontes e pontões. Uma das primeiras obrigações estava a cargo dos almotacés¹⁷⁸, que consistia em garantir o bom funcionamento dos serviços essenciais como o abastecimento de água e de alimentos em quantidade, qualidade e bom preço, bem como zelar pela higiene e limpeza da cidade e fiscalizar o cumprimento das posturas e acórdãos municipais e multar quem infringisse. Mas era o procurador do concelho¹⁷⁹ que zelava pelos bens imóveis de fruição como fontes, chafarizes e pontes, bem como outros bens imóveis de propriedade concelhia¹⁸⁰.

¹⁷⁶ “[...] III – Acordarão que nenhua pessoa poderá fazer estrumeiras ao pé do Muro da cidade ou em outra qualquer parte della, principalmente em loges fechadas, pena mil reis.

IV – Que nenhua pessoa possa lansar bestas caens gatos ou outros animaes mortos, nem cousa alguma de mão cheiro na rua, mas sim os mandar deitar em logar remoto fora da cidade, sob a pena de pagar a condemnação de dusetos reis pela besta como pelo cão e cincoenta reis pelo gato, etc.

V – Que nenhua pessoa possa lansar na rua cousa alguma, por pequena que seja, como cascas, tomentos e tudo aquillo que suje e faça escorregar o Povo, sob pena de dusetos e quarenta reis.

VI – Que nenhua pessoa lance agua ou outra immundicie da janella para baixo desde que he dia e só depois de tocar o sino de correr he que poderão lansar agua á rua dizendo – agoa vai – sob pena de quem acertar de molhar ou sujar alguma pessoa pagar dous mil reis além de ficar á parte seo direito para o demandar [...]” AMORIM, Alexandra Agra; PINTO, João Neves – *Porto d’agoa: o abastecimento de água na cidade do Porto através dos tempos*. Porto: Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2001. pp. 50-51.

¹⁷⁷ Este cargo consistia em verificar a boa administração do território municipal e zelar pelo bem público. No Porto este cargo era ocupado por uma equipa de quatro vereadores. Estes eram eleitos localmente, de três em três anos, por convocação do corregedor da comarca. A eleição era um processo complexo que se desenvolvia em várias fases que terminavam no envio da lista com os nomes de cada equipa por parte do Desembargo do Paço, depois do rei assinar. Cada equipa governava por um ano, sendo nomeada pelo soberano. RAMOS, Luís A. de Oliveira (dir.) - *História do Porto*. Porto: Porto Editora, 2000. pp. 343-344.

¹⁷⁸ Esta é uma das mais antigas instituições municipais, remetendo para o ano de 1325, apesar de não haver certezas quanto à origem deste cargo. Era um cargo muito desejado, por ser um dos mais altos da administração municipal. Muitos desejavam este cargo, o que levou a muitas desavenças ao longo dos anos, até que por volta de 1533 foi fixada a sua estruturação que se manteve até ao ano de 1832, quando extinto. Esta estruturação consistiu em eleger doze indivíduos, nomeados pelos vereadores, que serviam agrupados em pares durante um período de dois meses. RAMOS, Luís A. de Oliveira (dir.) - *História do Porto...* pp. 353-354.

¹⁷⁹ Era um dos cargos maiores da Câmara portuense, ocupando a terceira posição na hierarquia, logo depois do juiz de fora e dos vereadores. A sua eleição era equivalente à dos vereadores. A sua função consistia em zelar pelos bens do concelho e cuidar das receitas provenientes de transgressões e multas. RAMOS, Luís A. de Oliveira (dir.) - *História do Porto...* pp. 355-356.

¹⁸⁰ RAMOS, Luís A. de Oliveira (dir.) - *História do Porto...* pp. 347-356.

No entanto, apesar dos vereadores serem escolhidos de acordo com as conveniências das chancelarias régias, e todos prestarem obediência como vassallos leais da cidade, nem sempre foram servis ao poder centralista, principalmente quando estava em jogo o nome e honra da cidade, em que muitos deles resistiram e sofreram emprazamentos, prisão na cadeia pública e a penhora de bens. Um desses exemplos aconteceu com as várias vereações que não colaboraram com a aplicação do imposto real da água¹⁸¹ aplicado nos últimos tempos da dinastia filipina¹⁸², e que será retomado no Porto mais tarde, em Abril de 1660, sob alvará passado por D. Afonso VI (1643-1683), onde dá permissão à Câmara para cobrar um real sobre cada rasa de sal que entrasse na cidade para pagar as obras do encanamento de Paranhos¹⁸³.

Mas estes não foram os únicos problemas com que a Câmara do Porto se debateu durante todo o período da Época Moderna. Devia garantir um abastecimento de água abundante, o que dificilmente conseguiu, devido ao aumento da população e à fraca qualidade e escassez da água, aliados à falta de higiene. Estes problemas levaram à construção do manancial de Paranhos no tempo dos Filipes (1580-1640). E no período almadino (1757-1804) era fulcral garantir que uma boa rede de abastecimento fosse um dos objectivos, sendo claro que entre estes períodos foram feitos outros trabalhos nesta temática, mas só a partir dos finais do século XIX é que a cidade vai usufruir de um sistema complexo e moderno de abastecimento de água, com captação no rio Sousa, por contrato de 18 de Abril de 1882¹⁸⁴, adoptando em parte o projecto ambiciosamente e interessante proposto pelo engenheiro francês Eugene Henri Gavand¹⁸⁵, em 1864, então rejeitado.

¹⁸¹ Segundo Rafael Bluteau, o real da água consiste num “*tributo em Portugal, que antigamente os moradores d’Elvas assim camaraõ, porque fora introduzido para a grande fabrica de arcos; & canos, com os quaes meterão a agua na Cidade, ficando as fontes donde sahe, hua legoa della. Deyxou este tributo o titulo de Real d’agua em todo o Reyno, a outros, que depois forão impostos na carne, peyxe, & vinho, na occasião de algum aperto nas mais Cidades, & lugares delle [...] Em Lisboa, Para a arrecadação dos Reaes d’agua, há muytos officios, dous Almojarifes, om seus Escrivães, & hum Contador, quatro Escrivães nas portas da Cidade, por onde entra todo o vinho, & quatro feytores, que com elles vão varejar as tavernas, & almazens, hu Escrivão da carne, hum Juiz da balança do curral, trinta & seis cortadores, hum Juiz do açouge, &c.*” BLUTEAU, Raphael – *Vocabulario portuguez & latino*. Volume 7. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728. fls. 130-131.

¹⁸² RAMOS, Luís A. de Oliveira (dir.) - *História do Porto*. Porto: Porto Editora, 2000. p. 347.

¹⁸³ AMORIM, Maria Inês; OSSWALD, Maria Helena – *A água do convento de S. Francisco do Porto: organização, conflitos e decisões régias*. Boletim do Arquivo Distrital do Porto, vol. I. Porto: Arquivo Distrital do Porto, 1982. p. 7.

¹⁸⁴ AMORIM, Maria Inês; OSSWALD, Maria Helena – *A água do convento de S. Francisco...* p. 6.

¹⁸⁵ GAVAND, Eugène Henri – *Estudo sobre o abastecimento d’agua da cidade do Porto*. Porto: Typographia Commercial, 1864.

Esta alternativa veio de encontro ao facto de que, a população do Porto foi sempre aumentando e os maus hábitos desta contribuíram para a progressiva perda de qualidade das cada vez menos abundantes águas da cidade, em alguns excertos dos costumes imundos dos portuenses, registados em vários livros de Vereações de épocas diferentes¹⁸⁶. Tal facto é-nos relatado por Tito de Bourbone Noronha no seu trabalho intitulado *As aguas do Porto*, de 1885, relatando-nos que:

*“[...] por esta ocasião forneciam as fontes publicas nove litros de agua por habitante, ora como de então para cá a população cresceu 11:000 almas e novas industrias se crearam, a falta accentuou-se mais, tendo hoje cada habitante apenas cinco litros para todos os usos, cifra horrorosamente exígua, e que prova bem as queixas que todos os dias os portuenses fazem ao senado.”*¹⁸⁷

O crescimento acelerado da população, induzido pelo inicio da industrialização da cidade¹⁸⁸, fez com que em meados do século XIX, o Porto começasse a perceber que a água disponível escasseava, principalmente no Verão, quando muitas nascentes secavam, e como cada manancial abastecia um determinado número de fontes e chafarizes ligados sequencialmente, quando secos todo o circuito de alimentação era quebrado, com bastantes prejuízos para a população¹⁸⁹.

2. As Redes de Distribuição de Água à Cidade

Segundo Rafael Bluteau a palavra aqueduto significa cano ou *“leyto por arte, para lançar a agoa fora de hum lugar para outro”*¹⁹⁰. Já Luís Filipe Pires da Conceição diz-nos que é um vocábulo de origem latina que *“na sua simplicidade, exprime o*

¹⁸⁶ AMORIM, Alexandra Agra; PINTO, João Neves – *Porto d’agoa: o abastecimento de água na cidade do Porto através dos tempos*. Porto: Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2001. p. 50.

¹⁸⁷ NORONHA, Tito de Bourbone – *As aguas do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1885. p. 80.

¹⁸⁸ Nas primeiras duas décadas do século XIX, o número de habitantes rondava 50 000 habitantes, mas por volta de 1864, a população rondava os 87000 habitantes, e em 1900 rondava os 168000. AMORIM, Alexandra Agra; PINTO, João Neves – *Porto d’agoa: o abastecimento de água na cidade do Porto através dos tempos*. Porto: Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2001. p. 52.

¹⁸⁹ AMORIM, Alexandra Agra; PINTO, João Neves – *Porto d’agoa: o abastecimento de água na cidade do Porto através dos tempos*. Porto: Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2001. p. 52.

¹⁹⁰ BLUTEAU, Raphael – *Vocabulario portuguez & latino*. vol. 1. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728. pág. 457.

conceito de abastecimento de água sem interrupção, feito pelo homem”¹⁹¹. A definição de Angel Ventura Villanova vai de encontro às duas acima referidas, referindo-nos que o aqueduto é todo o sistema de fornecimento de água, desde a captação, passando pelo transporte até ao depósito de regulação final¹⁹².

Nos séculos XVII e XVIII eram muitos os fontanários e chafarizes que eram abastecidos por uma só nascente. Estas, muitas vezes encontravam-se no local do objecto de abastecimento, ou em locais próximos, de onde a água era encaminhada através de aquedutos para o local onde se encontravam as fontes.

Na periferia, como as freguesias de Paranhos (para além do conhecido manancial homónimo), Campanhã, Massarelos, Lordelo e Foz do Douro, existia uma série de fontes com nascente própria, que se encontrava no local. Segundo Horácio Marçal¹⁹³, tratavam-se de fontes de chafurdo, ou seja, eram uma espécie de cisterna, onde a água era colhida através do processo de mergulho dos cântaros, cujas vertentes corriam para os campos vizinhos e abasteciam alguns lavadouros.

Mas eram os mananciais de Paranhos, Campo Grande, Virtudes e Malmeajudas os mais importantes e forneciam a água a várias fontes públicas e privadas.

2.1 – Manancial de Paranhos

Também é conhecido por Manancial de Arca d’Água¹⁹⁴ e Manancial das Três Fontes de Paranhos¹⁹⁵. Não é possível determinar a época em que foi iniciada a exploração desta água. Sabe-se que em 1120 já existia uma fonte em Paranhos, mas em meados do século XV existiam três fontes no local, pelo que era referenciado por arca

¹⁹¹ CONCEIÇÃO, Luís Filipe Pires da – *A consagração da água através da arquitectura, para uma arquitectura da água*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1997. pág. 284.

¹⁹² AA. VV. – *Aqua romana. Técnica humana e força divina*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 2005. pág. 57.

¹⁹³ MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. 3 Partes. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. p. 310.

¹⁹⁴ Vide figs. 60, 62, 63 e 64.

¹⁹⁵ Joaquim de Santa Rosa de Vitervo diz-nos que o termo Paranho significa “*honra, Couto, amparo, ou isento*”. Continua a sua definição dizendo: “*Alguns fazem Honras ali hu crião os filhos d’Algo em esta guiza: Emparom o Amo em quanto hé vivo, e desde que os Amos som mortos, emparam o lugar, pondolhe o nome Paranho, isto he, emparado ou defendido por Honra. Alguns lugares conservam entre nós o nome de Paranhos, que sem dúvida lhes proveio d’este costume.*” VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de – *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam*. Tomo II. Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 1865. p. 137.

das três fontes de Paranhos¹⁹⁶. O aumento populacional e a falta de água potável, apesar do grande número de fontes existentes em 1594¹⁹⁷, dentro dos muros, levou a que se fizesse uma petição ao rei D. Sebastião, solicitando autorização para trazer à cidade a água de Paranhos, para a qual estavam dispostos a ajudar nas despesas com 1000 cruzados para ajudar nas custas como contribuição¹⁹⁸. O rei acedeu, mas nada se fez no seu reinado. Só mais tarde, a 20 de Novembro de 1597, é que o rei D. Filipe I (1527-1598) emitiu um alvará que permitia a construção da dita obra. Para avaliar a viabilidade da obra providenciou no sentido de estimar os custos e indemnizações a pagar aos donos dos terrenos que seriam atravessados pelo encanamento. Após esta avaliação emitiu o dito alvará que permitia à Câmara pagar a obra com os rendimentos da Imposição do Vinho e Sal e dos excedentes do crescimento das sisas, mais os 1000 cruzados doados pelo povo. Esta provisão só foi registada em chancelaria a 9 de Abril de 1598¹⁹⁹.

A obra foi arrematada em finais de 1603, tendo sido efectuado o primeiro pagamento a 11 de Fevereiro de 1604, para compra de materiais. Os arrematantes foram os mestres pedreiros Pantaleão Brás e Manuel Gonçalves, conjuntamente com os pedreiros Gonçalo Vaz, Gaspar Gonçalves e António João haviam lançado o orçamento de 3295\$700 reis, incluindo nesta verba não só a condução da água à Porta do Olival, mas também a sua canalização para o chafariz de S. Domingos²⁰⁰.

A primeira pedra foi colocada em 1603, numa cerimónia solene com um ambiente festivo. Contudo as obras só terão começado a 12 de Março de 1604, prosseguindo até 17 de Setembro de 1605. Em meados de 1606 a água já chagava aos chafarizes de S. Domingos e da Rua Nova, mas a vistoria da obra só foi realizada no início de 1607 (daí a ideia de muitos autores referirem que a água deste manancial chegou à cidade neste ano), porém o último pagamento só foi efectuado nos finais de 1608²⁰¹.

No decorrer da obra foi necessário pagar indemnizações aos proprietários dos terrenos por onde passavam os canos. Segundo Francisco Ribeiro da Silva, o mais

¹⁹⁶ MARÇAL, Horácio – *O manancial de Paranhos e as fontes por ele abastecidas*. O Tripeiro, Série VI, Ano VII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1967. p. 296.

¹⁹⁷ SILVA, Francisco Ribeiro da - *O Porto e o seu termo 1580-1640: Os homens as instituições e o poder*. Volume 2. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1985. p. 902.

¹⁹⁸ SILVA, Francisco Ribeiro da - *O Porto e o seu termo 1580-1640...* p. 1038.

¹⁹⁹ SILVA, Francisco Ribeiro da - *O Porto e o seu termo 1580-1640...* p. 1038.

²⁰⁰ SILVA, Francisco Ribeiro da - *O Porto e o seu termo 1580-1640...* p. 1038.

²⁰¹ SILVA, Francisco Ribeiro da - *O Porto e o seu termo 1580-1640...* pp. 1038-1039.

difícil de resolver foi com o Cabido, que alegava ter graves prejuízos nas propriedades da Hesa Capitular, sendo resolvido apenas em 1615, por via judicial, tendo a cidade obrigatoriamente pago uma indemnização de 160\$000 reis. Dando este exemplo, sabe-se que obra teve uma derrapagem de 9 000 cruzados, e que menos de 75% destes gastos foram suportados pelo Cofre dos Crescimentos²⁰².

Obviamente, este manancial não era o único que abastecia a cidade, mas era o mais importante devido à qualidade e quantidade de água que dispunha. A sua nascente encontrava-se, localizada nos arrabaldes, no subsolo do jardim da actual Praça 9 de Abril, mais conhecido como Jardim da Arca d'Água²⁰³. Jorrando no solo da arca, a partir de várias nascentes existentes no local²⁰⁴, as águas seguiam por um aqueduto de pedra em galeria, indo alimentar várias fontes ao longo do seu percurso.

A água seguia da Arca d'Água, depois de atravessar a Estrada de Braga, pela alameda do Agueto, até ao lugar do Regado. Dali seguia em arcos pelo Monte Pedral e atravessava vários campos até ao Lugar do Ribeirinho. Atravessava várias propriedades até passar por trás dos Ferradores e terminar na Porta do Olival²⁰⁵. A canalização não obedecia a um só plano de construção. Parte dela era em canos de pedra, fechados ou abertos, outra parte era em canos de barro ou em grés²⁰⁶.

A 17 de Outubro de 1669, o padre Baltasar Guedes, encarregado pelo Senado de dirigir as obras do arranjo dos encanamentos, escreveu uma *Memória das fontes do Porto* que nos diz o seguinte quanto ao Manancial de Paranhos:

*“Nasce esta fonte distante desta Cidade, para o Norte,
mais de hum quarto de legoa: está em arca fechada com uma*

²⁰² SILVA, Francisco Ribeiro da - *O Porto e o seu termo 1580-1640: Os homens as instituições e o poder*. Volume 2. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1985. p. 1039.

²⁰³ AMORIM, Alexandra Agra; PINTO, João Neves – *Porto d'agoa: o abastecimento de água na cidade do Porto através dos tempos*. Porto: Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2001. p. 43.

²⁰⁴ Actualmente existem duas Arcas: a Arca Velha e a Arca Nova. No que consta da arca Velha, existem quatro nascentes, onde se encontra diante de cada uma delas um orifício no pavimento por onde correm e se misturam as águas. São elas a nascente norte, a nascente sul, a gruta direita e a gruta esquerda. Quanto à Arca Nova, esta tem três nascentes. A nascente central nasce do solo em borbotões, confundindo-se com as outras duas nascentes, pois a nascente leste nasce da mesma forma e a nascente sudeste nasce a 98 metros da Arca, a uma profundidade de 4 metros. MARÇAL, Horácio – *O manancial de Paranhos e as fontes por ele abastecidas*. O Tripeiro, Série VI, Ano VII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1967. pp. 295-296.

²⁰⁵ COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia*. Boletim Cultural, volume XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 432.

²⁰⁶ MARÇAL, Horácio – *O manancial de Paranhos e as fontes por ele abastecidas*. O Tripeiro, Série VI, Ano VII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1967. pp. 297.

porta e chave: é quadrada, terá em vão vinte palmos, a agoa belissima, bastantemente peitoral: nasce em bolhoenzinhos que brotaõ arca, signal de sua permanencia: he mais de manilha e meia, na Mais: á perto de setenta annos que veio para esta Cidade: houve ao vir grandes controvérsias, assim com aquelle povo, como com o Reverendo Cabido, que ali tem os seus dízimos. Contou esta agoa, the chegar á Rua Nova, cincoenta e sete mil cruzados, e vem tomando muitas voltas [...]”²⁰⁷

Segundo este²⁰⁸, o percurso de abastecimento do manancial de Paranhos, no ano de 1669, iniciava-se na Arca e seguia até à estrada de Viana, alcantilada em arcos, onde havia uma bica de pedra. Dali seguia por campos até à Rua de Cedofeita, onde passava a correr no subsolo, mas logo subia à superfície em passadiços de pedra, voltando para o subsolo na Quinta que pertencia a António Rodrigues Marques.

Seguia até uma pia de pedra, que recebia água da arca dos Padres Bentos, e continuava até à Igreja do Carmo para dirigir-se para o Chafariz da Vila Parda. Depois, descia até uma arca, mandada construir pela Câmara e servia o Colégio dos Meninos Órfãos e o povo. Seguidamente, percorria uma légua e meia sob arcos e no fim continha uma fonte que dividia a água em duas partes: a da direita seguia para o Chafariz da Porta do Olival, e para o repuxo da Ermida do Anjo; a da esquerda passava por baixo da Porta do Olival e chegava até uma travessa que dava para a do Ferraz, onde fornecia três penas de água ao Hospital de Roque Amador, daqui seguia pelo Beco do Ferraz e entrava na Rua das Flores, onde voltava a dividir-se, indo uma das ramificações abastecer o Chafariz abaixo da Misericórdia, e a outra seguia rua abaixo, em dois canos, que fornecia água a uma pia, e seguindo por São Domingos, pela Rua das Congostas até ao Chafariz da Rua Nova.

Quanto a este manancial, o padre Manuel Pereira de Novais escreve na sua obra, *Anacrísis Historial*, nos finais do século XVII, o seguinte:

“[...] y estas arcas aun oy las Vemos una y outra en los caños que condusem esta agoa, aunque se conoçe que desde esse tiempo desta Señora Reyna²⁰⁹ y aun antes yà se conducia esta agoa Para esta ciudad y su districto, y viene en tanta copia que desde essa Puerta del Olival se reparte para Muchas partes, pêro principalmente para el outro Chafariz de Santo Domingos

²⁰⁷ A.H.M.P – A-PUB/5969 (1). fl. 1v.

²⁰⁸ A.H.M.P – A-PUB/5969 (1). fls. 1v.-2.v.

²⁰⁹ Refere-se à carta de D. Teresa ao bispo D. Hugo de 18 de Abril de 1120.

y Praça de la Misericordia y de alli para la fuente de la Rua Nueva.”²¹⁰

Já nas Memórias Paroquiais de 1758, o padre João Carneiro da Silva ao referir as fontes existentes na freguesia de Paranhos, apenas menciona a fonte de Arca d’Água, dizendo:

“Tem esta terra no lugar da Arca d’Agoa hua fonte que se acha e conserva fechada por chave com sua caza de aboboda, zolejo e cal, de cuja fonte vai a agoa, que hé muita, por hum aqueducto aos chafarizes da cidade do Porto, correndo por elles de huns para outros thé cinco.”²¹¹

Apesar do padre João Carneiro da Silva mencionar que a água corria em abundância, sabe-se que em 1726, era notória a falta de água na cidade, e uma vistoria realizada nesse ano revelou que as canalizações estavam defeituosas, algumas furadas, levando a um grande extravasamento da água²¹². Mas em 1669 já tinha sido feita uma remodelação no cano de água de Paranhos, desde a nascente até ao fim da Calçada do Beco do Ferraz sob a supervisão do padre Baltasar Guedes²¹³.

O mestre pedreiro João Fernandes²¹⁴ arrematou a 12 de Junho de 1707 o conserto do cano de Paranhos que seguia para a Porta do Olival, e outras fontes, pela quantia de 73\$000 reis²¹⁵, e no ano seguinte, volta a arrematar novo conserto de canalizações de Paranhos, Mijavelhas, Carvalhido e todas as fontes e chafarizes da cidade por 50\$000 reis²¹⁶. Mais tarde, durante o período Almadino, entre 1757 e 1804, foram efectuadas várias obras para o arranjo deste aqueduto, trabalhado nelas vários

²¹⁰ NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 39.

²¹¹ CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 601.

²¹² MARÇAL, Horácio – *O manancial de Paranhos e as fontes por ele abastecidas*. O Tripeiro, Série VI, Ano VII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1967. p. 297.

²¹³ A.H.M.P – A-PUB/5969 (1). fls. 2v.-3.

²¹⁴ Morador no Poço das Patas, na freguesia de Santo Ildefonso. Esteve em actividade entre 1707 e 1715. BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1964. p. 272.

²¹⁵ BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas...* p. 272.

²¹⁶ BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas...* p. 272.

mestres dos aquedutos e mestres pedreiros, como é possível averiguar na Tabela VII, apresentada em anexo²¹⁷.

O estado degradante do aqueduto de Paranhos é referido por Agostinho Revelo da Costa, na sua *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*, em 1788, o seguinte:

*“Pelo que respeita às outras fontes necessárias ao bem comum bastaria o manancial copiosíssimo da freguesia de Paranhos para serviço de toda a cidade, se a Câmara cuidasse na direcção do seu aqueduto, que por ser irregular, roto e arruinado em muitas partes, e estar patente a quem quer extrair água para regar os seus jardins e hortas, segue-se que nos tempos chuvosos ela se converte em lama, com gravíssimo prejuízo do público. Quanto seria mais útil que as imensas despesas que se fazem em abrir novas ruas, e de que não há necessidade alguma, se applicassem à regular direcção deste copiosíssimo manancial do que tanto depende a vida e a conservação do povo? Esta água de Paranhos é pura, claríssima, muito leve e desobstruente; vai encaminhada aos chafarizes da Fábrica, do Olival, Taipas e outras muitas fontes públicas e particulares.”*²¹⁸

Várias vistorias feitas ao longo dos tempos deram conta de fugas de água e do mau estado da canalização, obstruída por pedras e raízes de árvores, dando lugar a sucessivas obras de beneficiação. Em 1789, a Junta das Obras Públicas contratou o sargento-mór Francisco Rodrigues Mendes para estudar o percurso do aqueduto de Paranhos, acabando por dirigir a obra deste²¹⁹.

Mas em 1825, como a água continuava a derramar-se, uma nova vistoria levou a Câmara a decidir não só reformar a Arca como também a modificar o encanamento e o seu primitivo traçado. Também, preocupada com a conspurcação das águas, mudou o

²¹⁷ Esta tabela foi elaborada a partir do Inventário das Obras Públicas no Porto de 1757 a 1804, apresentado em Anexo na tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, da autoria de Joaquim Jaime B. Ferreira Alves. Cf. FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. Volume 2. Porto: Câmara Municipal, 1990. pp. 323-434.

²¹⁸ COSTA, Agostinho Rebelo da - *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*. Lisboa: Frenesi, 2001. p. 54.

²¹⁹ A.H.M.P. - A-PUB/ 05725, fls. 54v.-55. Cf. FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. Volume 1. Porto: Câmara Municipal, 1988. p. 257.

local da fonte e dos lavadouros²²⁰ públicos que existiam a nascente da Estrada de Braga, para o lado poente, onde ainda se encontram²²¹.

No mesmo ano, na sessão da Junta das Obras Públicas de 16 de Setembro, foi aprovado que devia incorporar-se outro aqueduto que já se encontrava em construção desde 1789²²², que provinha do manancial de Salgueiros²²³, que tinha origem na actual Rua Antero de Quental, onde existiam várias nascentes, de modo a fazer a mistura das duas águas na Arca do Anjo, reforçando o caudal disponível²²⁴.

Estas águas chegaram à cidade a 7 de Agosto de 1838, e corriam em caleiras abertas no granito, ou em tubos de ferro ou chumbo, no interior de galerias subterrâneas, tendo por vezes partes do seu percurso a descoberto. O aqueduto acabou por percorrer cerca de 3 km de extensão e atingir, em alguns pontos, uma profundidade de 25 metros²²⁵. Terminava na Arca de Sá de Noronha, sendo mais tarde conduzido até à Arca do Anjo, situada no Mercado do Anjo, junto à igreja dos Clérigos²²⁶.

Em 1866, Henrique Duarte e Sousa Reis dedica um capítulo do primeiro volume da sua obra, *Apontamentos para a Verdadeira Historia Antiga e Moderna do Porto*, aos “*Mananciaes e Fontes Publicas da Cidade*”, e no que respeita ao Manancial de Paranhos diz-nos que:

“[...] o mais importante será sempre o de Paranhos, [...] está construído o manancial e sua respectiva arca no lugar aonde se chama arca d’agoa, consistindo essa obra em hum edificio quadrado feito de pedra e coberto d’abobada enghozamente dilineada e muito melhor levada a effeito. He d’aqui que se abastecem muitas fontes publicas, e bastantes particulares, n’hum grande parte da Cidade [...] Seguindo as agoas ali rebentadas o seu curso por hum magnifico encanamento, largo, espaçozo e solidamente feito, no sitio de

²²⁰ Vide fig. 61.

²²¹ MARÇAL, Horácio – *O manancial de Paranhos e as fontes por ele abastecidas*. O Tripeiro, Série VI, Ano VII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1967. p. 297.

²²² FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. Volume 1. Porto: Câmara Municipal, 1988. p. 240.

²²³ Vide figs. 65 e 66.

²²⁴ AMORIM, Alexandra Agra; PINTO, João Neves – *Porto d’agoa: o abastecimento de água na cidade do Porto através dos tempos*. Porto: Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2001. p. 45.

²²⁵ AA. VV. – *Uma abordagem geoambiental no estudo dos subterrâneos da cidade do Porto: o caso do manancial de Paranhos*. Lisboa: Associação Portuguesa de Recursos Hídricos, 2007. p. 6.

²²⁶ AMORIM, Alexandra Agra; PINTO, João Neves – *Porto d’agoa: o abastecimento de água na cidade do Porto através dos tempos*. Porto: Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2001. p. 45.

*Salgueiros reúne se lhe grande porção d'agoa nativa de outro manancial denominado assim da localidade de onde rebenta, a qual posto não ser solo do Municipio nem por isso deixa a dita agoa de pertencer-lhe.*²²⁷

No estudo elaborado por Tito Bourbonne de Noronha, é revelada a qualidade das águas do Porto. No que respeita à da Arca d'Água, ele diz-nos que a “*agua é límpida, transparente, de gosto agradável, leve e sem cheiro.*”²²⁸

Estes dois mananciais alimentavam um lavadouro público, um tanque e um conjunto de várias fontes e chafarizes que abasteciam a população. Posteriormente, mais duas ramificações que partiam da Arca do Anjo forneciam água a mais algumas estruturas de distribuição de água²²⁹. Sendo assim, sabe-se que a partir do século XVII, forneceu água aos seguintes fontanários e chafarizes públicos²³⁰: fonte da Arca d'Água; fonte do Matadouro Público de Paranhos; fonte da Bica Velha; fonte do Carvalhido; chafariz da Vila Parda; fonte da Boavista; fonte da rua de Cedofeita.

A mistura das águas de Paranhos com as do manancial de Salgueiros na Arca do Anjo seguia para os seguintes²³¹: chafariz do Mercado do Anjo; chafariz do Mercado do Peixe; chafariz da Porta do Olival; fonte das Taipas; fonte da Colher; fonte dos Banhos.

No entanto, as fontes de Mousinho da Silveira, Largo de S. Domingos, Mercado Ferreira Borges, Rua Nova e da Ribeira receberam, a partir do século XIX, água do Chafariz da Porta do Olival.

Infelizmente, apesar de ter-mos feito vários pedidos ao S.M.A.S. para visitar este manancial, não obtivemos qualquer resposta positiva, tendo-nos sido informado uma única vez que o pedido se encontrava na direcção dos serviços à espera de aprovação.

Este complexo sistema de abastecimento levou muitos autores a homenagear e demonstrar o seu respeito pelos portuenses da época moderna por conseguirem realizar uma obra gigantesca com a abertura dos subterrâneos. Esta rede de abastecimento quase

²²⁷ REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. pp. 178-179.

²²⁸ NORONHA, Tito de Bourbonne – *As aguas do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1885. p. 14.

²²⁹ AMORIM, Alexandra Agra; PINTO, João Neves – *Porto d'agoa: o abastecimento de água na cidade do Porto através dos tempos*. Porto: Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2001. p. 45.

²³⁰ COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia*. Boletim Cultural, volume XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 433.

²³¹ Note-se que alguns aqui apresentados já recebiam água do manancial de Paranhos antes da reestruturação e mistura desta água com a de Salgueiros. Entre outros, os mais importantes são: a Fonte das Taipas e o Chafariz da Porta do Olival.

foi considerada um ex-libris da cidade, sendo uma das mais fartas e bem fornecidas da época. Outros mananciais públicos ou privados, forneciam água em menor quantidade, e por vezes de qualidade duvidosa ou mesmo má. Estes contribuíram para a rede de abastecimento da cidade, quer alimentando dezenas de chafarizes e fontes públicas, quer fornecendo entidades privadas.

2.2 – Manancial do Campo Grande

O segundo manancial mais importante da cidade, e também o mais antigo, é o Manancial do Campo Grande, também conhecido como Manancial de Mijavelhas, Manancial do Poço das Patas e, a partir do século XIX, Manancial do Campo 24 de Agosto²³².

Apesar da sua importância, não é possível datar especificamente esta obra. Um estudo arqueológico atribui a autoria desta obra a Francesco da Cremona ou a um mestre pedreiro local, bem como a data de 1548²³³.

A primeira referência conhecida sobre a existência de água no Campo de Mijavelhas surge no século XV na *Crónica d' El Rei D. João I*, escrita por Fernão Lopes que, reportando-se para a crise sucessória entre 1383 e 1385, relata que 700 homens do burgo do Porto juntaram-se junto ao chafariz aí existente para aguardar pela chegada das tropas galegas comandadas por D. João Manrique²³⁴.

Mas só a 22 de Setembro de 1548 é que surgem as primeiras referências relativas à existência deste manancial, aquando do Prazo de cedência da Quinta do Reimão, celebrado entre a Câmara da cidade e António de Madureira e sua mulher, Maria Fernanda das Póvoas. Uma das cláusulas do contrato dava o direito aos emprazados acima referidos de usufruir da água do ribeiro e da arca de Mijavelhas²³⁵.

Em 1669, o padre Baltasar Guedes na sua memória das fontes é muito elucidativo quanto ao seu desprezo pela nascente de Mijavelhas e diz-nos o seguinte:

“Tem esta fonte o nome pelas velhas lavadeiras, que de antigo tempo sempre nela lavaraõ. Comprou a Cidade esta

²³² Vide figs. 67, 68 e 69.

²³³ BOTELHO, Iva; SILVA, Susana; ALLEN, Tomás - *A Pedra de Armas da Arca d' Água de Mijavelhas. Sua Contextualização Histórica: Dados e Problemas*. Porto, s. ed., 2005-2006. p. 11.

²³⁴ BOTELHO, Iva Teles – *A arca de água do Campo 24 de Agosto*. Porto: s. ed., 1999. p. 7.

²³⁵ BOTELHO, Iva Teles – *A arca de água do Campo 24 de Agosto...* p. 7.

*fonte, e oxalá a não comprara, por que os Campos abaixo as entulharaõ, de sorte que metem-na a agoa suja outravez dentro na arca = Nasce a agoa em saibro, e tem humma arca muito bem feita, e tem as Armas Reaes. Podia a Cidade deixar esta fonte ás Lavadeiras, e tomar os formozos bolhoens de agoa, que acima estaõ onde as Lavadeiras lavaõ, pois bem mais alta vinha a agoa livremente, ou em o Cano á porta de Saõ Lazaro [...]*²³⁶

Nas *Memórias Paroquiais* de 1758, o padre Simão Duarte de Oliveira descreve o seu percurso, como também salienta a importância dos lavadouros existentes no local, dizendo-nos que:

*“[...] poço das Patas, onde se lavam a maior parte das roupas da cidade, que nunca falta por mais rigorosa que seja a sua, tendo também quantidade de tanques parta este efeito, cujas vertentes dessem à Ponte das Patas e por baixo dellas correm por três arcos a regar a Quinta de Francisco Diogo de Souza Cirne, a do Prado e a dos Padres da Companhia e dos seus moinhos de Val de Milhorados, e vai dezaguar ao rio Douro.”*²³⁷

O cano de Mijavelhas, bem como as suas fontes, foram arranjados a 11 de Maio de 1707 pelo Mestre pedreiro João Fernandes²³⁸. Este voltou a arrematar outro conserto a 29 de Fevereiro de 1708²³⁹. Mas foi na segunda metade do século XVIII, que a remodelação deste manancial, bem como dos outros existentes na cidade, foi uma das muitas preocupações da Junta das Obras Públicas. Este aparece-nos referenciado como aqueduto de Mijavelhas ou aqueduto do Poço das Patas²⁴⁰.

Em 1812, uma carta régia demonstra o interesse do soberano pela arca do Poço das Patas. Isto terá, por certa forma, impulsionado as obras de remodelação que foram feitas em 1819, demonstrando o desenvolvimento da planta como a conhecemos hoje, na estação de metro do Campo 24 de Agosto. No entanto, são visíveis as diferenças da

²³⁶ A.H.M.P – A-PUB/5969 (1). fls. 4v.-5.

²³⁷ CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 613.

²³⁸ Juntamente com esta obra, arrematou o cano da Fonte da Arca que se dirigia para São Domingos. No total, a obra custou 51\$850 reis. BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1964. p. 272.

²³⁹ Nesta arrematação também constam os consertos do cano de Paranhos e o do Carvalhido, com o custo de 50\$000 reis. BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices...* p. 272.

²⁴⁰ Ver tabela VII em anexo. Cf. FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadas: arquitectura, obras públicas*. Volume 2. Porto: Câmara Municipal, 1990. pp. 323-434.

construção entre o poço central em cantaria, e o espaço periférico em alvenaria, sendo o primeiro espaço, o mais antigo²⁴¹.

A arca é de um espaço edificado em galeria, em alvenaria argamassada e o tecto é sustentado por arcos, contornando, por todos os lados excepto pelo Norte, um compartimento central, construído em granito em *opus quadratum*. No alçado exterior poente deste compartimento existe um relevo com as armas reais²⁴².

Henrique Duarte e Sousa Reis, em 1866, ao contrário de Baltasar Guedes dois séculos antes, eleva o valor da água bem como os vários nomes da mesma, dizendo:

*“O segundo manancial, considerando a importância e qualidade d’água que produz, vem a ser o chamado do Campo Grande, denominação posterior que se lhe deu por assim se (sic) conhecido o lugar aonde assenta a sua arca, sendo modernamente mudado o nome para = Campo 24 d’Agosto, = notando se que a esta nascente chamava se primitivamente = Mijavelhas =.”*²⁴³

No estudo de Tito Bourbone de Noronha, 24 anos depois, revela-nos que a água era transportada em tubos de ferro até à fonte da Batalha e depois em tubos de chumbo para as fontes de S. Sebastião e da Rua Chã. Ainda refere que as fábricas de fiação abriram poços que fizeram o manancial secar, sendo depois estas a fornecer água às fontes públicas. Por último, refere que a água *“não é límpida, de gosto regular.”*²⁴⁴

O manancial de Mijavelhas abastecia alguns fontanários e chafarizes públicos na zona do velho Burgo, sendo eles os seguintes²⁴⁵: fonte de Mijavelhas; fonte da Rua das Fontainhas; fonte da Batalha; fonte de S. Sebastião; chafariz do Anjo; fonte da Rua Chã; fonte da Alameda (Cemitério do Prado); fonte do Padrão de Campanhã.

²⁴¹ BOTELHO, Iva Teles – *A arca de água do Campo 24 de Agosto*. Porto: s. ed., 1999. p. 8.

²⁴² Um estudo revela que estas armas são difíceis de datar devido a incoerências no seu desenho, mas acaba por concluir que pertencia ao rei D. João III. Cf. BOTELHO, Iva; SILVA, Susana; ALLEN, Tomás - *A Pedra de Armas da Arca d’Água de Mijavelhas. Sua Contextualização Histórica: Dados e Problemas*. Porto, s. ed., 2005-2006. p. 11.

²⁴³ REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 179.

²⁴⁴ NORONHA, Tito de Bourbone – *As águas do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1885. p. 16.

²⁴⁵ MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. 3 Partes. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. pp. 306-308.

2.3 – Manancial das Fontainhas

A nascente deste manancial estava situada no monte da Praça da Alegria, na Alameda das Fontainhas²⁴⁶. Trata-se de um dos mais antigos mananciais públicos da cidade, pois já existem notícias acerca das qualidades da sua água desde 1588. Abastecia a fonte das Fontainhas²⁴⁷ e os lavadouros anexos e corria num aqueduto sobre arcos para fornecer água ao Convento de Santa Clara e à fonte do Colégio de S. Lourenço da Companhia de Jesus²⁴⁸.

O padre Baltasar Guedes na sua memória de 1669 refere que:

“Tomou o nome das que na sua Arca se ajuntaõ, he feita dez o tempo que se fundou o Hospital de Saõ Lazaro = He agoa muito excellente, terá no Veraõ tres anneis dágoa, dous levaõ para o seu Collegio os muitos Reverendos Padres da Compahhia de Jesus, que este Senado lhe deu como protectores daquelle Hospital, com obrigação que os Reverendos Padres fossem nas sextas feiras da Quaresma á aquelle hospital pregar aos Lazaros, e ao povo; naõ sei se hoje está o contracto igual = Outro annel caie ao povo com bem pouco concerto, de que as lavadeiras se aproveitaõ para a roupa qui ali lavaõ; e agora voltamos para as fontes que nos ficaõ para a parte do mar, e junto do Douro.”²⁴⁹

Para além dos mananciais de Paranhos e do Campo Grande, que são anteriores ao século XIX, Henrique Duarte e Sousa Reis, refere este manancial como sendo o sexto melhor da cidade por ser um dos mais antigos e apenas abastecer uma fonte²⁵⁰.

²⁴⁶ Vide fig. 70.

²⁴⁷ Segundo Joaquim de Santa Rosa de Vitervo, o termo “Fontaynhas” significa pequenas fontes. VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de - *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam*. Tomo I. Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 1865. p. 333.

²⁴⁸ MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. 3 Partes. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. pp. 308-309.

²⁴⁹ A.H.M.P – A-PUB/5969 (1). fls. 5.-5v.

²⁵⁰ Ele afirma que só existem seis mananciais públicos na cidade. Desses seis, três são anteriores ao século XIX, e outros três começaram a ser explorados publicamente nesse século. REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 180.

Também vai de encontro ao que já foi dito anteriormente quanto à data de 1588²⁵¹, bem como refere a abundância da sua água²⁵².

2.4 – Manancial das Virtudes

A água deste manancial começou a ser explorada em 1619 para o aproveitamento das águas de várias minas que existiam ali nos terrenos. Nesta data, foi construída a fonte do Rio Frio, também conhecida como fonte das Virtudes, para ser abastecida pelas águas deste manancial. Mais tarde, passou a abastecer a fonte de S. João Novo e o Convento dos Religiosos de Santo Agostinho, conhecidos como Gracianos²⁵³, e os lavadouros contíguos.

Quanto à origem da água deste manancial, bem como a do seu nome, Baltasar Guedes diz o seguinte na sua memória:

*“Tomou esta fonte o nome, segundo afirma o Douto Chronista Agostinho = Afirma elle que nos tempos antigos estava juncto a esta fonte, que entãõ hera bem limitada (digo no concerto) huma relíquia do Protomartire Santo Estevaõ, com que esta fonte hera miraculoza e sua agoa tinha virtude, o que tudo se pode ver claramente na dita Chronica [...] Nasce esta fonte de huma Rocha viva: he muito para ver taõ formozo bolhaõ de agoa, que está sahindo na Mai [...]”*²⁵⁴

Nas Memórias Paroquiais de 1758, o abade João Alvares do Valle diz que a água deste manancial seguia da fonte das Virtudes *“por aquedutos subterrâneos, se divide em quatro grandes bicas de pedra, que cahem em outros tantos lavadouros de desassete palmos e meio de comprido de cantaria gatiados de ferro.”* Daqui, a água partia *“para hua quinta e outra cahe por hum despinhadeiro de verde relva, em outros lavadouros, menos polidos [...]”*²⁵⁵

²⁵¹ REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 180.

²⁵² REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história...* p. 185.

²⁵³ MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. 3 Partes. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. p. 309.

²⁵⁴ A.H.M.P – A-PUB/5969 (1). fls. 6-6v.

²⁵⁵ CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. pp. 597-598.

No documento intitulado *Mappa das Fontes publicas não fornecidas pelo Aqueducto de Paranhos e do Campo grande, com algumas observações Historicas*, cuja autoria é desconhecida, diz que havia “2 Minas que fornecem a agoa desta e da Fonte de S. João Novo – uma nasce na Quinta das Virtudes, outra junto da Fonte.”²⁵⁶

Tito Bourbone de Noronha diz-nos que a água desta nascente é “procurada em uma mina que se dirige para o jardim de horticultura de Marques Loureiro [...] A agua é má, salobra, desagradável e de imprópria para a alimentação, e só tem de virtude ser a peor de todas.”²⁵⁷

2.5 – Manancial de Malmeajudas

Localizava-se no Sítio de Malmeajudas, actualmente conhecido como Guindais. Abastecia um Lavadouro público, que ficava abaixo dele e o Chafariz da Praça da Ribeira, anterior ao actual, e era abundante em água²⁵⁸.

No entanto não há informações quanto à sua origem, mas na memória do Padre Baltasar Guedes, é-nos dito o seguinte:

“Em os Guindaes está esta fonte, que de huma viva rocha brota humma formosa manilha de agoa em o Veraõ, que de Inverno he hum Rio = Hé agoa excellente: tem o nome de Malmeajudas, fundamento de hum homem, moleiro, que em companhia de hum moço, levava o barco carregado de moage, e como ali corresse muito a agoa, e vendo o moleiro que o creado o não ajudava, lhe disse, moço que malmeajudas a levar este barco. Daqui tomou a fonte o nome conforme atradição. Quis este Senado trazer esta fonte á Praça da Ribeira, obra taõ necessaria, que aser, fora a mais heroica do Reino, para o que deraõ seiscentos mil reis ao Mestre Domingos Luiz, haverá perto de vinte annos, sendo Vereador Manoel de Valladares Carneiro, que Deos tem, que com galharda resolução, deu principio ataõ grandeza obra, que dez entaõ athé agora, se foi dezejada, não continuada. Pelo monte adiante, vindo para o muro estaõ duas fontes nascidas em rocha, que juntas com a primeira, fazem de agoa hum Mar, que Nosso Senhor queira haja alguma hora quem a recolha nesta Cidade[...].”²⁵⁹

²⁵⁶ A.H.M.P. – A-PUB/06314, fl. 114.

²⁵⁷ NORONHA, Tito de Bourbone – *As aguas do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1885. p. 30.

²⁵⁸ REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 190.

²⁵⁹ A.H.M.P – A-PUB/5969 (1). fl. 5v.

Quanto a este manancial, Manuel Pereira de Novais refere-o como fonte do Penedo da Morte afirmando que *“desta de conduse la agua Para todas aquellas fuentes que ay desde la Puerta de la Ribera hasta la de los Guindaes, Principalmente Para aquella Prodigioso Chafariz, que se hiso en el medio de la Plaça de la Ribera.”*²⁶⁰

Em 1885, Tito Bourbone de Noronha acerca deste manancial escreve o seguinte:

“Nos Guindaes de Baixo, Ribeira, foi aberta uma mina em um monte marginal ao rio Douro; esta mina de 100 metros aproximadamente de extensão é cavada em rocha.

*A agua pouco abundante fornece uma fonte nos Guindaes de Baixo, na extremidade sul da mina, e d’aqui parte um tubo de ferro que vae alimentar a fonte da Ribeira ao fundo da Rua de S. João... A agua é um pouco insipia, sem cheiro e de bom aspecto.”*²⁶¹

Tal como o resto dos aquedutos desta cidade, o deste manancial também foi alvo da remodelação efectuada pela Junta das Obras Públicas desde 1757²⁶².

²⁶⁰ NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 46

²⁶¹ NORONHA, Tito de Bourbone – *As aguas do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1885. pp. 15-16.

²⁶² Ver Tabela VII, em anexo. Cf. FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. Volume 2. Porto: Câmara Municipal, 1990. pp. 323-434.

Parte III – As fontes e chafarizes públicos que abasteciam a cidade nos séculos XVII e XVIII

A arquitectura da água divide-se em várias tipologias que foram surgindo ao longo dos tempos. Enquanto umas despertavam, outras entravam em desuso devido aos avanços tecnológicos, sobretudo a partir do século XIX. As tipologias mais conhecidas são: aquedutos, arcas-de-água, fontes, chafarizes e banhos. Nesta parte abordaremos as tipologias que dizem respeito ao tema central desta dissertação – chafarizes e fontes.

Rafael Bluteau define chafariz como sendo de origem árabe, que significa fonte com bica, ou (segundo outros) fonte pública alta e de bicas²⁶³. Para ele, a palavra fonte, basicamente, significa nascente de água²⁶⁴. Na entrada “chafariz” do *Dicionário de Arte Barroca em Portugal*, Walter Rossa²⁶⁵ diz-nos que chafariz é “*confundido com fonte ou nascente*”, distinguindo-se destas por ter uma função utilitária, localizar-se em locais públicos, sendo elementos predominantes no espaço urbano. O chafariz contém um número variável de bicas e, muitas vezes, é composto por tanques (ou taças) em vários níveis “*diferenciando a água das pessoas da dos animais*”.

Charles-Antoine Jombert²⁶⁶ define chafariz como uma obra de arquitectura miscigenada com a escultura, destinado a receber e distribuir água de uma fonte viva, conduzida natural ou artificialmente. Destina-se à decoração e usufruto das cidades e ao embelezamento de jardins. Continua, afirmando que as fontes contêm diferentes nomes, de acordo com a sua forma e situação.

A descrição de Jombert vai de encontro à definição de Joaquim Jaime B. Ferreira Alves, que nos diz que o chafariz é uma “*uma estrutura isolada (por exemplo no meio de uma praça), mais ou menos monumentalizada, e constituída por um tanque que recebe água de uma bica (ou bicas) que a pode lançar directamente no tanque, ou este recebê-la através de taças dispostas em diversos níveis e de tamanhos e formas*”.

²⁶³ BLUTEAU, Raphael – *Vocabulario portuguez & latino*. vol. 2. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728. p. 266.

²⁶⁴ BLUTEAU, Raphael – *Vocabulario portuguez & latino*. vol. 3. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728. p. 163.

²⁶⁵ ROSSA, W. – *Chafariz*. Dicionário da Arte Barroca em Portugal (dir. José Fernandes Pereira; coord. Paulo Pereira). Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 115.

²⁶⁶ JOMBERT, Charles-Antoine – *Dictionnaire d'architecture civile et hydraulique, et des arts qui en dependent: comme la maçonnerie, la charpenterie, la menuiserie, la serrurerie, le jardinage; & c. la construction des ponts & chaussées, des ecluses, & de tous les ouvrages hydrauliques*. Paris: Libraire du Roi pour l'Artillerie & pour le Génie, 1755. fl. 181.

diferentes”²⁶⁷, enquanto que a fonte trata-se de uma nascente de água que ”*pode ser monumentalizada com um tanque e um espaldar a partir do qual a água jorra por bicas [...] se distinguirão dos chafarizes por se encontrarem adossadas a uma parede de um edifício ou a um muro*”²⁶⁸.

Originalmente, as fontes públicas eram abastecidas por nascentes naturais. Os chafarizes surgem quando aparecem as primeiras redes de contenção, condução e distribuição de água às cidades, a partir de várias tipologias de recursos hídricos²⁶⁹. Logo tornam-se em locais de reunião, convívio e onde se realizavam alguns negócios. Quando era encontrada uma nascente cuja água tinha propriedades medicinais, era logo consagrada com a construção de uma fonte. Muitos dos aglomerados urbanos ordenavam as suas praças com referência no chafariz, adquirindo uma distinção que lhe dava o sentido de “centro” da comunidade. Naturalmente, dado a importância que estes locais tinham na sociedade, eram construídos com um intuito artístico mais expressivo²⁷⁰.

A valorização estética da arquitectura da água encontra-se ao longo da história urbana, acentuando-se a partir do Renascimento e atingindo o seu apogeu artístico nos séculos XVII, XVIII e XIX. Estas obras devem-se aos melhores artistas da época que seguiram o modelo romano. A carga simbólica foi bem enraizada, criando efeitos cenográficos entre a obra, a água e o meio envolvente²⁷¹. É nestas centúrias que esta tipologia arquitectónica desponta e vai ter uma grande importância na decoração de jardins, tanto públicos como privados, onde tem os exemplos mais exuberantes de conjuntos mitológicos e alegóricos²⁷². O autor desta ideia foi Bernard Palissy na sua obra *Dessin d'un jardin délectable*, de 1659. Aí o autor traça vários elementos hídricos, como grutas onde que a água é apresentada em movimento, canalizada sob a forma de estruturas como aquedutos ou bombeada a partir de aquíferos. É nesta altura, em

²⁶⁷ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1997. p. 47.

²⁶⁸ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água...* pp. 47-48.

²⁶⁹ Albufeiras, nascentes, mananciais e rios.

²⁷⁰ CONCEIÇÃO, Luís Filipe Pires da – *A consagração da água através da arquitectura, para uma arquitectura da água*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1997. pp. 339-340.

²⁷¹ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1997. pp. 45-46.

²⁷² FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água...* p. 46.

Versalhes, que vamos encontrar o melhor exemplo de estruturas hídricas como ornamentação de jardins²⁷³.

Em Portugal, durante a Idade Média, epidemias desolaram muitas das áreas populacionais de maior insalubridade, levando reis e membros da nobreza a mandar construir, nas principais cidades do país, chafarizes para demarcar o seu poder local. Estes objectos, normalmente construídos em pátios, largos, pracetas, praças e, mais tarde, em jardins. Esta medida começou a ser aplicada em grande escala a partir do século XVI, aliada ao fulgor económico dos Descobrimentos. Mas este processo foi progressivamente passando para a tutela das autarquias que, entre o século XVIII e o século XIX, elevaram vários serviços de abastecimento em bairros populares, sem nunca perder o sentido de centralidade e prestígio, ganho ao longo dos tempos, independentemente da monumentalidade artística ou modéstia do objecto²⁷⁴.

Ao contrário do que acontecia em muitas cidades europeias, até ao século XVII, maior parte dos chafarizes, em território nacional, eram desprovidos de qualquer tipo de decoração, consistindo em simples tanques ou pias, adossados a muros ou paredes de edifícios, onde a água jorrava de bicas ou carrancas. Entretanto, no período barroco²⁷⁵ foram introduzidas, não só uma preocupação plástica e urbanística²⁷⁶, como também começam a surgir pequenos elementos simbólicos, ligados à mitologia greco-romana²⁷⁷, e ao posicionamento do Homem perante o Cosmos²⁷⁸. Os exemplos mais arrojados vão surgir em jardins lúdicos e sagrados, onde atingem um estatuto de obra de arte, fonte/monumento, sendo os melhores exemplos, o jardim do Palácio de Queluz e o jardim do Santuário do Bom Jesus de Braga²⁷⁹.

A industrialização do século XIX fez com que houvesse uma grande migração, por parte da população rural, para os grandes centros, Porto e Lisboa, levando a que

²⁷³ CONCEIÇÃO, Luís Filipe Pires da – *A consagração da água através da arquitectura, para uma arquitectura da água*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1997. p. 292.

²⁷⁴ CONCEIÇÃO, Luís Filipe Pires da – *A consagração da água...* pp. 340-341.

²⁷⁵ Com o Renascimento italiano e com a erudição artística barroca, a decoração dos chafarizes exprime-se com grande fulgor, com a introdução de grupos escultóricos de temáticas mitológicas, não só ligados ao abastecimento urbano, como também surgem, mais frequentemente, nos jogos de água dos jardins. Cf. CONCEIÇÃO, Luís Filipe Pires da – *A consagração da água...* p. 341.

²⁷⁶ CONCEIÇÃO, Luís Filipe Pires da – *A consagração da água...* pp. 341-342.

²⁷⁷ Neptuno, ninfas e nereides. Cf. CONCEIÇÃO, Luís Filipe Pires da – *A consagração da água...* p. 342.

²⁷⁸ Estações do ano, signos do zodíaco, esfera armilar e pontos cardeais. Cf. CONCEIÇÃO, Luís Filipe Pires da – *A consagração da água...* p. 342.

²⁷⁹ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira - *A arquitectura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1997. p. 46.

fossem tomadas medidas urgentes de alojamento e de abastecimento, multiplicando assim, novos chafarizes nestas cidades²⁸⁰. A distribuição de água ao domicílio através de uma rede pública nas cidades europeias surge nos finais do século XIX. Em Portugal, o fornecimento de água domiciliário só é conquistado, fora dos grandes centros urbanos, a partir da segunda metade do século XX, e nas comunidades rurais, após o 25 de Abril de 1974²⁸¹.

Seguidamente apresentamos as fontes e chafarizes públicos que existiam na cidade do Porto nos séculos XVII e XVIII, bem como as respectivas descrições. Decidimos dividi-las em duas partes – a primeira expõe as que existiam dentro de muros e a segunda refere as que se localizavam fora de muros.

1. Chafarizes

1.1 Dentro de Muros

1.1.1 Chafariz da Rua Chã

A obra do chafariz da Rua Chã foi posta a pregão em 10 de Janeiro de 1636. Esta obra foi arrematada²⁸² pelo pedreiro Domingos da Fonseca, morador da Rua dos Canos, por 190\$000 reis, e com o prazo de quatro meses para a sua conclusão²⁸³.

Este chafariz mudou várias vezes de local, sendo a primeira em 1784, quando a Junta das Obras Públicas reformulou a rua do Loureiro, transferiu este chafariz para esta

²⁸⁰ Estações do ano, signos do zodíaco, esfera armilar e pontos cardeais. Cf. CONCEIÇÃO, Luís Filipe Pires da – *A consagração da água através da arquitectura, para uma arquitectura da água*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1997. p. 342.

²⁸¹ CONCEIÇÃO, Luís Filipe Pires da – *A consagração da água...* p. 339.

²⁸² Juntamente com a construção do chafariz da Rua Chã, também deveria ser mudada de local o chafariz que se encontrava à “*porta do Pena*” para o muro de São Sebastião. BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1964. pp. 313-314.

²⁸³ “*Apontamentos da obra do chafariz que se há de fazer na Rua Chã.*

«*Far-se-á o chafariz na forma da traça com todas as pedras do tanque encanadas, com a cidade dar o chumbo e gatos que forem necessários a cal e alcatruzes que faltarem da obrigação de Valentim Carvalho que é até porta do Pena, e daí para baixo, até o chafariz, os assentará quem arrematar a dita obra dando-lhe a Cidade cal e alcatruzes somente, e toda esta pedra do Chafariz será muito alva e boa e bem lavrada e obrada na forma da traça.*»” BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas...* p. 313.

rua, para maior comodidade dos utentes²⁸⁴. Outra mudança aconteceu em 14 de Janeiro de 1853²⁸⁵ para um local conhecido na época como Paço da Marquesa, que, segundo Henrique Duarte e Sousa Reis, ficava entre a rua do Cativo e a rua de Cima de Vila²⁸⁶. Mas infelizmente, esta obra não chegou aos nossos dias, sendo possível encontrar alguns fragmentos expostos nos jardins do S.M.A.S²⁸⁷.

Segundo o Padre Baltasar Guedes, este chafariz “*He a obra, como temos dito, moderna das mais curiozas da Cidade, suas vertentes vão para as Freiras de Saõ Bento, parte para o quintal que foi de Bernardo Godinho.*”²⁸⁸ Mas é Manuel Pereira de Novais quem nos dá uma melhor descrição desta obra, dizendo que era em forma de pirâmide de três lados, como se fosse um diamante²⁸⁹.

1.1.2 Chafariz da Porta do Olival

O chafariz da Porta do Olival²⁹⁰ foi construído dentro do programa de edificação da nova Cadeia e Tribunal da Relação do Porto²⁹¹ entre 1765 e 1796. Este projecto foi idealizado pelo arquitecto-engenheiro Eugénio dos Santos e Carvalho (1711-1760), que intervindo na Praça do Olival, dotou-a de uma grandiosa fachada, ainda que estreita,

²⁸⁴ “*Asentouse, que sendo a Rua do Loureiro hua das de maior servidaõ da cidade hé em si muito defeituosa pela estreiteza, e tortozidade que tem na sua entrada na Rua Cham cujo defeito se devia evitar, comprando-se, e demolindose as cazas, que forem presizas para o seu Reto alinhamento no lado do Nascente da mesma Rua, e mudando-se para este Lugar o chafaris da Rua Cham em beneficio do melhor prospecto Publico, e da melhor servidaõ da mesma Rua.*” A.H.M.P. – A-PUB/ 05724, fls. 105-105v.

²⁸⁵ MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. 3 Partes. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. p. 307.

²⁸⁶ “*A fonte denominada da rua Cham, posto estar assente entre a rua do Captivo e a de Cima de Villa no local conhecido pelo Paço da Marqueza, conservando se na fonte aquella denominação por ter premanecido por muitos annos na referida rua antes da sua ultima transferencia.*” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 183.

²⁸⁷ Vide figs. 71, 72 e 73.

²⁸⁸ A.H.M.P. – A-PUB/05969 (1), fl. 8.

²⁸⁹ “*En la Rua Chama y outro, en medio della y cerca de la Calle, que sale para la Rua que antigamente se llamaua del Faual, que iua dar a la Puerta de Rua de Carros, la Antigua, y es perfectissimo, en Modo de Pyramide de tres esquinas, al modo de que se labran los diamantes [...]*” NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 40.

²⁹⁰ Vide figs. 74 e 75.

²⁹¹ Para saber mais sobre a construção da Cadeia e Tribunal da Relação consultar FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. Volume 1. Porto: Câmara Municipal, 1988. pp. 218-223.

onde está adossado o chafariz que recebia, dentro de muros, quem entrasse pela Porta do Olival²⁹².

Visto que a Praça do Olival foi remodelada, este chafariz veio substituir o que ali existia, mandado construir pelo rei D. Filipe II²⁹³, que nos é referenciado por Manuel Pereira de Novais²⁹⁴ e pelo abade Francisco António, nas *Memórias Paroquiais* de 1758²⁹⁵.

O actual chafariz encontra-se na fachada norte²⁹⁶, voltada para a antiga Porta do Olival, de frente para a Torre dos Clérigos. O tanque, de desenho sóbrio, mas com umas nuances de erudição, tem duas concavidades nas pontas. O espaldar é constituído por dois panos: o primeiro de formas sóbrias é arrematado, nas extremidades, por dois pináculos, e no centro é arrematado pelo segundo pano, de menores dimensões e com uma forma semi-triangular, onde nas duas extremidades laterais encontram-se dois golfinhos em cujas bocas estão as bicas. No centro está esculpido um medalhão que ostenta a imagem de Neptuno²⁹⁷. O espaldar é coroado por um friso que, por sua vez, é arrematado por uma urna.

²⁹² FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *Formas Urbanas do Porto Setecentista: A Praça Intramuros*. Revista da Faculdade de Letras: História. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1997. p. 693.

²⁹³ REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da cidade do Porto*. Volume II. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1991. p. 204.

²⁹⁴ “En la Puerta del Oliual ay vn Magestoso Chafariz de agoa copiosa, que se guio por Arcaduzes de quasi Vna legoa desde el termino de Paraños hasta esta ciudad [...] Este Chafariz del Oliual es muy grande, y la taza inmediata al estanque, de grande circunferencia y ambito, que para ser de Vna sola Piedra y de tanta grossura parece cosa de Prodigio y de ingenio Ponersse en aquella forma circular como esta de obra marauillosa en la Architectura.” NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 39.

²⁹⁵ “[...] sei que nesta freguezia há dois chafarizes, os melhores e mais elevados que há em toda esta cidade. Hum sito na praça da Rua da Porta do Olival, que lança agoa perenne e hé o mais elevado chafariz da cidade, deitando agoa que lhe vem da Arca de Paranhos, em distancia de mais de meia legoa, em beneficio dos moradores da dita rua, em tal forma que no primeiro capitel a lança por coatro bicas, que se recolhem na primeira vaze, a qual hé de ordinária grandeza, e deste se expelle por outras coatro bicas que cahem na segunda vaze, a qual hé de extremoza grandeza, que cauza admiração a todos aquelles que bem a examinam, como podesse ser trazida aquele sitio tam grande pedra. E desta correm coatro bicas de que se aproveitam os moradores e toda a mais cidade. E hé em tanta abundância o aqueduto desta agoa, que somente deste chafariz se reparte pelas varias partes, como hé pêra ao prezos da Rellação desta freguezia. E da mesma agoa se socorrem os religiosos de Santo Antonio de Valle de Piedade, pêra seu hospício, sito na Cordoaria Nova, e os religiosos do Mosteiro de São Bento, já mencionado, e Hospital Geral desta cidade.” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 631.

²⁹⁶ Apesar de estar adossado à fachada da cadeia, este chafariz recebe esta classificação por ser assim referenciado pelos vários autores pesquisados.

²⁹⁷ Vide fig. 76.

1.1.3 Chafariz de São Domingos

Pouco se sabe sobre este chafariz²⁹⁸ que aparece mencionado na *Memória* do padre Baltasar Guedes, no *Anacrísis Historial* de Manuel Pereira de Novais. Segundo Horácio Marçal, esta obra remonta ao início do século XVI, e localizava-se no centro do Largo de São Domingos e foi demolido em 1845, sendo substituído por outra fonte²⁹⁹. Continua com uma descrição, dizendo que era constituído por uma coluna central com duas taças, de quatro bicas cada, que lançavam água para um tanque com formas curvilíneas³⁰⁰.

Já o padre Baltasar Guedes, como Manuel Pereira de Novais são pouco conclusivos quanto a este chafariz: o primeiro diz que “*Está este Chafariz abaixo da Miziricordia, he obra taõ perfeita como as desta Cidade: tem duas bases com quatro bicas, cuja agoa, pela maior parte é da fonte de Paranhos, e alguma recebe do Laranjal [...]*”³⁰¹; e o segundo, ainda menos descritivo, compara-o ao chafariz da Porta do Olival, dizendo “*El de Santo Domingo no es tan grande, pêro en la copia de agua le yguala.*”³⁰²

No entanto, em 1853, o chafariz de São Domingos foi reconstruído na Praça da Trindade³⁰³, onde ainda se encontra, com algumas alterações à traça original³⁰⁴, passando a receber água do manancial de Camões que começou a ser explorado no séc. XIX.

²⁹⁸ Vide fig. 77.

²⁹⁹ Esta, denominada de fonte de São Domingos, também se encontra demolida e os seus restos encontram-se expostos nos jardins do S.M.A.S.

³⁰⁰ MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. 3 Partes. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. p. 304.

³⁰¹ A.H.M.P. – A-PUB/05969 (1), fl. 7.

³⁰² NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 40.

³⁰³ SILVA, Germano – *Fontes e chafarizes do Porto*. Porto: SMAS - Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2000. pp. 112-113.

³⁰⁴ “*O chafariz do Laranjal, que com algumas modificações foi fabrica (sic) ali com a pedraria do antigo chafariz, que estava collocado no meio do Largo de S. Domingos, antes, da construcção da moderna fonte d’esse sitio.*” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 184.

1.1.4 Chafariz da Rua Nova

O chafariz da Rua Nova³⁰⁵ também é conhecido como fonte das Congostas. Localizava-se no lado poente da rua das Congostas, próximo da rua dos Ingleses, até à sua demolição, aquando da abertura da rua Mousinho da Silveira, entre 1882 e 1883³⁰⁶. Era abastecido por água própria que era de muito má qualidade, sendo substituída pelas águas conjuntas dos mananciais de Paranhos e Salgueiros³⁰⁷.

Não se sabe o ano da sua construção, mas sabe-se que o ourives Manuel Mendes fez dois desenhos para o chafariz da Rua Nova, em 1594³⁰⁸, e em 1604 já se encontrava feito, visto o pedreiro Gonçalo Vaz ter arrematado a obra do conserto dos canos dos chafarizes de S. Domingos e da Rua Nova³⁰⁹.

Horácio Marçal data-a do início do século XVII, e diz-nos que esta obra veio a substituir uma fonte de fábrica mais modesta, que ostentava no espaldar as armas Reais de D. João II (r. 1481-1495). Essas foram aproveitadas para adorno do chafariz seguinte, e passa a descreve-lo como sendo um conjunto de linhas equilibradas e de harmonioso aspecto, constituído por um corpo central, com uma forte cimalha apoiada em colunas de ordem coríntia, arrematada por um frontão circular, onde estavam na frente e nos lados, três golfinhos, que jorravam a água. Nas laterais, existiam pequenos corpos com tímpanos curvos de ligação, delimitados por pilastras³¹⁰.

No entanto, Baltasar Guedes descreve este chafariz como sendo formoso, e contendo três taças³¹¹, que se a datação de Horácio Marçal estiver correcta, estas taças estariam por baixo dos três golfinhos.

³⁰⁵ Vide fig. 78.

³⁰⁶ VITORINO, Pedro – *A fonte das Congostas*. Parte II. O Tripeiro, Série VI, Volume VII. Porto: Repositório de Noticias Portucalenses, 1930-1931. pp. 102-103.

³⁰⁷ “A fonte da rua das Congostas, que teve antigamente agoa propria para a alimentar, porem sendo de pessima qualidade abandonou se substituindo se pela do mencionado manancial de Paranhos e Salgueiros.” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 182.

³⁰⁸ BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1964. p. 421.

³⁰⁹ BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas...* p. 537.

³¹⁰ MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. Parte I. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. p. 301.

³¹¹ “No meio da Rua Nova, ao pé da Rua das Congostas, está o formoso Chafariz com tres Taças; de duas tenho dado noticia atraz, da ultima darei mais adiante; de quaõ he necessaria para este povo, neste lugar; elle mesmo testefica. As vertentes vaõ á caza da Moeda para o serviço della, e quando lá não são necessarias, tem hum Cano que vai pela ladeira da Alfandega abaixo sahir a hum Postigo que está serrado de parede para o Rio.” A.H.M.P. – A-PUB/05969 (1), fl. 7.

1.1.5 Chafariz de São Miguel-o-Anjo

A construção do Chafariz de São Miguel-o-Anjo³¹² é atribuída a Nicolau Nasoni³¹³, tendo sido uma encomenda dos cónegos da Sé do Porto durante o período de “*sede vacante*”³¹⁴, nos anos 30 do séc. XVIII³¹⁵. Inicialmente encontrava-se no largo da Sé, debaixo do Arco da Vandoma³¹⁶, tendo sido deslocado para a actual localização, na calçada de D. Pedro Pitões, durante alguma das reformas feitas naquela zona, no séc. XIX³¹⁷.

A fonte é constituída por um espaldar curvo, que é arrematado por duas urnas nas extremidades, e é encimado por uma grade de ferro forjado. Ao centro contém uma coluna, que apresenta alguma decoração, sendo coroada com uma imagem de São Miguel em pedra de Ançã³¹⁸. No plinto da coluna contém uma lápide de mármore, onde está esculpida uma imagem de São Miguel a matar o dragão³¹⁹. No centro do espaldar, encontra-se uma urna em médio relevo, onde está uma torneira, na vez da bica, que verte a água para uma taça assente num pedestal.

³¹² Vide figs. 79 e 80.

³¹³ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. Volume I. Porto: Câmara Municipal, 1988. p. 68.

³¹⁴ SILVA, Germano – *Fontes e chafarizes do Porto*. Porto: SMAS - Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2000. p. 87.

³¹⁵ ROSSA, W. – *Chafariz*. Dicionário da Arte Barroca em Portugal (dir. José Fernandes Pereira; coord. Paulo Pereira). Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 115.

³¹⁶ Possivelmente esta fonte terá vindo substituir a fonte da Porta de Nossa Senhora da Vandoma, que nos fala Manuel Pereira de Novais: “*Dentro de la Puerta de Nuestra Señora de Uandoma ay outro estanque com sus Caños.*” NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 40.

³¹⁷ “*O chafariz do Anjo, a que daõ o nome de fonte tendo sobre huma pequena columna a estatuzinha de S. Miguel; foi construido no Largo da Sé logo a cima do demolido arco da Vandoma. Por ter aquella imagem, brazaõ do Cabido, parece seria a obra feita á custa d’essa Corporaçãõ.*” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 183.

³¹⁸ Vide fig. 82.

³¹⁹ Vide fig. 81.

1.2 Fora de Muros

1.2.1 Chafariz da Praça Nova

O chafariz da Praça Nova³²⁰ foi construído entre 1794 e 1797, na Praça homónima, que actualmente é a Praça da Liberdade. Não há certezas quanto à autoria do risco, mas Joaquim Jaime Ferreira-Alves coloca a hipótese de pertencer ao arquitecto Teodoro de Sousa Maldonado, que exerceu o seu ofício na cidade do Porto entre 1792 e 1799³²¹. No entanto, sabe-se que trabalharam na sua execução, os pedreiros António Alves e Bartolomeu de Carvalho³²².

Este chafariz era constituído por um tanque de grandes dimensões, com as paredes côncavas, e um grande espaldar dividido por pilastras a formar cinco panos e arrematado por sete urnas³²³. Cada um dos panos continha uma carranca com bicas de bronze que jorravam água para o tanque. Era abastecido pela água de uma mina existente no Campo do Meloal³²⁴.

Henrique Duarte e Sousa Reis afirma que este chafariz tem mina própria e que a qualidade da água não é a melhor, como também faz uma descrição desta obra e revela-nos que o espaldar já tinha sido demolido e que os habitantes daquela zona da cidade queriam que o tanque fosse trasladado³²⁵.

³²⁰ Vide fig. 83.

³²¹ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1997. p. 60.

³²² FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água...* p. 60.

³²³ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água...* p. 60.

³²⁴ MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. 3 Partes. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. p. 302.

³²⁵ “A fonte da Praça de D. Pedro: não he muito boa a agoa que brota da bica, no em tanto sabendo se que ali desde a epocha immemorial esteve hum tanque, presume se que a agoa tinha entã melhores qualidades e já se lhe dava importância pela quantidade, couza que motivou sem duvida a custozissima construcção de hum imponente espaldar e extenso tanque, para depozito das agoas n’elle reunidas: via-se n’essa obra o gosto, a observancia das regras architetonicas e o esmero no trabalho de labores e adornos; pyramides delicadas pelos florões levantados na pedraria, carrancas com bicas de bronze, e rusticus aqui e ali praticados nas pilastras, davaõ bem a conhecer o dispêndio feito nesta fonte, porem a pedido dos moradores próximos demolio se lhe o espaldar e não se ralizou ainda a transferencia do tanque para outro local, como pedem tambem, pela carencia de sitio próprio para isso. Tem mina propria.” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. pp. 190-191.

1.2.2 Chafariz da Rua de Santo Ovídio

Manuel Pereira de Novais menciona a existência de algumas fontes na zona da Lapa, não sendo específico em relação a nenhuma delas³²⁶. Mas mais tarde, em 1758, o padre Simão Duarte de Oliveira refere a presença de um chafariz na rua de Santo Ovídio³²⁷, o qual já era tido em conta em 1597, aquando o pedreiro Brás Martins arrematou a 2 de Janeiro, os consertos deste chafariz e o da Vila Parda³²⁸, e na segunda metade do século XVIII foi alvo de algumas remodelações³²⁹, mas não chegou aos nossos dias.

No entanto, Horácio Marçal revela que havia uma fonte da Lapa, que se encontrava num sítio fundeiro, junto ao portão do antigo quartel militar, e que se tinha acesso por uma rampa³³⁰. Esta fonte terá sido demolida em 14 de Abril de 1818³³¹, quando foram iniciadas as obras de um jardim, tendo sido substituída por outra fonte na rua de Salgueiros, sendo as águas da fonte da Lapa desviadas para esta.

1.2.3 Chafariz da Vila Parda

O chafariz da Vila Parda³³² remonta ao séc. XVI, apesar de não se saber a data precisa da construção deste chafariz, sabe-se que já existia em 1597, aquando o pedreiro Martins Brás arrematou os consertos deste chafariz e o de Santo Ovídio, em 2 de Janeiro desse ano³³³.

³²⁶ NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 47.

³²⁷ “A nona na Rua de Santo Ouidio (sic, Ovidio) com seu chafariz.” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 613.

³²⁸ BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1964. p. 405.

³²⁹ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. Volume 2. Porto: Câmara Municipal, 1990. pp. 323-434.

³³⁰ MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. Parte I. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. p. 305.

³³¹ “Esta Fonte era collocada no Jardim que houve no Quartel de s. Ovidio aonde existia um subterraneo bastante íngreme, e pouco decente. Em consequência disto ordenou a Junta das Obras Publicas a sua mudança para o lado do Poente do largo da Senhora da Lapa, junto da alameda da mesma: determinação essa que teve lugar em 14 de Abril de 1818 e que surtiro o seu devido effeito pela obra se achar concluida.” A.H.M.P. – A-PUB/06314, fls. 110-110v.

³³² Vide figs. 84 e 85.

³³³ BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1964. p. 405.

Segundo Baltasar Guedes, este chafariz já era uma obra muito antiga, e mudou para a rua do Bomjardim cerca de quarenta anos antes da data da sua *Memória*, localizando-se junto à nascente que o abastecia³³⁴. O mesmo autor continua, dizendo que a origem do nome “*Vila Parda*” remete para uma estalagem com o mesmo nome, que se localizava perto do chafariz³³⁵.

O documento intitulado *Mappa das Fontes publicas não fornecidas pelo Aqueducto de Paranhos e do Campo grande*, com algumas observações Históricas, de 1835, revela que em 1822, esta água era escassa, pelo que foi feita uma vistoria em 18 de Janeiro desse ano, e descobriu-se que havia pouco cuidado com a manutenção das canalizações, que eram de louça. E no ano da redacção do documento, a água continuava a jorrar em pouca quantidade³³⁶. Mas em 1866, a água já corria abundante e com uma excelente qualidade³³⁷.

A fonte é constituída por um tanque semicircular e um espaldar rectangular, com duas pilastras nas extremidades. Na parte superior tem uma lápide com o nome da fonte e por baixo ostenta a data de 1859. É arrematado por uma urna e a água jorra por duas bicas.

³³⁴ Tal como acontece com o chafariz da Porta do Olival, decidimos não o classificar como fonte, por ser referenciado como chafariz nos vários autores que pesquisámos.

³³⁵ “*Fica este Chafariz acima do Bomjardim: dizem se chama de Villa parda, porque estando este Chafariz acima a onde hoje está jinto á Mai donde nasce, estava huma Estalagem onde morava huma mulher que se chamava a Villa Parda (como hove outra Estalajadeira á Porta do Olival que se chamava a Villa Pardinha) Este Chafariz he obra muito antiga: haverá quarenta annos se mudou para a parte onde hoje se ve; terá no Verão meio annel d’agoa de gentil sabor e leveza = Nasce em fraga, como mostra sua arca em que nasce; tem de largo cinco palmos, e de comprido onze, toda de pedra de cantaria [...]*” A.H.M.P. – A-PUB/05969 (1), fl. 4.

³³⁶ A.H.M.P. – A-PUB/06314, fls. 113-113v.

³³⁷ “*A fonte da Villa Parda assente no sitio do bairro Alto junto á rua do Bomjardim em frente da embocadura da rua do Paraizo; provem o nome á fonte, segundo se diz, d’huma mulata ou mulher parda que ali vivera. He fornecida esta fonte publica por huma mina de boa agoa, que lhe fica naõ muito longe e he abundante tendo excellentes qualidades de putabilidade.*” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 192.

1.2.4 Chafariz da Fábrica do Tabaco

O Chafariz da Fábrica do Tabaco é mais uma daquelas das quais não chegou quase nenhuma informação até nós. O padre Simão Duarte de Oliveira refere que este chafariz distava da cidade uma légua e era um chafariz com quatro bicas³³⁸.

Estava localizado no Largo dos Correios, perto da rua da Fábrica do Tabaco, actual rua da Fábrica. Também era conhecido como chafariz do Largo do Correio, e mais tarde, passou a ser conhecida como chafariz dos Ferros Velhos. Este recebia água da Arca do Anjo, contendo a mistura das águas de Paranhos e de Salgueiros, mas a partir de 1892 passou a receber apenas de Paranhos³³⁹.

1.2.5 Chafariz do Terreiro da Batalha

O chafariz do Terreiro da Batalha não chegou aos nossos dias por ter sido demolido em 1830, sendo substituído por outra fonte³⁴⁰. Este chafariz aparece mencionado por Manuel Pereira de Novais como “*chafariz de Cima de Villa*”, pois era nesta zona que se localizava a porta de Cima da Vila³⁴¹. Também é referido pelo padre Simão Duarte de Oliveira, nas *Memórias Paroquiais* de 1758, como sendo um chafariz com a forma triangular³⁴². Recebia água do manancial do Campo Grande, e foi alvo de algumas remodelações nos finais do século XVIII e inícios do século XIX, aquando das obras realizadas para o melhoramento da Praça da Batalha³⁴³.

³³⁸ “A oitava a da Fabrica do Tabaco que vem de Paranhos, distante da cidade hua legoa, com quatro bicas e seu chafariz.” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 613.

³³⁹ COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia*. Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 439.

³⁴⁰ MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. Parte I. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. p. 306.

³⁴¹ NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 46.

³⁴² “A dessima quarta a do terreiro da Batalha com seu chafariz triangular e não se conhece alguma virtude particular nestas agoas.” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 613.

³⁴³ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. Volume I. Porto: Câmara Municipal, 1988. pp. 243-244.

Quadro I – Localização original e actual das fontes e chafarizes dos séculos XVII e XVIII que chegaram aos nossos dias.

Fonte/ Chafariz	Localização original	Localização actual
Chafariz da Porta do Olival	Dentro da Porta do Olival	Campo dos Mártires da Pátria
Chafariz de São Domingos	Rua de São Domingos	Praça da Tindade
Chafariz de São Miguel-o-Anjo	Largo da Sé, debaixo do Arco da Vandoma	Calçada de D. Pedro Pitões
Chafariz da Vila Parda	---	Rua do Bonjardim
Fonte dos Pelicano	Rua de São Sebastião	Largo Dr. Pedro Vitorino
Fonte das Taipas	Rua das Taipas	Rua das Taipas
Fonte da Praça da Ribeira	Praça da Ribeira	Praça da Ribeir
Fonte das Virtudes	Calçada das Virtudes	Calçada das Virtudes
Fonte da Colher	Rua de Miragaia	Rua de Miragaia
Fonte da Bica de Massarelos	Rua das Bicas	Rua da Fonte de Massarelos
Fonte das Oliveiras	Rua das Oliveiras	Largo Alberto Pimentel
Segunda Fonte da Rua do Almada	Rua do Almada	Jardins do S.M.A.S.
Fonte das Águas Férreas	Rua das Águas Férreas	Parque da Cidade do Porto
Fonte dos Ablativos	Rua de Cedofeita (provavelmente)	Jardins do S.M.A.S.
Fonte das Fontainhas	Alameda das Fontainhas	Alameda das Fontainhas
Fonte da Igreja de Campanhã	Rua do Falcão	Rua do Falcão
Fonte de Bonjóia	Rua de Bonjóa	Rua de Bonjóia

2. Fontes

2.1 Dentro de Muros

2.1.1 Fonte dos Pelicanos

A fonte dos Pelicanos³⁴⁴ também é conhecida como fonte de São Sebastião devido à sua localização antes da sua transferência, em 1940³⁴⁵, para o Largo Dr. Pedro

³⁴⁴ Vide figs. 86, 87 e 88.

Vitorino, onde se encontra actualmente. A ideia do risco é atribuída a Bento de Aguiar Caldeira, que ocupou o cargo de vereador da Câmara do Porto em 1626, 1627 e 1636, podendo a construção deste conjunto ser datada dos dois primeiros anos em que foi vereador³⁴⁶.

Esta fonte aparece referida, em 1669, na *Memória* do padre Baltasar Guedes, afirmando que esta fonte era abastecida pelo manancial de Mijavelhas que “[...] *Chega ao pé da Escada da Sé, e ali sobe em hum repuxo ao lindo Chafariz do Senhor São Sebastião, acabando esta fonte taõ assitiada nas fontes que de si lança ao pé de hum Souto, que de seu sangue for fontes pelo amor de Deos.*”³⁴⁷. Também aparece referida por Manuel Pereira de Novais, que é quem atribui a autoria do risco ao vereador Bento de Aguiar Caldeira, e explica a iconografia do Pelicano³⁴⁸, que é uma presença na iconografia cristã e simboliza o amor de Cristo pelos homens, a ressurreição e o amor do próximo. Assim, esta simbologia ligada à água, “*acentua ainda mais a que esta já em si carrega como fonte de vida, meio de purificação e de regenerscência.*”³⁴⁹

É uma obra composta por tanque e espaldar, que é decorado por elementos inspirados nas gravuras dos tratados de Wendel Dietterlin³⁵⁰ e de Hans Vredeman de Vries³⁵¹. O tanque apresenta duas concavidades nas suas faces laterais, mas é o espaldar que apresenta maior carga decorativa. O motivo central é enquadrado por duas cariátides-mísula³⁵², de gosto maneirista, que seguram em cima das suas cabeças uma urna diferente, cada uma, e suportam um friso decorado com métopas e caneluras.

³⁴⁵ MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. 3 Partes. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. p. 307.

³⁴⁶ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1997. pp. 58-59.

³⁴⁷ A.H.M.P./A-PUB/05969 (1), fl. 5.

³⁴⁸ “*En frente del Aljube ò Carcel Ecclesiastico, En la Plaçuela de San Sebastian se Eu outro, en que Un Pelicano de Marmol despide por los pechos la agoa, à imitacion de lo que disen los Naturales que essa Ave prodigiosa hase com sus Polloelos, sustentandolos de la Sangre de sus Pechos, y esto fuè idea del Vereador Bento de Aguiar Caldera, curioso Republico y Politico del Gouierno desta ciudad.*” NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 40.

³⁴⁹ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1997. p. 58.

³⁵⁰ Vide figs. 38, 39, 41 e 42.

³⁵¹ Vide figs. 47, 48, 49 e 50.

³⁵² Vide figs. 90 e 91. Segundo Joaquim Jaime B. Ferreira Alves, estas “*cariátides-mísula com as suas urnas poderiam representar as «naïdes» que encarnam as divindades das nascentes e dos rios e que exemplificariam, na cidade, a influência que as Metamorfoses de Ovídio tinham na decoração em geral, e muito particularmente na decoração de jardins e fontes. As urnas qua cada uma das cariátides-mísula apresentam acentuam ainda mais a ligação com a água daquelas duas estruturas, já que simbolizam a fecundidade dos rios.*” FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água: chafarizes e*

O motivo central³⁵³ é composto pelo suporte da taça, na forma de duas figuras humanas que a sustentam, a taça e o Pelicano, de cujo peito verte a água para a taça que, por sua vez, cai no tanque por quatro bicas. Este conjunto é arrematado por um frontão com aletas, nas extremidades, e as armas reais ao centro.

2.1.2 Fonte dos Canos

Em 1669, o padre Baltasar Guedes menciona a existência de uma fonte dos Canos, que devia o seu nome aos “*formosos canos*” por onde saia a água³⁵⁴. Esta também é referenciada por Manuel Pereira de Novais localizada no Terreiro de São Bento³⁵⁵. Mas em 1759, José de Sá Carvalho, um particular, mandou construir à sua custa, uma fonte denominada dos Canos, segundo uma planta do arquitecto Manuel Álvares Martins³⁵⁶.

Visto que nenhuma destas fontes chegou até nós, pode-se presumir que a fonte construída por José de Sá Carvalho tenha sido para aproveitamento das águas da antiga fonte dos Canos.

2.1.3 Fonte das Taipas

A construção da fonte das Taipas³⁵⁷ resultou de uma necessidade que veio a fundamentar uma petição, por parte dos moradores do Largo do Postigo das Virtudes, à Câmara, em 1772, que solicitava a edificação de um equipamento de abastecimento de água naquela zona³⁵⁸. O resultado foi a construção desta fonte na rua das Taipas,

fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1997. p. 58.

³⁵³ Vide fig. 89.

³⁵⁴ “Chama-se assim pela bizarria de dous formosos canos por onde saie, juntamente pelos muitos canos que por aquellas ruas vão, d’agoa. Nasce esta formosa fonte, logo mais acima duas braças, hindo para a Calçada, de huma viva rocha, com tudo he salobra, mas muito fria, servindo de remédio nos cálidos da cristalina neve da alta Serra da Estrella.” A.H.M.P – A-PUB/5969 (1). fl. 8.

³⁵⁵ “En el Terreiro de San Bento ay la fuente de los caños.” NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 40.

³⁵⁶ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. Volume I. Porto: Câmara Municipal, 1988. p. 201.

³⁵⁷ Vide figs. 92 e 93.

³⁵⁸ CABEÇAS, Maria da Conceição; D’ARA, Concha – *Porto Monumental e Artístico. Património da Humanidade*. Porto: Porto Editora, 2001. p. 62.

substituindo o chafariz do Postigo das Virtudes³⁵⁹, que fora construído em 1707³⁶⁰. Esta obra ficou ao encargo económico dos moradores³⁶¹ e recebe água do aqueduto de Paranhos.

Trata-se de uma fonte essencialmente utilitária, mas não deixa de ter uma componente artística bem delineada. A sua simplicidade é acentuada pela sua localização num nicho, entre dois edifícios, delimitado por duas pilastras, e arrematado por um pináculo central. A bica está no centro de um medalhão oval, e deita a água para uma pequena taça semicircular que a verte, através de uma bica, para um tanque que se encontra por baixo.

2.1.4 Fonte da Praça de Santa Ana

A Praça de Santa Ana³⁶² foi projectada pelo arquitecto-engenheiro Francisco Pinheiro da Cunha, entre 1767 e 1775, a mando da Junta das Obras Públicas. A fonte desta praça inseriu-se no risco do projecto, e era constituída por um nicho aberto na parede central da escadaria que dava acesso à capela de São Roque³⁶³.

Nesse nicho havia uma escultura de um génio montado num golfinho³⁶⁴, executada em 1774 pelo mestre escultor de Braga, José de Sousa. Esta peça escultórica

³⁵⁹ “E também do mesmo aqueduto (de Paranhos) vem dar ao chafariz do Postigo das Virtudes, que melhor se lhe pode chamar Porta pella grandeza e largura. Corre este chafariz perennemente no seu elevado capitel por coatro bicas, cuja agoa recebe hua excellente e primorosa taça, e desta sahe por duas bicas que recebem duas taças de conxa primorozamente lavradas, e destas passa a outras da mesma perfeição e de muito maior grandeza. E destas passa a dita agoa a comunicar-se ao povo. Hé esta de estimável grandeza e primorosa architectura assim na altura, como na perfeiçam do seu lavrado, por ser obra moderna, por quanto da parte Nascente se acham escriptas em conta as palavras ou letras seguintes: “1750.” E da parte do Poente se lê a inscripção seguinte: «Hanc molem extruxit populo auxiliante senatus una ergo ex duplici fonte perennat aqua.»” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 631.

³⁶⁰ COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia*. Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 427.

³⁶¹ “A fonte das Taipas, construída com aceio e dispendio debaixo d’hum arco de pedraria lavrada, feito á custa dos moradores da rua ou pequeno largo das Taipas; tem nas costas da fonte huns tanques dos quaes se ignora o fim para que se fizeraõ, salvo se houve em vista a junção das vertentes, para serem repartidas por diversos por lhes pertencerem.” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apointamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 182.

³⁶² Vide figs. 94 e 95.

³⁶³ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1997. p. 60.

³⁶⁴ “Contudo, a Praça de São Roque, formada em semicírculo, lageada de pedra larga e fina, cercada de casas regularíssimas com três andares, de janelas todas iguais e envidraçadas, uma capela feita à romana, que lhe serve de remate, duas bem repartidas escadas, que, cingidas com balaústres da mesma

lançava a água num tanque com a forma de concha, sendo alterada mais tarde, passando a apresentar o seu tamanho aumentado e uma estrutura rectangular³⁶⁵.

Esta fonte também era conhecida como fonte do Souto ou fonte de São Roque. Segundo Henrique Duarte e Sousa Reis, esta fonte tinha duas bicas e uma era abastecida pela água proveniente da junção dos mananciais de Paranhos e de Salgueiros e a outra era provida de uma mina antiga, pertencente à Câmara e ao Convento de São Francisco³⁶⁶. Foi demolida em 1875, sendo substituída pela fonte da Rua Mouzinho da Silveira³⁶⁷.

2.1.5 Fonte da Praça da Ribeira

A actual fonte da Praça da Ribeira³⁶⁸ faz parte do programa de renovação daquela praça (c. 1776-1785), a mando da Junta das Obras Públicas, criada no Porto em 1763. Esta fonte veio substituir o chafariz que ali existia anteriormente³⁶⁹. A construção desta, deve ter-se iniciado antes de 1784, ficando concluída em 1786. O risco é atribuído ao cônsul inglês John Whitehead, como todo o conjunto da praça. A obra foi arrematada pelo mestre pedreiro José Francisco³⁷⁰.

A fonte é constituída por tanque e espaldar, e está adossada à fachada monumental do edifício que fica entre a rua dos Mercadores e a rua de S. João. Esta

pedra fina, vão formar diante dela um largo pátio, debaixo do qual aparece um lindo génio cavalgado sobre um golfinho, que lança borbotões de água em uma bacia de pedra lavrada em forma de concha, merece alguma estimação do público apaixonado por semelhantes obras.” COSTA, Agostinho Rebelo da – *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*. Lisboa: Frenesi, 2001. p. 50.

³⁶⁵ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1997. p. 60.

³⁶⁶ “*A fonte de S. Roque do Souto tem duas Bicas, sendo huma d’ellas alimentada pela agoa proveniente da arca de Paranhos e Salgueiros, a outra de huma mina antiga pertencente ao Senado da Camara e Religiozos Franciscanos, que por isso fornece o chafariz interno da Bolsa do Commercio.*

Chama se de S. Roque porque lhe fica nas costas a pequena Capella erecta á imagem d’esse Santo, a pedido dos portuenses como advogado contra a peste; foi por essa occasião que o dito Joaõ d’Almada e Mello uniformizou a limitada Praça, que ainda assim está muito regular no risco e pedraria. A fonte tem hum grande tnque para deposito das agoas.” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 191.

³⁶⁷ MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. 3 Partes. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. p. 303.

³⁶⁸ Vide figs. 96, 97 e 98.

³⁶⁹ “*Outro Chafariz se hiso, por los años de 1678, en la Plaça de la Ribera com la agoa de la fuente de los Guindaes, que se encañò para este Chafariz, que assi mesmo es de obra Curiosa y grande y Mucho Adorno y perfeccion.*” NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 40.

³⁷⁰ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1997. p. 59.

fachada é dividida horizontalmente em três registos que por sua vez estão separados, na vertical, por pilastras, sendo todo este conjunto arrematado por um entablamento dórico com métopas decoradas por rosetões. No primeiro registo, encontra-se a fonte da praça com o seu espaldar de linhas sóbrias reflectindo a tendência para um gosto classicizante acentuado pelo neopalladianismo e as obras da Junta das Obras Públicas. A segunda parte, tem um nicho no centro, onde provavelmente seria colocada a imagem de São João ou de São Pantaleão, o padroeiro da cidade. E no último registo, ao centro, estão as armas reais³⁷¹. Segundo Henrique Duarte e Sousa Reis, esta fonte é abastecida pelo manancial de Malmajudas, mas aquando da sua construção estava-lhe destinado outro projecto³⁷².

2.1.6 Fonte Aurina

Esta fonte, mesmo não tendo chegado aos nossos dias, estava localizada na actual rua da Fonte Taurina³⁷³. Uma particularidade desta fonte é a quantidade de nomes que teve desde o século XVII até ao século XIX, analisados por Bernardo Xavier Coutinho³⁷⁴. Manuel Pereira de Novais diz que a nascente desta fonte era no local da mesma³⁷⁵. Nas Memórias Paroquiais de 1758, diz que deita bastante água, e que anteriormente esta saía de uma carranca com a forma de cabeça de touro, o que deu o nome à rua da Fonte Taurina³⁷⁶.

³⁷¹ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água...* p. 59.

³⁷² “A fonte da Praça da Ribeira, foi mandada construir á custa da Cidade, por ordem de de (sic) joão d’Almada e Mello quando rompeo a rua de S. João e regularizou a dita Praça, em cujas obras consumio muito cabedal. Tem esta fonte no espaldar o escudo das armas Portuguezas e inferiormente hum nicho, que sem duvida foi destinado para a imagem de S. João por ser esse o nome do director da obra que lhe fica proxima.

He fornecida a fonte pelo manancial de malmeajudas, como já lembrei, ainda que no acto da sua construcção se lhe destinou outra nascente.” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 191.

³⁷³ MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. Parte I. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. p. 301.

³⁷⁴ No século XVII era chamada de fonte Aurina e fonte de Aurina; Nos séculos XVII e XVIII, fonte Ourina e fonte Dourina; e no século XIX aparece como fonte Taurina e fonte Tourina. COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia*. Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. pp. 397-405.

³⁷⁵ “Y en la fuente de Aurina està fuente manantial [...]” NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 46.

³⁷⁶ “Há outra fonte, onde em hua caza subterrânea no fim da Rua da Fonte Aurina, onde chamam a Lingoeta do Terreiro, a qual lança bastante agoa, a qual ocularmente fui ver. Dizem que antigamente sahia a tal agoa por boca da cabeça de hum touro, pelo que deu o nome à rua chamada a Rua da Fonte Taurina, e corrupto o vocábulo, ficou Fonte de Aurina.” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do*

2.1.7 Fonte da Biquinha

Pouco se sabe acerca da fonte da Biquinha. Segundo Baltasar Guedes, localizava-se na extinta rua da Biquinha, e era já antiga. Ainda nos diz que se encontrava debaixo de um arco de pedra, no local da sua nascente³⁷⁷. Já Henrique Duarte e Sousa Reis diz que a água era péssima e as suas vertentes dirigiam-se para o rio da Vila, por estar muito próximo dele³⁷⁸.

2.1.8 Fonte da Ponte Nova

A fonte da Ponte Nova pertence ao grupo de fontes que não chegaram até nós. Ficava debaixo do arco que atravessava o rio da Vila, criando uma comunicação entre a rua das Flores e a rua da Banharia³⁷⁹.

Segundo Baltasar Guedes, era uma obra de cantaria muito antiga, com uma arca com quinze palmos de comprimento, que tinha no meio outro repartimento com quatro palmos de altura. A arca tinha um arco e era ricamente decorada com relevos de rosas e serafins. Situava-se no subsolo, e o acesso era feito por cem degraus de pedra. As suas vertentes seguiam por um cano subterrâneo para uma pia junto à porta do abade da freguesia de São Nicolau³⁸⁰.

Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 621.

³⁷⁷ “*Está esta fonte a quem deu o nome: he obra antiquissima do tempo que aquellas ruas heraõ hortas. Está debaixo de hum arcozinho de pedra, nasce ali mesmo, brota meio annel d’agoa salobra, podera estar mais limpa e concertada a respeito daquellas estalagem e concurso de gente.*” A.H.M.P. – A-PUB/05969 (1), fl. 7v.

³⁷⁸ “*A fonte da Biquinha, he outra de pessima agoa existente debaixo do arco que há na rua d’este nome, e taõ proximo do Rio da Villa que para elle corre no sitio junto á Capella de S. Chryspim e Chryspiniano.*” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto.* Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 187.

³⁷⁹ “*A fonte da Ponte Nova, he muitissimo antiga, como mostra a obra de pedraria d’essa mesma fonte, e he notável ainda mais por huma antiquissima arca tambem de pedra que ali há a pouca distancia. Nunca vi a dita arca mas consta he toda lavrada em relevos. A agoa he saloba (sic) e conserva se entre o povo a crença de ser excellente para as molestias dos olhos. Está construída a fonte debaixo do arco, que atravessa o rio da Villa, formando a communicacão da rua das Flores para a rua da Banharia.*” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto.* Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 190.

³⁸⁰ “*Debaixo da Ponte Nova nasce huma bica de agoa, he demasiadamente fria: a Cidade a por ali quando fichou a formosa fonte de agoa salobra dos Congostas = He esta fonte de obra muito antiga, tem Arca de comprido quinze palmos, toda de cantaria, tem no meio repartimento de quatro palmos de alto, com que faz duas arcas; terá de agoa meia manilha. No anno de 664, por mandado deste Senado a fui abrir: hé muito para ver = Tem arco, enredos (sic), suas rosas e Seraphim da obra antiga, tem sem degraus de pedra muito bem feitos, para hir para ella, toda esta empadeirada, com que se não se deixa ver: está no meio do quintal de huma forneira da Ponte Nova, junto a hum pilar, cujo quintal e cazas é*

2.1.9 Fonte da Rata

A fonte da Rata pertence ao grupo de fontes que não chegaram aos nossos dias, e que pouco ou nada se sabe. É referida nas *Memórias Paroquiais* de 1758 sem nenhuma informação que possamos usar³⁸¹, e também é mencionada por Manuel Pereira de Novais, que nos dá a sua localização, dizendo que “ [...] dentro de la ciudad, al baxar de la Ferraria nueva, la fuente da Rata [...].”³⁸² Apesar de ser citada nas *Memórias Paroquiais* como posicionada na freguesia de São Nicolau, esta fonte localizava-se na freguesia de Miragaia³⁸³.

2.1.10 Fonte de São João Novo

Esta fonte³⁸⁴ parece ser datada do século XVII, embora não sendo possível sabê-lo com precisão, esta aparece mencionada por Manuel Pereira de Novais, que nos diz “*En la Calle de San Iuan nuevo ay outro estanque, que viene condusida e lagoa de la fuente de las Virtudes, com la que và para este Conuento de Augustinos.*”³⁸⁵

Esta também surge mencionada pelo abade Francisco António nas *Memórias Paroquiais*, de 1758, bem como a origem da água que a abastece, dizendo que a “*fonte que está encostada ao muro da cerca do Convento de São João Novo [...] tem a sua origem no sitio aonde está situada a Senhora das Virtudes, que hé freguezia de São Pedro de Miragaia, extra muros desta cidade.*”³⁸⁶

Praço do Contador Mor joão de Figueiroa Pinto; da qui vai esta agoa por aquelles quintaes abaixo, e sai por baixo de Saõ Chrispim, caminha pelas Cangostas abaixo, e em cano soterrado, de tal sorte que nunca se abriu athe hoje; e deste modo como podem as fontes ter agoas sem haver nelas hum grande cuidado e continua vigilancia? Tem este cano huma pia, junta á prta do Abbade, que hoje he de Saõ Nicolao; tornou-se a abrir a Mai desta agoa, e se achou nella huma diminuição, mas como está enterrada tão fundamente pelas cazas e quintaes, chega mui deminuta no Chafariz: O mais acertado, fora passa-la pela Biquinha abaixo pois hia mais segura e limpa.” A.H.M.P. – A-PUB/05969 (1), fls. 7v.-8.

³⁸¹ CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 615.

³⁸² NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 46.

³⁸³ MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. Parte I. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. p. 302.

³⁸⁴ Vide fig. 99.

³⁸⁵ NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 40.

³⁸⁶ CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 631.

Esta fonte estava embutida entre três muros que constituíam o espaldar e davam a forma rectangular ao tanque. A água brotava de duas bicas, colocadas em cada uma das paredes laterais.

2.1.11 Fonte dos Banhos

A fonte dos Banhos também não chegou até nós. Aparece referida na memória do padre Baltasar Guedes, que nos diz que é muito antiga e se localizava em frente do Postigo dos Banhos³⁸⁷. Manuel Pereira de Novais também não acrescenta muita informação³⁸⁸, e nas *Memórias Paroquiais* de 1758 é-nos dito que é a mais célebre da freguesia de São Nicolau³⁸⁹. Segundo Henrique Duarte e Sousa Reis, esta fonte também era conhecida como fonte do Sargento dos Banhos, no século XIX, e diz que é uma das primeiras fontes públicas que existiram na cidade intramuros³⁹⁰.

2.2 Fora de Muros

2.2.1 Fonte das Virtudes

Esta fonte³⁹¹, originalmente chamada de Fonte do Rio Frio³⁹², encontra-se no seu local original, situada fora de muros, na freguesia de Miragaia. Trata-se de um dos

³⁸⁷ “Está ella em a Rua, aquém deu seu proprio nome, em frente ao Postigo, que dos banhos se chama e he serventia do Douro. Tem esta fonte meia manilha d’agoa, lança por hum só cano, e he salobra; e dizem que nos tempos antigos hera taõ borna qui nella se tomavaõ banhos. A fonte he muito antiga, como sua obra mostra = Nasce oito braças acima em huã logea, ou armazen de vinhos, e fica acima na rua.” A.H.M.P. – A-PUB/05969 (1), fls. 6v.-7.

³⁸⁸ “[...] y en los Baños ay outro estanque de agoa que alli cerca naçe.” NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 40.

³⁸⁹ A mais celebre hê a chamada dos Banhos, cujo nome veio de antigamente no mesmo sitio haver, eram de agoa fria e cada pessoa que os vinha tomar pagava huma tanto cujo rendimento era do bispo e da hospic da cidade, os quais se extinguiram. E no mesmo sitio se edificaram cazas, ficando huas foreiras à Mitra outras à camera.” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 621.

³⁹⁰ “A fonte dos Banhos, ou vulgarmete chamada do sargento dos Banhos por ter em outros tempos no seu nicho a estatua em pedra d’hum antigo sargento: vem a ser huma das primitivas fontes publicas que houveraõ dentro da cerca amuralhado (sic) do Porto. Tem mina propria e mui perto da mesma fonte, a qual na actualidade está inteiramente desprezada pela impureza da referida nascente.” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 187.

³⁹¹ Vide figs. 100 e 101.

³⁹² MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. 3 Partes. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. p. 309.

melhores exemplares construídos entre os séculos XVII e XVIII³⁹³. Segundo Henrique Duarte e Sousa Reis, o nome pelo qual é hoje conhecida vem “*desde remotas eras, pelas virtudes atribuidas ás suas agoas, sendo essa a cauza por que a Camara mandou á custa das rendas do Concelho edificar essa entã custoza obra da mesma fonte.*”³⁹⁴. Mas anteriormente, em 1669, o padre Baltasar Guedes refere que a nascente já dava pelo nome de Virtudes³⁹⁵, como podemos ver no capítulo dedicado a este manancial.

Ao que tudo indica, o risco desta obra pertence a Pantaleão de Seabra e Sousa, arquitecto amador, que foi vereador da Câmara do Porto em 1604, 1608, 1617 e 1621, e trabalharam nela, como nas obras da alameda e assentos, os mestres pedreiros António de Sousa, Pantaleão Pereira e Gonçalo Vaz, a partir de 1617³⁹⁶. Terá sido terminada por volta de 1619³⁹⁷, e segundo o padre Baltasar Guedes, esta terá custado mais de quatro mil cruzados³⁹⁸. Sobre ela, o mesmo padre diz que “*He a custosa da fonte, em, obra, epitaphios e architettura a melhor do reino, sem nenhum encarecimento, cuja obra passou de quatro mil cruzados, grandeza digna desta Cidade [...] Nai necessita de paralelo, quando os olhos saõ vivas testemunhas.*”³⁹⁹.

Mais tarde, no final do século XVII, Manuel Pereira Novais enaltece a fonte como sendo uma das mais belas da cidade⁴⁰⁰. Também, em 1758, o abade João Alvares

³⁹³ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1997. p. 54.

³⁹⁴ REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 192.

³⁹⁵ A.H.M.P – A-PUB/5969 (1). fls. 6-6v.

³⁹⁶ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1997. p. 55.

³⁹⁷ MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. 3 Partes. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. p. 309.

³⁹⁸ A.H.M.P – A-PUB/5969 (1). fl. 6.

³⁹⁹ A.H.M.P – A-PUB/5969 (1). fls. 6-6v.

⁴⁰⁰ “*Pero, de todo esto, donde echò el resto de su intento esta nobilissima ciudad, fuè en lo que frabicò en aquella Hermosissima fuente que llamamos de las Virtudes, que, corriendo antes por médios despreciables, assi en lo asqueroso del sitio y sombrío de las furnas, entre yeruas y cascajos de piedras torpes, la facilito a la vista com Vna prodigiosa disposicion de fabrica, que Archimedes y Vitruuio y Euclides pueden inuidiar para sus Ingenios, porque la fachada es de hermosa Cabilacion de Idea; y los saluájes ò monstros, que por sus bocas la arrojan por caños de Bronze, son unas carrancas formidables; e lagoa, que en el espacio que dexa de llenar los cântaros a los que en elles Buscan, Cae en Vnos Buenos Pilos que la Reciben en Vnos Rallos para mejor limpia, y se encubre Por caños secretos à vnos Poyos en que se puede tomar el fresco, ò gozar de lagoa, que es delgadíssima, frigidíssima y refrigerante, estando Coronados esses Poyos com Piramides muy hermosas en lo que dà de si la Architectura; luego se esplayò Vna Calle ancha y espaciosa para comodidad de la subida, y Por lo alto se disposieron Vnos assientos, para que los que no gustassem de baxar abaxo a lo manantial de la fuente de alli lo gosassen todo, y de todo lo deliniò com sumo Ingenio en breue compendio, Poniendo en la Mesma fuente en Vn tablon de Marmol roxo estes dotissimos Verssos, el Cauallero y Entendido Heroe Pantaleon de Seabra y Sousa, à contemplacion de la mesma ciudad, como Regedor suyo, en Vno de aquelles años de su fabrica,*

do Valle, fala-nos da beleza desta fonte, e faz uma breve descrição⁴⁰¹. E em 1788, na *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*, de Agostinho Rebelo da Costa, tal como acontece na obra *Anacrísis Historial*, esta é designada como uma das mais belas⁴⁰². Porém, é importante referir que todos estes autores indicam Pantaleão de Seabra e Sousa como autor do risco.

A fonte é constituída por um tanque, que se encontra enterrado, e um grande espaldar. Este encontra-se dividido em três panos, sendo o central, aquele que apresenta maior carga decorativa. Este está dividido em dois registos – plinto e entablamento. Este espaço é arrematado por um frontão curvo interrompido, onde, provavelmente existia uma coroa a encimar as armas reais que estão no centro do tímpano⁴⁰³.

O plinto, onde assentam duas pilastras, contém duas carrancas com a forma de cabeças de bestas⁴⁰⁴, por onde vertia a água no tanque. Segundo Joaquim Jaime B.

que, si mal me acuerdo, fuè por el año de 1622, ò 1623.” NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. pp. 40-41.

⁴⁰¹ “*Há no districto desta freguezia a celebre Fonte das Virtudes, obra magestoza feita de cantaria lavrada com o melhor primor da arte. Tem no meio a imagem da Senhora em hum nixo entre vidraças, das partes as duas torres, que são as Armas da Cidade, no Remate as Armas Riais. E nos lados quatro bollar em cima de quatro columnas. Abaxo da imagem da Senhora, em hua quadrada lamina de marmora vermelho, lhe mandou gravar o Sennado da camera no anno de 1619, em que foi feita, huns dísticos que ditou Pantalem de Siabra e Souza, cavalleiro do Habito de Christo, veriador que então era e hum dos beneméritos filhos da cidade, de illustre vea de sangue e poezia latina. [...] Tem nos lados duas columnas, pirâmides e seos assentos de pedra, e no fim delles outras columnas semelhantes [...] o prazível das agoas, que lança por duas bicas, em duas cabeças de monstro [...]*” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. pp. 597-598.

⁴⁰² “*A segunda é a das Virtudes; compõe-se de um alto frontispício adornado de antigas pirâmides e firmado em bancos de pedra que o rodeiam. A copiosa água que dela sai por duas carrancas gigantescas, lavradas na mesma pedra, enche em menos de um minuto o maior cântaro. Ao seu lado estão dois profundos tanques em que diariamente lavam roupa de vinte até trinta lavadeiras. Em uma lâmina de mármore vermelho tem gravados estes versos:*

«FONS SCATET ILLUSTRIVIRTUTUM NOMINE DICTUS:
QUI SITIT; HAS LYMPHAS ABSQUE TIMORE BIBAT.
ANTE CAVERNOSO DE PUMICE DEGENER IBAT:
OBSTABANT PIGRA LIMUS ET UMBRA MORA.
PUBLICACONSPICUAS EXTENSA DUXIT IN AURAS,
UTQUE LOCO FLUERET COMMODIORE DEDIT.
INDE VIAM STRAVIT, DEJECITQUE ORDINE SEDES;
GRATIATAM GRATIS MAIOR UT ESSET AQUIS.»

Esta fonte deu o nome à porta da cidade chamada das Virtudes [...]” COSTA, Agostinho Rebelo da – *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*. Lisboa: Frenesi, 2001. p. 52-53.

⁴⁰³ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1997. p. 56.

⁴⁰⁴ Vide fig. 102.

Ferreira-Alves, estas foram inspiradas em desenhos de tratados do século XVI⁴⁰⁵, como de Wendel Dietterlin⁴⁰⁶ e Hans Vredeman de Vries⁴⁰⁷.

O entablamento, por sua vez, divide-se em dois registos. No superior estão representadas duas torres que ladeiam um nicho que abrigou a imagem de Nossa Senhora. Estes três elementos representavam as armas da cidade do Porto⁴⁰⁸. No registo inferior, é apresentado um caixilho com ferragens e figuras helicoidais (segundo Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves, estes “*elementos decorativos foram muito divulgados pelo maneirismo e têm a mesma origem acima referida*”⁴⁰⁹) que enquadrava uma lâmina de mármore vermelha que continha uma inscrição em latim⁴¹⁰, que dizia o seguinte:

*“Fonte com o nome honroso das virtudes brota com abundância:
Quem tiver sede, beba sem temor desta água.
Até há bem pouco tempo, a água nascia entre pedras:
O barro e as silvas impediam o excesso.
O empenho público colocou as águas ao alcance de todos,
Possibilitou que corressesem por melhor caminho.
Depois que as águas agradecidas pudessem correr livremente.”*⁴¹¹

As zonas laterais são decoradas por aletas com ondulação pronunciada e por plintos, onde assentam obeliscos arrematados por bolas. Na parte superior da cornija vêem-se vestígios de decoração, que segundo o mesmo autor⁴¹², seriam duas das “*bolas*” referidas pelo abade João Alvares do Valle, na sua memória de 1758⁴¹³.

⁴⁰⁵ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1997. pp. 55-56.

⁴⁰⁶ Vide figs. 31, 32, 33, 34, 36, 37, 40 e 43.

⁴⁰⁷ Vide figs. 48, 49 e 50.

⁴⁰⁸ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1997. p. 56.

⁴⁰⁹ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água...* p. 56.

⁴¹⁰ Vide nota 402.

⁴¹¹ Tradução de Fausto Sanches Martins. FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1997. p. 56.

⁴¹² FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água...* p. 56.

⁴¹³ Vide nota 401.

2.2.2 Fonte do Carvalhinho

A fonte do Carvalhinho foi arrematada a 30 de Dezembro de 1626, pelo mestre pedreiro Pantaleão Pereira, sendo construída em São Nicolau⁴¹⁴. Visto esta fonte pertencer ao grande número das que não chegou aos nossos dias, tentamos encontrar descrições sobre ela. Então, deparamo-nos com um problema. Nas Memórias Paroquiais de 1758 aparecem mencionadas duas fontes com o nome Carvalhinho, sendo uma referenciada pelo padre Simão Duarte de Oliveira, em Santo Ildefonso⁴¹⁵, e a outra é descrita pelo padre que escreveu a *Memória* de São Nicolau⁴¹⁶, cuja identidade é desconhecida.

Ambos dizem que estas fontes se localizam perto de uma capela, e tendo em conta que Manuel Pereira de Novais, apenas referência uma fonte do Carvalhinho⁴¹⁷, bem como no *Mappa das Fontes publicas não fornecidas pelo Aqueducto de Paranhos e do Campo grande, com algumas observações Historicas*, de 1835, também nos diz que a nascente ficava por trás da fonte, e a água era de boa qualidade e abundância⁴¹⁸. Assim, depreendemos que ambas são, muito provavelmente, a mesma fonte.

2.2.3 Fonte da Colher

A fonte da Colher⁴¹⁹ foi construída em Miragaia, muito provavelmente em 1629⁴²⁰, como um dos melhoramentos urbanos na cidade do Porto após o governo de

⁴¹⁴ BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1964. p. 467.

⁴¹⁵ “A dessima septima a do Carvalhinho, junto à capela deste mesmo nome.” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 613.

⁴¹⁶ “Tem outra no principio da Rua da Lada, a qual dá principio a hua Via Sacra, dedicada a hua imagem de Christo Crucificado, a quem os vezinhos ornam e veneram, com o titullo da Senhora da Ascenção e Boa Morte, cuja Via Sacra corre por hum hosp sobre o rio Douro e finaliza em hua admiravel fonte chamada a Fonte do Carvalhinho, em cujo sitio está outra capella, que serve de cerca à mesma Via Sacra, dedicada também a hua imagem de Christo Crucificado, em memoria do Calvario.” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto...* p. 618.

⁴¹⁷ “Y por el Rio arriba ay la fuente del Caruallino [...]” NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 40.

⁴¹⁸ “Esta Fonte cuja agoa nasce na rocha que lhe fica p Detras he de grande abundância e boa qualidade, as suas vertes vão p.º o Douro.” A.H.M.P. – A-PUB/06314, fl. 109.

⁴¹⁹ Vide figs. 103 e 104.

⁴²⁰ Esta data encontra-se inscrita, quase imperceptível, na lápide frontal.

Filipe II⁴²¹. Apesar desta data, a água da sua nascente já era explorada em 1491⁴²², e segundo Agostinho Rebelo da Costa, esta água estava entre as melhores da cidade⁴²³. Mas no século XIX, as suas qualidades diminuíram que, segundo Henrique Duarte e Sousa Reis, pensou-se na sua demolição⁴²⁴.

Existem duas versões quanto à origem do seu nome, sendo uma de Baltasar Guedes, e a outra de Manuel Pereira de Novais. O primeiro diz-nos que o nome é pronunciado erradamente, afirmando que se deve dizer “*Fonte de Colher*”, justificando que nesta fonte se colhia a roupa que se lavava noutra água, devido à limpeza das suas águas⁴²⁵. Já o segundo afirma que o nome “*Fonte da Colher*” está correcto, porque era normal beber a água nesta fonte por uma colher de metal⁴²⁶, ideia que é corroborada pelo abade João Alvares do Valle, em 1758, que nos diz que a água era de tão boa qualidade, que o arcebispo de Braga, D. Rodrigo Moura Telles, a mandava buscar⁴²⁷.

Esta fonte está colocada sobre um pavimento com uma forma quadrangular, que serve para armazenar a água, e está adossada a um prédio. O espaldar é decorado com seis almofadas rectangulares, dispostas horizontalmente. A bica encontra-se na segunda a contar do solo. Esta estrutura é delimitada por duas pilastras estriadas, arrematas por um capitel em forma de mísula, tratando-se de um elemento de suporte para uma varanda do prédio já referido.

⁴²¹ CABEÇAS, Maria da Conceição; D’ARA, Concha – *Porto Monumental e Artístico. Património da Humanidade*. Porto: Porto Editora, 2001. p. 62

⁴²² MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. Parte I. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. p. 302.

⁴²³ COSTA, Agostinho Rebelo da – *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*. Lisboa: Frenesi, 2001. p. 54.

⁴²⁴ “*A fonte da Colher, antiquíssima construção feita á custa do Concelho, porem que ficou taõ soterrada com as obras da nova Alfandega em Miragaia, que he forçozo abandona-la, couza na verdade merecida há muito tempo por ter a sua agoa mas qualidades, ainda que nascida a pouca distancia da mesma fonte.*” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 188-189.

⁴²⁵ “*Hé o nome corrupto; per que o proprio se hade dizer = Fonte de Colher = He tradiçãõ que antigamete hera esta fonte Rio em que se colhia a roupa que em outra agoa se lavava, depois se vinha aqui colher, pelo Cristalino da agoa. Tomou a Cidade esta fonte á sua conta, e suposto deixou fazer cazas sobre ella, nem por isso ficou a fonte deminuta = Lança dois formosos Canos de agoa, passados por forte bronze = A agoa é das milhores da Cidade; nass em fraga; e tem arca fechada dentro na mesmma caza.*” A.H.M.P./A-PUB/05969 (1), fl. 6v.

⁴²⁶ “[...] *distando Poco màs de 200 Passos del Muro de la ciudad se vê la fuente de la Culler, que assi se llama por beberse ordinariamente por vna Cucharra de metal [...]*” NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 46.

⁴²⁷ “*Há mais a fonte chamada da Colher, que de huas cazas sai à praia, que antigamente tinha hua grande colher de cobre, porque se bebia agoa, tão precioza que para Braga a mandava buscar o Senhor Arcebispo, o Senhor Rodrigo Moura Telles.*” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 598.

2.2.4 Fonte das Bicas de Massarelos

A fonte das Bicas de Massarelos⁴²⁸ foi construída na rua das Bicas, hoje chamada rua da Fonte de Massarelos. A sua nascente estava localizada na quinta do Castanheiro, e segundo Henrique Duarte e Sousa Reis, a água era excelente e abundante⁴²⁹. O espaldar tem uma forma rectangular simples, possuindo nas extremidades duas pilastras. Ao centro usa uma lápide, que deve ter tido uma inscrição, e contém duas bicas que brotam para um tanque, que por sua vez distribui por uma série de lavadouros logo em frente.

Nas *Memórias Paroquiais* de 1758, o padre Dom Manoel do Pillar Lobo menciona a existência de algumas fontes na freguesia de Massarelos, cujas águas eram de boa qualidade⁴³⁰, sem nos fornecer informações sobre qualquer uma delas. Contudo, sabe-se que em 26 de Janeiro de 1637, o pedreiro Jorge Mendes arrematou uma obra da “*fonte de Massarelos*”, por 18\$000 réis, tendo a cidade fornecido a cal⁴³¹, mas mais nada sabemos sobre esta fonte, que é apontada por Germano Silva como sendo a fonte das Bicas de Massarelos⁴³².

2.2.5 Fonte da Arca

A fonte da Arca, também conhecida como fonte da Natividade⁴³³, estava localizada entre a Porta de Carros e o Postigo de Santo Eloi⁴³⁴ e, segundo Manuel

⁴²⁸ Vide fig. 105.

⁴²⁹ “A fonte denominadas (sic) das Bicas, está assente na rua a que deo o nome, a qual dá comunicação d’alemeada de Massarellos para a rua de Villar. O seu manancial fica localizado na quinta do Castanheiro pertencente a João Pacheco Pereira. He abundantíssima e excellente em tudo esta agoa.” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 193.

⁴³⁰ “Nesta terra não há lagoa, nem fonte com especial celebridade, por que as agoas della todas são muito salutíferas e de gosto excellente, cujas fontes são muitas e com abundância de agoas, tanto que com hum grandíssimo obelisco de agoa, que corre pelo meio deste lugar de Norte a Sul direito [...]” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 594.

⁴³¹ “«a fronteira das bicas teria de largo doze palmos, e de comprido ao alto treze, com duas pirâmides e uma cruz em cima, e na fronteira duas bicas e na de baixo sua pia e ralo e a parede terá setenta palmos de comprido e dois de largo e todo este comprimento será calçado com seu assento e encosto.»” BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1964. p. 421.

⁴³² SILVA, Germano – *Fontes e chafarizes do Porto*. Porto: SMAS - Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2000. p. 139.

⁴³³ COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia*. Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 429.

Pereira de Novais⁴³⁵, era uma das obras mais majestosas e magníficas da cidade do Porto, afirmando que fora construída com bastante primor no método e modelo que não ficava atrás das grandes obras da Roma antiga⁴³⁶. Continua, dizendo que a primeira obra nesta fonte foi em 1608, com a construção de um “*frontispicio Brulesco*”, da autoria do arquitecto Manuel Garcez, seguindo-se uma breve descrição da obra⁴³⁷.

Manuel Pereira Novais continua, referindo que o local onde estava esta fonte era muito agradável. E como tal, era frequentado por membros das classes distintas, que ali faziam recreio, no Verão, levando a que o senado da Câmara decidisse dar àquele local um aspecto mais digno, o que levou à reestruturação da fonte, que nos é descrita pelo mesmo autor⁴³⁸.

⁴³⁴ ALVES, Joaquim J. B. Ferreira – *Aspectos da actividade arquitectónica no Porto na segunda metade do séc. XVII*. Revista da Faculdade de Letras: História. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1985. p. 254.

⁴³⁵ NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. pp. 42-45.

⁴³⁶ NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial...* p. 42.

⁴³⁷ “*Enfin, es esta obra vna de las màs perfectas desta ciudad, en matéria de fachada y frontispicio. Por los años de Nuestro Señor de 1608, se començo a adornar esta saludable com vn modo de frontispicio Brulesco por el Architecto Manuel Garcez [...] y la adereço y compuso, però sin espaciarse en compusturas de adorno, solo haser aquel frontispicio en ella com aquella fachada y gradas que vimos, en aquellos tiempos, poço despuès de su obra. En ella auia tres fuentes, que son las mesmas que oy se reparten en las quatro Carrancas [...] Esta fabrica se hiso el año de 1608, y tenía vn Rotolo en vn quadro de la fachada que desia: «EXPENSIS PVBLICIS – ANNO M.DC.VIII».*” NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial...* pp. 42-43.

⁴³⁸ “*Lo Primeiro mandò derrobar vna torre de la Muralha que alli pendia sobre la fuente y espacio de las escaleras para Coger el Agoa. Y se dispuso de suerte la fachada que lo que antes eran tres fuentes se hiseron quatro, que escupen el agua por los Rostos de quatro Seluages com sus caños de Bronse, entre los pedestales de las Columnas de que se forma el Retablo, adornado com sus Cartelas, festones y follages de grande labor y admiracion; t en el médio dellas, en forma quadrada, Vn Nicho, en que en vn tablon de marmol roxo; como el de la fuente de las Virtudes, estan escriptos vnos Versos en que se manifesta el orden de la obra; en el segundo alto com otras columnas se vèn las Armas Reales, encostadas a vn Habito de Christo y Coronadas com la Corona serrada, que dispuso en las del Reyno El Señor Rey Don Sebastian de lamentable Memoria; dispusieronse Espaldares a los assientos, com su coronacion de Pyramidas, sobre Pillastras Histriadas a los lados de las escaleras, todo com vna distribuicion magnificentíssima segun el arte, y finalmente es vna de las màs mejores excellencias que se pueden ver en ciudades Populosas como es esta Nobilíssima de o Porto, y de que màs se deue admirar y estimar en ella por lo extraordinário de la fabrica. Los Versos, que disen estan escriptos en esse marmol y se me remitieron, disen assi, en la fee com que llegaron a mi mano, si acaso es com la crtesa com que estan grauados:*

«*Divitias offert, argêntea munera fundit,
Thesaurus Populo consecrat Arca suos,
Solvitur in liquidum chystalus cândida flumen.
Qui sitit accedat: non nocet unda, bibat.
Hoc opus egregium cura obsequiosa Senatus*

Extulit, excelsus Thronus ut esset aquis.»” NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 44.

Para fazer o risco, a Câmara contratou o padre Pantaleão da Rocha Magalhães⁴³⁹, pagando-lhe 30\$000 réis⁴⁴⁰. A obra foi arrematada pelos mestres pedreiros Manuel do Couto e Gregório Fernandes. Esta arrematação foi feita em quatro fases: a primeira em Julho de 1677, por 600\$000 réis, na qual a obra teria de ser executada segundo o risco e os apontamentos, a segunda foi em Março de 1679, e relaciona-se com alguns acrescentamentos mandados fazer; as outras duas também se realizaram no mesmo ano, e destinavam-se à remoção de uma torre⁴⁴¹ e fazer as arcas para receber as águas para a fonte. A obra terá ficado concluída em Maio de 1680, aquando foi feita a vistoria por ordem do Senado⁴⁴².

Esta fonte terá sido uma das mais belas da cidade, sendo várias as referências à sua magnificência enquanto obra, como às qualidades da sua água. Sabe-se que tem nascente própria como nos é descrito na Memória do padre Baltasar Guedes⁴⁴³. Nas *Memórias Paroquiais* de 1758, o padre Simão Duarte de Oliveira⁴⁴⁴ diz que esta fonte foi construída em 1682. Esta referência poderá estar ligada ao facto de ter sido colocada

⁴³⁹ ALVES, Joaquim J. B. Ferreira – *Aspectos da actividade arquitectónica no Porto na segunda metade do séc. XVII*. Revista da Faculdade de Letras: História. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1985. p. 255.

⁴⁴⁰ Quando concluída a obra, Pantaleão da Rocha Magalhães achou a quantia limitada, apresentando à Câmara uma justificação, a 16 de Abril de 1682. A sua súplica foi aceite e, tendo em conta a traça da fonte e três anos e meio de assistência, bem como outros serviços, a Câmara pagou ao arquitecto 50000 réis. ALVES, Joaquim J. B. Ferreira – *Aspectos da actividade arquitectónica no Porto na segunda metade do séc. XVII*. Revista da Faculdade de Letras: História. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1985. p. 256.

⁴⁴¹ Vide nota 437.

⁴⁴² ALVES, Joaquim J. B. Ferreira – *Aspectos da actividade arquitectónica no Porto na segunda metade do séc. XVII*. Revista da Faculdade de Letras: História. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1985. p. 255.

⁴⁴³ “*Tem seu Nascimento tres braços pelo Campo dentro da terra: trás algumas arcas, nasce em lodo; sua qualidade e frescura, toda a Cidade o sabe. Tem junto a si outras fontezinhas, que averigoaõ he melhor agoa, mas porque são avarentas não são nomeadas: Os ollmos juntos não lhe fazem boa vizinhança, porque de tempos em tempos criaõ rapozos os canos, com que tem a agoa seu detrimento.*” A.H.M.P – A-PUB/5969 (1). fl. 3.

⁴⁴⁴ “*Hão nesta freguezia varias fontes. A primeira hé a Fonte de Arca, fundada no anno de mil seiscentos e outenta e dous pello semnado da camera. Lança copiozissima agoa por quatro biças de bronze que comprehende duas manilhas de agoa. E as Arcas estão na Quinta do Laranjal, refrescando no Veram ao povo assim a dita fonte com o arvoredado de grande e antigos álamos que da parte lhe ficam mediando entre ella e o muro, ao pé da qual se acham bellos acentos, a rua que sobe a igreja dos ditos clérigos pobres, assistindo de dia em toda a mesma fonte, em lugar mais elevado, vários tendeiros vendendo quantidade e diversidade de marsarias. E no lugar mais supremo da dita fonte que hé de maravilhoza architectura e grandeza a coroa hua imagem da Senhora da Natividade, e em seu próprio dia oito de Setembro, persedendo a esta festividade hua novena e praticas em devottos, que lhe tributam estes cultos.*” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 612.

a data por baixo da inscrição em latim, como podemos ver na descrição feita por Agostinho Rebelo da Costa⁴⁴⁵.

A fonte não chegou aos nossos dias, com excepção de alguns elementos que se encontram nos jardins do Palácio de Cristal⁴⁴⁶, e não encontramos nenhuma data da sua demolição. Sabe-se que ainda existia em 1866, sendo referida por Henrique Duarte e Sousa Reis⁴⁴⁷.

2.2.6 Fonte das Oliveiras

Originalmente, a fonte das Oliveiras⁴⁴⁸ localizava-se no lado nascente da rua das Oliveiras. Por escritura de 7 de Maio de 1718, as águas vertentes desta fonte ficaram propriedade da casa de Diogo dos Santos Mesquita, que mais tarde pertenceu ao Visconde de Balsemão⁴⁴⁹.

Posteriormente, em Dezembro de 1866, foi removida da rua das Oliveiras, devido a problemas causados pela população que ocupava a via enquanto esperavam para abastecer os cântaros, e em 1879 volta a ser reconstruída no largo Alberto Pimentel, na confluência da rua dos Mártires da Liberdade com a rua do General Silveira, sendo hoje a sua actual localização⁴⁵⁰. Segundo Henrique Duarte e Sousa Reis,

⁴⁴⁵ “A estrutura de algumas destas fontes é notável. A fonte de Arca merece o primeiro lugar, tanto pelo que pertence à sua graciosa figura como à abundância de água que lança por quatro bocais de bronze. Em uma das pedras que formam o seu majestoso frontispício lêem-se gravados os seguintes versos:

*DIVITAS OFFERT, ARGENTEA MUNERA
FUNDIT, THESAUROS POPULO CONSE-
CRAT ARCA SUOS. SOLVITUR IN LIQUIDU
CHRYSTALUS CĂDIDA FLUME. QUI SITIT
ACCEDAT: NON NOCET UNDA, BIBAT. HOC
OPUS EGREGIUM CURA OBSEQUIOSA
SENATUS. EXTULIT, EXCELSUS THRONUS
UT ESSET AQUIS.*

ANNO 1682.” COSTA, Agostinho Rebelo da – *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*. Lisboa: Frenesi, 2001. p. 52.

⁴⁴⁶ Vide figs. 106 e 107.

⁴⁴⁷ “A fonte chamada da Arca com lavadouros em boas condições, assente mui próximo do mananciais (sic) mettendo se lhe de premeo unicamente a estrada e mais algum espaço de terreno.” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 181.

⁴⁴⁸ Vide figs. 108, 109 e 110.

⁴⁴⁹ MARÇAL, Horácio – *O manancial de Paranhos e as fontes por ele abastecidas*. O Tripeiro, Série VI, Ano VII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1967. p. 298.

⁴⁵⁰ COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia*. Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. pp. 438-439.

esta fonte era uma das muitas abastecidas pelo manancial de Paranhos, e veio a substituir outra fonte, muito antiga, que se encontrava no local⁴⁵¹.

Contém um espaldar de secção rectangular com um pilar ao centro. O único elemento decorativo que apresenta é a bica central, em forma de concha que envolve um golfinho⁴⁵². Tem mais duas bicas de cada lado da central, e todas elas vertem água para o tanque, que é semicircular e desprovido de decoração.

2.2.7 Fonte do Bom Sucesso

A fonte do Bom Sucesso⁴⁵³ foi mandada construir por António de Almeida Saraiva, proprietário da quinta da Nossa Senhora do Bom Sucesso⁴⁵⁴. Esta fonte estava colocada ao lado da capela da Nossa Senhora do Bom Sucesso que ainda existe. Era o local muito frequentado pelas pessoas que viviam nesta aldeia.

Quanto à sua estética, tinha um espaldar de grandes dimensões que incorporava um nicho na parte superior, onde devia assentar uma imagem da Nossa Senhora do Bom Sucesso, que era resguardada por uma grade de ferro. Abaixo deste nicho tinha um golfinho que lançava água para uma taça em forma de concha⁴⁵⁵. Por cima do nicho ficava a lápide que continha informação sobre a sua construção⁴⁵⁶.

2.2.8 Fonte de São Lázaro

Nos finais do século XVII, Manuel Pereira de Novais menciona a existência de uma fonte abaixo do hospital de São Lázaro⁴⁵⁷, e em 1758, o padre Simão Duarte de Oliveira refere que, em 1750, foi construída uma fonte no campo de São Lázaro, a

⁴⁵¹ “A fonte da rua das Oliveiras, obra moderna em substituição de outra mui antiga, que ficou soterrada e inferior ao pavimento da dita rua quando se nivellou.” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 182.

⁴⁵² Vide fig. 111.

⁴⁵³ Vide fig. 112.

⁴⁵⁴ MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. Parte I. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. p. 306.

⁴⁵⁵ MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto*... p. 306.

⁴⁵⁶ “Esta fonte mandou a/ fazer a sua custa no/ anno de 1748 Antonio/ d’Almeida Saraiva/ Senhor desta Quinta/ cuja agua dará elle/ e seus sucessores/ quando e na quantidade/ que muito lhes parecer/ 1748 = N. Snr.^a do Bom Sucesso.” FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e – *Notícias do Velho Porto*. Porto: Campo das Letras, 2006. p. 209.

⁴⁵⁷ “Abaxo del Hopial de Sam Lazaro ay outra fuente [...]” NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. pp. 46-47.

mando do Senado da Câmara⁴⁵⁸. Como nenhuma delas chegou até nós, visto que a que se encontra actualmente no jardim de São Lázaro só ter sido lá colocada em 1838⁴⁵⁹, e tendo em conta a quantidade de obras que foram feitas no aqueduto de São Lázaro, na segunda metade do século XVIII⁴⁶⁰, pode-se supor que a fonte mencionada por Manuel Pereira de Novais tratava-se de uma nascente, e a que é referida por Simão Duarte de Oliveira seria uma obra para o aproveitamento dessas águas.

2.2.9 Fonte da Rua do Almada

Esta fonte, bem como o seu aqueduto, foram projectados originalmente para o Laranjal, mas acabaram por ser construídos na rua do Almada. O risco é da autoria de Francisco Pinheiro da Cunha, e a obra foi arrematada a 17 de Novembro de 1764 pelo mestre pedreiro Caetano Pereira, que no mesmo dia começou a construção do aqueduto⁴⁶¹.

Todo o corpo da fonte foi pensado e desenhado sobre régua e esquadro, sendo todo o seu corpo simétrico. As paredes laterais foram engrossadas na altura da construção para sustentar a abóbada que a encimava. Toda a fonte era rebocada e era ornada nos dois extremos adossados à parede⁴⁶².

No frontispício ostentava a legenda “CIVITAS VIRGINIS – MDCCLXXXVII”. Esta fonte recebia água de uma mina que se localizava na Travessa da Trindade, actual

⁴⁵⁸ “A terseira hé a do campo de São Lazaro que fez o semnado da camera no anno de mil e setecentos e cincoenta.” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 613.

⁴⁵⁹ “Bella e magnifica era, porém, a sua arborização: austrálias (acácias *melanoscydon*), magnólias *grandifloras*, tílias e camélias. Quási tudo foi ceifado pelas fúrias brutas e *dendrófobas* deste seculo de ofeguenta e grosseira civilização. Perdura – até que apareça um doido inimigo de velharias – a fonte de mármore, colocada por J.B. Ribeiro em 1838, que na pelintrice geral do jardim põe uma nota de graça. E’ obra baroca, do sec. XVII, 2ªmetade, e pertenceu à sacristia conventual de S. Domingos.” PASSOS, Carlos de – *Guia Histórica e Artística do Porto*. Porto: Casa Editora de A. Figueirinhas, 1935. p. 253.

⁴⁶⁰ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. Volume 2. Porto: Câmara Municipal, 1990. pp. 323-434.

⁴⁶¹ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. Volume I. Porto: Câmara Municipal, 1988. p. 206.

⁴⁶² “Todo o corpo da fonte se fará como mostra a planta e perfil tanto o frontespicio exterior, como o interior com suas escadas e tanque na forma da planta tudo sera de escoadria limpa branca escoada e bornida e so as almofadas serão de picão meudo. Os dous lados da caza da fonte se engrosarão mais as suas paredes do que aquilo que mostra a planta quando for neseçario para sustentar abobeda e sera de tejo sobrado ou de pedra de picão grosso para ser rebocada e nos referidos lados correrá a emposta em cada um da fronteira exterior a emterior para lhe servir de ornato.” FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás...* p. 206.

rua de Ricardo Jorge⁴⁶³. Era abastecida por uma nascente própria, localizada mais acima⁴⁶⁴.

2.2.10 Segunda Fonte da Rua do Almada

Devido ao aumento demográfico na rua do Almada, a fonte existente revelou-se insuficiente para o seu abastecimento. Então, para resolver este problema, um comerciante, Manuel António de Araújo⁴⁶⁵ ofereceu-se para a construção de uma nova fonte⁴⁶⁶, em 1787, com a condição de que lhe fosse concedida metade da água do cano, proveniente de Paranhos, que passava junto à sua propriedade, em Santo Ovídio. Assim, a fonte foi por ele construída sob inspeção do Senado, seguindo um risco que lhe foi entregue, sendo também obrigado a mandar construir o respectivo aqueduto à sua custa⁴⁶⁷. A fonte e o aqueduto foram concluídos em 1790⁴⁶⁸.

Actualmente, esta fonte encontra-se reconstruída nos jardins do Museu Militar do Porto. Apresenta um tanque simples, de forma rectangular. O seu espaldar, também simples, ostenta a seguinte inscrição: “*MDCCLXXXVII*”. É arrematada por um frontão curvo com as armas da cidade ao centro, constituídas pela imagem da Nossa Senhora da Vandoma no meio de dois castelos, como na fonte das Virtudes.

2.2.11 Fonte das Águas Férreas

A fonte das Águas Férreas⁴⁶⁹ foi construída em 1789, após a descoberta da nascente com o mesmo nome, em Agosto de 1784, numa propriedade pertencente a João Gonçalves, no sítio da Nogueira. Tem este nome devido às propriedades termais e

⁴⁶³ MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. 3 Partes. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. p. 204.

⁴⁶⁴ “*São duas as fontes, que ha na rua do Almada: huma feita á custa do Senado da Camera, e que tem a nascente propria hum pouco mais acima [...]*” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 186.

⁴⁶⁵ “*São duas as fontes, que ha na rua do Almada [...] a outra construida pelo Cidadão Manoel Antonio d’Araujo, meu parente, em troca de huma porção d’agoa dada pela Camara para a sua caza situada na rua das Oliveiras em face da fonte ali assente.*” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira...* pp. 186-187.

⁴⁶⁶ Vide figs. 113, 114 e 115.

⁴⁶⁷ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. Volume I. Porto: Câmara Municipal, 1988. p. 206.

⁴⁶⁸ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás...* p. 242.

⁴⁶⁹ Vide figs. 116 e 117.

terapêuticas da água, que foram detectadas na primeira apreciação, que dizia que a estas águas eram ferruginosas. É certo que ao longo dos anos, as águas foram tornando-se famosas até que o Juiz de Fora, a 28 de Maio de 1789, ordenou para que fossem feitas novas análises às águas, e após ouvir o resultado destas, considerou que elas eram realmente minero-medicinais. Então a Câmara Municipal comprou o terreno e mandou construir esta fonte⁴⁷⁰.

A fonte, construída em granito, originalmente estava localizada num nível inferior ao solo e só se tinha acesso por uma escadaria. Trata-se de uma construção simples, em cujo espaldar estão situadas duas bicas, em que cada uma jorrava água de diferentes qualidades: uma de água medicinal, e a outra de água potável⁴⁷¹. Por baixo de cada uma encontra-se uma pequena taça para onde cai a água. O espaldar é coroado com um pináculo. Apesar da grande afluência que tinha o local original, acabou por ser deixada ao abandono, acabando por ser recuperada e reconstruída no Parque da Cidade do Porto.

2.2.12 Fonte dos Ablativos

A fonte dos Ablativos⁴⁷², também conhecida como fonte do Ribeirinho ou fonte de Cedofeita, foi mandada construir em 1790 por José Roberto Vidal da Gama, vice-presidente da relação do Porto, chanceler e conselheiro, para aproveitamento das águas de um riacho que nascia na rua de Cedofeita que ia desaguar ao rio Douro⁴⁷³, o qual era denominado por Ribeirinho, cuja existência é mencionada, muito por alto, por Baltasar Guedes⁴⁷⁴, em 1669, e Manuel Pereira de Novais⁴⁷⁵, nos finais do séc. XVII.

⁴⁷⁰ Ao saber das propriedades da água, João Gonçalves cedeu a água para uso público, dando a exploração à Câmara a 30 de Agosto de 1784. SILVA, Germano – *Fontes e chafarizes do Porto*. Porto: SMAS - Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2000. pp. 44-45.

⁴⁷¹ “[...] a fonte das Agoas Ferreas, como unica nesta especialidade conservada em uso publico, para cujo fim não só se construiu a boa obra de pedraria que forma o espaldar da mesma fonte, e seu respectivo tanque, mas tambem se lhe seo bica de outra agoa para se reubir n’ella o recurso medicinal e o domestico. Huma alameda com assentos de pedra ministra commodos a quem uza da agoa Thremal.” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 192.

⁴⁷² Vide figs. 118 e 119.

⁴⁷³ CEZAR, Henrique – *Fonte do Ribeirinho ou Fonte dos Ablativos*. O Tripeiro, Série III, Ano II. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1927. p. 60.

⁴⁷⁴ A.H.M.P. – A-PUB/05969 (1), fl. 1v.

⁴⁷⁵ NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 48.

Esta fonte encontra-se exposta nos jardins do S.M.A.S, e tem um espaldar de decoração sóbria e bem distribuída. A água brota de uma bica para uma taça, e sobre a bica está presente uma lápide com uma inscrição em latim⁴⁷⁶, quase imperceptível, sobre a origem da fonte, e que também está na origem do nome “*fonte dos Ablativos*”⁴⁷⁷. O espaldar é decorado nas laterais por volutas que ligam ao entablamento. Este, contém o escudo das Armas da Cidade⁴⁷⁸, num frontão triangular arrematado por um pináculo.

2.2.13 Fonte da Areia

A fonte da Areia também é conhecida como fonte dos Guindais, e no século XVII era conhecida como fonte da Lada. Estava localizada junto ao muro que sobe para o Codeçal, e, segundo Baltasar Guedes, para aceder à fonte tinha-se de descer uns degraus. O mesmo indica que esta obra era já muito antiga, e a água nascia no cimo da serra e era grossa. No exterior, no cais, havia outra fonte chamada da Arca, que tinha a nascente dentro de uma casa arruinada, e cuja água era muito boa e servia para consumo

⁴⁷⁶ Vide fig. 120. Segundo Henrique Cezar, a inscrição diz o seguinte: “*REFECTIS, ALIIS A FUNDAMENTIS. EXCITATIS. PLATEIS LAPIDEIS AD FLUMINIS RIPAS. ACCERIBUS AQUAEDUCTIBUS. FONTIBUS. QUEIS OBRIS. TANTILLUM LABANS. ET INCOMMODA COMMODISSIMA. AC PULCHERRIMA. REDDITA. FUIT QUAE. AD. HOC USQUE. TEMPORIS. IMPURA. TERRA. QUE. DESPERDITA. SCATURIBAT. AQUA. HIC. NOUM. OPERE. COLLECTA SOBURBANO AC. SITIENTI POPULO. LIMPIDISSIMA. PROFLUIT. REGNANTE. MARIA. PRIMA PIA. AUGUSTA. FELICI. CURANTE JUSEPHO. ROBERTO. VIDAI A GAMA. REGIAE. MAGESTATIS. A CONSULIIS. PORTUCALANSI CANCELARIO. JUSTITIAE PRAESIDIS VICEM. GERENTE. A. D. CID ID CCLXXXX.*” E segundo o mesmo autor, a tradução é: “*Com aprasimento de muitos, e desagrado de outros, foram reunidas as aguas que corriam sujas e desaproveitadas, pelas ruas, e pelas margens do ribeiro, formando charcos immundos, e difficultando a passagem dos transeuntes. Assim, as aguas, conduzidas para esta fonte, tornaram o sitio, até então, incommodo e sujo, em bello e commodissimo; e as aguas, agora limpidissimas, desalteram os suburbanos sequiosos. Foi feita esta obra no reinado da piedosa, feliz e augusta rainha, D. Maria I, por diligencias de José Roberto Vidal da Gama, dos conselhos de sua real magestade, chanceller portuense, servindo de presidente do tribunal de Justiça; no anno de 1790.*” CEZAR, Henrique – *Fonte do Ribeirinho ou Fonte dos Ablativos*. O Tripeiro, Série III, Ano II. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1927. p. 60.

⁴⁷⁷ “*A fonte do Ribeirinho; esta fonte adquirio ainda o nome vulgarissimo dos ablativos por ter em huma lapida a inscripção latina composta toda no cazo d’ablatoivo. Assenta no fim da rua de Cedofeita, tem boa obra de pedraria e ao lado huma taça para bebedouro de animaes. He boa a agoa, que nasce em mina privativa para a mesma fonte a pequena distancia debaixo do pavimento da dita rua.*” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 191.

⁴⁷⁸ Vide fig. 121.

das embarcações⁴⁷⁹. A breve descrição de Manuel Pereira de Novais sobre a fonte da Lada vai de encontro ao que nos diz o autor anterior⁴⁸⁰.

Mais tarde, provavelmente no século XIX, foi construído um armazém no local onde se encontrava a nascente desta fonte, visto as descrições feitas tanto no *Mappa das Fontes publicas não fornecidas pelo Aqueducto de Paranhos e do Campo grande*, com algumas observações Historicas⁴⁸¹, de 1835, e de Henrique Duarte e Sousa Reis, em 1866, este ter informado que a fonte tinha um tanque que foi demolido por dificultar a passagem⁴⁸².

2.2.14 Fonte das Fontainhas

Esta fonte⁴⁸³ tem o nome do manancial que a abastece. Apesar de ter chegado aos nossos dias, e encontrar-se no local original, não se sabe ao certo a sua data de construção. O padre Baltasar Guedes afirma que foi levantada aquando a construção do Hospital de São Lázaro⁴⁸⁴.

No entanto, esta é referida por Manuel Pereira de Novais, como sendo abastecida pelo manancial do mesmo nome⁴⁸⁵, e o padre Simão Duarte de Oliveira

⁴⁷⁹ “*Está humma ao pé do muro, que sobe para o Codeçal: para ella se desce por degraos, he obra muito antiga, a agoa em si grossa; nasce mais acima ao pé da Serra, chama-se Fonte da Lada = Da parte de fora, sobre o Cais, está outra fonte, que chamaõ da Arca: nasce humma bica piquena d’agoa, cuja mai está ao entrar do Postigo, dentro em huma caza derrubada, das duas que ficaõ entre o Postigo e o beco que sobe por ali acima; he a agoa muito boa, porque nasce de huma rocha: he de boa serventia para o consumo dos Barcos, estava de antes no segundo Postigo do Poleirinho, mas por estar mais limpa, a mandou este Senado mudar para onde está. Abriu-se a Mãe em sete de Novembro deste anno de 1669, e se achou nella hum annel de agoa.*” A.H.M.P. – A-PUB/05969 (1), fl. 7.

⁴⁸⁰ “[...] y outra en la Lada, que està muy Cauernosa y baxa y es frigidíssima y nõ muy leue.” NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 46.

⁴⁸¹ “*A sua agoa nasce em um armazem proximo, e as vertentes decorrem naturalmente para o Rio.*” A.H.M.P. – A-PUB/06314, fl. 110.

⁴⁸² “*A fonte d’Arêa ou dos Guindaes, he provida pela agoa nascida dentro d’hum armazem que demora na rua da Lada. Muito antiga deve ser esta fonte construida junto do Postigo da muralha da Cidade; esta fonte tinha o seu competente tanque, o qual foi ultimamente demolido por estorvar a passagem. Esta agoa he muito má, e por isso nenhum interesse se toma pela sua conservação.*” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 187.

⁴⁸³ Vide figs. 122 e 123.

⁴⁸⁴ “*Tomou o nome das que na sua Arca se ajuntaõ, he feita dez o tempo que se fundou o Hospital de Saõ Lazaro [...]*” A.H.M.P. – A-PUB/05969 (1), fl. 5.

⁴⁸⁵ NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 47.

refere-a como estando localizada numa boa zona de recreio, bem como a boa qualidade dos seus lavadouros⁴⁸⁶.

Esta fonte tem uma estrutura simples, cujo espaldar tem a sobreposição de uma forma ligeiramente triangular sobre uma rectangular. É ladeado por dois pináculos e é rematado ao centro por um friso que é encimado por uma urna. Tem duas bicas que vertem a água para um tanque rectangular, com as pontas curvas.

2.2.15 Fonte da Cordoaria

A fonte da Cordoaria ficava junto a um campo que pertencia a Miguel Madureira. Em 1664, o Senado da Câmara queria transportar as vertentes da água para uma fonte que seria construída na estrada para Matosinhos, mas em 1669, ainda não tinha sido levantada⁴⁸⁷. Esta fonte volta a ser referida por Manuel Pereira de Novais, não acrescentando qualquer informação⁴⁸⁸. Mais tarde, passou a ser denominada de fonte do Carregal, e tratava-se de uma cisterna, que se encontrava numa cota inferior⁴⁸⁹, e as suas vertentes dirigiam-se para uns lavadouros contíguos⁴⁹⁰, demonstrando que muito provavelmente não foram realizadas as obras de que nos fala Baltasar Guedes.

2.2.16 Fonte da Porta de Carros

A fonte da Porta de Carros aparece referenciada por Baltasar Guedes, na *Memoria das Fontes que tem a Cidade do Porto*, de 1669, como fonte da Teresa. Sobre

⁴⁸⁶ “A segunda hé a Fonte das Fontainhas, lugar retirado das abitaçoens e recreio do povo da cidade, onde vai tomar o sol no Inverno e de Verão beber da excelente agoa e recrear-se com a que vê correr do rio Douro, servindo também de lavage de varias roupas para a cidade, havendo nella a pervenção de bons tanques para este ministério.” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. pp. 612-613.

⁴⁸⁷ “Fica esta fonte junto a hum Campo do morgado Miguel de Madureira, pessoa bem conhecida = Nasce esta agoa de huma fraga, he muito leve e sadia, terá hum annel d’agoa = Quis este Senado na era de 1664 trazella abaixo para o Caminho que vai para Mathozinhos, e por respeito das vertentes, que vão para o campo, se não poz em execução a obra de tanta piedade para os passageiros daquella estrada. Queira Nosso Senhor que em algum tempo se ponha em execução.” A.H.M.P. – A-PUB/05969 (1), fl. 6.

⁴⁸⁸ NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 48.

⁴⁸⁹ “A fonte do Carregal, nome que lhe ficou da denominação dada á prezente rua do Paço; a sua nascente fica muito perto mas em situação baixa, e por isso se resente da mesma forma a fonte ficando bastante inferior ao pavimento da dita rua.” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 187.

⁴⁹⁰ “He uma cisterna aonde nasce e se faz uso da agoa, e se chamou em outro tempo Fonte da Cordoaria, as suas vertentes são consumidas no Lavadouro junto della.” A.H.M.P. – A-PUB/06314, fl. 109.

ela, diz-nos que este nome provém de uma horteloa chamada Teresa, que morava junto à dita fonte, que ficava junto à calçada da Porta de Carros. A Câmara comprou esta fonte, após a morte da horticultora, e colocou um marco no monte, no local da nascente. A fonte servia as estalagens que havia ali perto, bem como servia de bebedouro para os animais⁴⁹¹.

Nas Memórias Paroquiais de 1758, o padre Simão Duarte de Oliveira apenas se refere às qualidades da água dizendo que eram salobras⁴⁹². No entanto, a última referência que encontramos relativamente a esta fonte foi no documento *Mappa das Fontes publicas não fornecidas pelo Aqueducto de Paranhos e do Campo grande, com algumas observações Historicas*, de 1835⁴⁹³, que pouco mais acrescenta em relação ao que é dito por Baltasar Guedes.

2.2.17 Fonte das Aguadas

A fonte das Aguadas, também conhecida como fonte das Lágrimas, aparece referida por Manuel Pereira de Novais, em finais do séc. XVII, junto ao rio Douro⁴⁹⁴. Nas Memórias Paroquiais de 1758, o padre Simão Duarte de Oliveira refere-se a esta fonte como tendo uma água muito boa, e servia para abastecer as embarcações que iriam viajar para o estrangeiro⁴⁹⁵, e daí o nome Aguadas⁴⁹⁶.

⁴⁹¹ “A fonte da Thereza tem o nome de huma Ortelóa que chamaõ a Thereza; morava esta em humma cortinha, que antigamente ficava junto á fonte antes da quella Quinta estar cercada, e com esta fonte regava a sua hortalice = Por morte desta Ortelóa comprou a Cidade a fonte, fica ella junto á Calçada que da Porta de Carros vai para a Senhora da Batalha, tem a mais quinze braças, entre a Calçada e a Quinta, the chegar donde lança = Fica a Mai para o Monte, como mostra o Marco, que este nós lhe puzemos = Nasce em Saibro, e he hum tanto salobra: lança de Veraõ e Inverno hum annel d’agoa. Fôra serviço de Nosso Senhor, e grandeza da Cidade, á Torre da Porta de Carros, para serventia das Estalagens e dos Cavallos, e Mullas, quando vem beber.” A.H.M.P. – A-PUB/05969 (1), fl. 4v.

⁴⁹² “A duodessima o chafariz à Porta de Carros, agoas salobras.” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 613.

⁴⁹³ “Consta que antes de existir a Calçada da Thereza, era este sitio uma Quinta – morava junto da Fonte uma orteloa chamada Tareja a qual regava a sua ortaliça com a agoa della, e é donde vem o nome á calçada – Falleceu ella, o diz-se a comprara a Cidade; a sua nascente é na mesma Calçada, e nella é a agoa mais saborosa e abundante que na Fonte em consequencia da ruina do aqueducto. As vertentes della foraõ concedidas aos P.es Loios para rega de sua (cerca) – oje porém já não tem esse destino, mas o dirigem ao rio da Villa, ignora-se o motivo por que aquelles P.es deixaraõ de usar.” A.H.M.P. – A-PUB/06314, fl. 111.

⁴⁹⁴ “Y por el Rio arriba [...] y luego la de las Lagrimas [...]” NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 46.

⁴⁹⁵ “Só na dessima quinta que hé das Lagrimas que fica junto ao rio Douro que por serem incorrutas nella se fazem as agoas para as embarcaçoens que vão para os Brazis e mais partes estrangeiras.” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 613.

Em 1745, o mestre pedreiro Silvestre Moreira arrematou uma obra na fonte das Lágrimas, por 390\$00 réis⁴⁹⁷, e em 1784, esta fonte estava num estado tão degradado que foi mandada reparar⁴⁹⁸. A obra foi arrematada pelo mestre pedreiro José Ferreira, que recebeu o pagamento em duas partes: o primeiro foi em 3 de Janeiro de 1785, tendo recebido 21\$080 réis; e o segundo foi em 4 de Março do mesmo ano, não se sabendo a quantia⁴⁹⁹.

2.2.18 Fonte do Laranjal

Segundo Baltasar Guedes, a fonte do Laranjal tem este nome devido à grande quantidade de laranjeiras que havia naquele local, que tinha o nome de Sitio do Laranjal, hoje conhecido como Praça da Trindade. A fonte estava localizada no campo, perto do muro da Quinta do Laranjal, e tinha uma arca com vinte palmos de comprimento, cinco de largura e vinte e dois de altura. Era toda emparedada, e tinha uma porta e uns degraus que davam acesso à arca. No exterior havia uma pia que vertia água da dita água para uso do público⁵⁰⁰.

O mesmo autor continua dizendo que esta fonte fornecia água a algumas pias públicas, e depois juntava-se às águas do manancial de Paranhos no local da Ponte Nova, e esta mistura abastecia o chafariz de São Domingos⁵⁰¹.

⁴⁹⁶ “A fonte da Agoada, tem huma profuza nascente em rocha, e por isso provê huma bica publica e seus lavadouros, e ainda se presta correndo limpida e pura para o rio Douro, cahindo de grande altura, a abastecer agoa para as embarcações destinadas a longas viagens. He desta sua applicação que lhe vem o nome d’Agoada, pois a este provimento dos navios se chama agoada. Está assente na margem direita do rio junto à estrada em sitio muito a cima da Ponte Pensil, no caminho ou estrada que segue para o Esteiro de Campanham.” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 186.

⁴⁹⁷ BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1964. p. 507.

⁴⁹⁸ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. Volume I. Porto: Câmara Municipal, 1988. p. 228.

⁴⁹⁹ BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1964. p. 285.

⁵⁰⁰ “Chama-se do Laranjal pelas muitas laranjeiras que neste campo havia antigamente: está hoje feito somada Quinta que chamaõ do Laranjal, tiro de Mosquete do muro; está dentro do dito Campo huma formosa arca, tem de comprido vinte palmos, de largura cinco, de alto vinte e dous, toda muito bem emparedada com suas padieiras por cima, com sua porta e degraus: está somado tudo com padieiras, por que o Campo se lava. [...] Fóra da Arca fica huma pia que tem hum marco em cima donde se ve a agoa, que sahe da arca [...]” A.H.M.P. – A-PUB/05969 (1), fl. 3.

⁵⁰¹ “[...] vem assim subterranea quinze palmos, sahindo fora da Quinta se descobre abrir o da terceira pia da agoa de São Francisco, torna a cobrir-se no campo, e logo aparece ao Rio dos Lavadouros; vai mettida por entre as paredes, altura de dez palmos, donde tem nove pias, que este mez se abrião para se arranjar o cano. Chegada á ultima pia aonde chamaõ a Eira, fora d’Entre as paredes, vem á Rua, á

A fonte do Laranjal é uma das que Manuel Pereira de Novais dá menos importância, apenas mencionando a sua existência⁵⁰². E o padre Simão Duarte de Oliveira apenas refere que as águas eram de boa qualidade⁵⁰³. No entanto, sabe-se que devido à sua localização, esta fonte era apelidada com uma designação jocosa, e no início do XIX, havia sido demolida⁵⁰⁴.

2.2.19 Fonte do Touro

Não se sabe quando terá sido construída a fonte do Touro, visto que já existia em 1629, aquando o mestre pedreiro Sebastião Fernandes arrematou, em 23 de Junho do dito ano, e por 40\$000 réis, a construção de um cano que não pudesse ser atingido pelas marés nem as cheias. A arrematação também envolvia a reformulação do pátio em volta da fonte, a construção de uma escada de seis palmos de largura para a entrada da dita fonte, com os degraus que fossem necessários⁵⁰⁵. Manuel Pereira de Novais menciona uma fonte da Porta de Miragaia, que continha um grande tanque⁵⁰⁶, podendo esta ser a fonte do Touro, visto não lhe fazer qualquer menção.

Em 24 de Fevereiro de 1715, dois mestres pedreiros chamados João Fernandes, um morador no Poço das Patas e o outro em São Lázaro, arremataram uma obra do

outra pia que fica defronte da Estralagem, primeira da parte do muro. Desta pia vai esguilhadamente entrando para huma Estalagem para a parede do Norte; d'ali se esconde pelas cazas dentro, e vai passando pelo Adro de Santo Antonio, e aparece na pia junto ás portas daquellas hortas, e passa per huma padieira para a porta de Carros; de ali se embaraça com o Cano d'agoa dos Padres de Saõ Domingos, chega mais abaixo donde entaõ as padieiras, que dos Padres Loios saiem para o Rio da Villa, e dali caminha pela Rua dos Canos abaixo, chega á boca da Ponte Nova, dali se ajunta com a que vem de Paranhos, para que ambas ajudem ao Chafariz que chamaõ de Saõ Domingos. De ali torna a dividir-se hum Cano proferir pelas Congostas abaixo, donde se acaba de espremer esta Laranja” A.H.M.P. – A-PUB/05969 (1), fl. 3v.

⁵⁰² NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 47.

⁵⁰³ “A dessima terceira sita na Rua do Laranjal de copiozas agoas.”. CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 613.

⁵⁰⁴ MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. Parte I. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. p. 302.

⁵⁰⁵ BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1964. p. 276.

⁵⁰⁶ “[...] y se digue la fuente de la Puerta de Miragaya en el fin de la Calle de los Armenios, en donde ay Vn grande estanque que sirve de remojar los arcos los toneleiros.” NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. p. 46.

aqueduto da fonte do Touro, por 30\$000 réis⁵⁰⁷. Segundo o abade João Alvares do Valle, em 1758, esta fonte era subterrânea, e encontrava-se num largo perto da praia⁵⁰⁸.

Apesar de ter sido alvo de várias intervenções na segunda metade do séc. XVIII⁵⁰⁹, esta fonte não chegou até nós. Muito provavelmente terá sido demolida em inícios do séc. XIX, visto não ser mencionada no *Mappa das Fontes publicas não fornecidas pelo Aqueducto de Paranhos e do Campo grande, com algumas observações Historicas*, em 1835, nem por Henrique Duarte e Sousa Reis, em 1866, nem por Tito Bourbone de Noronha, em 1885.

2.2.20 Fonte da Igreja de Campanhã

A fonte da Igreja de Campanhã é mencionada pelo reitor João Camelo de Miranda, nas *Memórias Paroquias* de 1758, juntamente com as fontes da Granja, do Gorgulhão e de Contumil, como sendo das melhores águas entre Douro e Minho, e que já naquela altura não se encontravam bem conservadas⁵¹⁰.

Para além desta informação, pouco ou nada se sabe sobre o destino destas fontes, a não ser o da fonte da Igreja de Campanhã, que em 1943, encontrava-se coberta de silvas e rodeada por uma montureira, tendo sido nessa década que se procedeu a

⁵⁰⁷ «Por este por nos ambos m.do fazer, dizemos nos João Frz morador no Poço das Patas, M.tre Pedreiro, e joão Fernandes morador ao Campo de S. Lázaro, que nos estamos ajustados com o S.r Procurador da Cid.e Mig.el Gomes Varela na obra do Aqueducto da Fonte do Touro de a empadieirar do cais de Miragaya athe o oliuel do rio estando na baixamar em forma q. caiba hu homem p.^a a limpar o dito Aqueduto, e no principio do cais comessara o oliuel do boqueirão do d.^o cano, como tambem em fazer, e empadieirar o rio frio dez o principio do d.^o cais athe as cazas de Paulo vaz, e no fim da d.^a obra por hua padieira ao alto por modo de parapeito, [...] as padieiras hão de entregar no paredão hu plamo de cada parte p.^a melhor segurança; e no Aqueducto da fonte de touro dêo o acabamento do paredão q. se acha principiado se há tomar p.^a baixo a p.te de Monchique athe o liuel do d.^o rio; e toda esta obra nos obrigamos a fazer em preço e q.tia de trinta mil rs [...] e por não sabermos ler nem escreuer» etc. «Porto 24 de Feuer.ro de 1715. a.s» BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1964. pp. 272-273.

⁵⁰⁸ «Tem mais a Fonte do Touro, entre hum largo, que fazem os cobertos da praia, que por estar subterrânea se não pode saber distância de hua minna, porque sai e só se vêem dous grandes arcos no principio da minna.» CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 598.

⁵⁰⁹ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. Volume 2. Porto: Câmara Municipal, 1990. pp. 323-434.

⁵¹⁰ «São as agoas desta freguesia muitas e muito saluferas. E se tem averiguado que a da fonte da Igreja, a da fonte da Granja e a da fonte do Gorgulhão e em Contomil, são das melhores que há Entre Douro e Minho, se bem que não estão com a estimação que merecem» CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 584.

recuperação da fonte, bem como a zona envolvente⁵¹¹. A fonte encontra-se abaixo do nível do solo, tendo-se acesso por uma escadaria. Trata-se de uma obra simples, cuja bica está colocada na parede da igreja e verte a água para um pequeno tanque.

2.2.21 Fonte das Musas

Da fonte das Musas pouco se sabe. Segundo o padre Duarte Simão de Oliveira, esta era “*tosca de boa agoas, mas não muitas, no sitio de Santa Catharina.*”⁵¹² Também é referenciada por Agostinho Rebelo da Costa como tendo boa água e localizar-se a levante do chafariz de Vila Parda⁵¹³.

2.2.22 Fonte de Bonjóia

Apesar do nome estar ligado à sua localização⁵¹⁴, a fonte de Bonjóia⁵¹⁵ tem uma lenda ligada à sua origem. Consta-se que em 1742, houve uma enorme seca na cidade do Porto e a freguesia de Campanhã foi das que mais sofreu⁵¹⁶. Segundo o reitor João Camelo de Miranda, o povo organizou uma procissão em honra da Nossa Senhora de Campanhã para acabar com esse flagelo e, no regresso, ao passar pelo lugar de Bonjóia, a estátua de Nossa Senhora caiu do andor e ao embater no chão fez brotar água. A partir daí, acredita-se que esta água tenha propriedades milagrosas⁵¹⁷.

⁵¹¹ SILVA, Germano – *Fontes e chafarizes do Porto*. Porto: SMAS - Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2000. p. 168.

⁵¹² CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 613.

⁵¹³ COSTA, Agostinho Rebelo da – *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*. Lisboa: Frenesi, 2001. p. 54.

⁵¹⁴ REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 197.

⁵¹⁵ Vide fig. 124.

⁵¹⁶ SILVA, Germano – *Fontes e chafarizes do Porto*. Porto: SMAS - Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2000. p. 162

⁵¹⁷ “*Hé nesta freguesia a fonte de Bomjóia, na estrada que vem do Porto para ella e para a freguesia de Fanzeres, de cujas agoas se tem experimentado effeitos maravilhosos, porque dizem os naturaes antigos, que aquella fonte brotava de repente de entre as pedras do que se sahe. Succedendo cahir do andor naquelle sitio a imagem de Nossa Senhora de Campanhã, recolhendo-se da cidade do Porto, aonde tinha hido [como outras vezes] a pedir chuva e que hessa hé a rezão de ter a Senhora hum braço encastoado, que então lhe quebrara, para ter hoje as mãos rotas para nos despender os seus benefecios por meio da agoa daquella fonte.*” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 584.

Esta fonte tem um espaldar rectangular simples, e em cima, antes do remate, emprega uma cruz que demarca o significado religioso ligado à sua origem. Usa uma pia, ao nível do chão, para onde jorra a água de uma bica logo acima desta.

2.2.23 Fonte de Fradelos

A fonte de Fradelos não chegou aos nossos dias e quase nada se sabe sobre ela. Aparece referenciada pelo padre Simão Duarte de Oliveira, nas *Memórias Paroquiais* de 1758, como uma fonte com lavadouros contíguos⁵¹⁸, e Agostinho Rebelo da Costa refere-a como tendo da melhor água da cidade, a par da das Fontainhas⁵¹⁹.

No entanto, Henrique Duarte e Sousa Reis localiza-a na Travessa da rua de Santa Catarina em direcção à rua do Bonjardim⁵²⁰, sendo a mesma localização que o padre Baltasar Guedes nos dá da existência de uma fonte que denomina de “*Arca que fica na Estrada, indo para o Bomjardim*”, apresentando as mesmas características que Sousa Reis⁵²¹.

2.2.24 Fonte de Santa Catarina

Não se sabe quando foi construída esta fonte. A 18 de Agosto de 1789, o Dr. Dâmaso António Ribeiro Pereira concedeu as águas de uma mina sua, para abastecer

⁵¹⁸ CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto...* p. 613.

⁵¹⁹ “[...] a das Fontainhas e a de Fradelos: estas duas últimas são, entre as boas águas, as melhores.” COSTA, Agostinho Rebelo da – *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*. Lisboa: Frenesi, 2001. p. 54.

⁵²⁰ “A fonte de Fradelos/ local que he situado na Travesa da rua de Santa Catharina para a rua do Bomjardim/ assenta inferiormente ao pavimento da calçada, que se desce da dita rua de Santa Catharina para entrar no Largo de Fradelos. Resente se do mesmo defeito de ficar = nuito fundam e como conjuncto tem lavadouros públicos: não deve ser muito pura a agoa que brota a referida fonte.” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 189.

⁵²¹ “Fica para a porta do Sol, frente a cancella, huma formozza pedra levantada, com hum rotolo que diz, Cano d’agoa (sem explicação em que tempo) melhor dissera de dinheiro, que tanto devia custar, pois por debaixo do Chaõ está huma estrada encuberta, custou muito empareda-la, empadieirada por cima, vem topar em huma arca ou tanque muito bem feito; tudo isto se abriu neste mez, presente o Juiz do Povo Manoel Camelo: com lugar de achamos agoa, achamos lodo e área: O custo que se fez antigamente bem valle 500r., o que ali está enterrado, que devia ser fazer a fonte, no Inverno, em tempo taõ escuzado = Chega esta fonte com três bicas, a ficar defronte da Porta de Carros: este tanque se desfez, quando se principiou a Ermida de Santo Antonio, que he da protecção deste Nobilissimo Senado: no Inverno rebenta esta fonte na parte donde d’antes tinha o tanque.” A.H.M.P. – A-PUB/05969 (1), fls. 3v.-4.

esta fonte⁵²², mas entretanto a mina secou, e esteve bastantes anos sem deitar uma única gota, mas só em 1852 foi demolida⁵²³, mas foi reconstruída em 1863, noutra local da mesma rua para receber água do manancial da Aguardente⁵²⁴. Também é importante referir que esta fonte, bem como o seu aqueduto foram alvo de várias obras nos finais do séc. XVIII, muito provavelmente, quando foi cedida a água da mina acima referida⁵²⁵. Apesar da sua reconstrução acima referida, não chegou até nós.

2.2.25 Fonte de Santo António do Bolhão

Da fonte de Santo António do Bolhão pouco se sabe. É mencionada por Simão Duarte de Oliveira, em 1758, como uma fonte com alguns lavadouros⁵²⁶, e foi alvo de várias obras no encanamento durante a segunda metade do séc. XVIII⁵²⁷. Sabe-se que a sua nascente ficava numa quinta próxima⁵²⁸.

2.2.26. Fonte do Senhor do Carvalhido

Esta é mais uma fonte de que pouco se conhece sobre a sua origem. Sabe-se que foi alvo de várias intervenções na segunda metade do século XVIII⁵²⁹, e Henrique Duarte e Sousa Reis refere-a, dizendo que a nascente fica nas costas da fonte, tendo um

⁵²² MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. Parte I. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. p. 310.

⁵²³ “A terceira fonte conserva o nome de fonte secca, por ser de novo construída aonde permaneceu a que assim se chamava depois de lhe ter desaparecido a agoa, ficando durante muitos annos ate o de 1852 o seu respectivo espaldar e o tanque, que só então foi tudo demolido. Está assente na parte da rua de S.ta Catharina que se chamou rua Bella da Princeza: como disse saõ estas, as que de minas todas diversas abastecem d’agoa os moradores d’aquelles sitios.” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. p. 188.

⁵²⁴ SILVA, Germano – *Fontes e chafarizes do Porto*. Porto: SMAS - Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2000. p. 59.

⁵²⁵ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. Volume 2. Porto: Câmara Municipal, 1990. pp. 323-434.

⁵²⁶ “A sexta hé do Bulhão com seus tanques também para lavar roupas.” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 613.

⁵²⁷ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. Volume 2. Porto: Câmara Municipal, 1990. pp. 323-434.

⁵²⁸ “A agoa que lança é nascida na Quinta proxima, cas vertentes por se não poder usar dellas vaõ dirigir-se ao Lameiro da Villa da Neta.” A.H.M.P. – A-PUB/06314, fl. 109.

⁵²⁹ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. Volume 2. Porto: Câmara Municipal, 1990. pp. 323-434.

lavadouro ao seu lado, mas numa cota mais baixa, explicando que o posicionamento deste deveu-se ao facto de ter ocorrido ali um acidente⁵³⁰.

3. Outras Fontes

Aqui iremos mencionar algumas fontes, cuja informação é quase nula. Nas Memórias Paroquiais de 1758, o padre Simão Duarte de Oliveira menciona a existência de uma fonte da Barca e uma fonte da Neta, referindo-as como marcos das fronteiras da freguesia de Santo Ildefonso⁵³¹. No entanto, não conseguimos encontrar a existência de nenhuma fonte da Barca, pelo que colocamos a questão de ter sido alguma falha na transcrição do documento original, por parte de José Viriato Capela, querendo o padre referir-se à fonte da Arca.

Quanto à fonte da Neta, apenas sabemos que dispunha de pouca água, encontrando-se a nascente no local da fonte⁵³², e que foi alvo de várias obras ao longo da segunda metade do século XVIII⁵³³. O mesmo padre ainda refere a existência de uma fonte chamada dos Cordoeiros, a qual apenas sabemos que era utilizada para fins medicinais⁵³⁴. Também expõe a fonte dos Meninos Órfãos⁵³⁵, que desapareceu no início do século XX⁵³⁶.

Outra fonte que não temos qualquer informação, a não ser uma obra realizada pelo mestre pedreiro Bartolomeu de Carvalho, em 1800, é a fonte do Boi, no Barredo.

⁵³⁰ “A fonte do Carvalhido: nasce a abundante veia d’agoa, que alimenta a sua perenne bica, nas costas da mesma font, estando lhe conjuncta mas inferiormente hum tanque de lavadouro publico. A sua posição veio a ser cauza de muitas vidas se perderem há mais de trinta annos, por quanto desabou hum rochedo e esmagou bastantes pessoas, que ali estavaõ utilisando se da abundância da mencionada nascente.” REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Volume I. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984. pp. 187-188.

⁵³¹ “E as ruas Direita de Santo Ildefonso e outra que com esta sai no poço das Patas [...] E outras que no meio da dita Rua Direita se divide e vai ter ao mesmo Poço das Patas [...] Rua da Calçada da Fonte [Barca] [...] Rua da Fonte da Neta [...] E do Poente com a freguezia da São Pedro de Miragaia e Fonte das Virtudes.” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. pp. 604-605.

⁵³² “He mui pequena a quantidade que tem ‘agoa a qual nasce no mesmo sitio da Fonte – o uso que della se faz é mui pouco e a sua colocação pouco vantajoza.” A.H.M.P. – A-PUB/06314, fls. 110v.-111.

⁵³³ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadas: arquitectura, obras públicas*. Volume 2. Porto: Câmara Municipal, 1990. pp. 323-434.

⁵³⁴ “A undessima a dos cordoeiros que se aplica aos que padessem enfermidade de hospí.” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. p. 613.

⁵³⁵ “A dessima a dos Meninos Orphãos no terreiro chamado da Graça.” CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto...* p. 613.

⁵³⁶ MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. Parte I. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. p. 304.

Como não encontramos qualquer referência, colocamos a hipótese de se tratar da fonte do Touro, mas por motivos geográficos, era impossível, visto esta fonte localizar-se na freguesia de Miragaia, e o Barredo pertencer à freguesia de São Nicolau. E, dado que nesta última freguesia existia a fonte Aurina, também conhecida como fonte Taurina, acreditamos que talvez se trate desta última.

Por fim, encontramos referência a obras numa fonte do Bonjardim na segunda metade do século XVIII⁵³⁷, mas visto nenhum dos autores posteriores, como Henrique Duarte e Sousa Reis e o autor do *Mappa das Fontes publicas não fornecidas pelo Aqueducto de Paranhos e do Campo grande, com algumas observações Historicas*, mencionarem a existência desta fonte, colocamos a hipótese de se tratar da fonte de Fradelos, que ficava ali, junto à rua do Bonjardim.

⁵³⁷ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. Volume 1. Porto: Câmara Municipal, 1990. p. 244.

CONCLUSÃO

Apesar de séculos de especulação por parte de cientistas e filósofos, a compreensão do ciclo da água foi descoberta por Bernard Pallisy, nos finais do século XVI e apresentado na sua obra *Discours admirables, de la nature dès eaux et fontaines, tant naturelles ou 'artificielles, dès metaux, dès fels & salines, dès pierres, dès terres, du feu & dès emaux*, em 1580. Mas só foi aceite em 1723, aquando Giovanni Poleni fez uma apresentação à Royal Society of London explicando o processo cíclico da água, tendo o trabalho de Palissy como base.

No entanto, a engenharia hidráulica já vinha sendo estudada, mas foi a partir dos séculos XVII e XVIII que o seu desenvolvimento despontou, passando a ser reconhecida como uma ciência pura, tendo como base os estudos feitos em Itália, ao longo do Renascimento, por cientistas como Leonardo da Vinci, Giovan Battista Benedetti e Bernardo Baldi.

Destes, os estudos de Leonardo foram os que mais influência tiveram, visto serem altamente desenvolvidos para a sua época, e só mais tarde, com o avanço da tecnologia, os cientistas começaram a reconhecer efeitos determinantes. Como exemplo disso, temos Blaise Pascal e Daniel Bernoulli. Ambos fizeram as suas descobertas, tendo como ponto de partida os estudos realizados por Leonardo.

Mas é ao longo do século XVIII que vão surgir dois tratados que compilam todas as descobertas, realizadas até à data, da engenharia hidráulica, aliando-a à arquitectura, mas mais vocacionado para as questões da física. Esses estudos são de Bernard Forest de Belidor e de Gaspard-François-Claire-Marie le Riche de Prony e vão representar um papel muito importante no desenvolvimento da hidráulica e do abastecimento urbano na Europa nos finais do século XVIII e durante todo o século XIX.

Porém, a arquitectura hidráulica de abastecimento público já vinha sendo referida em alguns tratados de arquitectura ao longo dos tempos, tendo Vitruvius como ponto de partida. Da amostra de tratados que analisámos, de distintos períodos da História, vimos no arquitecto romano a essência das técnicas de construção hidráulicas realizadas em Portugal até meados do século XIX, visto que os vários tratadistas em questão ou não davam importância a este tema ou se a davam tinham como base o

tratado de Vitruvius, como podemos ver nas obras de Leon Battista Alberti e Vincenzo Scamozzi.

Como pudemos ver, estes vão-se manter em vigor no nosso país até ao surgimento das obras de Bernard Forest de Belidor e de Gaspard-François-Claire-Marie le Riche de Prony. No caso do Porto só os vamos ver aplicados com a máxima força a partir de finais do século XIX, aquando a Câmara assinou o contrato em 22 de Março de 1882, com a companhia francesa *Compagnie Générale des Eaux pour l'Étranger*, que era experiente nesta área em muitas cidades europeias, para trazer a água do rio Sousa para a cidade⁵³⁸. Mas já tinham sido apresentados outros projectos, como o de Eugène Henri Gavand, em 1864, que foi recusado, onde é feito um estudo de raiz para trazer a água do mesmo rio a baixos custos, utilizando tecnologia de ponta para aquela altura, tendo como base o tratado de Belidor⁵³⁹.

Até esta altura, a cidade do Porto sofreu com a escassez de água, pois a população foi aumentando devido à industrialização e os vários mananciais de distribuição de água não chegavam para a abastecer. O principal era o manancial de Paranhos, que foi considerado por muitos cronistas, ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, uma grande obra de arquitectura e uma das mais importantes da cidade, devido à quantidade e qualidade das suas águas. Mas este não foi o primeiro nem o último a existir. Até aos inícios do século XIX, os principais mananciais eram o já referido manancial de Paranhos, o do Campo Grande, o das Fontainhas, o das Virtudes e o de Malmajudas, para além do aproveitamento das águas do rio da Vila e do rio Frio e ainda as águas das várias fontes com nascente própria.

A falta de água era constante na cidade do Porto, pois como explicita Eugène Henri Gavand, as suas fontes e chafarizes tinham funções mais utilitárias do que de embelezamento dos espaços⁵⁴⁰ e não era possível pensar em desperdiçar água⁵⁴¹. Quanto

⁵³⁸ AMORIM, Alexandra Agra; PINTO, João Neves – *Porto d'agoa: o abastecimento de água na cidade do Porto através dos tempos*. Porto: Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2001. p. 73.

⁵³⁹ GAVAND, Eugène Henri – *Estudo sobre o abastecimento d'agua da cidade do Porto*. Porto: Typographia Commercial, 1864.

⁵⁴⁰ No Porto, a utilização da água para embelezamento dos espaços irá aparecer com maior relevância nos jardins das quintas barrocas, como é o caso da Quinta do Freixo, onde fontes, chafarizes, tanques e lagos apresentam-se como elementos cenográficos numa paisagem em que se aliavam os sons da água e da folhagem do arvoredo com aromas das plantas e a arquitectura da casa nobre. ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *Os Jardins do Palácio do Freixo. Documentos Inéditos*. Revista de Ciências Históricas, vol. IV. Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique, 1989. pp. 297-298.; ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - *A arquitectura no século XVIII: o Palácio do Freixo e seus Jardins. La arquitectura en el siglo XVIII: el Palacio de Freixo y sus jardines*. Braga: Iduna, 2002. p. 26.

à falta de água, Tito Bourbone de Noronha dizia que “[...] já que copiámos os estrangeiros em tanta coisa má, é justo que procuremos imital-os em alguma coisa util.”⁵⁴²

Contudo é certo que houve algumas excepções nos séculos XVII e XVIII, como é o caso da fonte das Virtudes e a fonte da Arca, ambas fora dos muros da cidade e descritas por alguns cronistas como sendo verdadeiras obras de arte. Hoje em dia, algumas das que subsistem adquiriram o mesmo estatuto das outras duas, como é o caso da fonte dos Pelicanos e o chafariz de São Miguel-o-Anjo. Outras, apesar de não serem tão eruditas, ostentam um estatuto que marca a identidade da cidade, muitas delas tendo sido recuperadas para embelezarem jardins, e outras foram reconstruídas nos locais originais ou transladadas para outros sítios.

Das várias obras que apuramos neste estudo, dos dez chafarizes existentes, quatro chegaram aos nossos dias, sendo eles: o chafariz da Porta do Olival, o de São Domingos, o de São Miguel-o-Anjo e o de Vila Parda.

Quanto às fontes, das vinte e seis, apenas treze subsistiram, sendo: a fonte dos Pelicanos, a das Taipas, a da Praça da Ribeira, a das Virtudes, a da Colher, a da Bica de Massarelos, a das Oliveiras, a segunda fonte da Rua do Almada, a das Águas Férreas, a dos Ablativos, a das Fontainhas, a da Igreja de Campanhã e a de Bonjóia.

⁵⁴¹ “Em uma povoação de 100,000 habitantes como o Porto não existe uma só fonte monumental destinada exclusivamente ao embelezamento da cidade. Ha, é verdade, um pequeno tanque com repuxo no jardim publico, mas tão pequeno e tão mesquinho que só serve para testemunhar o quanto é pobre em agua a cidade do Porto.” GAVAND, Eugène Henri – *Estudo sobre o abastecimento d’agua da cidade do Porto*. Porto: Typographia Commercial, 1864. p. 113.

⁵⁴² NORONHA, Tito de Bourbone – *As aguas do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1885. p. 9.

BIBLIOGRAFIA

AA. VV. – *Aqua romana. Técnica humana e força divina*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 2005.

AA. VV. - *Teoria da arquitectura. Do Renascimento aos nossos dias*. Lisboa: Taschen, 2006.

AA. VV. – *Uma abordagem geoambiental no estudo dos subterrâneos da cidade do Porto: o caso do manancial de Paranhos*. Lisboa: Associação Portuguesa de Recursos Hídricos, 2007. pp. 1-10.

ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Batista Alberti, della pittura e della statua*. Tradução de Cosimo Bartoli. Bolonha: Intituto delle Scienze, 1782.

ALBERTI, Leon Battista – *L'architecture et art de bien bastir du seigneur Leon Baptiste Albert, diuisée en dix livres*. Tradução de Jaques Kerver. Paris: Libraire Iuré, 1553.

ALVES, Joaquim J. B. Ferreira – *Aspectos da actividade arquitectónica no Porto na segunda metade do séc. XVII*. Revista da Faculdade de Letras: História. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1985. pp. 251-271.

AMORIM, Alexandra Agra; PINTO, João Neves – *Porto d'agoa: o abastecimento de água na cidade do Porto através dos tempos*. Porto: Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2001.

AMORIM, Maria Inês; OSSWALD, Maria Helena – *A água do convento de S. Francisco do Porto: organização, conflitos e decisões régias*. Boletim do Arquivo Distrital do Porto, volume I. Porto: Arquivo Distrital do Porto, 1982. pp. 1-32.

BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1964.

BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique, ou L'art de conduire, d'élever et de ménager les eaux pour les différens besoins de la vie*. 4 vols. Paris: L. Cellot, 1782-1790.

BELLUZZO, Giuseppe - *Le turbine idrauliche*. Milano: s. ed., 1901.

Bíblia Sagrada. Coimbra: Editorial Missões Cucujães, 2003.

BLUTEAU, Raphael – *Vocabulario portuguez & latino*. 8 vols. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728.

BOTELHO, Iva Teles – *A arca de água do Campo 24 de Agosto*. Porto: s. ed., 1999. pp. 1-10. (<http://www.metrodoporto.pt/files/1/documentos/20100503163624125029.pdf>)

BOTELHO, Iva; SILVA, Susana; ALLEN, Tomás - *A Pedra de Armas da Arca d' Água de Mijavelhas. Sua Contextualização Histórica: Dados e Problemas*. Porto, s. ed., 2005-2006. pp. 1-15.
(<http://www.metrodoporto.pt/files/1/documentos/20101130122917677407.pdf>)

C. de P. – *Fontes e chafarizes da cidade em fins do século XVIII*. O Tripeiro, Série II, Ano I. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1919. p. 156.

CABEÇAS, Maria da Conceição; D'ARA, Concha – *Porto Monumental e Artístico. Património da Humanidade*. Porto: Porto Editora, 2001.

CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009.

CEZAR, Henrique – *Fonte do Ribeirinho ou Fonte dos Ablativos*. O Tripeiro, Série III, Ano II. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1927. p. 60.

CHOAY, Françoise – *A regra e o modelo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

CONCEIÇÃO, Luís Filipe Pires da – *A consagração da água através da arquitectura, para uma arquitectura da água*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1997.

CORRADI, Massimo – *From the «Arcgitecture hydraulique» to the «Science des ingénieurs»: Hydrostatics and Hydrodynamics in the XIXth century*. Proceedings of the First International Congress on Construction History Madrid, 20th-24th January 2003. Madrid: Inst _____, 2003. pp. 635-644.

COSTA, Agostinho Rebelo da – *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*. Lisboa: Frenesi, 2001.

COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia*. Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. pp. 397-471.

DIAS, Jorge; GALHANO, Fernando – *Aparelhos de elevar a água de rega. Contribuição para o estudo do regadio em Portugal*. Porto: Junta da Província do Douro Litoral, 1953.

DIETTERLIN, Wendel – *Architectvra: Von Außtheilung, Symmetria vnd Proportion der Fünff Seulen, und aller darauß volgender Kunst Arbeit, von Fenstern, Caminen, Thürgerichten, Portalen, Bronnen und Epitaphien*. Nürnberg: Balthasar Caymox, 1598.

FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1997. pp. 45-62.

FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. 2 vols. Porto: Câmara Municipal, 1988-1990.

FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *Formas Urbanas do Porto Setecentista: A Praça Intramuros*. Revista da Faculdade de Letras: História. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1997. pp. 685-700.

FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e – *Notícias do Velho Porto*. Porto: Campo das Letras, 2006.

GANHÃO, Carolina – *Da sustentabilidade à insustentabilidade da água nas cidades*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2009.

GARRET, Antão de Almeida – *Aquedutos, fontes e chafarizes do velho Porto*. Boletim Cultural, vol. XXIV. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1961. pp. 197-203.

GAVAND, Eugène Henri – *Estudo sobre o abastecimento d'água da cidade do Porto*. Porto: Typographia Commercial, 1864.

GRIMAL, Pierre – *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Algés: Difel, 2004.

JOMBERT, Charles-Antoine – *Dictionnaire d'architecture civile et hydraulique, et des arts qui en dependent: comme la maçonnerie, la charpenterie, la menuiserie, la serrurerie, le jardinage; & c. la construction des ponts & chaussées, des ecluses, & de tous les ouvrages hydrauliques*. Paris: Libraire du Roi pour l'Artillerie & pour le Génie, 1755.

L'ORME, Philibert de - *Le premier tome de l'architecture*. Paris: Frédéric Morel, 1567.

MAIA, Fernando do Nascimento - *Fontes, fontanários e chafarizes do concelho da Covilhã*. Covilhã: s. ed., 1994.

MARÇAL, Horácio – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. 3 Partes. O Tripeiro, Série VI, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968. pp. 301-310; 339-348; 365-373.

MARÇAL, Horácio – *O manancial de Paranhos e as fontes por ele abastecidas*. O Tripeiro, Série VI, Ano VII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1967. pp. 295-300.

MARZY, E. - *L'hydraulique*. Paris: Hachette, 1868.

MEIRELES, Maria Adelaide de Azevedo – *Catálogo dos livros de plantas*. Porto: Arquivo Histórico/ Câmara Municipal do Porto, 1982.

MENDES, Nelson Gomes – *ACQUA. Água, essência na arquitectura de Carlo Scarpa*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2009.

MONTEIRO, Maria Filomena Mourato; JORGE, Virgolino Ferreira - *O sistema hidráulico quinhentista da cidade de Évora*. Monumentos, nº26. Lisboa, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 2007. pp. 92-99.

NORONHA, Tito de Bourbone – *As aguas do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1885.

NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913.

PALISSY, Bernard – *Discours admirables, de la nature dès eaux et fontaines, tant naturelles ou'artificielles, dès metaux, dès fels & salines, dès pierres, dès terres, du feu & dès emaux*. Paris: Chez Martin le Jeune, 1580.

PALLADIO, Andrea – *I Quattro libri dell'architettura*. Veneza: Bartolomeo Carampello, 1581.

PASSOS, Carlos de – *Guia Histórica e Artística do Porto*. Porto: Casa Editora de A. Figueirinhas, 1935.

PEREIRA, José Fernandes (dir.); PEREIRA, Paulo (coord.) – *Dicionário da arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

PEREIRA, Orlindo Gouveia – *Os Tratados da Água de Leonardo da Vinci*. Lisboa: Edições Inapa, 1998.

POCINO, Willy – *Le Fontanelle di Roma. Un insolito itinerario alla scoperta di uno degli elementi più caratteristici dell'arredo urbano*. Roma: Tascabile Economici Newton, 1997.

PRATA, Cristina dos Reis – “*Arquitectura da água - Fontes, chafarizes e tanques para o inventário do património histórico edificado do concelho de Palmela*”. +Museu: Boletim do Museu Municipal de Palmela nº8 (suplemento). Palmela: Museu Municipal de Palmela, 2007. pp. 1-12.

PRONY, Gaspard-Clair-François-Marie Riche de - *Nouvelle architecture hydraulique, contenant l'art d'élever l'eau au moyen de différentes machines, de construire dans ce fluide, de le diriger, et généralement de l'appliquer, de diverses manières, aux besoins de la société*. 2 vols. Paris: F. Didot, 1790-1796.

QUINTELA, António de Carvalho – *Breve caracterização das obras hidráulicas e da utilização da água em Portugal Anteriormente ao século XVIII*. Actas do Simpósio Internacional Hidráulica Monástica Medieval e Moderna. Lisboa: Fundação Oriente, 1993. pp. 15-34.

RAMOS, Luís A. de Oliveira (dir.) - *História do Porto*. Porto: Porto Editora, 2000.

REIS, Henrique Duarte e Sousa – *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. 2 vols. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984-1991.

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - *A arquitectura no século XVIII: o Palácio do Freixo e seus Jardins. La arquitectura en el siglo XVIII: el Palacio de Freixo y sus jardines*. Braga: Iduna, 2002. p. 26.

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *Os Jardins do Palácio do Freixo. Documentos Inéditos*. Revista de Ciências Históricas, vol. IV. Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique, 1989. pp. 293-304.

SCAMOZZI, Vincenzo - *L'idea della architettura universale*. Veneza: Expensis Auctoris, 1615.

SEQUEIRA, João Meneses de – *Os desenhos do De Architectura (arcitektouikh)*. AE...Revista Lusófona de Arquitectura e Educação, nº4. Lisboa: LABART, 2010.

SILVA, Francisco Ribeiro da - *O Porto e o seu termo 1580-1640: Os homens as instituições e o poder*. 2 vols. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1985.

SILVA, Germano – *Fontes e chafarizes do Porto*. Porto: SMAS - Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto, 2000.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de - *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam*. 2 Tomos. Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 1865.

VITORINO, Pedro – *A fonte das Congostas*. 2 Partes. O Tripeiro, Série VI, Volume VII. Porto: Repositório de Notícias Portucalenses, 1930-1931. pp. 98-99; 102-103.

VITRÚVIO - *Les dix livres d'architecture de Vitruve corrigez et traduits nouvellement en françois, avec des notes et des figures*. Tradução de Claude Perrault e gravuras de Sébastien Leclerc. Paris: Jean-Baptiste Coignard, 1673.

VITRÚVIO - *M. Vitruvius per Iocundum solito castigatior factus cum figuris et tabula ut iam legi et intellegi possit*. Transcrição e gravuras de Fra Giocondo. Venesa: Giovanni da Tridentino, 1511.

VITRÚVIO – *Tratado de architectura*. Introdução e notas de Justino M. Maciel. Lisboa: IST Press, 2009.

VRIES, Hans Vredeman de - *Perspective: c'est à dire les très-renommé art du poinct oculaire d'une veue dedans ou travers regardante*. Leiden: Lugduni Batavorum, 1604.

VRIES, Hans Vredeman de – *Perspective: la seconde partie, de la très-excellente science*. Leiden: Lugduni Batavorum, 1605.

VRIES, Hans Vredeman de - *Pictores, statuarii, architecti, latomi, et quicunque principum magnificorumque virorum memoriae aeternae inservitis, adeste*. s/l: C. de Mallery, 1620.

ZÖLLNER, Frank – *Leonardo da Vinci. Desenhos e Esboços*. Lisboa: Taschen, 2005.

Fontes do A.H.M.P.

A.H.M.P. – A-PUB/ 00780, fls. 93-94.

A.H.M.P. – A-PUB/ 05724, fls. 103-108v.

A.H.M.P. – A-PUB/ 05725, fls. 29v.-31v.

A.H.M.P. – A-PUB/ 05725, fls. 54v.-55.

A.H.M.P. – A-PUB/ 05725, fls. 94v.-96v.

A.H.M.P. – A-PUB/05969 (1), fls. 1-9.

A.H.M.P. – A-PUB/06314, fls. 108-114.

Livros de Plantas do A.H.M.P.

Universidade do Porto
Faculdade de Letras
Departamento de Ciências e Técnicas do Património

**O Abastecimento de Água na Cidade do Porto nos Séculos XVII e
XVIII.
Aquedutos, Fontes e Chafarizes.
- ANEXOS -**

Diogo Emanuel Pacheco Teixeira

Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa orientada pelo Professor
Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha

Porto
2011

ÍNDICE

ANEXO I – IMAGENS	129
Fig. 1 - Modo de encontrar nascentes ocultas através dos vapores do solo	129
Fig. 2 - Coróbata, nível de água e dióptra	129
Fig. 3 - Castelum, três tanques emisários e arcadas do aqueduto	129
Fig. 4 - Três tanques emisários, aqueduto subterrâneo, e <i>castelum</i>	130
Fig. 5 - Condução de água	130
Fig. 6 - Processo de construção de uma cisterna. Calcamento com maços de madeira da argamassa e o despejamento da pedra moída	131
Fig. 7 - Tímpano	131
Fig. 8 - Roda de água	131
Fig. 9 – Nora	131
Fig. 10 - Azenha	132
Fig. 11 - Parafuso de Arquimedes	132
Fig. 12 - Bomba de Ctesíbio	132
Fig. 13 - Os três tanques emissários	133
Fig. 14 - Condução de água com ventiladores	133
Fig. 15 - Tímpano, roda de elevar água, nora e azenha	134
Fig. 16 - Parafuso de Arquimedes, bomba de Ctesíbio e máquina de elevar água	135
Fig. 17 - Modo de encontrar nascentes ocultas através dos vapores do solo	136
Fig. 18 - Métodos para medir as alturas e desníveis dos terrenos	136
Fig. 19 - Métodos para medir as alturas e desníveis dos terrenos	136
Fig. 20 - Métodos para medir as alturas e desníveis dos terrenos	136
Fig. 21 - Uma cidade com as suas condutas de água	137
Fig. 22 - Modo de encontrar nascentes ocultas através dos vapores do solo	138
Fig. 23 - Métodos para medir as alturas e desníveis dos terrenos	138
Fig. 24 - Métodos para medir as alturas e desníveis dos terrenos	138
Fig. 25 - Estudos de aparelhos hidráulicos	139

Fig. 26 - Estudos de aparelhos hidráulicos.....	139
Fig. 27 - Estudos de aparelhos hidráulicos.....	140
Fig. 28 - Estudos de aparelhos hidráulicos.....	140
Fig. 29 - Chafariz, consistindo numa coluna coroada com uma figura masculina nua.....	140
Fig. 30 - Chafariz, consistindo numa coluna encimada por um vaso de pedra coroado com uma figura nua e uma vasilha de água.....	140
Fig. 31 - Fonte.....	141
Fig. 32 - Fonte.....	141
Fig. 33 - Fonte.....	141
Fig. 34 - Fonte (promenor).....	141
Fig. 35 - Fonte.....	142
Fig. 36 - Chafariz.....	142
Fig. 37 - Chafariz (pormenor)	142
Fig. 38 - Coluna cariátide com capitel jónico.....	143
Fig. 39 - Portal ladeado por dois pares de colunas cariátides com capitéis jónicos.....	143
Fig. 40 - Fonte.....	143
Fig. 41 - Coluna cariátide com capitel coríntio.....	144
Fig. 42 - Portal ladeado por duas colunas cariátides-mísula.....	144
Fig. 43 - Portal.....	144
Fig. 44 - Chafariz no centro de um jardim.....	145
Fig. 45 - Perspectiva de uma praça com um chafariz.....	145
Fig. 46 - Chafariz.....	146
Fig. 47 - Chafariz.....	146
Fig. 48 - Chafariz (pormenor).....	147
Fig. 49 - Altar.....	147
Fig. 50 - Altar (pormenor)	147
Fig. 51 - Desenho de uma corrente dupla para elevar a água acima do nível de uma fonte.....	148
Fig. 52 - Os três tanques emissários.....	148
Fig. 53 - Máquinas de extrair água de poços.....	148
Fig. 54 - Plano e perfil de elevação do aqueduto de Maintenon.....	149

Fig. 55 - Desenho de três fontes de Paris. Da esquerda para a direita: Fonte das Cordeliers, ou da porta de St. Germain; fonte da Caridade na rua Taranne; e fonte da rua e Porta de St. Denis.....	149
Fig. 56 - Desenho da decoração de uma fonte que teria lugar no alinhamento de uma rua.....	150
Fig. 57 - Desenho da decoração de uma fonte que seria colocada no canto de uma rua.....	150
Fig. 58 - Plantas de quatro fontes.....	151
Fig. 59 - Elevação de um dos quatro lados de uma fonte isolada, para o centro de uma praça pública.....	151
Fig. 60 - Entrada da Arca d'Água de Paranhos.....	152
Fig. 61 - Lavadouros da Arca d'Água de Paranhos.....	152
Fig. 62 - “<i>PLANO TOPOGRAPHICO e suplemento do Plano do encanamento actual da agoa que vem de Paranhos á Cidade, e do novo caminho que o mesmo cano deve tomar</i>” (1825)	153
Fig. 63 - “<i>Distribuição das aguas dos mananceaes de Paranhos, na estrada de Braga</i>” (1850).....	154
Fig. 64 - “<i>Plano para a continuação dos trabalhos de exploração na Arca d'Água de Paranhos</i>” (1854).....	155
Fig. 65 - “<i>PLANO TOPOGRAPHICO de todos os Caminhos, Lugares, e Propriedades, por onde pasa o encanamento da agoa que vem da Arca de Paranhos, ao novo Aqueduto de Salgueiros, e dahi para a cidade</i>” (1826)...	156
Fig. 66 – Planta com a ligação do aqueduto de Paranhos com o aqueduto de Salgueiros. Costa Lima Júnior (1839).....	157
Fig. 67 - Arca do Campo Grande.....	158
Fig. 68 - Entrada para a arca do Campo Grande.....	158
Fig. 69 - Fragmento do aqueduto da arca do Campo Grande.....	158
Fig. 70 – “<i>Planta geométrica da Alameda das Fontainhas, q fica fronteira, e mais sobranceira ao Rio Douro; e serve de recreio, e passeio publico dos moradores da cidade do Porto</i>” (séc XVIII-XIX).....	159
Fig. 71 - Fragmentos de elementos decorativos do chafariz da Rua Chã...160	
Fig. 72 - Fragmentos de elementos decorativos do chafariz da Rua Chã...160	
Fig. 73 - Fragmentos de elementos decorativos do chafariz da Rua Chã...160	
Fig. 74 - Chafariz da Porta do Olival.....161	

Fig. 75 - Chafariz da Porta do Olival.....	161
Fig. 76 - Promenor do medalhão com a imagem de Neptuno, do chafariz da Porta do Olival.....	162
Fig. 77 - Chafariz de São Domingos.....	162
Fig. 78 - Chafariz da Rua Nova.....	163
Fig. 79 - Chafariz de São Miguel-o-Anjo.....	163
Fig. 80 - Chafariz de São Miguel-o-Anjo.....	164
Fig. 81 - Promenor da lápide com a imagem do Anjo São Miguel, do chafariz de São Miguel-o-Anjo.....	164
Fig. 82 - Estátua do Anjo São Miguel no cimo da coluna central do chafariz de São Miguel-o-Anjo.....	165
Fig. 83 - Chafariz da praça Nova. Desenho de Joaquim Cardoso Vitória Vilanova (1833).....	165
Fig. 84 - Chafariz da Vila Parda.....	166
Fig. 85 - Chafariz da Vila Parda.....	166
Fig. 86 - Fonte dos Pelicanos.....	167
Fig. 87 - Fonte dos Pelicanos.....	167
Fig. 88 - Fonte dos Pelicanos.....	167
Fig. 89 - Pormenor da bica e da taça da fonte dos Pelicanos Fonte dos Pelicanos Fonte dos Pelicanos.....	167
Fig. 90 - Cariátide-mísula da fonte dos Pelicanos Fonte dos Pelicanos.....	168
Fig. 91 - Cariátide-mísula da fonte dos Pelicanos Fonte dos Pelicanos.....	168
Fig. 92 - Fonte das Taipas.....	168
Fig. 93 - Fonte das Taipas.....	168
Fig. 94 - Praça de Santa Ana, capela e fonte de São Roque.....	169
Fig. 95 - Praça de Santa Ana, capela e fonte de São Roque. Desenho de Joaquim Cardoso Vitória Vilanova (1833).....	170
Fig. 96 - Fonte da Praça da Ribeira.....	170
Fig. 97 - Fonte da Praça da Ribeira.....	170
Fig. 98 - Fonte da Praça da Ribeira.....	171
Fig. 99 - “Copia das plantas alta, e baixa, para a reforma da Fonte de S. João Novo” (1824).....	171
Fig. 100 - Fonte das Virtudes.....	172
Fig. 101 - Fonte das Virtudes.....	172

Fig. 102 - Carrancas da fonte das Virtudes.....	173
Fig. 103 - Fonte da Colher.....	173
Fig. 104 - Fonte da Colher.....	173
Fig. 105 - Fonte das Bicas de Massarelos.....	174
Fig. 106 - Carrancas da fonte da Arca.....	174
Fig. 107 - Arranjo com elementos decorativos da fonte da Arca.....	174
Fig. 108 - Fonte das Oliveiras.....	175
Fig. 109 – “Plantas, alta, e baixa, para a reforma da Fonte da rua das Oliveiras.” Joaquim da Costa Lima Sampaio (1823)	175
Fig. 110 - Fonte das Oliveiras.....	176
Fig. 111 - Bica da fonte das Oliveiras.....	176
Fig. 112 - Fonte do Bom Sucesso.....	177
Fig. 113 - Segunda Fonte da Rua do Almada.....	177
Fig. 114 - Frontão da segunda fonte da Rua do Almada.....	178
Fig. 115 - Segunda fonte da Rua do Almada.....	178
Fig. 116 - Fonte das Águas Férreas.....	179
Fig. 117 - Fonte das Águas Férreas.....	179
Fig. 118 - Fonte dos Ablativos.....	180
Fig. 119 - Fonte dos Ablativos.....	180
Fig. 120 - Lápide da fonte dos Ablativos.....	181
Fig. 121 - Remate da fonte dos Ablativos.....	181
Fig. 122 - Fonte das Fontainhas.....	182
Fig. 123 - Fonte das Fontainhas.....	182
Fig. 124 - Fonte de Bonjóia.....	182

ANEXO II – DOCUMENTOS.....	183
DOCUMENTO Nº 1.....	183
DOCUMENTO Nº 2.....	185
DOCUMENTO Nº 3.....	194
DOCUMENTO Nº 4.....	198
DOCUMENTO Nº 5.....	200
DOCUMENTO Nº 6.....	204
DOCUMENTO Nº 7.....	216

ANEXO III – TABELAS	226
TABELA I – Fontes e Chafarizes Públicos em 1669, Segundo Baltazar Guedes	226
TABELA II – Fontes e Chafarizes Públicos nos Finais do século XVII, Segundo Manuel Pereira de Novais	228
TABELA III – Fontes e Chafarizes Públicos em 1758, Segundo as Memórias Paroquiais	231
TABELA IV – A Arquitectura da Água nas Memórias Paroquias de 1758	234
TABELA V – Fontes e Chafarizes Públicos em 1788, Segundo Agostinho Rebelo da Costa	256
TABELA VI – Fontes e Chafarizes Públicos entre 1757 e 1804, Segundo Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves	258
TABELA VII – As Obras nas Arquitecturas da Água na Cidade do Porto entre 1757 e 1804 Patentes nos Livros do Cofre do A. H. M. P.	262
TABELA VIII – Quantidade de nas Arquitecturas da Água na Cidade do Porto Arrematadas por Cada Arrematante entre 1757 e 1804	329

ANEXO I – IMAGENS



Fig. 1 - Modo de encontrar nascentes ocultas através dos vapores do solo (VITRÚVIO - *M. Vitruvius per locundum solito castigatior factus cum figuris et tabula ut iam legi et intellegi possit*. Transcrição e gravuras de Fra Giocondo. Venesa: Giovanni da Tridentino, 1511. fl. 76).

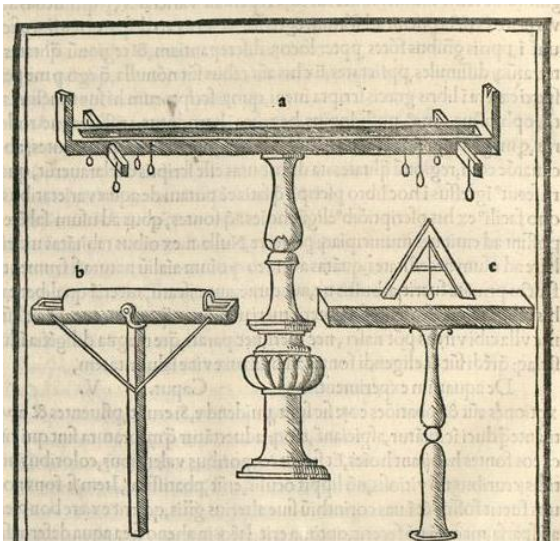


Fig. 2 - Coróbata (a), nível de água (b) e dióptra (c) (VITRÚVIO - *M. Vitruvius per locundum solito castigatior factus cum figuris et tabula ut iam legi et intellegi possit*. Transcrição e gravuras de Fra Giocondo. Venesa: Giovanni da Tridentino, 1511. fl. 80v.).



Fig. 3 - Castelum (a), três tanques emisários (b) e arcadas do aqueduto (c) (VITRÚVIO - *M. Vitruvius per locundum solito castigatior factus cum figuris et tabula ut iam legi et intellegi possit*. Transcrição e gravuras de Fra Giocondo. Venesa: Giovanni da Tridentino, 1511. fl. 80v.).



Fig. 4 - Três tanques emisários (a), aqueduto subterrâneo (b), e *castelum* (c) (VITRÚVIO - *M. Vitruvius per locundum solito castigatior factus cum figuris et tabula ut iam legi et intellegi possit*. Transcrição e gravuras de Fra Giocondo. Venesa: Giovanni da Tridentino, 1511. fl. 81v.).

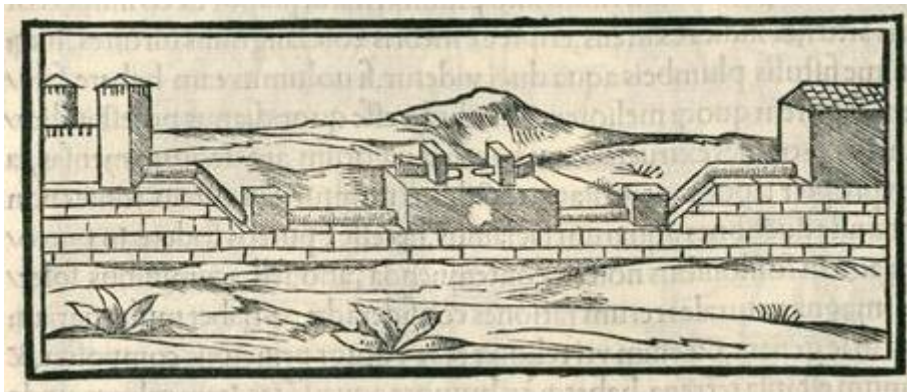


Fig. 5 - Conduto de água. (VITRÚVIO - *M. Vitruvius per locundum solito castigatior factus cum figuris et tabula ut iam legi et intellegi possit*. Transcrição e gravuras de Fra Giocondo. Venesa: Giovanni da Tridentino, 1511. fl. 82).



Fig. 6 - Processo de construção de uma cisterna. Calcamento com maços de madeira (a) da argamassa (b) e o despejamento da pedra móida (c) (VITRÚVIO - *M. Vitruvius per locundum solito castigatior factus cum figuris et tabula ut iam legi et intellegi possit.* Transcrição e gravuras de Fra Giocondo. Venesa: Giovanni da Tridentino, 1511. fl. 83).

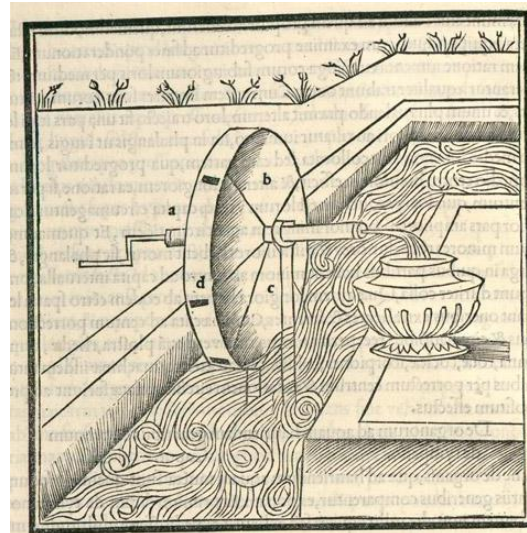


Fig. 7 - Tímpano (VITRÚVIO - *M. Vitruvius per locundum solito castigatior factus cum figuris et tabula ut iam legi et intellegi possit.* Transcrição e gravuras de Fra Giocondo. Venesa: Giovanni da Tridentino, 1511. fl. 99v.).

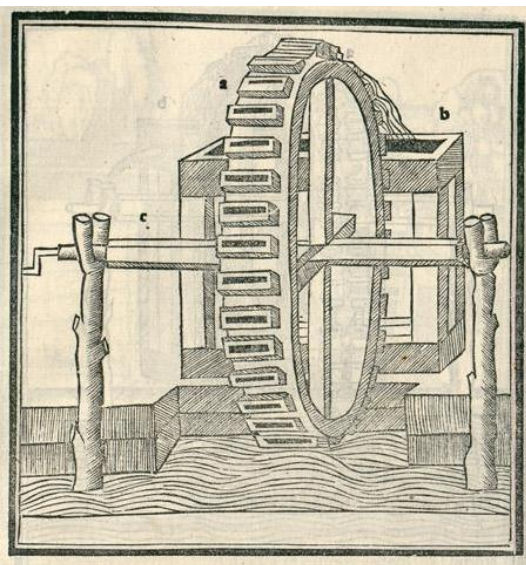


Fig. 8 - Roda de água (VITRÚVIO - *M. Vitruvius per locundum solito castigatior factus cum figuris et tabula ut iam legi et intellegi possit.* Transcrição e gravuras de Fra Giocondo. Venesa: Giovanni da Tridentino, 1511. fl. 100).

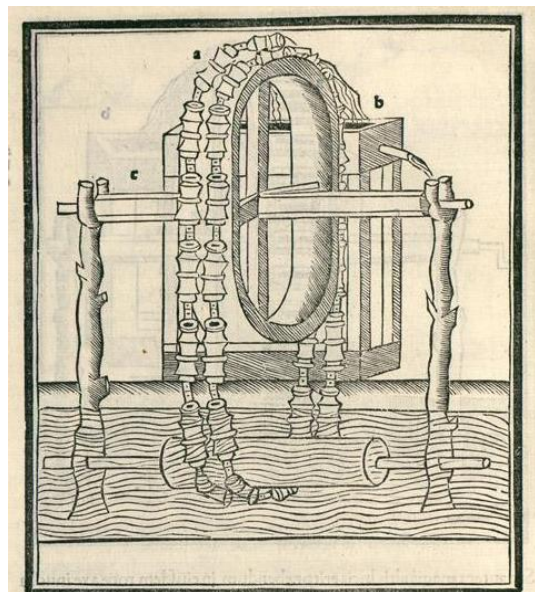


Fig. 9 - Nora (VITRÚVIO - *M. Vitruvius per locundum solito castigatior factus cum figuris et tabula ut iam legi et intellegi possit.* Transcrição e gravuras de Fra Giocondo. Venesa: Giovanni da Tridentino, 1511. fl. 100v.).

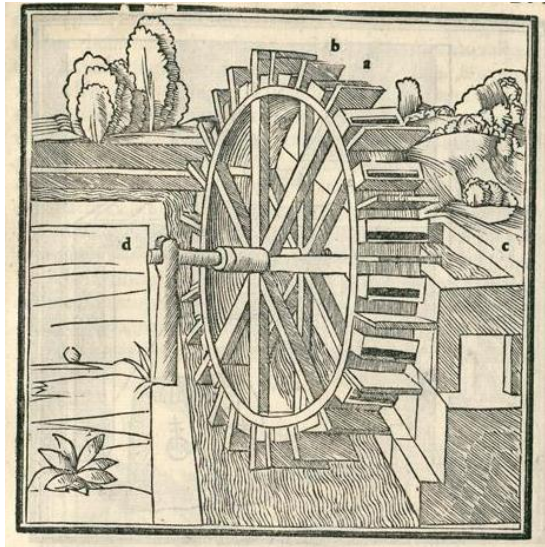


Fig. 10 - Azenha. (VITRÚVIO - *M.Vitruvius per locundum solito castigatior factus cum figuris et tabula ut iam legi et intellegi possit.* Transcrição e gravuras de Fra Giocondo. Venesa: Giovanni da Tridentino, 1511. fl. 101).

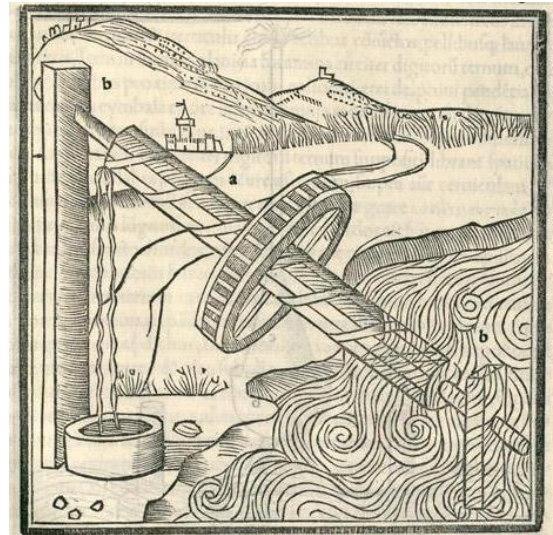


Fig. 11 - Parafuso de Arquimedes (VITRÚVIO - *M.Vitruvius per locundum solito castigatior factus cum figuris et tabula ut iam legi et intellegi possit.* Transcrição e gravuras de Fra Giocondo. Venesa: Giovanni da Tridentino, 1511. fl. 102).

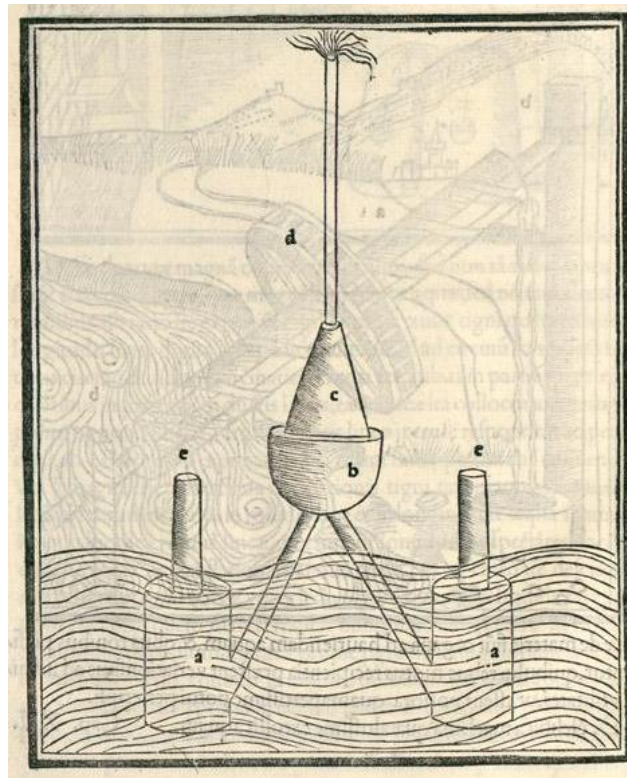


Fig. 12 - Bomba de Ctesíbio Fra Giocondo (VITRÚVIO - *M.Vitruvius per locundum solito castigatior factus cum figuris et tabula ut iam legi et intellegi possit.* Transcrição e gravuras de Fra Giocondo. Venesa: Giovanni da Tridentino, 1511. fl. 102v.).

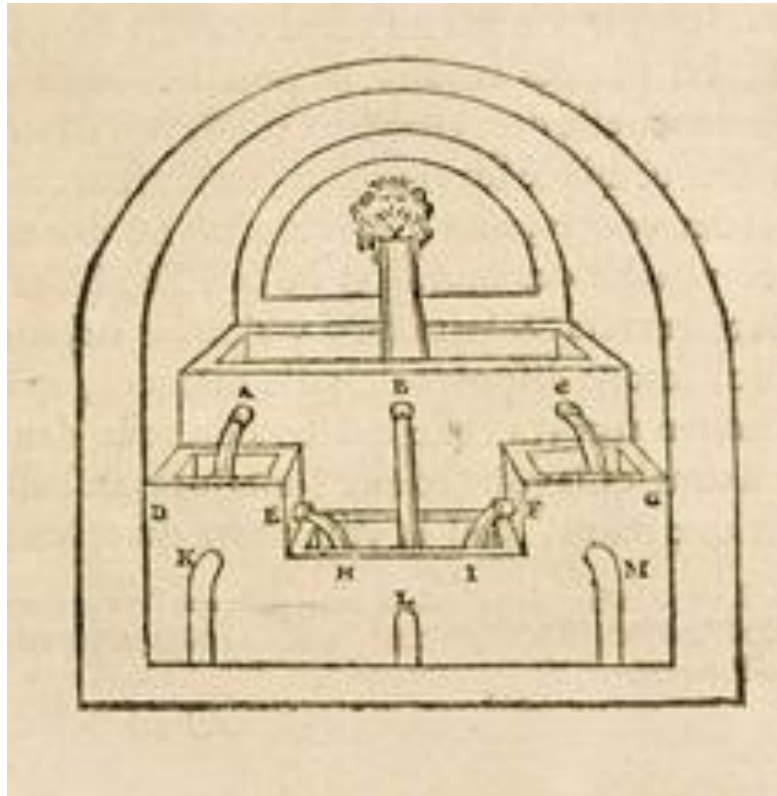


Fig. 13 - Os três tanques emissários (VITRÚVIO - *Les dix livres d'architecture de Vitruve corrigez et traduits nouvellement en françois, avec des notes et des figures*. Tradução de Claude Perrault e gravuras de Sébastien Leclerc. Paris: Jean-Baptiste Coignard, 1673. fl. 246).

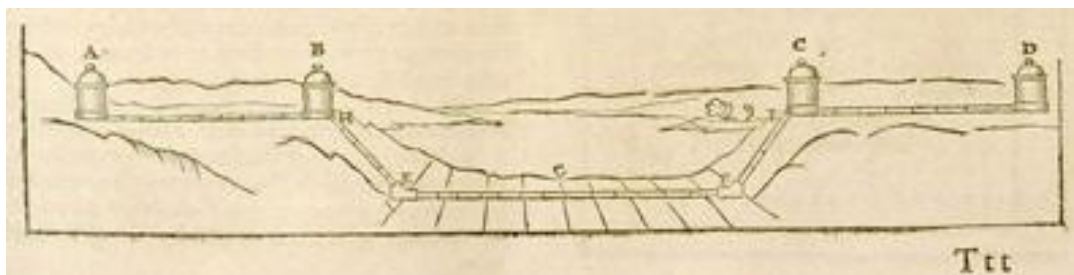


Fig. 14 - Conduita de água com ventiladores (ABCD) (VITRÚVIO - *Les dix livres d'architecture de Vitruve corrigez et traduits nouvellement en françois, avec des notes et des figures*. Tradução de Claude Perrault e gravuras de Sébastien Leclerc. Paris: Jean-Baptiste Coignard, 1673. fl. 247).

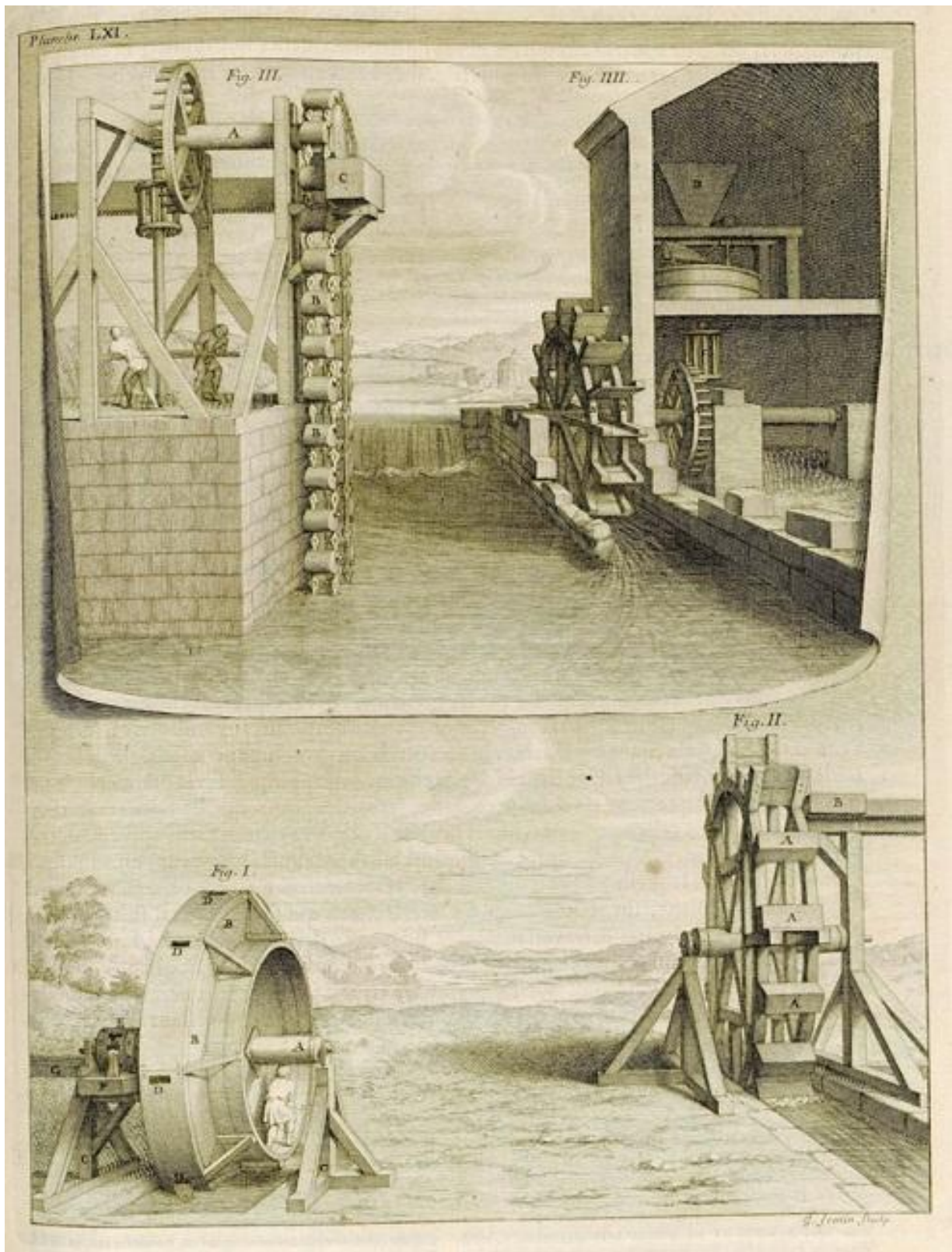


Fig. 15 - Tímpano (I), roda de elevar água (II), nora (III) e azinha (IV) (VITRÚVIO - *Les dix livres d'architecture de Vitruve corrigez et traduits nouvellement en françois, avec des notes et des figures*. Tradução de Claude Perrault e gravuras de Sébastien Leclerc. Paris: Jean-Baptiste Coignard, 1673. fl. 289).

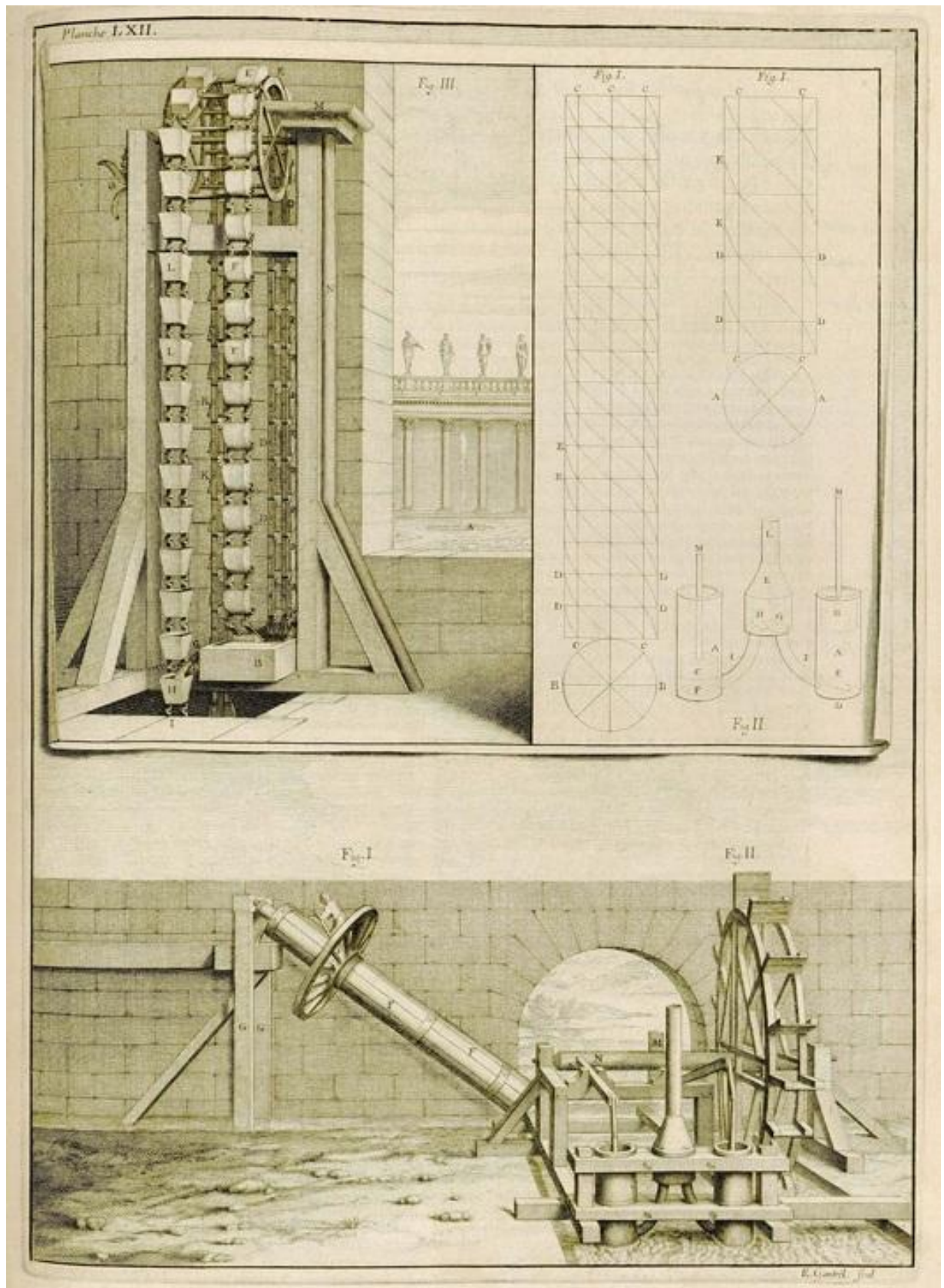


Fig. 16 - Parafuso de Arquimedes (I), bomba de Ctesíbio (II) e máquina de elevar água (III) (VITRÚVIO - *Les dix livres d'architecture de Vitruve corrigez et traduits nouvellement en françois, avec des notes et des figures.* Tradução de Claude Perrault e gravuras de Sébastien Leclerc. Paris: Jean-Baptiste Coignard, 1673. fl. 295).



Fig. 17 - Modo de encontrar nascentes ocultas através dos vapores do solo (ALBERTI, Leon Battista – *L'architecture et art de bien bastir du seigneur Leon Baptiste Albert, diuisée en dix livres*. Tradução de Jaques Kerver. Paris: Libraire luré, 1553. fl. 207).



Fig. 18 - Métodos para medir as alturas e desníveis dos terrenos (ALBERTI, Leon Battista – *L'architecture et art de bien bastir du seigneur Leon Baptiste Albert, diuisée en dix livres*. Tradução de Jaques Kerver. Paris: Libraire luré, 1553. fl. 211v.).

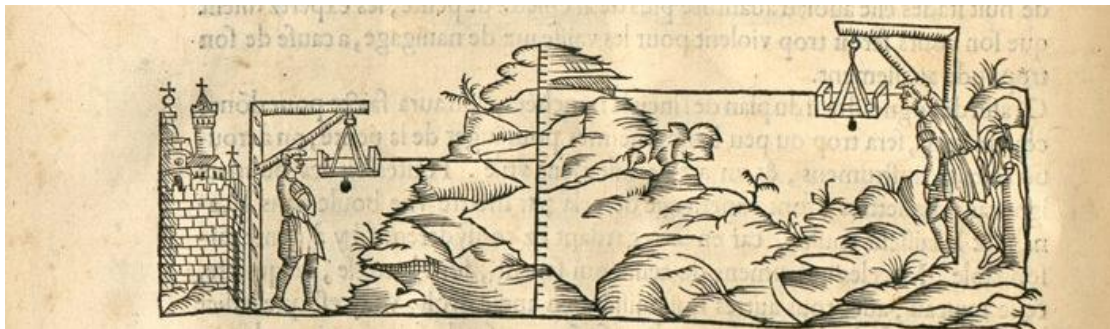


Fig. 19 - Métodos para medir as alturas e desníveis dos terrenos (ALBERTI, Leon Battista – *L'architecture et art de bien bastir du seigneur Leon Baptiste Albert, diuisée en dix livres*. Tradução de Jaques Kerver. Paris: Libraire luré, 1553. fl. 211v.).

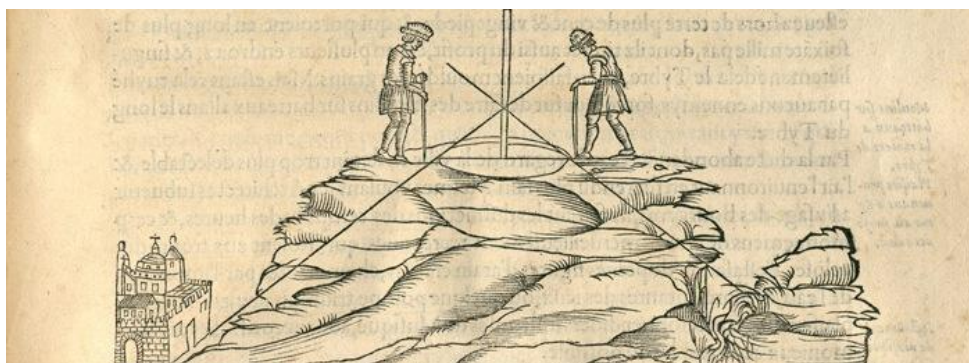


Fig. 20 - Métodos para medir as alturas e desníveis dos terrenos (ALBERTI, Leon Battista – *L'architecture et art de bien bastir du seigneur Leon Baptiste Albert, diuisée en dix livres*. Tradução de Jaques Kerver. Paris: Libraire luré, 1553. fl. 212).

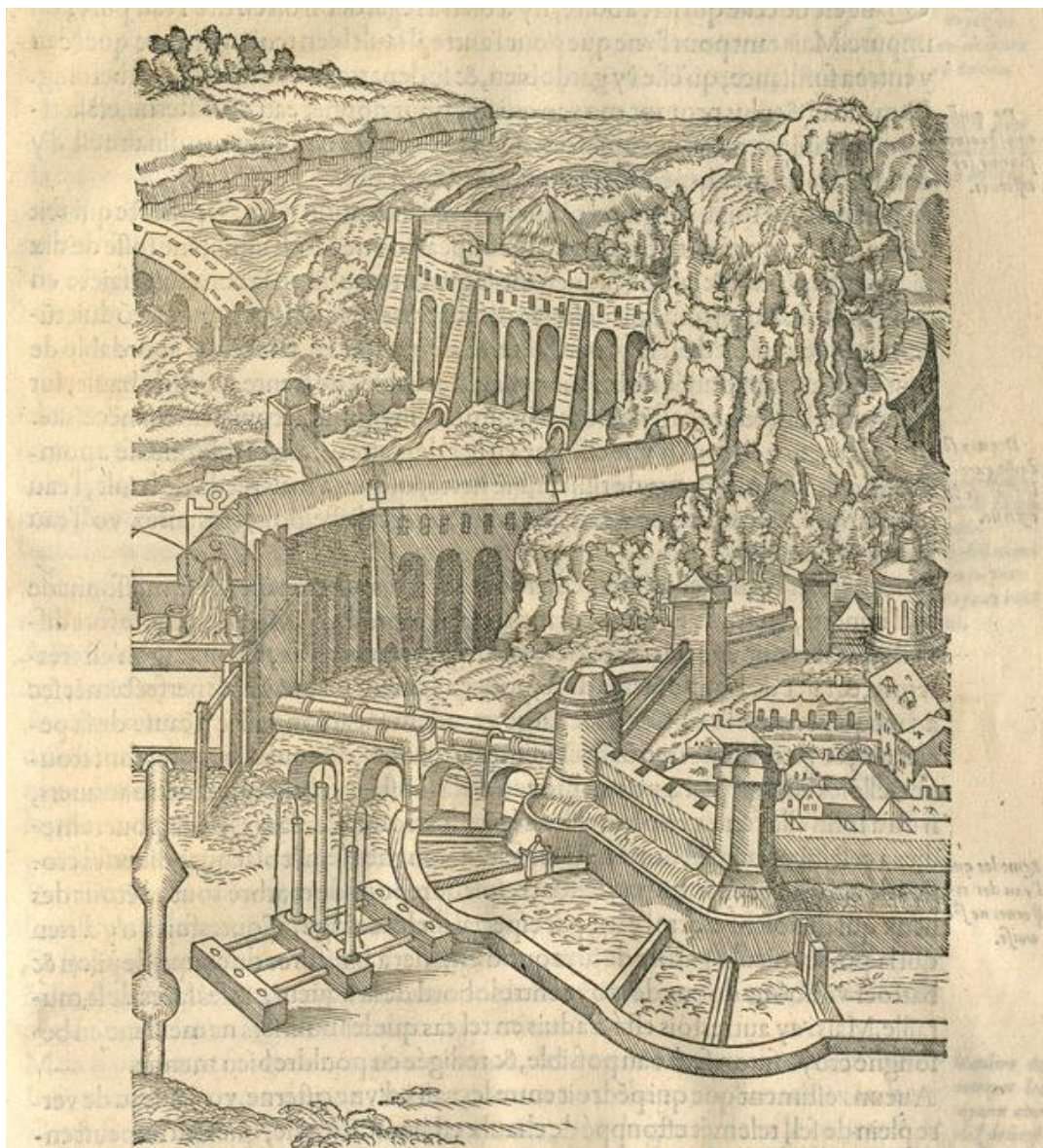


Fig. 21 - Uma cidade com as suas condutas de água (ALBERTI, Leon Battista – *L'architecture et art de bien bastir du seigneur Leon Baptiste Albert, diuisée en dix livres*. Tradução de Jaques Kerver. Paris: Libraire luré, 1553. fl. 214).



Fig. 22 - Modo de encontrar nascentes ocultas através dos vapores do solo (ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Batista Alberti, della pittura e della statua*. Tradução de Cosimo Bartoli. Bolonha: Intituto delle Scienze, 1782. Gravura 64).



Fig. 23 - Métodos para medir as alturas e desníveis dos terrenos (ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Batista Alberti, della pittura e della statua*. Tradução de Cosimo Bartoli. Bolonha: Intituto delle Scienze, 1782. Gravura 65).



Fig. 24 - Métodos para medir as alturas e desníveis dos terrenos (ALBERTI, Leon Battista - *Della architettura di Leon Batista Alberti, della pittura e della statua*. Tradução de Cosimo Bartoli. Bolonha: Intituto delle Scienze, 1782. Gravura 66).

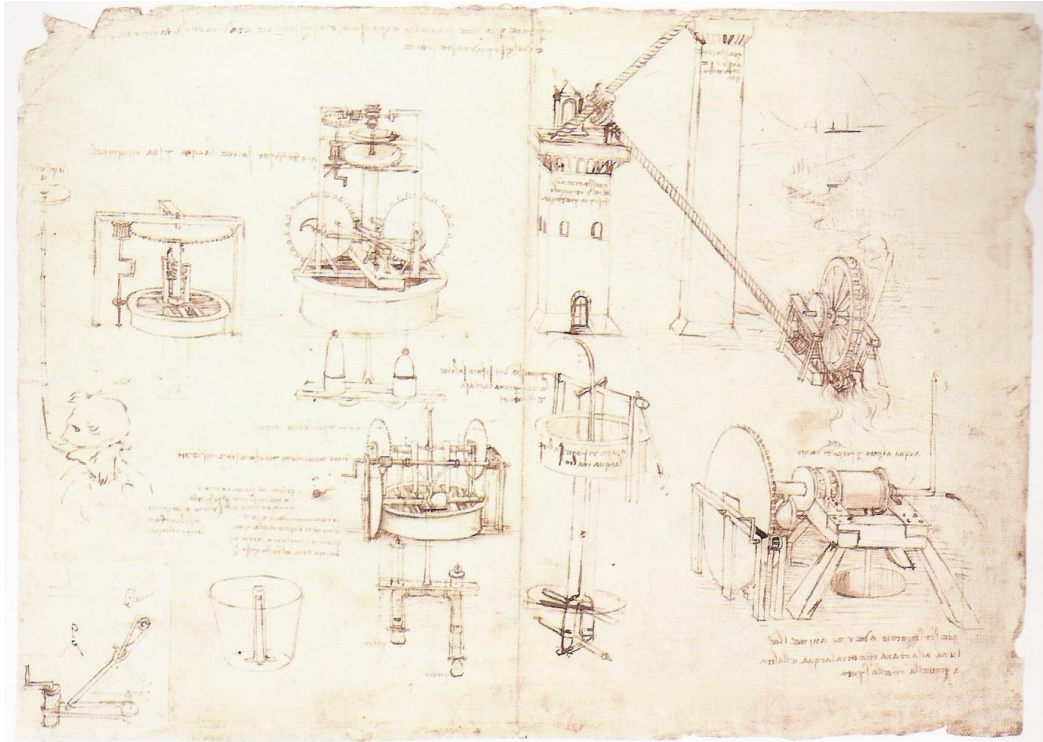


Fig. 25 - Estudos de aparelhos hidráulicos. Leonardo da Vinci - c. 1478-1480 - Codex Atlanticus, f. 1069 r. (ZÖLLNER, Frank – Leonardo da Vinci. Desenhos e Esboços. Lisboa: Taschen, 2005. p. 169).

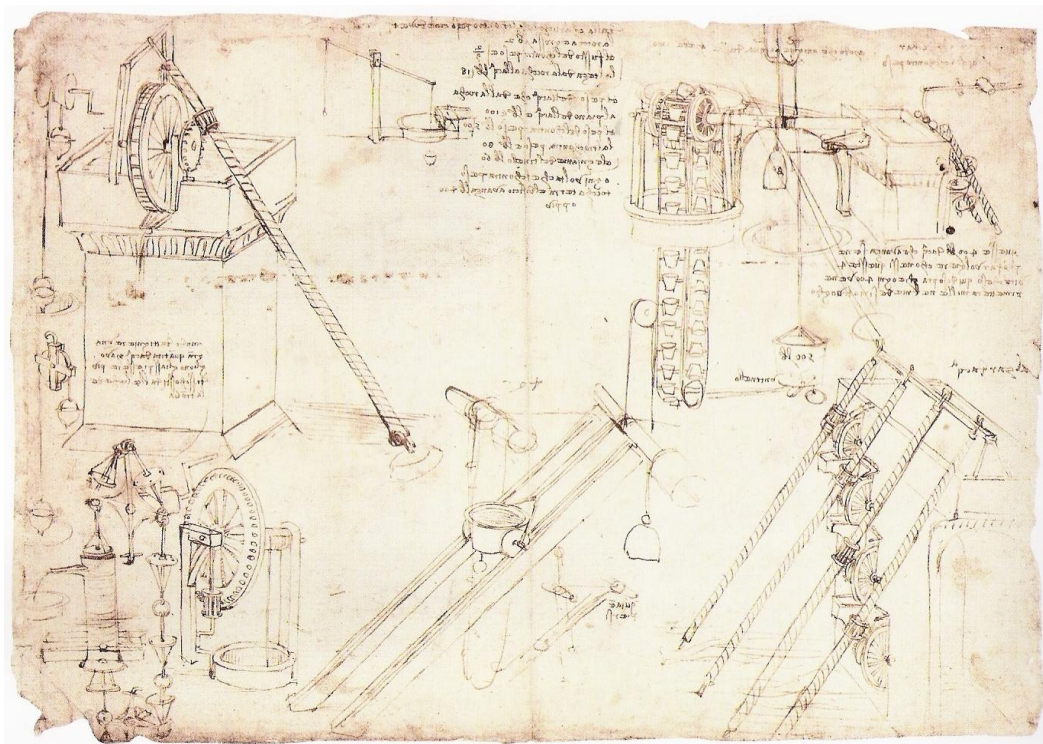


Fig. 26 - Estudos de aparelhos hidráulicos. Leonardo da Vinci - c. 1478-1480 - Codex Atlanticus, f. 1069 v. (ZÖLLNER, Frank – Leonardo da Vinci. Desenhos e Esboços. Lisboa: Taschen, 2005. p. 170).

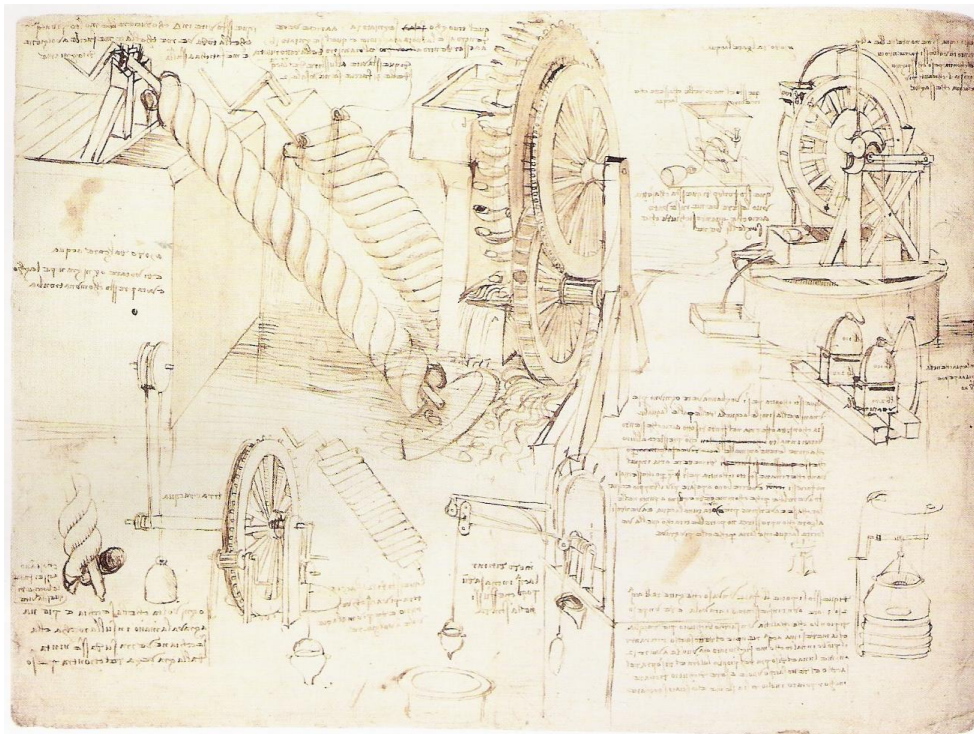


Fig. 27 - Estudos de aparelhos hidráulicos. Leonardo da Vinci - c. 1480-1482 - Codex Atlanticus, f. 26 v. (ZÖLLNER, Frank – Leonardo da Vinci. Desenhos e Esboços. Lisboa: Taschen, 2005. p. 170).

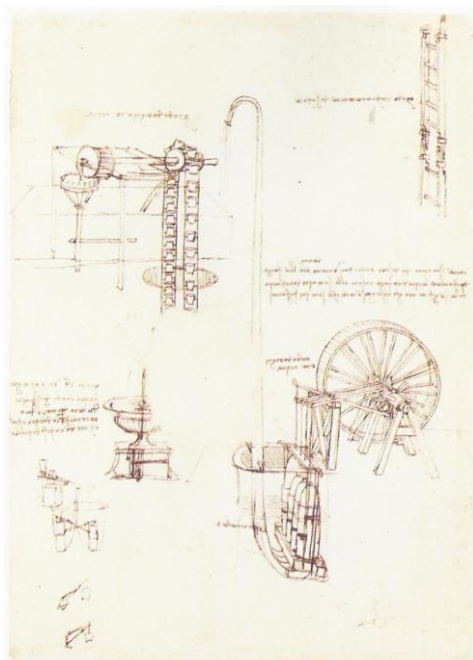


Fig. 28 - Estudos de aparelhos hidráulicos. Leonardo da Vinci - c. 1483 - Codex Atlanticus, f. 7 r. (ZÖLLNER, Frank – Leonardo da Vinci. Desenhos e Esboços. Lisboa: Taschen, 2005. p. 169).

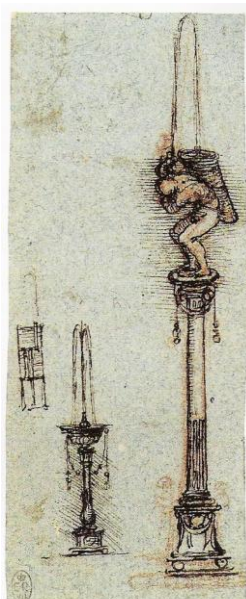


Fig. 29 - Chafariz, consistindo numa coluna coroada com uma figura masculina nua. Leonardo da Vinci - c. 1513 - Castelo de Windsor, RL 12690r. (ZÖLLNER, Frank – Leonardo da Vinci. Desenhos e Esboços. Lisboa: Taschen, 2005. p. 187).



Fig. 30 - Chafariz, consistindo numa coluna encimada por um vaso de pedra coroado com uma figura nua e uma vasilha de água. Leonardo da Vinci - c. 1513 - Castelo de Windsor, RL 12691r. (ZÖLLNER, Frank – Leonardo da Vinci. Desenhos e Esboços. Lisboa: Taschen, 2005. p. 187).

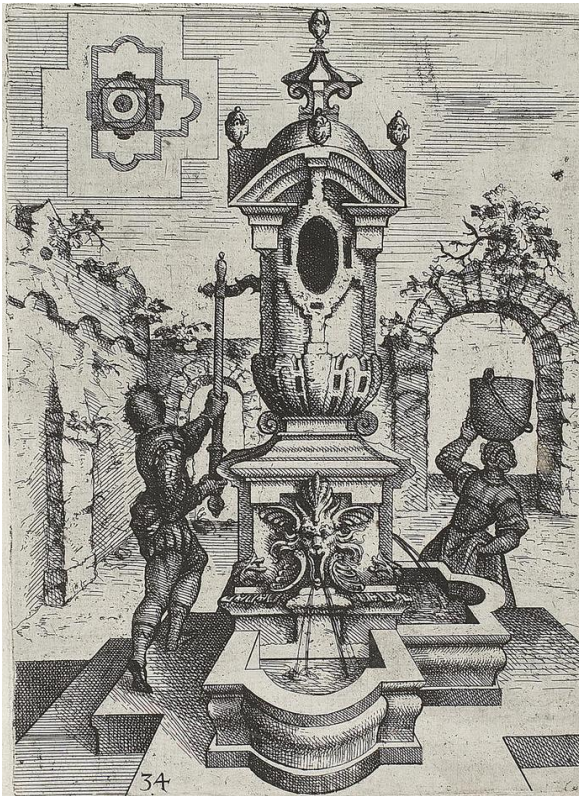


Fig. 31 - Fonte (DIETTERLIN, Wendel – *Architectvra: Von Außtheilung, Symmetria vnd Proportion der Fünff Seulen, und aller darauß volgender Kunst Arbeit, von Fenstern, Caminen, Thürgerichten, Portalen, Bronnen und Epitaphien.* Nürnberg: Balthasar Caymox, 1598. Gravura 34).

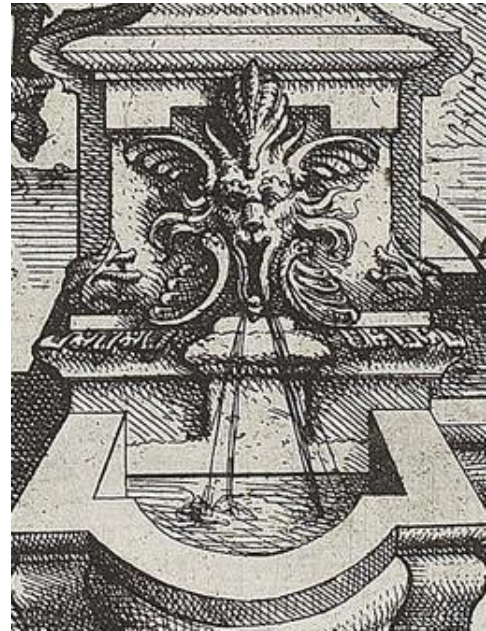


Fig. 32 - Fonte (promenor) (DIETTERLIN, Wendel – *Architectvra: Von Außtheilung, Symmetria vnd Proportion der Fünff Seulen, und aller darauß volgender Kunst Arbeit, von Fenstern, Caminen, Thürgerichten, Portalen, Bronnen und Epitaphien.* Nürnberg: Balthasar Caymox, 1598. Gravura 34).

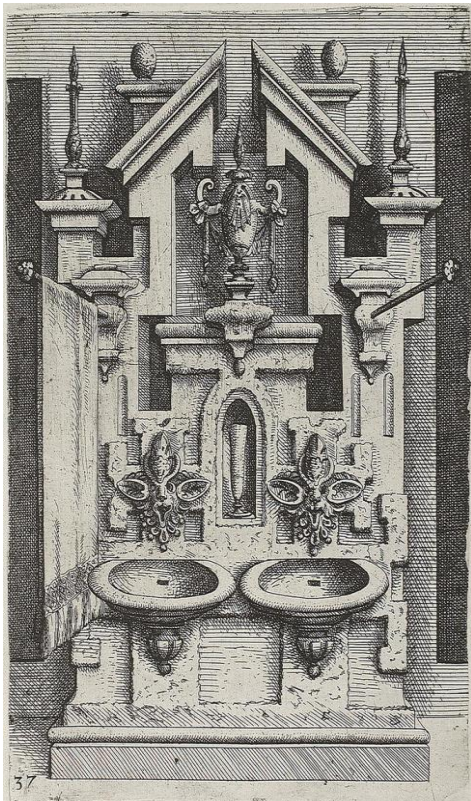


Fig. 33 - Fonte (DIETTERLIN, Wendel – *Architectvra: Von Außtheilung, Symmetria vnd Proportion der Fünff Seulen, und aller darauß volgender Kunst Arbeit, von Fenstern, Caminen, Thürgerichten, Portalen, Bronnen und Epitaphien.* Nürnberg: Balthasar Caymox, 1598. Gravura 37).

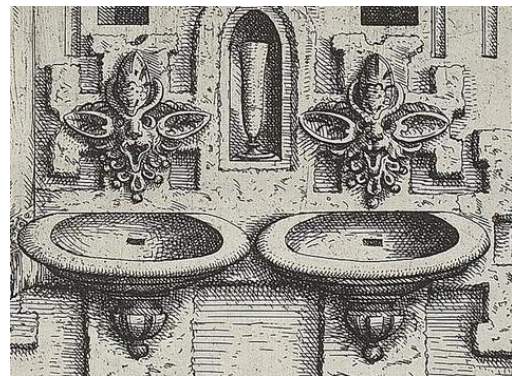


Fig. 34 - Fonte (promenor) (DIETTERLIN, Wendel – *Architectvra: Von Außtheilung, Symmetria vnd Proportion der Fünff Seulen, und aller darauß volgender Kunst Arbeit, von Fenstern, Caminen, Thürgerichten, Portalen, Bronnen und Epitaphien.* Nürnberg: Balthasar Caymox, 1598. Gravura 37).

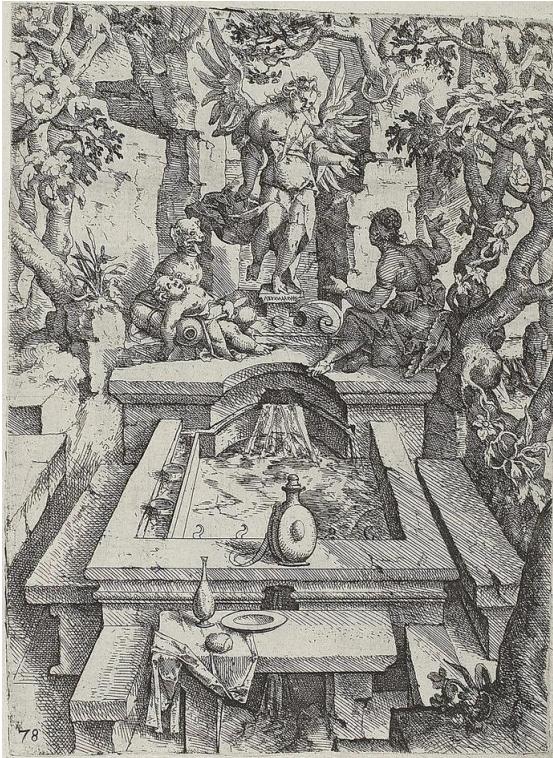


Fig. 35 - Fonte (DIETTERLIN, Wendel – *Architectvra: Von Außtheilung, Symmetria vnd Proportion der Fünff Seulen, und aller darauß volgender Kunst Arbeit, von Fenstern, Caminen, Thürgerichten, Portalen, Bronnen und Epitaphien.* Nürnberg: Balthasar Caymox, 1598. Gravura 78).



Fig. 36 - Chafariz (DIETTERLIN, Wendel – *Architectvra: Von Außtheilung, Symmetria vnd Proportion der Fünff Seulen, und aller darauß volgender Kunst Arbeit, von Fenstern, Caminen, Thürgerichten, Portalen, Bronnen und Epitaphien.* Nürnberg: Balthasar Caymox, 1598. Gravura 83).

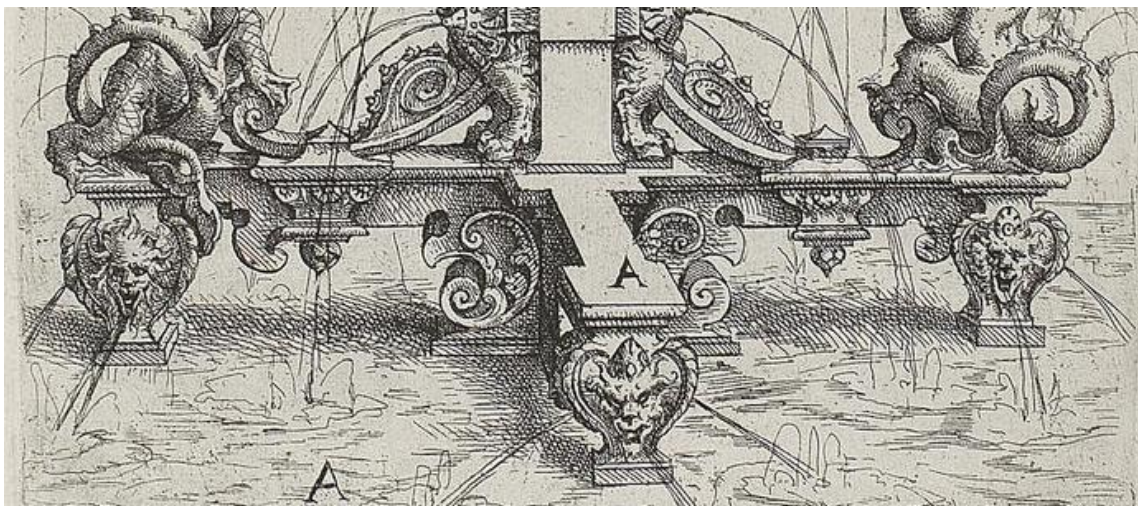


Fig. 37 - Chafariz (pormenor) (DIETTERLIN, Wendel – *Architectvra: Von Außtheilung, Symmetria vnd Proportion der Fünff Seulen, und aller darauß volgender Kunst Arbeit, von Fenstern, Caminen, Thürgerichten, Portalen, Bronnen und Epitaphien.* Nürnberg: Balthasar Caymox, 1598. Gravura 83).

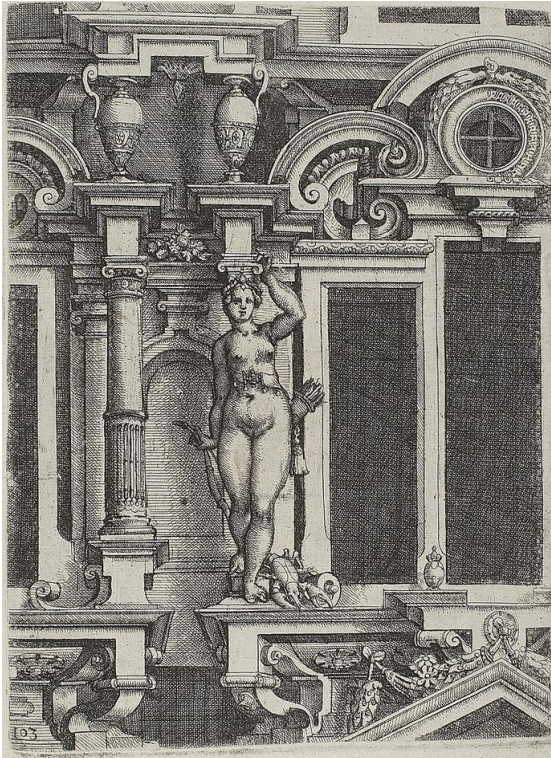


Fig. 38 - Coluna cariátide com capitel jónico. (DIETTERLIN, Wendel – Architectvra: Von Außtheilung, Symmetria vnd Proportion der Fünff Seulen, und aller darauß volgender Kunst Arbeit, von Fenstern, Caminen, Thürgerichten, Portalen, Bronnen und Epitaphien. Nürnberg: Balthasar Caymox, 1598. Gravura 103).

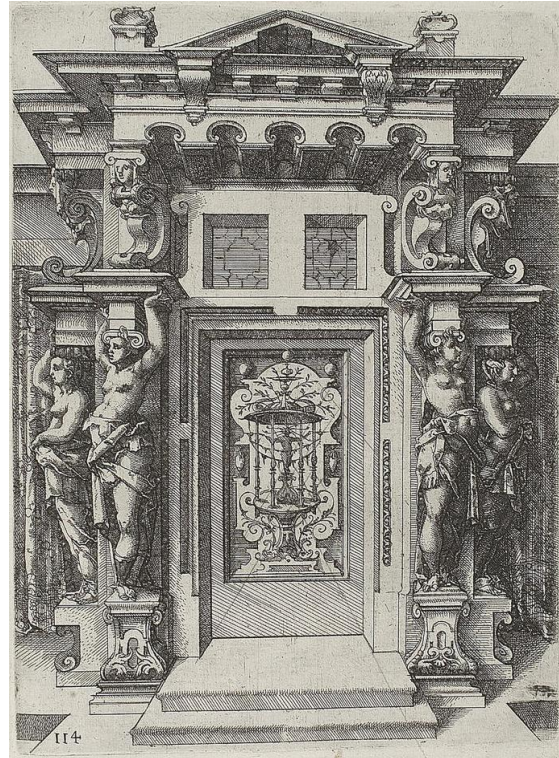


Fig. 39 - Portal ladedo por dois pares de colunas cariátides com capitéis jónicos. (DIETTERLIN, Wendel – Architectvra: Von Außtheilung, Symmetria vnd Proportion der Fünff Seulen, und aller darauß volgender Kunst Arbeit, von Fenstern, Caminen, Thürgerichten, Portalen, Bronnen und Epitaphien. Nürnberg: Balthasar Caymox, 1598. Gravura 114).

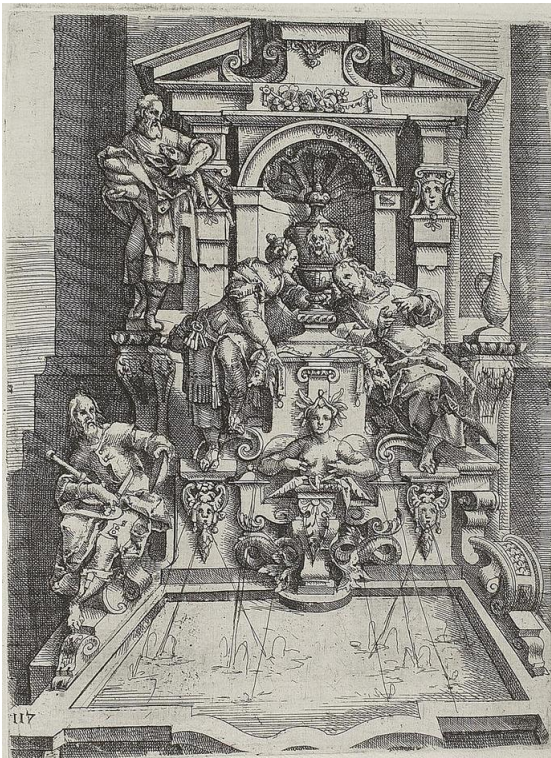


Fig. 40 - Fonte (DIETTERLIN, Wendel – Architectvra: Von Außtheilung, Symmetria vnd Proportion der Fünff Seulen, und aller darauß volgender Kunst Arbeit, von Fenstern, Caminen, Thürgerichten, Portalen, Bronnen und Epitaphien. Nürnberg: Balthasar Caymox, 1598. Gravura 117).

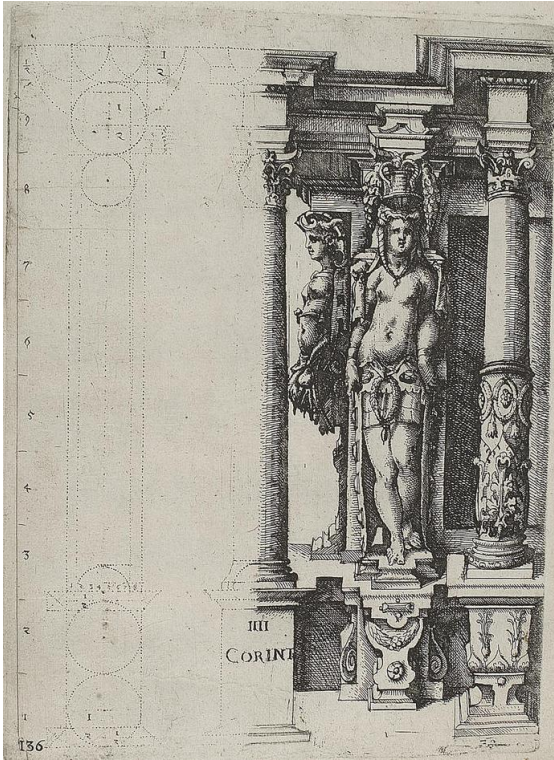


Fig. 41 - Coluna cariátide com capitel coríntio (DIETTERLIN, Wendel – *Architectvra: Von Außtheilung, Symmetria vnd Proportion der Fünff Seulen, und aller darauß volgender Kunst Arbeit, von Fenstern, Caminen, Thürgerichten, Portalen, Bronnen und Epitaphien*. Nürnberg: Balthasar Caymox, 1598. Gravura 136).

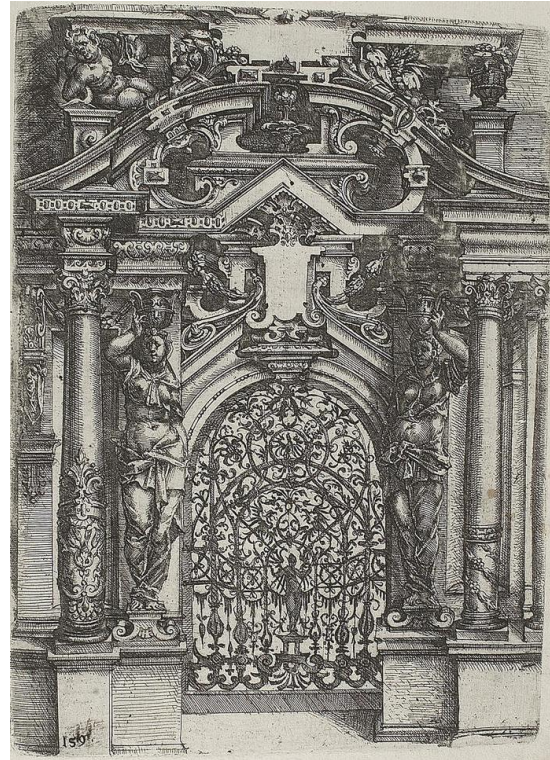


Fig. 42 - Portal ladeado por duas colunas cariátides-mísula (DIETTERLIN, Wendel – *Architectvra: Von Außtheilung, Symmetria vnd Proportion der Fünff Seulen, und aller darauß volgender Kunst Arbeit, von Fenstern, Caminen, Thürgerichten, Portalen, Bronnen und Epitaphien*. Nürnberg: Balthasar Caymox, 1598. Gravura 159).

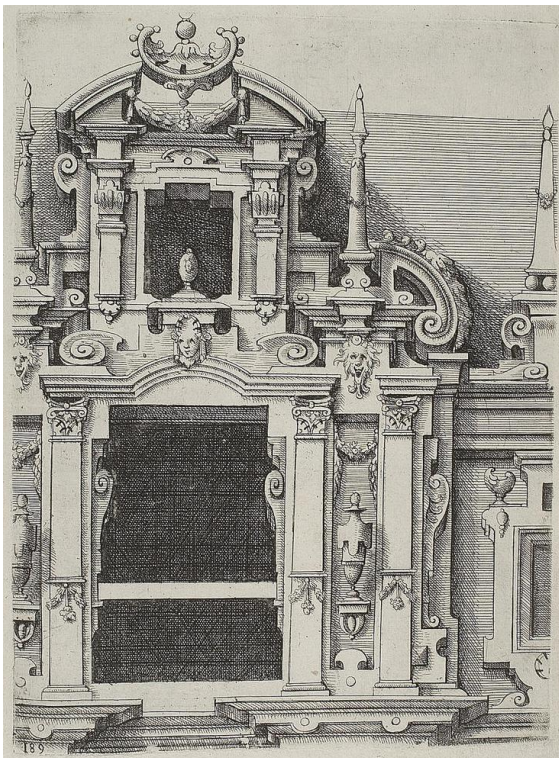


Fig. 43 - Portal (DIETTERLIN, Wendel – *Architectvra: Von Außtheilung, Symmetria vnd Proportion der Fünff Seulen, und aller darauß volgender Kunst Arbeit, von Fenstern, Caminen, Thürgerichten, Portalen, Bronnen und Epitaphien*. Nürnberg: Balthasar Caymox, 1598. Gravura 189).

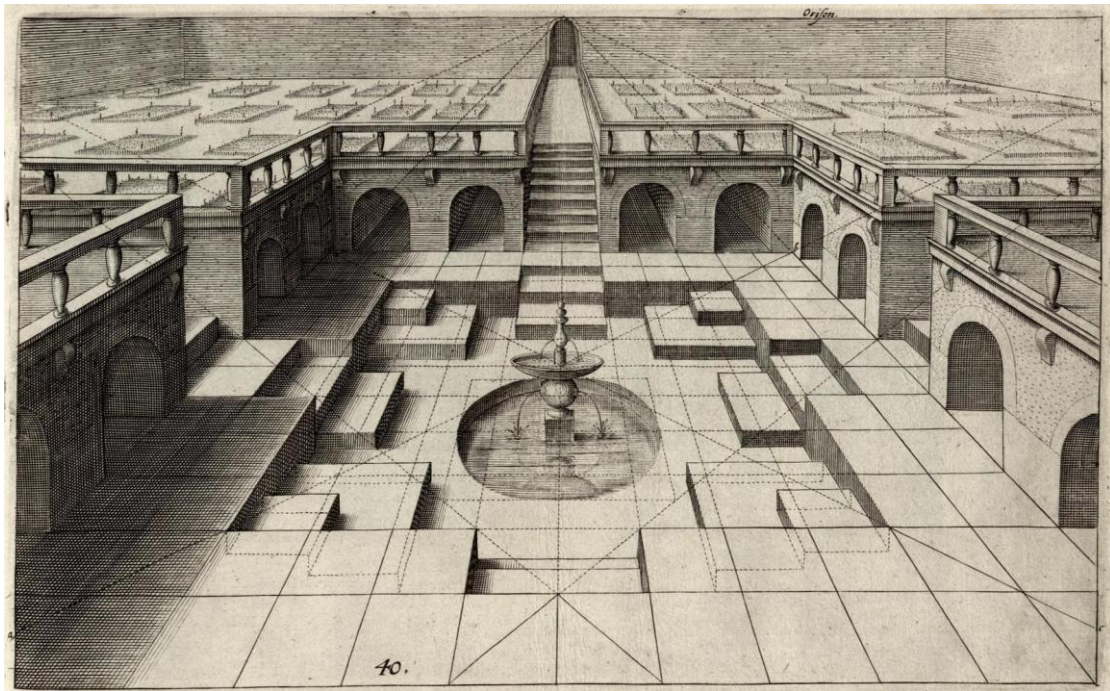


Fig. 44 - Chafariz no centro de um jardim (VRIES, Hans Vredeman de - *Perspective: c'est à dire les très-renommé art du point oculaire d'une veue dedans ou travers regardante*. Leiden: Lugduni Batavorum, 1604. Gravura 40).

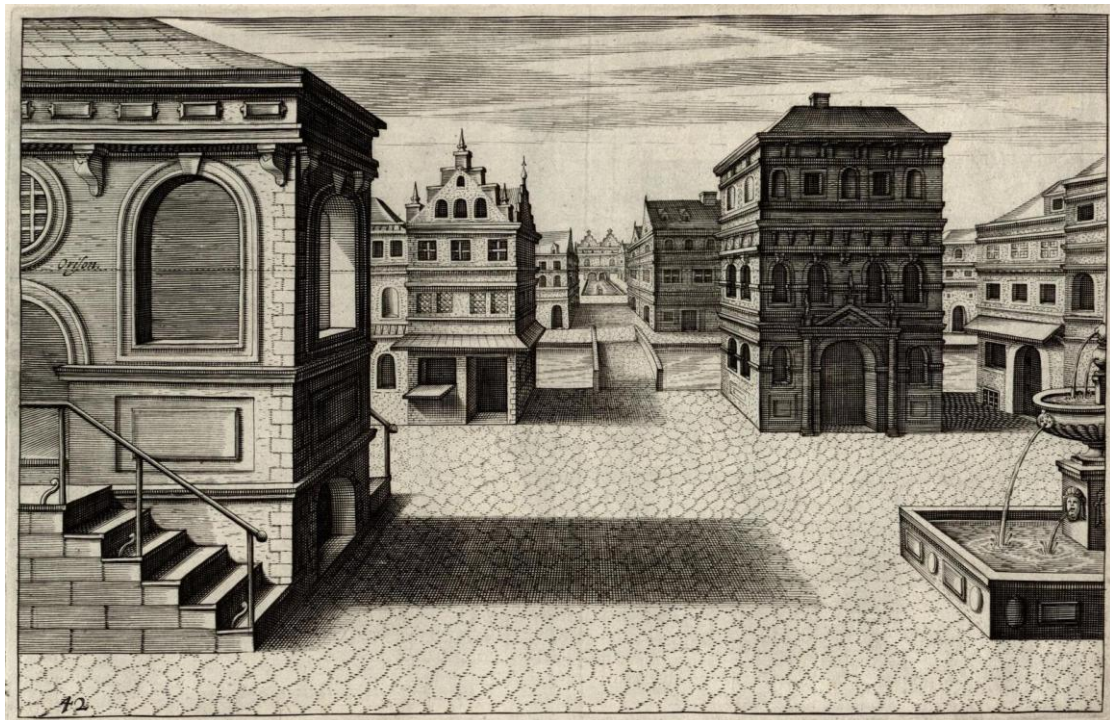


Fig. 45 - Perspectiva de uma praça com um chafariz (VRIES, Hans Vredeman de - *Perspective: c'est à dire les très-renommé art du point oculaire d'une veue dedans ou travers regardante*. Leiden: Lugduni Batavorum, 1604. Gravura 42).



Fig. 46 - Chafariz (VRIES, Hans Vredeman de – *Perspective: la seconde partie, de la très-excellente science*. Leiden: Lugduni Batavorum, 1605. Gravura 15).

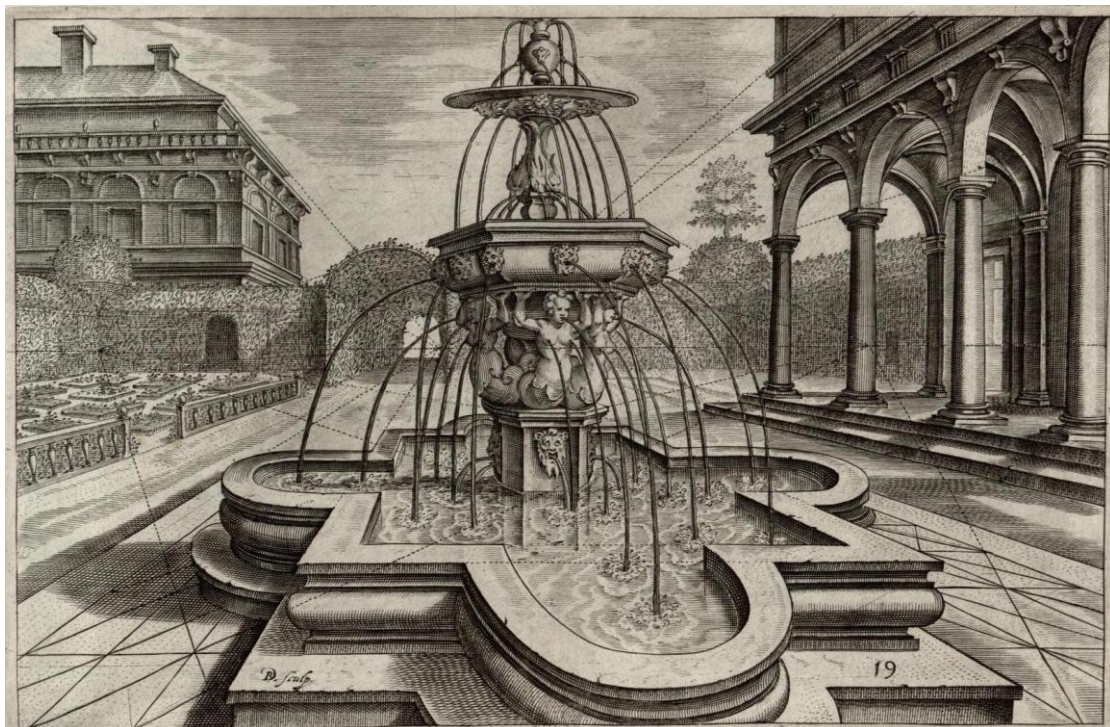


Fig. 47 - Chafariz (VRIES, Hans Vredeman de – *Perspective: la seconde partie, de la très-excellente science*. Leiden: Lugduni Batavorum, 1605. Gravura 19).



Fig. 48 - Chafariz (pormenor) (VRIES, Hans Vredeman de - Perspective: la seconde partie, de la très-excellente science. Leiden: Lugduni Batavorum, 1605. Gravura 19).

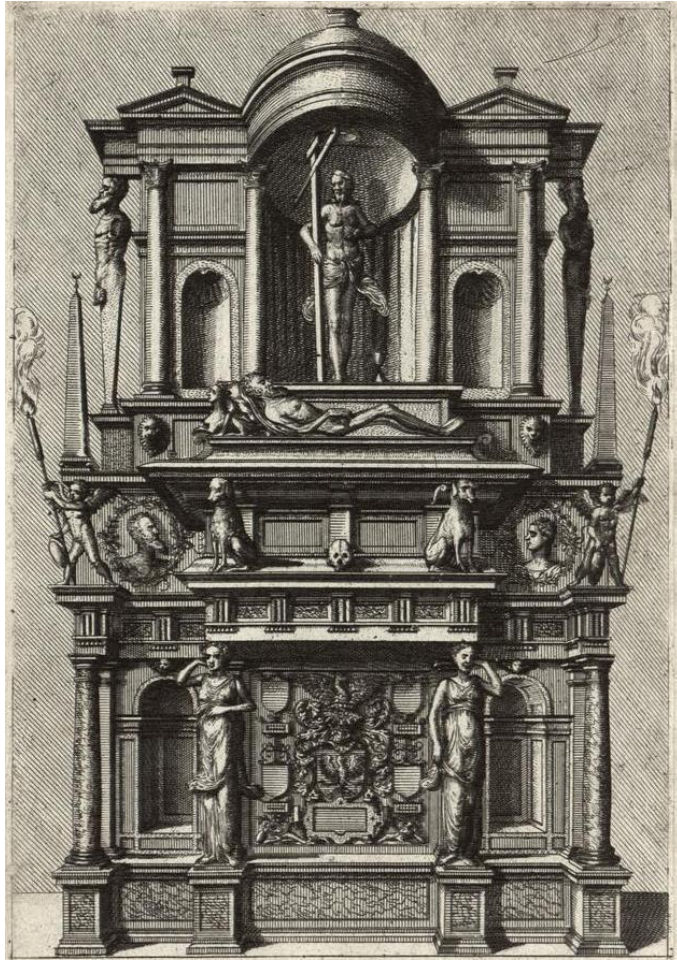


Fig. 49 - Altar (VRIES, Hans Vredeman de - *Pictores, statuarii, architecti, latomi, et quicunque principum magnificorumque virorum memoriae aeternae inservitis, adeste. s/l: C. de Mallery, 1620. Gravura 21).*



Fig. 50 - Altar (pormenor) (VRIES, Hans Vredeman de - *Pictores, statuarii, architecti, latomi, et quicunque principum magnificorumque virorum memoriae aeternae inservitis, adeste. s/l: C. de Mallery, 1620. Gravura 21).*

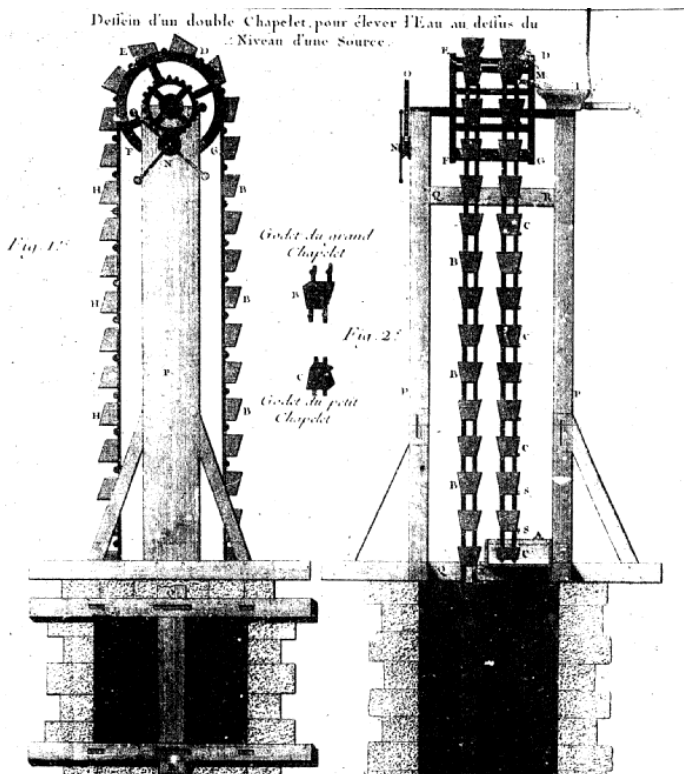


Fig. 51 - Desenho de uma corrente dupla para elevar a água acima do nível de uma fonte (BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique, ou L'art de conduire, d'élever et de ménager les eaux pour les différents besoins de la vie*. Tomo II, parte I. Paris: L. Cellot, 1782. Gravura 38).

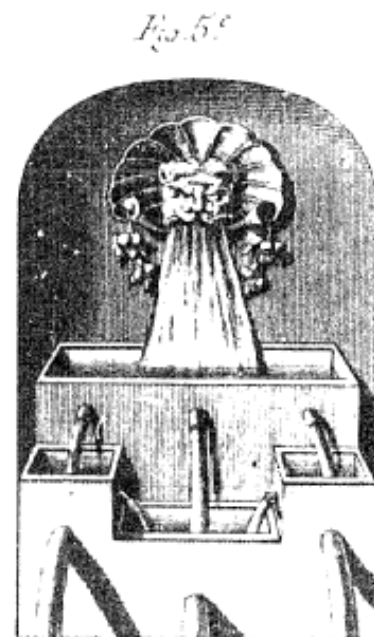


Fig. 52 - Os três tanques emissários (BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique, ou L'art de conduire, d'élever et de ménager les eaux pour les différents besoins de la vie*. Tomo II, parte I. Paris: L. Cellot, 1782. Gravura 43).

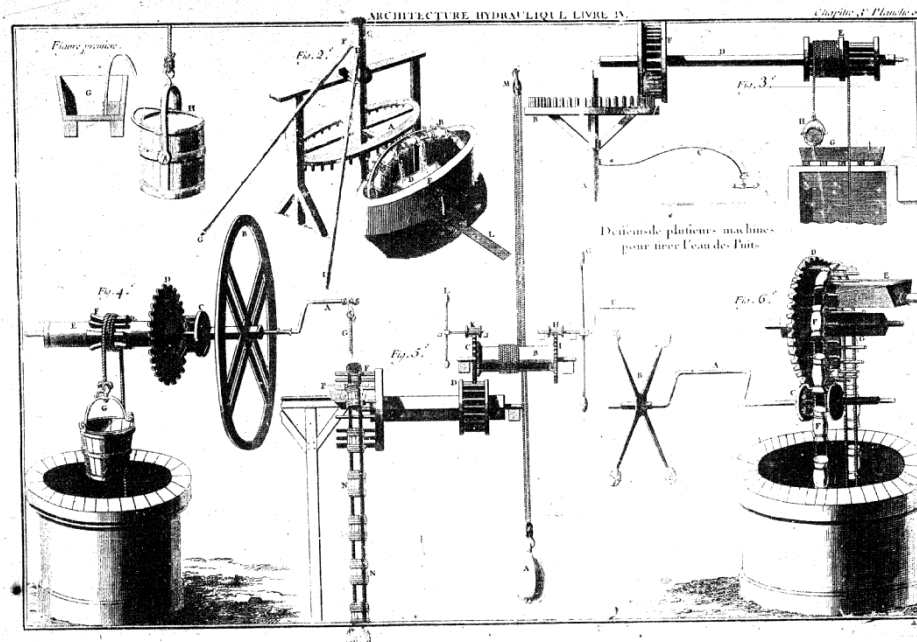


Fig. 53 - Máquinas de extrair água de poços (BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique, ou L'art de conduire, d'élever et de ménager les eaux pour les différents besoins de la vie*. Tomo II, parte I. Paris: L. Cellot, 1782. Gravura 45).

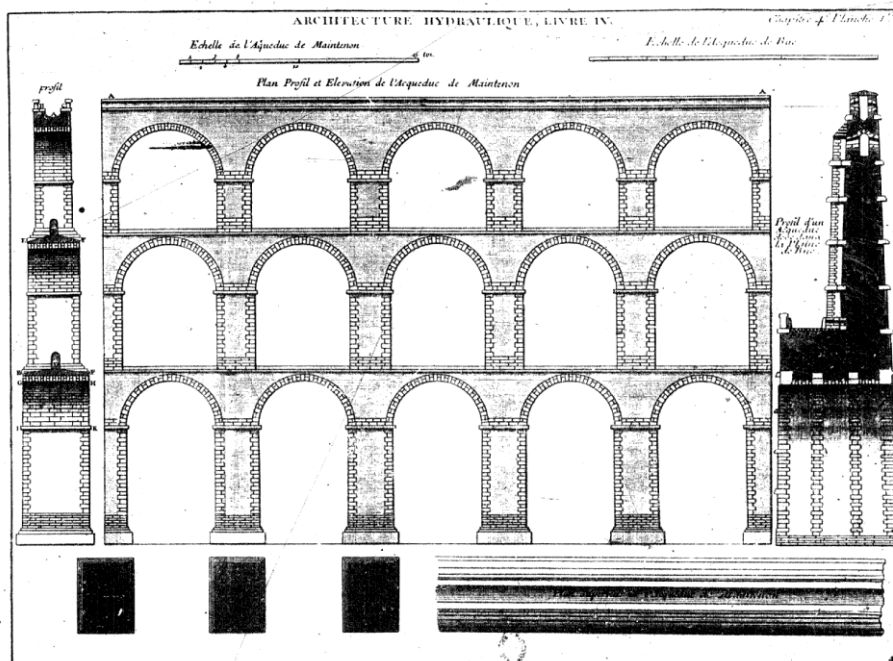


Fig. 54 - Plano e perfil de elevação do aqueduto de Maintenon (BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique, ou L'art de conduire, d'élever et de ménager les eaux pour les différents besoins de la vie*. Tomo II, parte I. Paris: L. Cellot, 1782. Gravura 46).

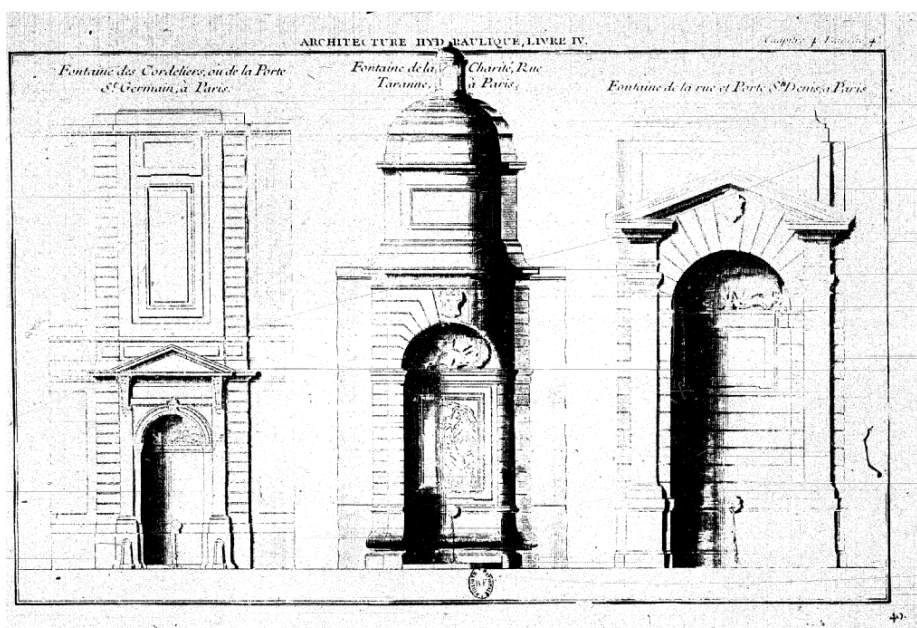


Fig. 55 - Desenho de três fontes de Paris. Da esquerda para a direita: Fonte das Cordeliers, ou da porta de St. Germain; fonte da Caridade na rua Taranne; e fonte da rua e Porta de St. Denis (BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique, ou L'art de conduire, d'élever et de ménager les eaux pour les différents besoins de la vie*. Tomo II, parte I. Paris: L. Cellot, 1782. Gravura 49).

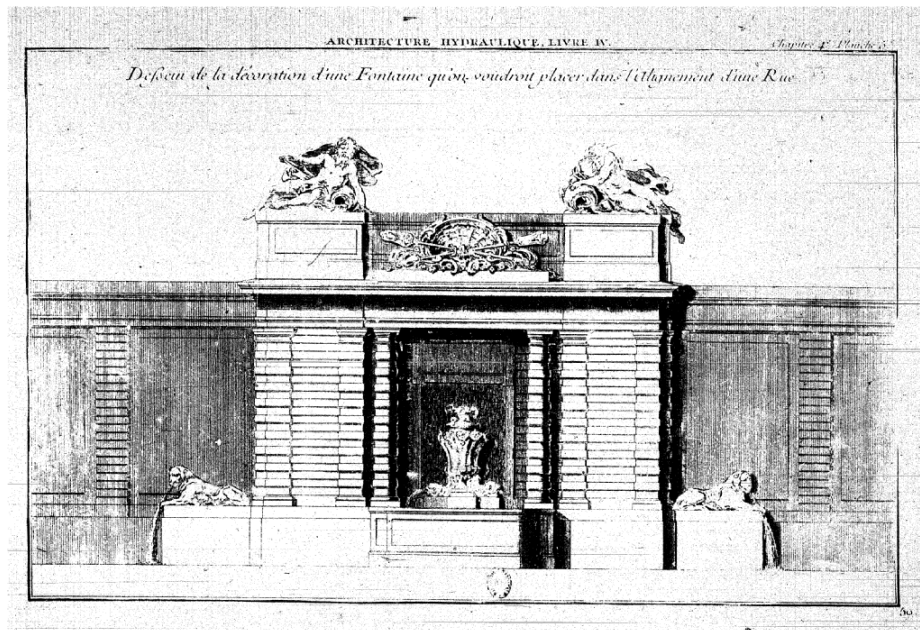


Fig. 56 - Desenho da decoração de uma fonte que teria lugar no alinhamento de uma rua (BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique, ou L'art de conduire, d'élever et de ménager les eaux pour les différents besoins de la vie*. Tomo II, parte I. Paris: L. Cellot, 1782. Gravura 50).

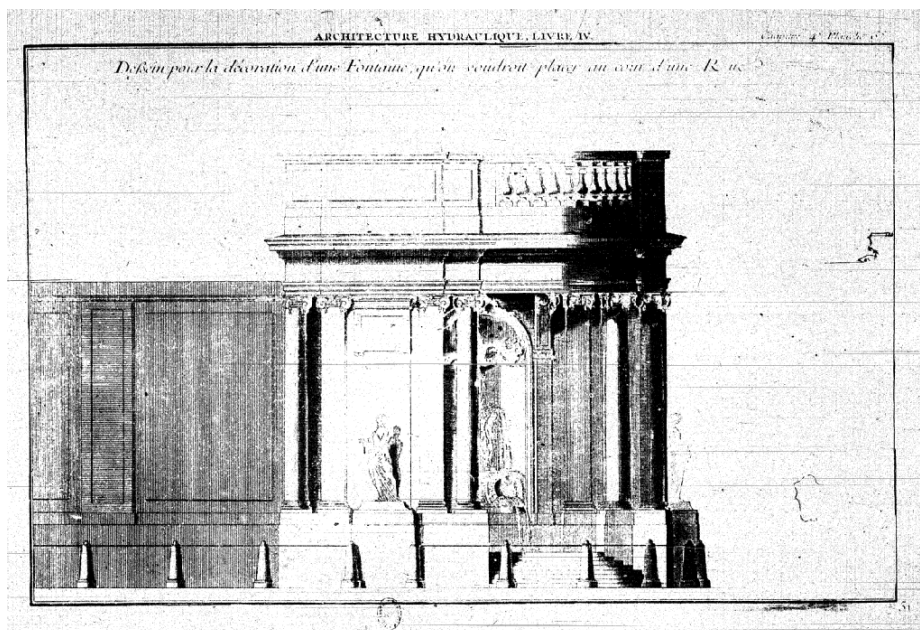


Fig. 57 - Desenho da decoração de uma fonte que seria colocada no canto de uma rua (BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique, ou L'art de conduire, d'élever et de ménager les eaux pour les différents besoins de la vie*. Tomo II, parte I. Paris: L. Cellot, 1782. Gravura 51).

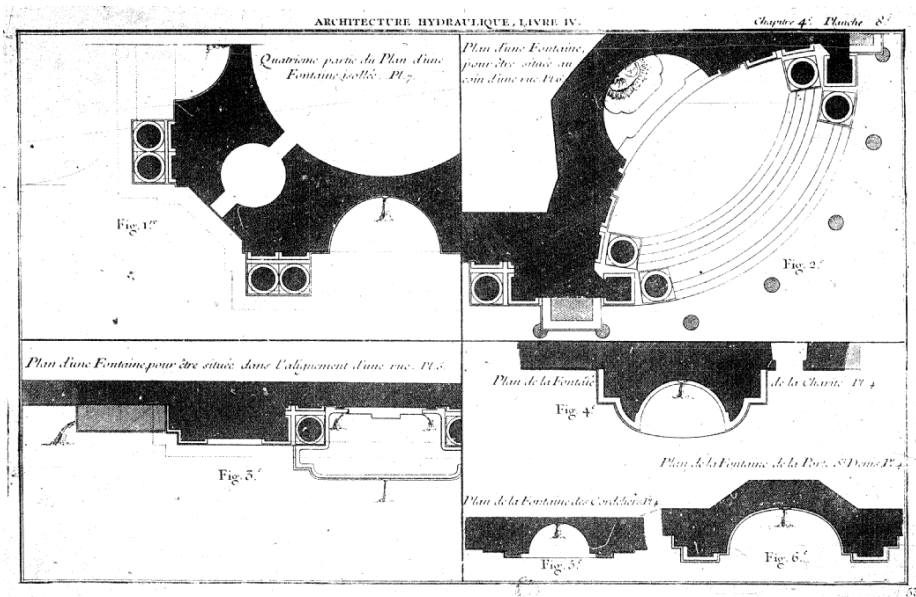


Fig. 58 - Plantas de quatro fontes (BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique, ou L'art de conduire, d'élever et de ménager les eaux pour les différents besoins de la vie*. Tomo II, parte I. Paris: L. Cellot, 1782. Gravura 53).

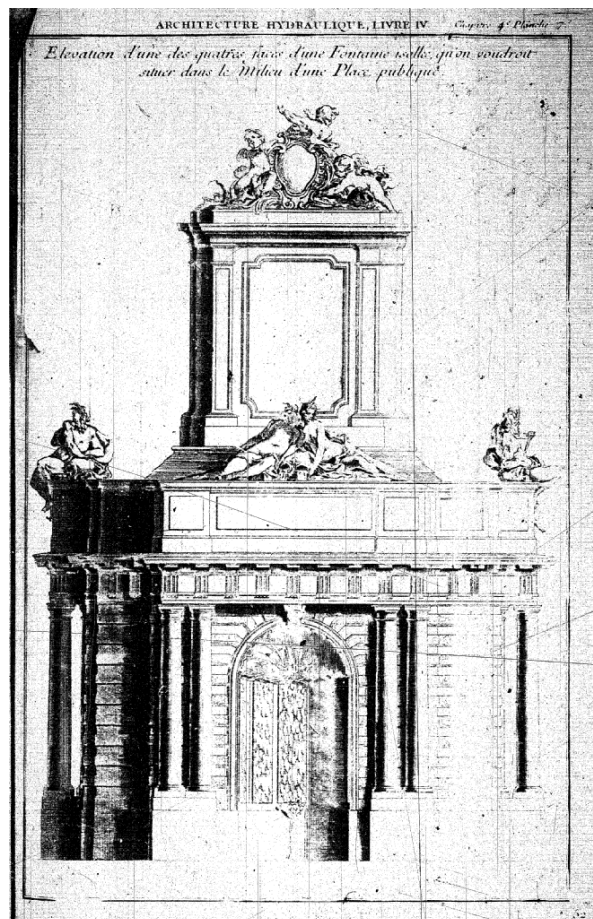


Fig. 59 - Elevação de um dos quatro lados de uma fonte isolada, para o centro de uma praça pública (BELIDOR, Bernard Forest de - *Architecture hydraulique, ou L'art de conduire, d'élever et de ménager les eaux pour les différents besoins de la vie*. Tomo II, parte I. Paris: L. Cellot, 1782. Gravura 52).



Fig. 60 - Entrada da Arca d'Água de Paranhos.



Fig. 61 - Lavadouros da Arca d'Água de Paranhos.

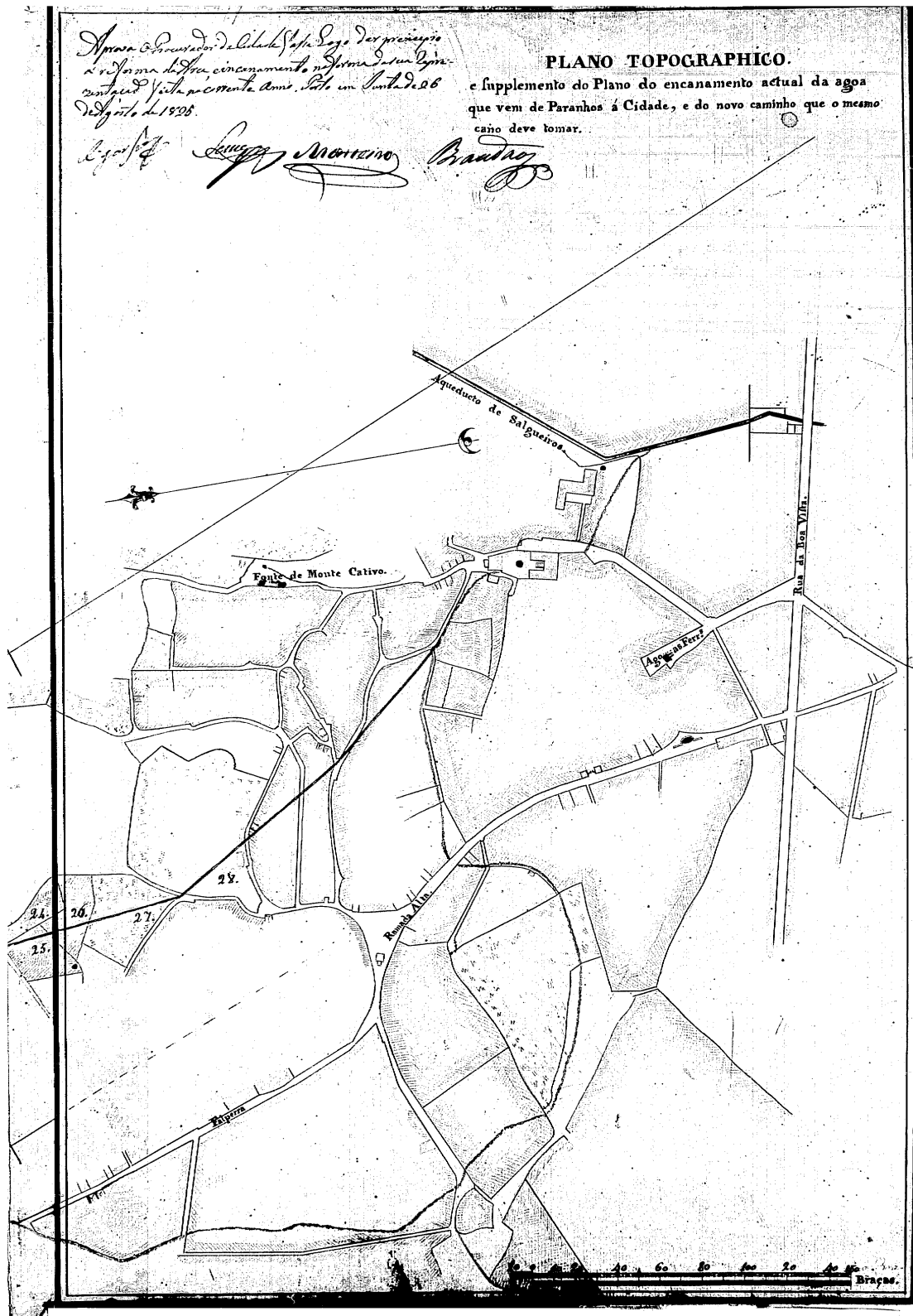


Fig. 62 – “PLANO TOPOGRAPHICO e supplemento do Plano do encanamento actual da agua que vem de Paranhos á Cidade, e do novo caminho que o mesmo cano deve tomar” (1825) (A.H.M.P., Livro de Plantas, planta 154).

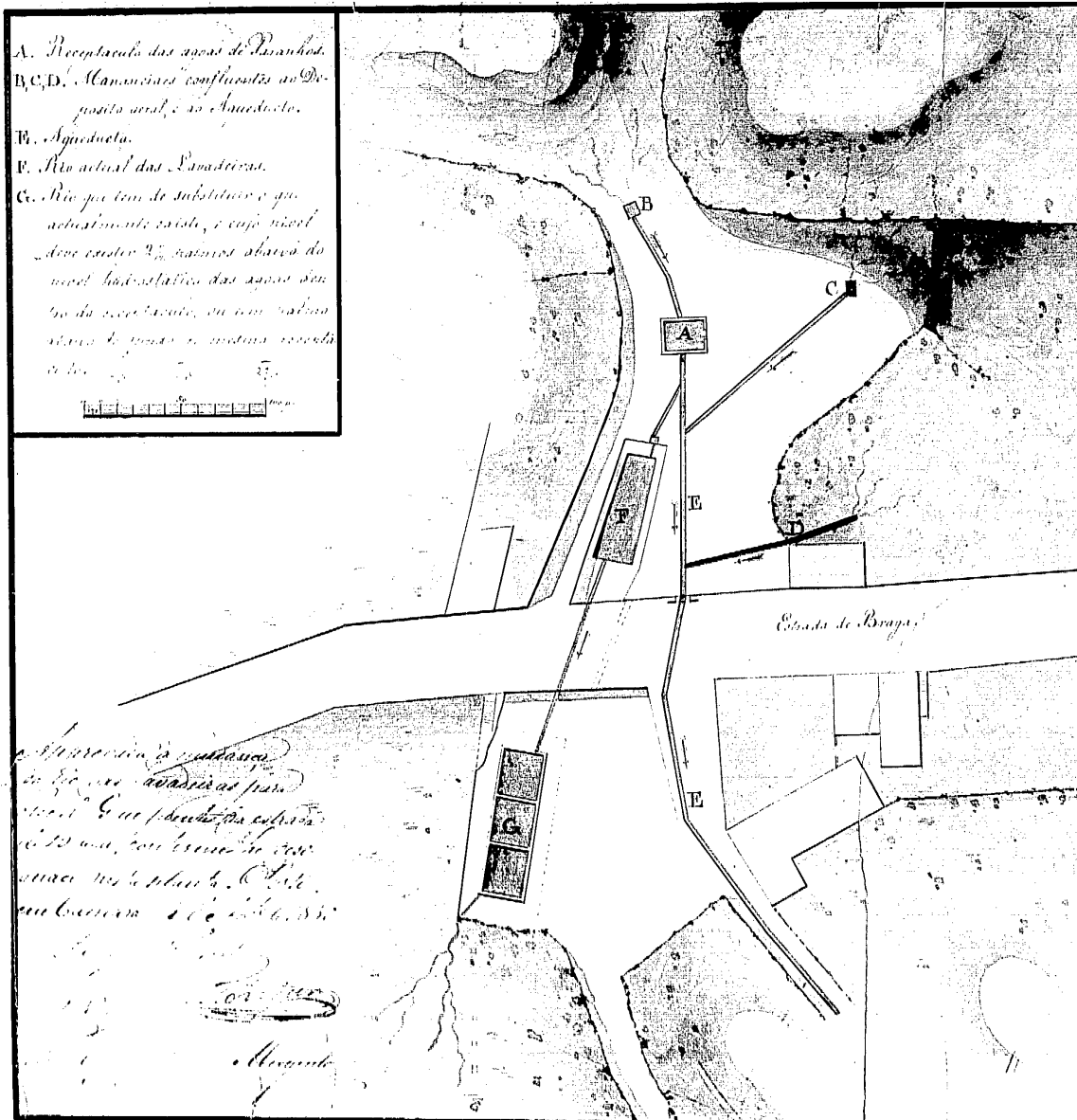


Fig. 63 - "Distribuição das águas dos mananciaes de Paranhos, na estrada de Braga" (1850) (A.H.M.P., Livro de Plantas, planta 303).

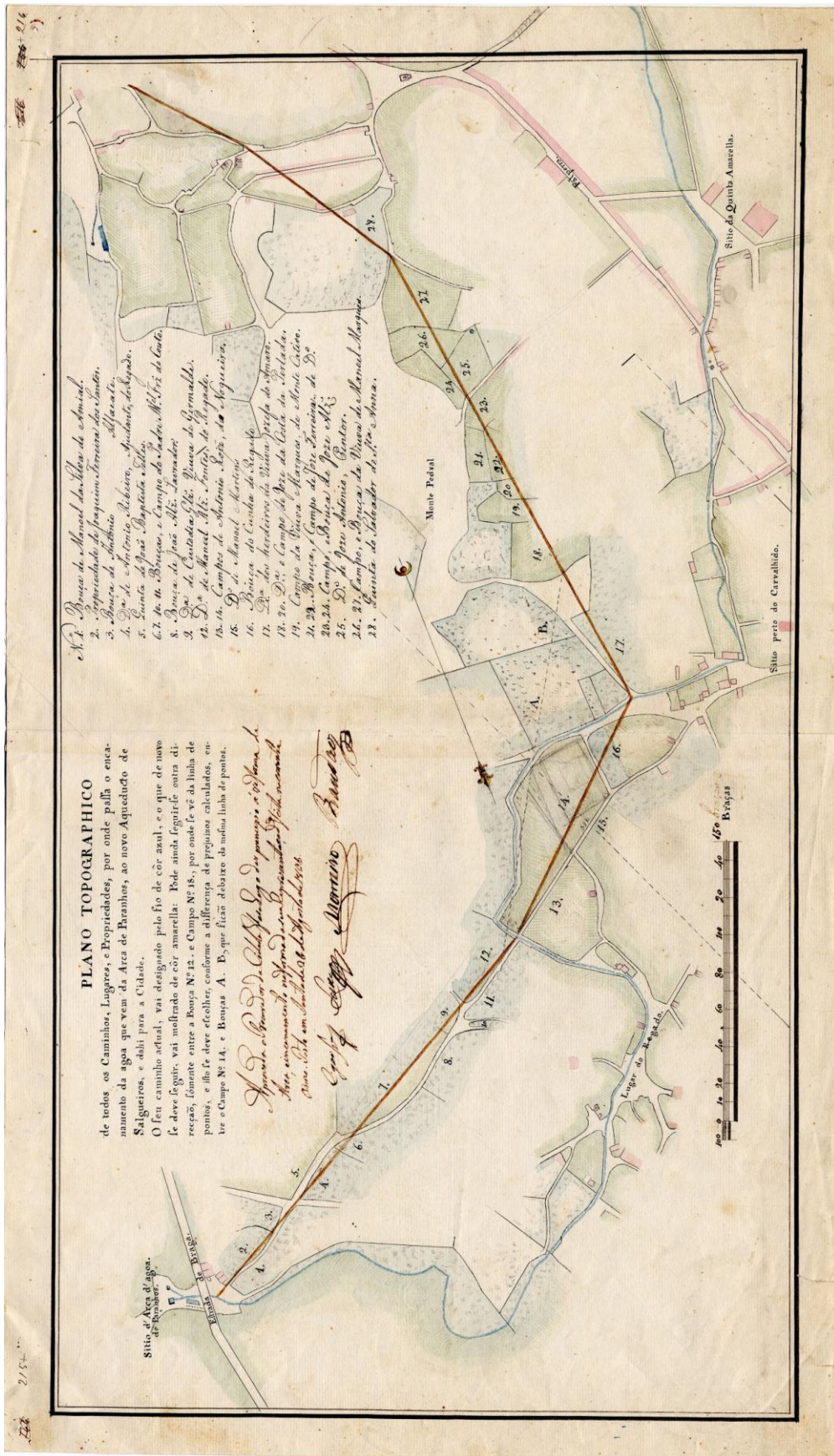


Fig. 65 - "PLANO TOPOGRAPHICO de todos os Caminhos, Lugares, e Propriedades, por onde passa o encanamento da agoa que vem da Arca de Paranhos, ao novo Aqueducto de Salgueiros, e dahi para a cidade" (1826) (A.H.M.P., Livro de Plantas, planta 164).



Fig. 67 - Arca do Campo Grande.



Fig. 68 - Entrada para a arca do Campo Grande.



Fig. 69 - Fragmento do aqueduto da arca do Campo Grande.

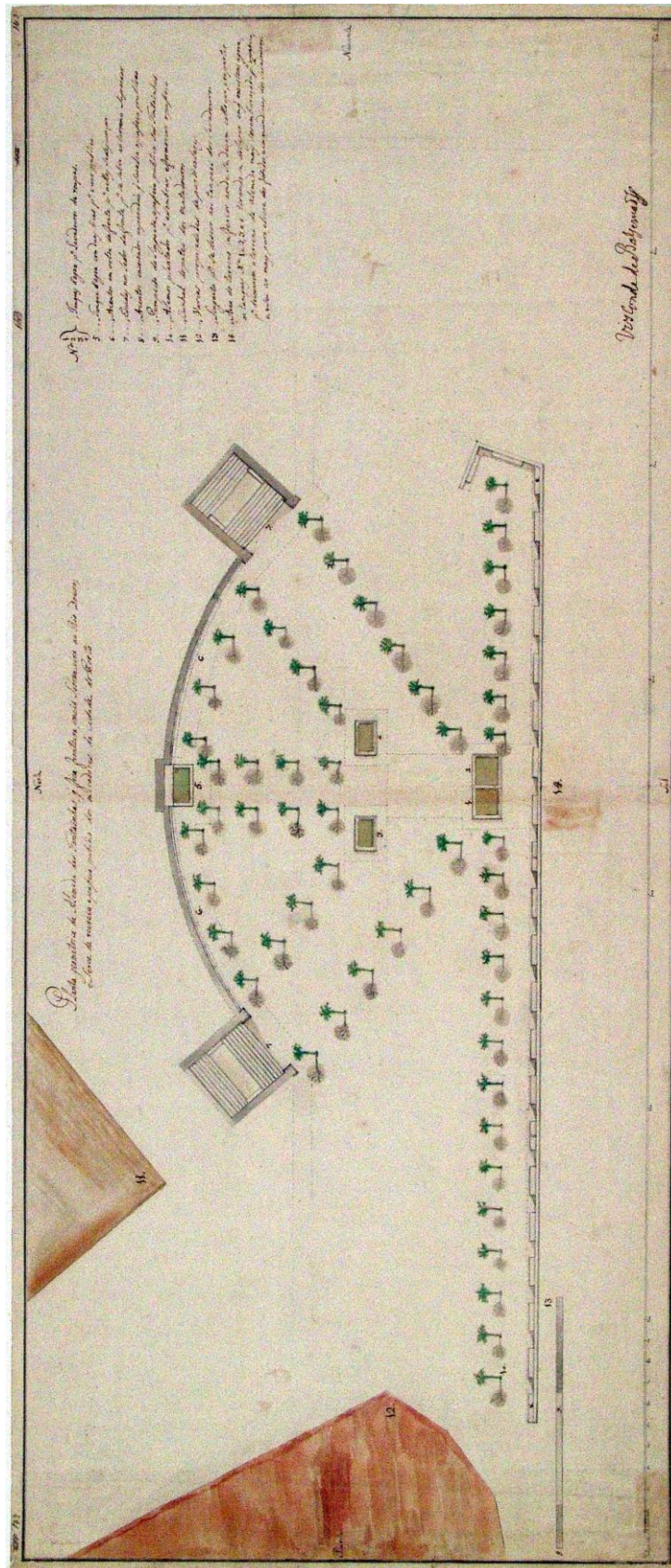


Fig. 70 - "Planta geométrica da Alameda das Fontainhas, q fica fronteira, e mais sobranceira ao Rio Douro; e serve de recreio, e passeio publico dos moradores da cidade do Porto" (séc XVIII-XIX) (A.H.M.P., Livro de Plantas, planta 109).

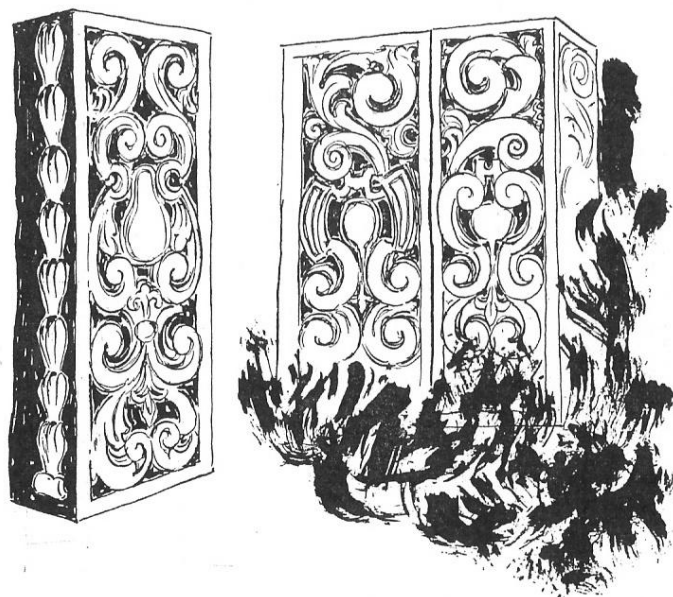


Fig. 71 - Fragmentos de elementos decorativos do chafariz da Rua Chã (COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia*. Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 418).



Fig. 72 - Fragmentos de elementos decorativos do chafariz da Rua Chã.



Fig. 73 - Fragmentos de elementos decorativos do chafariz da Rua Chã.

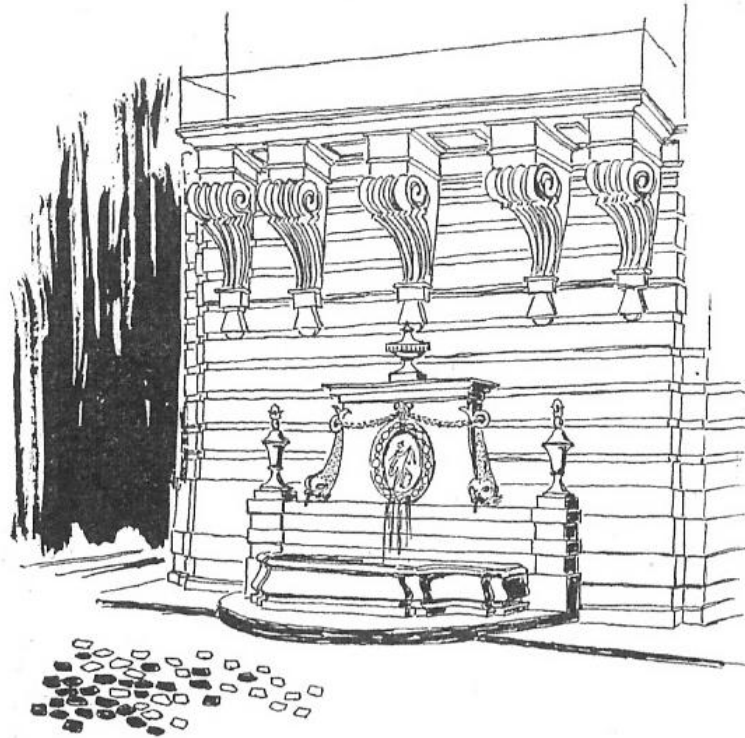


Fig. 74 - Chafariz da Porta do Olival (COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia*. Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 418).



Fig. 75 - Chafariz da Porta do Olival.



Fig. 76 - Promenor do medalhão com a imagem de Neptuno, do chafariz da Porta do Olival.



Fig. 77 - Chafariz de São Domingos.

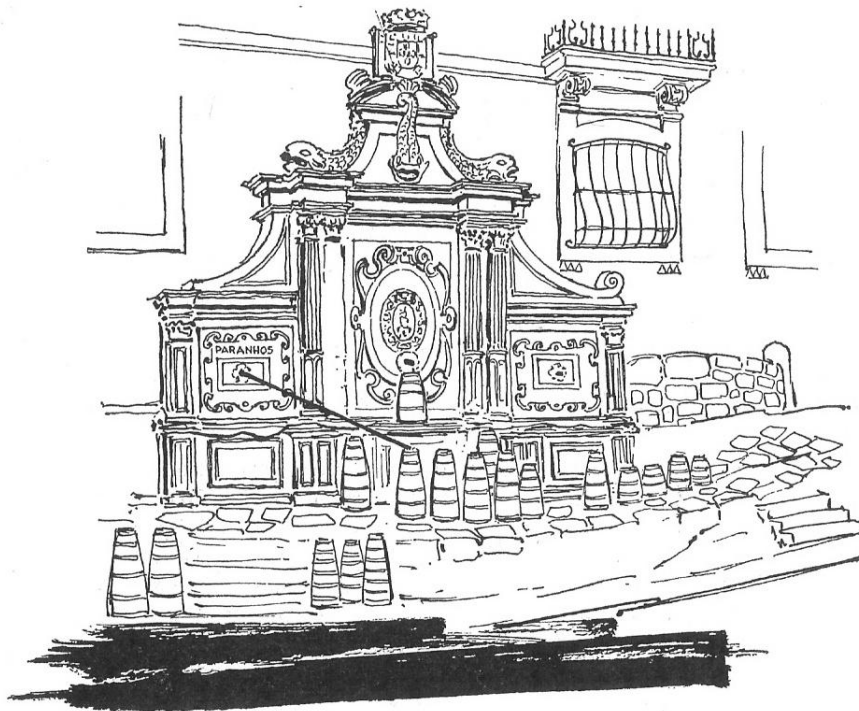


Fig. 78 - Chafariz da Rua Nova (COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia. Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 423).*

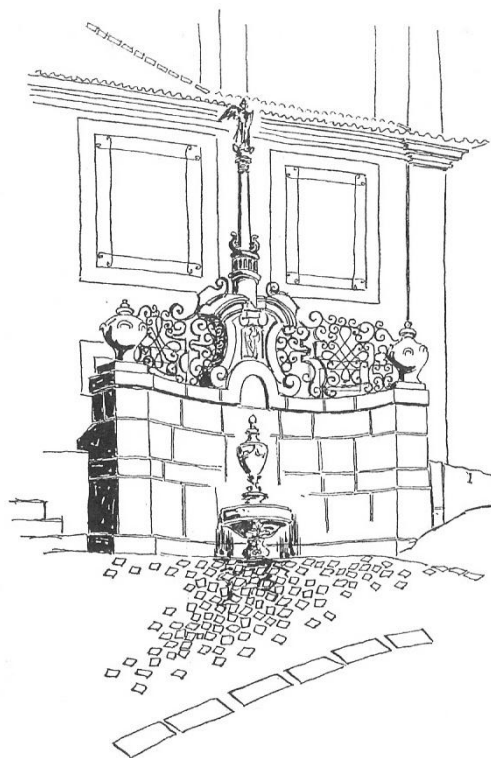


Fig. 79 - Chafariz de São Miguel-o-Anjo (COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia. Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 414).*



Fig. 80 - Chafariz de São Miguel-o-Anjo.



Fig. 81 - Promenor da lápide com a imagem do Anjo São Miguel, do chafariz de São Miguel-o-Anjo.



Fig. 82 - Estátua do Anjo São Miguel no cimo da coluna central do chafariz de São Miguel-o-Anjo.



Fig. 83 - Chafariz da praça Nova. Desenho de Joaquim Cardoso Vitória Vilanova (1833). Biblioteca Municipal do Porto, Reservados, Ms. 1479 (FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1997. p. 62).



Fig. 84 - Chafariz da Vila Parda (COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia*. Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 468).



Fig. 85 – Chafariz da Vila Parda.

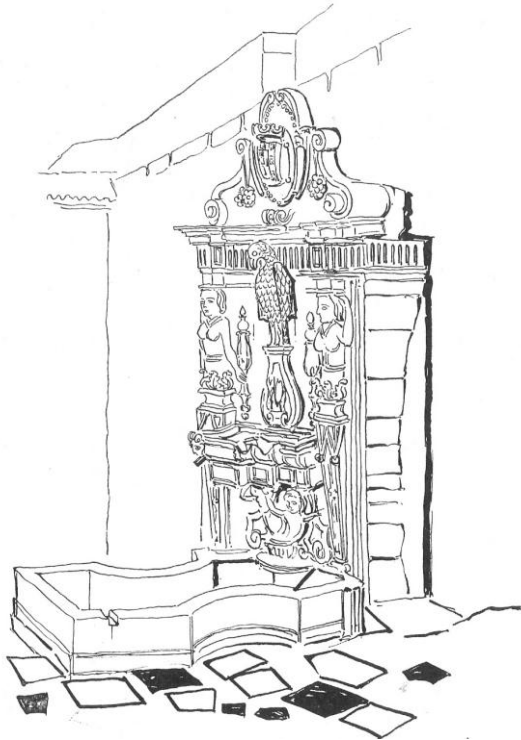


Fig. 86 - Fonte dos Pelicanos (COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia.* Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 415).



Fig. 87 – Fonte dos Pelicanos.



Fig. 88 - Fonte dos Pelicanos.



Fig. 89 - Pormenor da bica e da taça da fonte dos Pelicanos.



Fig. 90 - Cariatide-mísula da fonte dos Pelicanos.



Fig. 91 - Cariatide-mísula da fonte dos Pelicanos.

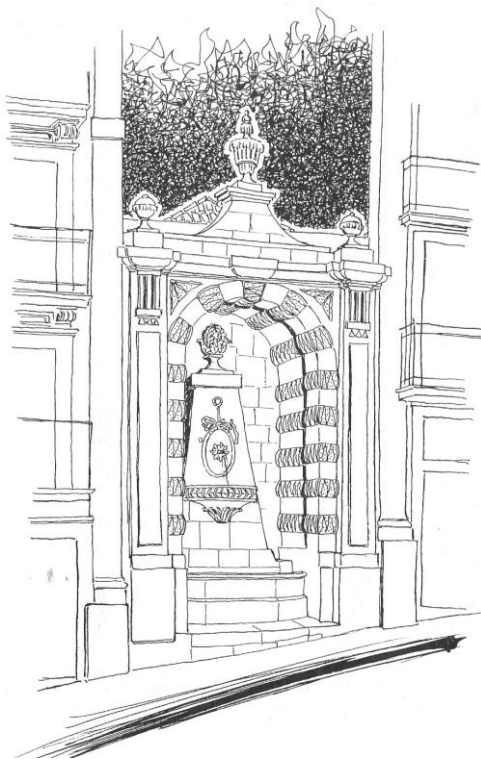


Fig. 92 - Fonte das Taipas (COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia*. Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 412).



Fig. 93 - Fonte das Taipas.

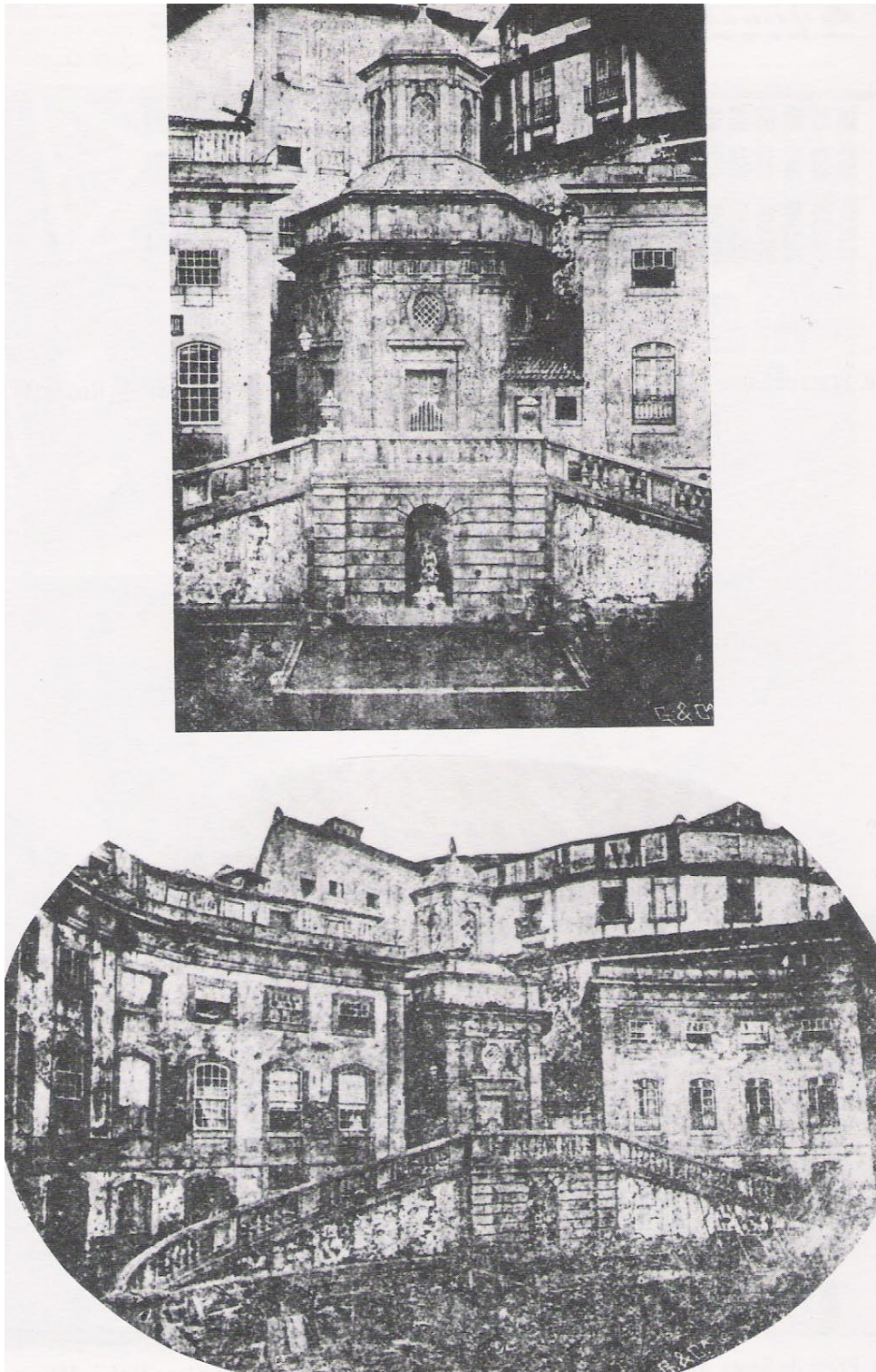


Fig. 94 - Praça de Santa Ana, capela e fonte de São Roque (FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almas: arquitectura, obras públicas*. Volume II. Porto: Câmara Municipal, 1990. p. 620).

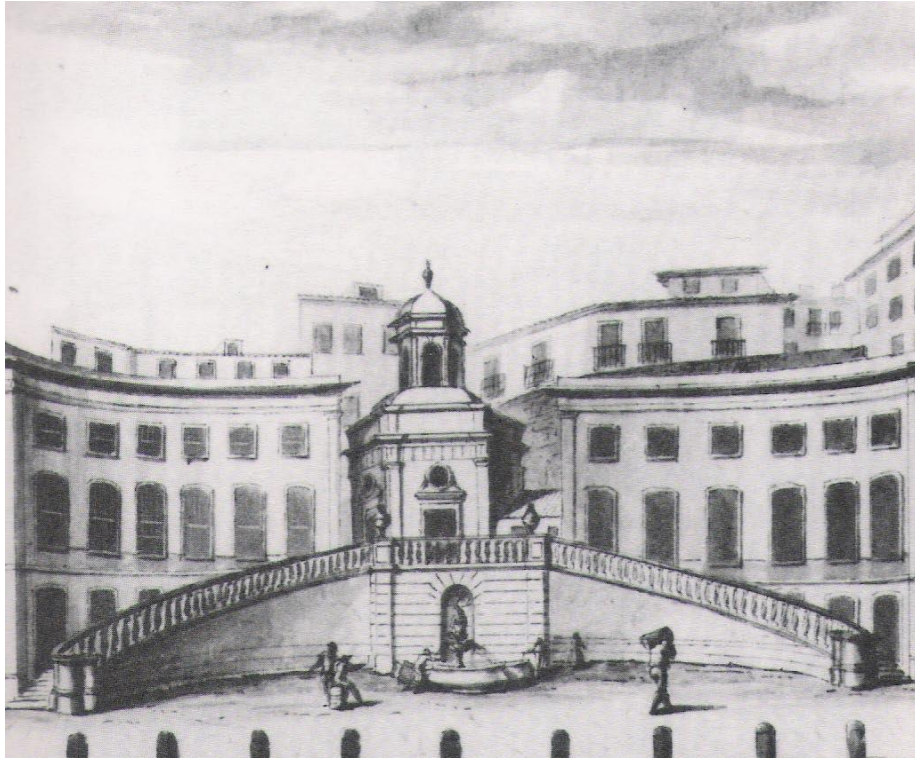


Fig. 95 - Praça de Santa Ana, capela e fonte de São Roque. Desenho de Joaquim Cardoso Vitória Vilanova (1833). Biblioteca Municipal do Porto, Reservados, Ms. 1479 (FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A arquitectura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1997. p. 61).

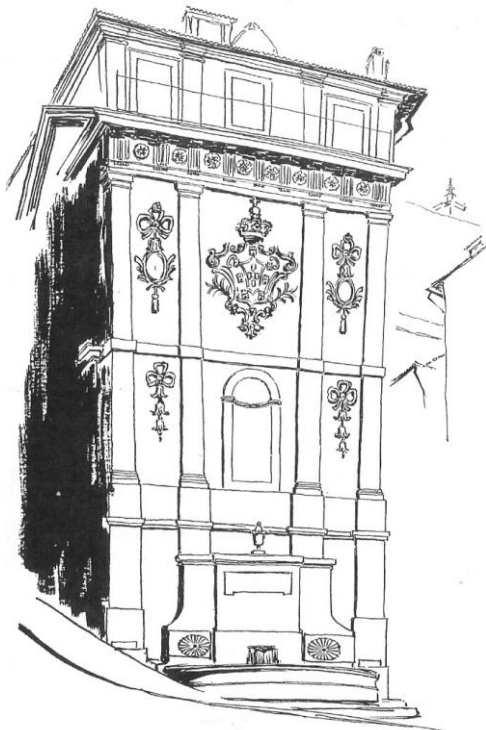


Fig. 96 - Fonte da Praça da Ribeira (COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia*. Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 422).



Fig. 97 – Fonte da Praça da Ribeira.



Fig. 98 - Fonte da Praça da Ribeira.

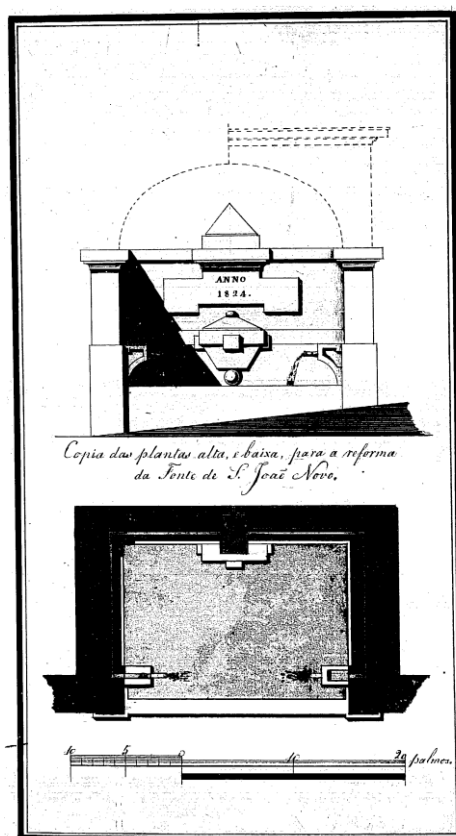


Fig. 99 - "Copia das plantas alta, e baixa, para a reforma da Fonte de S. João Novo" (1824) (A.H.M.P., Livro de Plantas, planta 50).

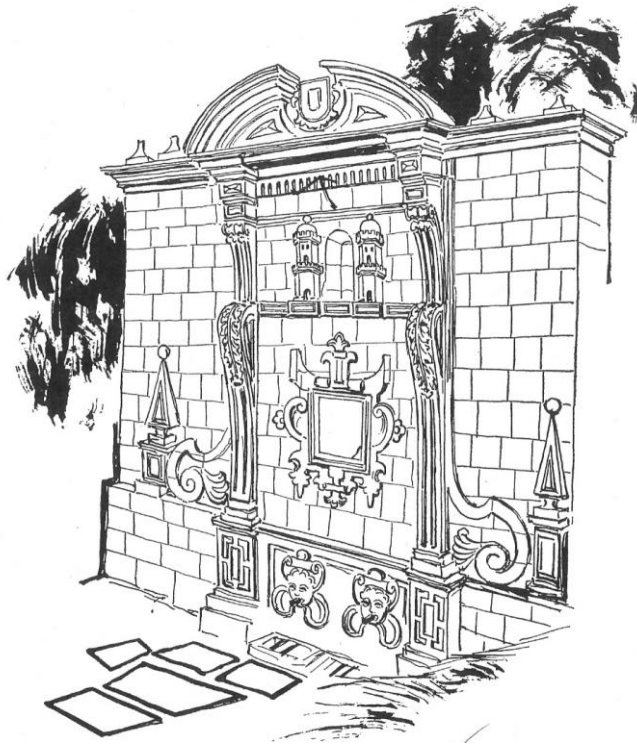


Fig. 100 - Fonte das Virtudes (COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia*. Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 413).



Fig. 101 - Fonte das Virtudes.



Fig. 102 - Carrancas da fonte das Virtudes.

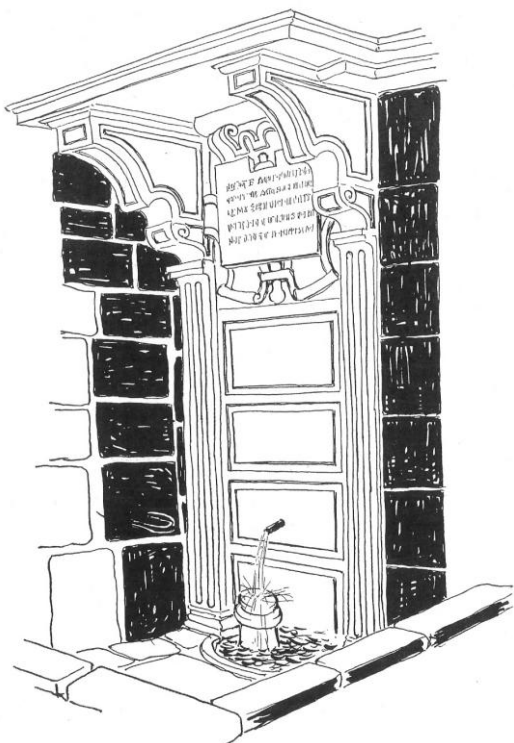


Fig. 103 - Fonte da Colher (COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia*. Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 419).



Fig. 104 - Fonte da Colher.



Fig. 105 - Fonte das Bicas de Massarelos.

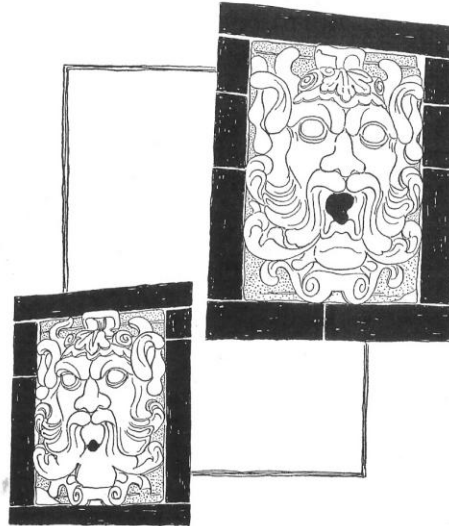


Fig. 106 - Carrancas da fonte da Arca (COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia*. Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 444).

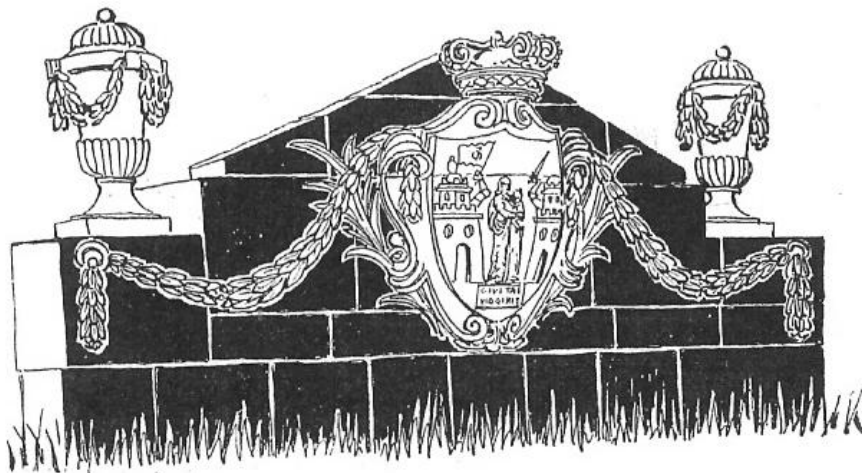


Fig. 107 - Arranjo com elementos decorativos da fonte da Arca (COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia*. Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 469).

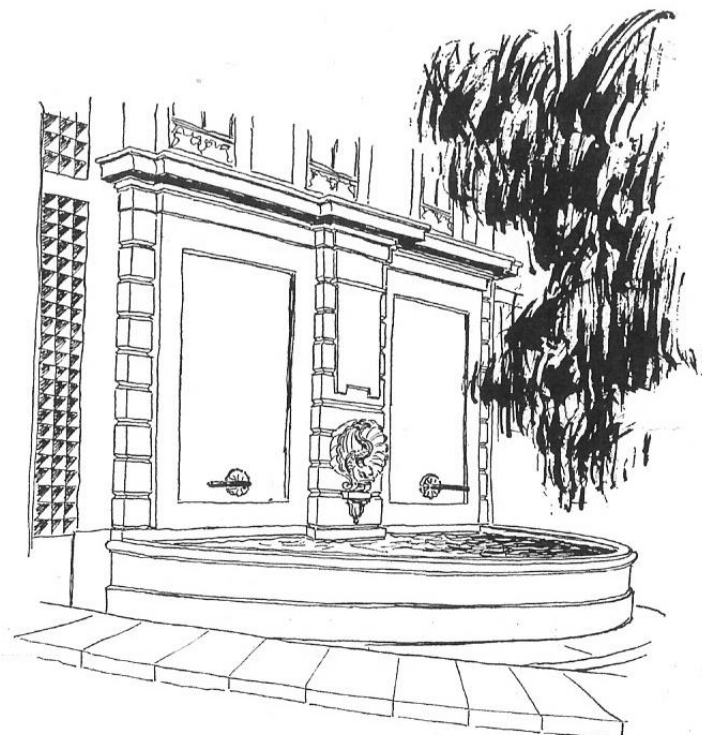


Fig. 108 - Fonte das Oliveiras (COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia*. Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 451).

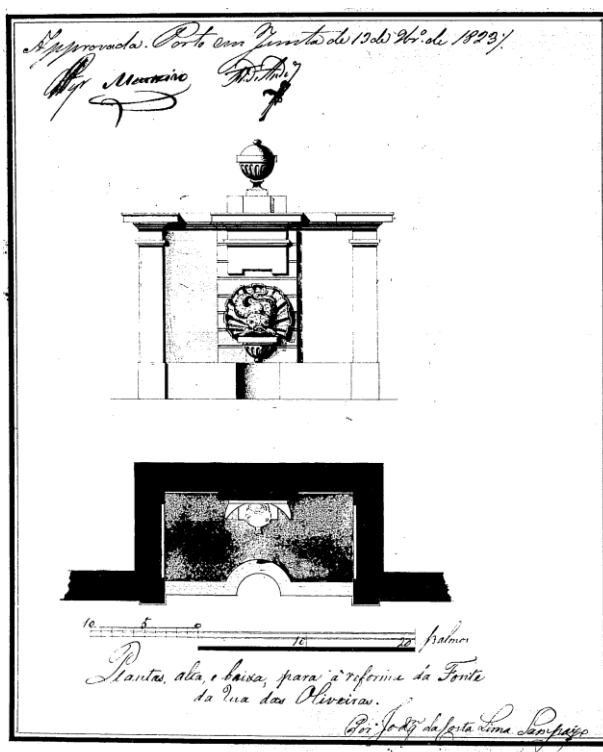


Fig. 109 - "Plantas, alta, e baixa, para a reforma da Fonte da rua das Oliveiras." Joaquim da Costa Lima Sampaio (1823) (A.H.M.P., Livro de Plantas, planta 57).



Fig. 110 - Fonte das Oliveiras.



Fig. 111 - Bica da fonte das Oliveiras.

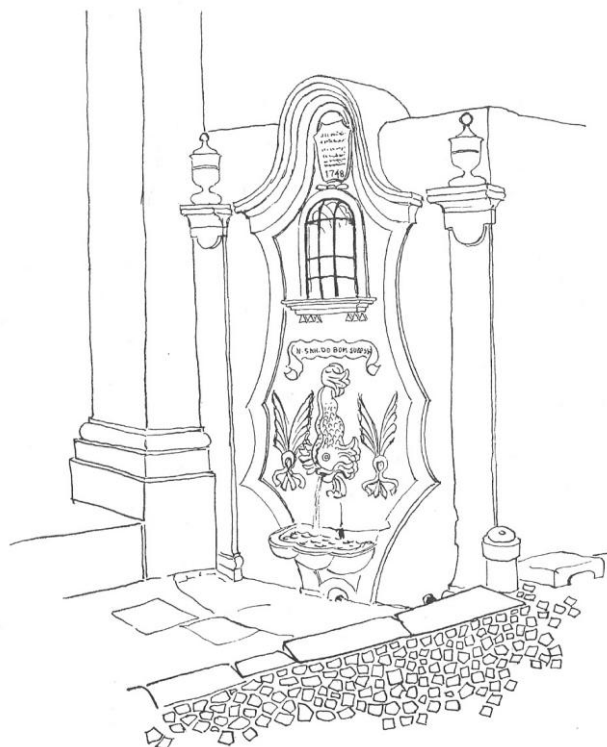


Fig. 112 - Fonte do Bom Sucesso (COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia.* Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 457).

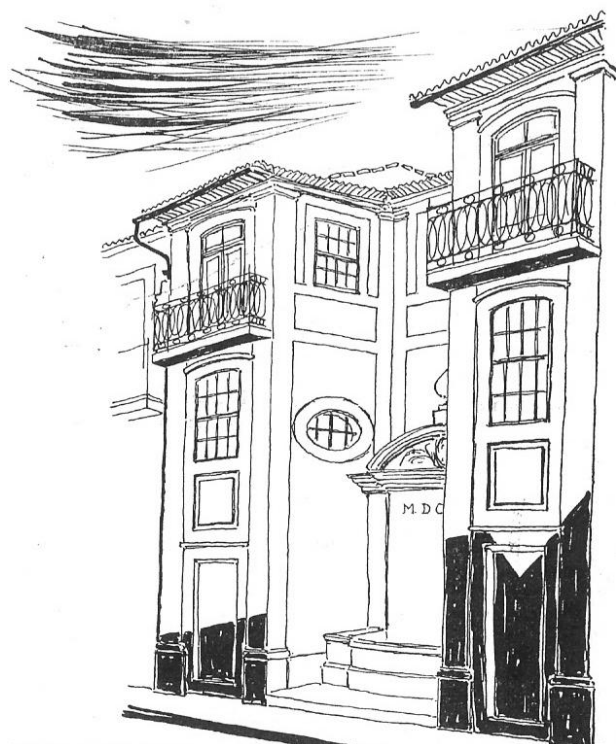


Fig. 113 - Segunda Fonte da Rua do Almada (COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia.* Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 452).

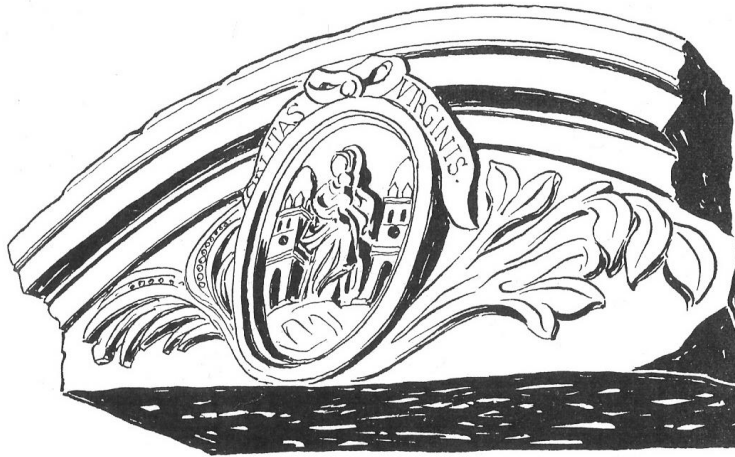


Fig. 114 - Frontão da segunda fonte da Rua do Almada (COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia.* Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 453).

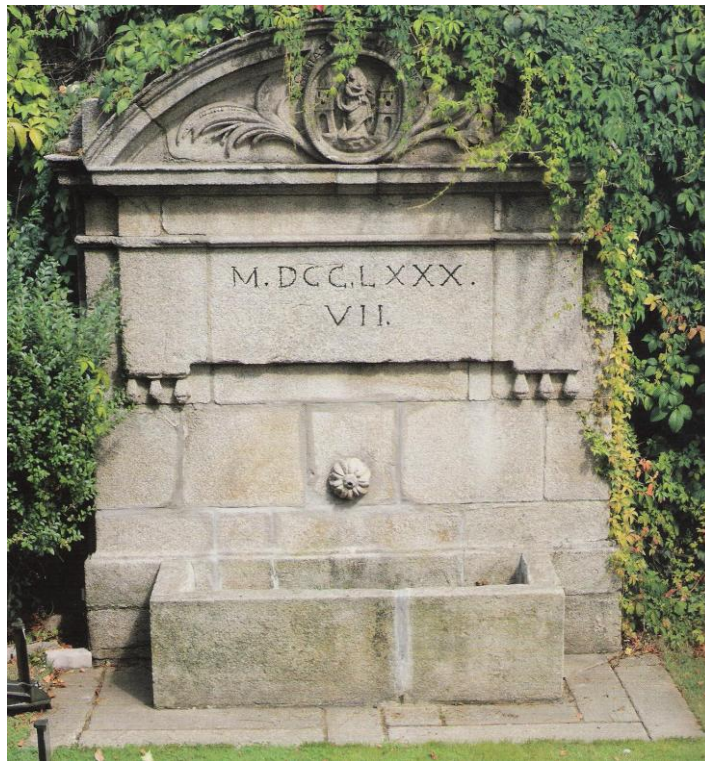


Fig. 115 - Segunda fonte da Rua do Almada.



Fig. 116 - Fonte das Águas Férreas.



Fig. 117 – Fonte das Águas Férreas.

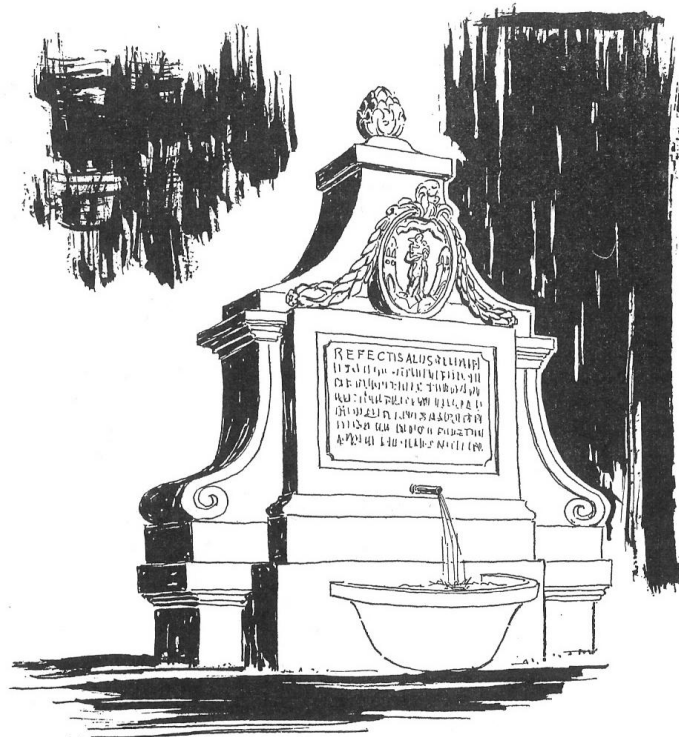


Fig. 118 - Fonte dos Ablativos (COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia.* Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 421).



Fig. 119 - Fonte dos Ablativos.



Fig. 120 - Lápide da fonte dos Abtivos.



Fig. 121 - Remate da fonte dos Ablativos.



Fig. 122 - Fonte das Fontainhas (COUTINHO, Bernardo Xavier – *Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia*. Boletim Cultural, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal, 1969. p. 461).



Fig. 123 - Fonte das Fontainhas.



Fig. 124 - Fonte de Bonjóia.

ANEXO II – DOCUMENTOS

DOCUMENTO Nº 1

FONTE: A.H.M.P./ A-PUB/ 00780, fls. 93-94.

DATA: 20 de Novembro de 1597.

«q se traga agua de paranhos

Eu El-Rei faco saber aos q este alvara Virem q os moradores E povo da Cidade do Porto me fizeraõ hua petiçaõ de que o trilhado he o seguinte, = Dizem os moradores E povo da cidade do Porto que por a grande falta E neccidade que tem de agoa dentro dos muros della E o muito trabalho q tem em mandarem buscar pediraõ por petiçaõ a El-Rei Dom Sebastiaõ que Ds. tem lhe fizesse merce dar lhes licença p.^a trazerem a augua de *paranhos das tres fontes* a Cidade E p.^a Isso offereceraõ mil cruzados para ajuda da despeza E avendo o dito snor Respeito á grande neccidade que o povo tinha de agua ouve por seu serviço. E por lhe fazer merce mandar vir as ditas tres fontes E que se trouxessem á custa das Rendas da Imposiçaõ do Vinho E Sal E das mais da cidade como costa do trislado da provisãõ que se apresenta em q diz que as Rendas sobre ditas se não gastaraõ em cousa alguma senãõ na dita obra em quanto durar, E porq da dita provisãõ não ha se não treslado que se offerece Justificado por testemunhas por o proprio se perder, Pedem a V.M.e lhe faça merce, vista a grande falta de agoa E ser bem comum E nobreza da dita cidade mandar passar nova provisãõ p.^a que a dita obra se faca á custa das Rendas acima ditas E dos crescimentos das sisas da dita cidade pois as ditas Rendas E crecimentos se gastaõ sempre nas obras publicas della E elles supricantes estaõ prestes p.^a dar os ditos mil cruzados que tem offerecidos p.^a ajuda da obra E Receberãõ merce = E antes de lhes dar despacho mandey fazer certas diligencias pello L.^o do Simaõ do Vale peixoto Corregedor E Provedor da comarca da dita cidade E Vista a informaçãõ que o dito Corregedor me enviou E como por ella E pellas Repostas dos officiais da camara E procuradores dos mesteres que sobre Isto foraõ ouvidos cõsta do comum proveito E beneficio q os moradores da dita cidade Receberãõ de vir a ella a agoa das *tres fontes* que estaõ hua *estrada publica* da freguesia de paranhos termo da dita cidade E que não ficavaõ os moradores da dita freguesia Recebendo perda

consideravel por lhe tirarem aquella agoa a Respeito da grande Utilidade que a cidade Recebia em aver de vir a ella E que a perda que podia fazer em algumas propriedades por onde os canos della haviaõ de passar fora avaliada em cincoenta mil rs só mente com. Inda ficàr agoa p.^a as novidades dos donos dellas, Hey por bem E me praz que a dita agoa das tres fontes de paranhos venha E seja trazida a cidade pella ordem E traça que o dito corregedor com o Juiz de fora Vereadores E procurador ordenarem E lhes parecer mais acertada E conveniente E que para se por a dita obra em Efeito a ponhaõ logo em pregaõ E a arrematem a quem por menos a quiser fazer com todas as obrigações seguraças E fianças necessarias de maneira que fique a obra muito segura E bem feita. E como for arrematada se começará logo a fazer conforme ao contrato E condições com que se arrematar dos mil cruzados que os ditos moradores E povo querem logo dar p.^a isso. E da hy em diante se fará despesa della até de todo ser acabada a obra dos canos por onde a dita agoa á de vir E a dos chafarizes que p.^a ella se aõ de fazer na cidade á custa do Rendimento das Imposições do Vinho E sal que estaõ applicadas p.^a as obras publicas della E do dinheiro dos crescimentos das sisas as quais Rendas E crescime.tos em quanto a dita obra durar se não poderaõ despende em outra algúa cousa mais q na quellas em que per minhas provisoes está ordenado q se despendaõ E aos ditos Corregedor E officiaes da câm.^a que ora saõ E ao diante forem Mando que tenhaõ particular cuidado de q a dita obra se faça de maneira que por falta de diligencia não deixe de Ir sempre por diante E se faça com toda brevidade, E q todos cumpraõ guardem E façaõ Inteiramente cumprir E guardar este alvara como se nelle contem posto que o Efeito delle aja de durar mais de hú anno sem embargo da ordenação em cont.^o. Gaspar dabreu o fez em Lisboa a Vinte de Nov.^o de mil E quinhentos noventa E sete. João dacosta o fez escrever.

El-Rey (assinatura)

A close-up photograph of a handwritten signature in red ink on aged, yellowed paper. The signature is highly stylized and cursive, characteristic of the 16th or 17th century. The ink is a deep red, and the paper shows signs of wear and discoloration.

Alv.^a p.q. V.M.e ha por bem q se traga á Cidade do Porto a agoa de tres fontes da freguesia de paranhos termo da dita cidade E se faça a despesa dos canos á custa do Rendimento da Imposição do Vinho E sal E dos sobejos dos Crescimentos das sisas pela man.^a acima declarada, p.^a V.M.e Ver».

DOCUMENTO Nº 2

FONTE: A.H.M.P./ A-PUB/ 05724, fls. 103-108v.

DATA: 30 de Agosto de 1784.

«Em Junta de trinta de Agosto do anno de mil setecentos oitenta e quatro que se fes com aprovasão do Illustrissimo Excelentissimo Senhor Joaõ de Almada e Mello Presidente das obras Publicas nesta cidade do porto, e caza da camara onde vièraõ o Doutor Juiz de Fora do civil (sic), e Vereadores do mesmo Senado, com asistencia do Procurador da cidade todos abaixo asinados.

E logo nesta Junta, se asentou, que não achando (sic) athe agora, Reduzido a termo autentico as novas obras que se achaõ resolvidas, e deliniadas; por este termo se expressasem, e confirmasem, todas as anteriormente resolvidas e se tomase asiento sobre todas as mais que se julgarem úteis, e presizas, afim declarem conserdidadas (sic) a porpossaõ de maior veclidade (sic), e presizaõ dellas, e Segundo o dinheiro que houver na consignasaõ applicadas para estas obras.

Asentouse, que sendo presentemente o cães da Ribeira de ambito pouco proporcionado ao desembarque de todos os afflitos, respectivos ao maior comercio e a povoasaõ desta cidade, e se fazia presizo supris o dito desembarque, e trafico do comercio aumentando-se o referido cães da Ribeira na forma possivel; o que só podia verificar-se construindo-se hum cães desde o penedo dos Guindaes, athé terminaar em o oulto cães, que já se acha edificado por pessoas particulares, dando-se-lhe a comunicasaõ por hua escarpa, ou Lingueta para o caminho que corre sobre o Refferido penedo dos Guindaes, o qual caminho se deve alargar comprando-se e demolindo-se a este fim as duas moradas de cazas que naquele sitio acetreitaõ (sic), e fazem perigoza a sua pasage tendo já sucedido cahirem alguns carros ao Rio.

Asentouse, que se acabase de construir a fonte que se mandou fazer debaixo do arco, que fica ao lado da Porta da Praça da Ribeira, para nella correr a agoa que vem da Arca do sitio chamado de Malmajudaz em cujo aquaduto se fizese todo o necessario Reparo.

Asentouse, que se continuase, e logo se acabase de edificar a caza, que na dita Praça da Ribeira se acha principiada sobre a escada que sobe para o muro.

Asentouse, que devendo-se já detreminado, que se comprase todas as moradas de cazas, que se achão ao lado do Nascente, da mesma Praça da Ribeira e que dipois de concluida a compra dellas, se edifiquem pela consignasaõ das Obras Publicas com hua exacta uniformidade, das que se achão construidas ao lado Poente da dita Praca.

Asentouse, que devendo completar-se a fonte, que se acha principiada ao lado do Norte da mesma Praça entre a Rua de Sam joaõ, ca dos Mercadores, que nella terminaõ, igualmente e se devia procurar conduzir-lhe a agoa, que lhe era competente, e presiza; para o que se buscaria no sitio do Posso das Patas, abrindo todas as agoas, que se podesem introduzir de mais na arca Publica que se acha naquele sitio, ou no aquaduto, que a condus para esta cidade; e quando esta não foze bastante deviao abrir outrs veas de agoa, que alguns Vedores tem indicado, junto a Igreja da Mizericordia, e na Rua dos Mercadores.

Asentouse, que achando-se detreminado, que por senaõ terem sugestado (sic) alguns dos proprietários das cazas da Rua dos Mercadores, cujos predioz ficaõ contíguos a área, e frente (sic) do Nascente da Rua de Sam Joaõ, e construir os edificios da frente da dita Rua, na conformidade da Planta que para ella foi estabelecida; se comprazem todas as ditas cazas; e prédios para pelo Publico serem reidificados na forma da mesma Planta, assim se executa-se logo, que se houvese verificado a sobredita detreminada compra.

Asentouse, que havendose já demolido hua morada de cazas na entrada da Rua das Quangostas a parte do Poente que asombravaõ ao alinhamento da Rua de Sam Joaõ, se fazia ainda presizo, para completar o alinhamento da dita Rua, que se cortarse parte da fronteira das cazas contíguas as já demolidas, que saõ, do Conego Manoel Jozé Pereira, e consequentemente se deviaõ comprar as ditas cazas, ou preto (sic) as com o mesmo proprietário dellas, as demoliraõ, e novo alinhamento a que devia heduzirse (sic) a frente das ditas cazas.

Asentouse, que devendo-se semelhantemente ediado o precave todos os meios possiveis, para se vir a abrir no dito sitio hua Praça triangular, cujos lados principiando

nelle o departe do Nascente, e terminado na frente da Igreja da Misericórdia, formando nesta hum dos seus angulos, continue a formar pela frente da dita Igreja o seu sigundo lado em linha reta, continua o seu sigundo angulo defronte da Igreja dos Padres Dominicos, de cuja frente ainda que não uniforme se ficará formando o terceiro Lado com a frente das cazas que ficam desde o dito convento, até a boca da Rua das Congostas em que deve terminar a dita Praça, as quaes cazas se devem alinhar em forma, que venhão a face do cunhal do dito convento; e sendo hum dos meios necessarios para facilitar para o futuro a abertura da dita Praça, o da compra e demolisaõ de quatro moradas de cazas, que ainda se achão pa demolir, e em outro tempo faziaõ frente à viella da Palma, as quaez ainda no citado presente seraõ deviaõ conservar, pelo projuizo que cauzavaõ ao prospeto Publico, ca largura a que era útil reduzir-se aquela servidaõ Publica; estas se comprasem, e demolisem.

Asentouse, que devendo indispensavelmente mudar-se o Hospital de dom Lopo de Almeida do sitio da Rua das flores em que foi edificado, pelas muintas circunstancias, que constituem prejudicial esta sua situaõ, logo que o edificio, e ária delle se aplique a outros uzos se deve abrir, hua nova Rua travesa que principiando defronte do Padraõ de Santo Eloy, e decorrendo pelo actoa semiterio do mesmo Hospital, e dipois pela Viella da Esnoga (sic), vá sahir no alto da calçada de Belmonte.

Asentouse, que sendo muito tortuoza, e estreita a Rua dos caldeireiros, e a única servidaõ, que há da Rua das flores para a Porta da Almada, sendo esta muito presiza para a communicaçã da cidade antiga, com a sua maior extensaõ fora dos muros, para aqual não hé hoje bastante a da porta de carros; se abrise hua nova Rua, que atravesse da Rua das flores, para a dita Porta da Almada em linha reta que faceie com o dormitorio, e Igreja do convento de Santo Eloy, cedendo a congregasaõ dos cónegos Seculares de Sam Joã Evangelista a area da cerca do dito convento, cada hua morada de cazas contíguas a elle, que para a mesma Rua por presizo como se tem offerecido, e comprando o Publico as cazas da Rua das flores, que forem correspondentes a abertura da Referida Rua.

Asentouse, que no largo fronteiro ao mesmo convento de Santo Eloy, era area das cazas, que para este fim se compraraõ e demoliraõ, se construa hua Arcada para nella se

vender o peixe que vem de Villa do Conde, Matozinhos, chamaloão detos (sic), na conformidade da Planta, que para a mesma Arcada, se acha estabelecida.

Asentouse, que sendo em outro tempo o edificio da fonte darca hum dos de maior recreio do Publico, fica dipois da abertura da Praça nova, que se abriu nas costas da dita fonte constituindo hum grave defeito ao prospeto da mesma Praça, e muito principalmente dipois das alterasoens, que incirconspectamente se praticaraõ caetoalmente estaõ existindo noutro Edificio, detiriorando por consequencia esta unica Praça da cidade, e o primeiro prospeto, que se encontra a sahida dela; defeitos, e projuizos, que unicamente podem emendar-se circuitando-se o Recto, que existir do antigo Edificio; com outro novo, que a orne pela parte de fora em todas as suas faces, dando-se ao dito Edificio só aquela area, que senaõ considere prejudicial a mesma Praça, circunstancias todas, que se achaõ verificadas na Planta, que para esta obra se mandou fazer, e na presente; Junta foi aprovada, e mandada executar.

Asentouse, que sendo a Rua do Loureiro hua das de maior servidaõ da cidade hé em si muito defeituoza pela estreiteza, e tortouzidade que tem na sua entrada na Rua Cham cujo defeito se devia evitar, comprando-se, e demolindose as cazas, que forem presizas para o seu Reto alinhamento no lado do Nascente da mesma Rua, e mudando-se para este Lugar o chafaris da Rua Cham em beneficio do melhor prospecto Publico, e da melhor servidaõ da mesma Rua.

Asentouse, que havendose aberto, e alinhado o pavimento do Postigo do Sol, esta muito estreita na Sua entrada na dita Rua cham, em cujo sitio se fazia ainda necessario demoli-se para a area della hua pequena caza, que fica ao lado Norte, da mesma abertora, a qual a constitue tortuoza, estreita, e de tranzito muito defícil, e arriscado (sic) as carruages.

Asentouse, que naõ se achando ainda plenamente executada a Planta do Bairro da Rua da Almada, por naõ estar aberta a Praça, que nella se intitulla do Laranjal; esta se abrise logo, e da mesma sorte a Rua, que para ella está principiada a abrir, e comessa no sitio dos lavadouros, comprando-se a este fim todos os prédios, que ella deve occupar demonstrados na Planta deste Bairro novamente aprovada, e abrindo-se pelo sentro dela o aqueduto que se fes preciso as agoas, que por ella devem ficar decorrendo, e alinhando-se o seu pavimento athe a dita Praça; e que da mesma sorte se alinhe a

travesa, que da dita Praça deve cortar para a Rua do Bomjardim, dando-se á viella chamada do Estevaõ a largura presiza para o tranzito de carroage, a cujo fim se faz presizo, não sò nivelar-se melhor o seu pavimento, mas constituila em largura suficiente para o dito tranzito, para o que se demolirà a área que for presiza das cazas, que se achaõ ao lado do Norte da Sua entrada na Rua do Bomjardim das quaes se deve tambem devasar a área que hé precisa para alinhar a travesa, que lhe ficao lado do Sul, tudo demonstrado na dita Planta, e que a amis cazas térreas, que ficaõ dentro da dita travesa se possaõ levantar, sem que os seus proprietários construaõ os novos Edificios na forma do alinhamento, que demostra a mesma Planta para execuasaõ da qual a fonte chamada do Estevaõ se mudará, e construirá no Lugar em que possa ter corrente a agoa della, e fique mais cómoda a Rua Publica.

Asentouse, que achando-se muito defeituoza a Rua do Almada no seu principio do lado Poente em razaõ de se não poder nelle edificar azas, por pertenser a diversas pessoas o terreno que lhe fica contíguo, e hé firmado pelos Quintaes das cazas situadas na Rua de Santo Antonio da Picaria; se procurase unir todos os proprietarios do dito terreno a mutua convensaõ da Repartisaõ, que dele se faz presiza, para que o Referido Lado da Rua da Almada se orne de todos os seus competentes Edificios; e que no cazo de se não poder conseguir esta convensaõ, se tomem todas aquelas cazas, e terrenos a ellas adjacentes para o Publico, afim de se ornar a dita Rua da Almada de Edificios, que de outra Sorte, na forma exposta senaõ podem construir.

Asentouse, que na conformidade da mesma Planta se abrizem as outras duas comunicasoens para a Rua do Bomjardim, que ella demonstra, e partem do mesmo Sitio dos Lavadouros; a Saber a primeira pela viella chamada da Cancellla Velha, que deve alargarse, e cordearse na forma demonstrada na dita Planta; comprando-se, e demolindo-se, não só a parte dos Quintaes, que ella ocupa; mas as cazas, que estaõ ao lado do Norte na sua imbocadura na dita Rua do Bomjardim, e a parte que hé presiza das do Lado Sul, e demolindo-se igualmente junto aos ditos Lavadouros a parte de Hum Quintal, que asombra a sua Reta diresaõ; e a segunda communicação a que deve partir do mesmo Sitio dos Lavadouros pela travesa chamada dos Congregados, dandose a esta a largura necessaria, e demonstrada na mesma Planta, comprandose para isto os predios que ella occupa.

Asentouse, que para se concluir no mesmo Bairro o alinhamento do Lado do Poente da Rua da conceição se fazia presizo demolir parte dos Quintaes, que asombravaõ a entrada da mesma Rua, no Sitio chamado da Picaria, cujo terreno detreminaraõ se comprase, e devasase para a área da mesma Rua.

Asentouse, que suposto se houvese Itimamente acrscentado a Praça de santo ovidio, não tinha esta toda área; que se redevia estabeleser; porquanto sendo a Única que tem a cidade que se possa Reduzir a hum ambito suficiente para qualquer Festejo, ou concurzo publico, que nella deva haver, e para que a Tropa da sua guarnisaõ possa comodamente exercutarse nas evoluções Melitares, não contem ainda a dita Praça o espaço, que baste nem a hum concurzo porporcionado a sua extensa Povoação, nem ou nos para que nella possa postarse em linha de batalha hum Regimento, fasendo-se por por consequencia pressizo, que a dita Praça se prolongue a hua area, que possa satizfazer a estes Recomendaveis objectos; se determinou que logo se continua-se a abrir para a parte do Norte na mesma largura, em que se acha aberta; athé facear este Seu Lado austral em linha Reta, com o Lado tambem austral da nova Rua, que se anda abrindo para comunicar aquelle Bairro, com o de Cedofeita, e que para esta nova área logo se comprasem todos os prédios, que elle deve ocupar, Segundo a Planta que novamente foi mandada formar.

Asentouse, que nas terras, que ficaõ mediando entre a dita Praça de Santo òbidio, e fim da Rua de Bomjardim se não consentise, que se inovase obra alguma, que para o futuro podese deficultar a abertura da Rua, que no consenzo dos meios necessarios deve na conformidade da referida Planta continuar a abrirse em linha reta da face austral da mesma Praça, thé a Rua do Bomjardim, para se completar a transversal comunicação das tres principaes entradas da cidade, quaes são as dos Bairros de Sedofeita, Santo ouvidio, e Bomjardim.

Asentouse, que não havendo comunicação alguma de transito comodo entre o Bairo de Santo Ildefonso, e o de Bomjardim, se deviaõ abrir duas Ruas de comunicação entre estes dous Bairros na forma da Planta, que se acha deliniada sobre o plano extraeido do terreno entremedio.

Que a primeira dessas Ruas deve pricipiar a sua abertura na frente do Pateo da Igreja dos congregados, e seguis a sua diresaõ em Linha Reta a desembocar na frente da Igreja

de Santo Ildefonso, para o que se devem comprar, e demolir as duas moradas de cazas de Antonio Pereira Vilasa, e outras que lhe são contíguas, e fronteiras ao dito Pateo, dos congregados, como tambem as cazas de Antonio Jozé de Lemos, e mulher, e as dos herdeiros do cappitaõ mor de Arouca, fronteiras a dita Igreja de Santo Ildefonso, e todo o mais terreno dos Quintaes intermédios, que na conformidade da dita Planta deve occupar a área desta Rua, cujo declive se suavizará alteando o seu pavimento no principio della, e á alteando o seu pavimento no principio della, e Rebaixando o que for necessário nos seu fim. Que a segunda destas comunicasoes, ou Ruas, se abriria na Rua do Bomjardim, no sitio chamado a cancela Velha, formandose a sua abertura nas Cazas de Manoel Teixeira, que se devem comprar, e demolir para este fim, como tambem parte das cazas de João dos Reiz, e desembocar na Rua de santa catharina, em frente da viella chamada da Quinta, comprando-se, e abrindo-se todo o terreno intermédio, que occupa a área da mesma Rua, demonstrada na Referida Planta.

Asentouse, que tambem seria útil, que do mesmo sitio da viella da Quinta, continuase outra Rua, segundo a mesma Reta diresaõ da Referida Rua, que vem de Bomjardim, athe a viella chamada do caramujo, no sitio de Padraõ das almas, formando hum angulo, a sahir na Rua de Santo Ildefonso, defronte da Capela de santo Andre na forma da dita Planta.

Asentouse, que achandose a entrada da Rua de Santa Catharina asombrda no seu alinhamento com o muro de hum Quintal, pertencente ao Reverendo Jozé de castro e Sá da Fonseca, se devia comprar, e devasar para a área Publica da dita Rua, aquela porsaõ de terra, que do dito Quintal se fazia prezizo, para o dito alinhamento della.

Asentouse, que a dita Rua de Santa Catharina se continuase a abrir na sua diresaõ para a parte do Norte athé o sitio chamado da Agoardente, para aumentar á cidade esta nova, e mais commoda servidaõ, que lhe hé necessária.

Asentouse, que na Referida Rua do Bomjardim, se comprasem, e demolisem para alargar a viella do Bulhaõ as cazas térreas de Theodozia Quinta Veuva, antes que nellas se forme edificio de maior valor, que embarase a communicaçãõ, que naquele sitio virá achar precisa, e já se fas util.

Asentouse, que se continuase a abrir na largura de trinta palmos a travesa de comunicação entre a estrada do Bomjardim e o Bairro da Lapa em Linha Reta da sua abertura, que já se acha feita defronte do chafaris de Villa parda.

Asentouse, que senão deixase tapar o óleo do monte fronteiro a Igreja de Nossa Senhora da Lapa, nem quebrar pedra, que se fassa o natural cume do mesmo monte, por ser sitio muito próprio, para nelle se formar hum edificio Publico, que pela Sua dilatada vista sirva de Recreio a cidade.

Asentouse, que se acabase de abrir a travesa, que no principio da Rua dos ferradores se acha principiada, para communicacão com o Bairro dos Quarteis executando-se a Planta, que para esta abertura se acha estabelecida, pelos prédios que para esta se tem offerecido aceder Custodio Ferreira Carneiro de Vasconcellos, e pelos mais, que será prezizo se comprem, para verificar mais facilmente a dita util, e necessaria comunicacão.

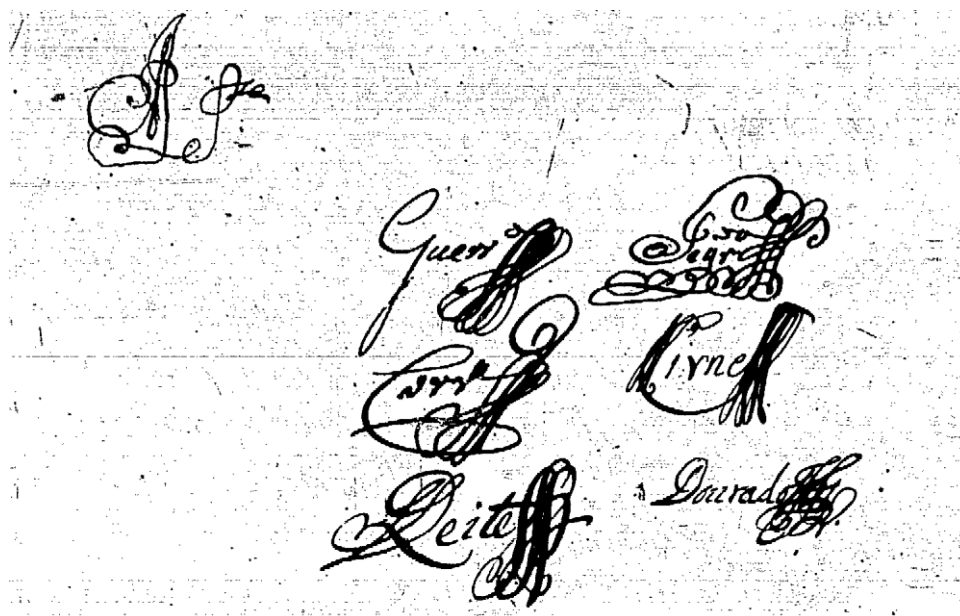
Asentouse, que havendo-se descoberto hum manancial de agoa férrea no sitio chamado da Nogueira, junto a Ponte de Cedofeita, e dentro de hum prédio pertencente a João Gonçalves, que não dovida cedela ao uso Publico, se extrahise do mesmo prédio a dita agoa, com a cautela preziza a conservasão da sua particular qualidade formandose na área Publica, que lhe fica contigua da Fonte Rustica, que seja suficiente ao cómodo uso dellas.

Asentouse, que suposto há annos se houvese Reformado, e alinhado melhor a Lameda do campo da Porta do Olival, e se ache já crescido, e formado, o arvoredado, que nelle se plantou, e que cercando, e arruando os seus quatro Lados, forma no centro hua praça quadrada, nem esta praça, nem o dito arvoredado servem ainda comodamente, para Recreio, e passeio Publico, que deve haver em hua cidade, que como esta hé das mais populozas da Europa; nem na dita praça, e no dito arvoredado se podem construir as obras, e os ornamentos que são próprios de hum passeio Publico, por se achar todo este prédio embarasado, e impedido com a cordoaria, que em tempo antigo, e de menos comercio, e povoasão da cidade, se estabeleceu naquelle campo, não tendo este hoje as circunstancias, e comodidades que são prezizas, para nelle se construir sem defeito amarras, centros cabos, que necescitaõ de hum pavimento plano, e prolongado, que não

há naquelle campo para o seu fabricamento; e tendo-se por consequencia ideado, tanto por ser a dita cordoaria hua fabrica tam útil, e necessaria, e a que se deve aplicar toda a possivel cooperasaõ, e providencia; como por ser aquelle campo, o sitio unico contíguo a cidade em que o mesmo passeio Publico se posa formar, que a dita *cordoaria se mude para hum prédio que fica contíguo a torre da marca, ou para outro em que se considere mais faceis de unir as circunstancias de que depende este novo, e mais cómodo estabelecimento de hua competente, e mais completa fabrica da mesma cordoaria; se detreminou, que absolutamente se evitou que no dito sitio da torre da marca, ou em outro que se destine para o dito estabelecimento se fassaõ obras, ou tomem terrenos, que para o futuro, o deficultem, e que de mesma sorte se não consinta, que aos lados da dita Lameda, e campo da Porta do olival se construa edificio algum, que possa desfigurar, ou embarasar o dito paccio Publico, e isto afim de que tanto a construsaõ deste, como a da nova cordoaria, possa com moda, e competentemente executarse, quando este Senado pelas contribuissoens, que se devem aplicar tenha para cita utelissimas obras os meios necessários.*

E por esta forma houveraõ por finda a mesma Junta de que mandaraõ fazer este termo João Caetano de Télo (sic) e Souza a escrevi.»

Assinaturas deste documento:



The image shows several handwritten signatures in cursive script. The signatures are arranged in two columns. The left column contains three signatures: the top one is partially cut off, the middle one appears to be 'João Caetano de Télo', and the bottom one appears to be 'Souza'. The right column contains three signatures: the top one is partially cut off, the middle one appears to be 'Lynne', and the bottom one appears to be 'Dourado'.

DOCUMENTO Nº 3

FONTE: A.H.M.P./ A-PUB/ 05725, fls. 29v.-31v..

DATA: 12 de Fevereiro de 1789.

«Com estas Plantas determinou a Junta instruir a conta que a Sua digo que dá a Sua Magestade do citado das obraz Publicas desde que principuou a nova Praça desta contribuição athé o Ultimo de Dezembro de mil Setecentos oitenta, e oito; alem de todas as mais que vão expresadas na Referida Conta cujo theor hé o seguinte:

Senhora

O estado deploravel em que se achavaõ muitas das ruas antigas desta cidade, e todas as que se detalharaõ de novo, que chegaraõ ao ponto de impraticaveis para o uso, e servidaõ publica, e athe para tranzitar por algumas dellas no tempo de Inverno o sagrado (sic) Viatico, obrigou a esta Junta a principiar por este beneficio a applicação do Real do Vinho concedido pela Real Beneficencia de V. Magestade na Provizaõ de Vinte e Sinco de Agosto de mil setecentos oitenta e sete como hum dos primeiros objetos da Policia, e da neccidade.

O continuado Rochedo em que está fundada a mesma cidade em quaze toda a sua extençaõ, mostrou em diferentez partes quam dificultozo, e despendiozo foi nivelar as mesmas Ruas, e reduzillas a perfeiçaõ em que muitas já se achaõ, em outras de novo abertas Vieraõ a incontyrar-se deficuldades, que não podiaõ Vencerze (sic), sem hua despeza avultadíssima, em outras emfim foi obrigada a esta Junta, a acodir (sic) a coima imminente de obras de impreitada; já feitas no tempo da antecedente contrebuiçaõ, que por facer (sic) deo Lucros, e falei ficada construçãõ delas, era necessario leidificar com a devida Segurança.,

e do caderno, que vos com esta, pomos na prezensa de V. Magestage as Plantas de algumas das obras q estão (sic) athe o fim do anno proximo, que merecem mais contemplaçaõ, mas alem destas, vesse (sic) a seguinte

Hum encanamento subterraneo com a necessaria fortaleza (sic), junto a Ponte da Natividade, para Receber as agoas dos Enchurros da Praça das Ortas, no Aqueduto do Rio de Villa.

Hum cunhal da cerca do Recolhimento do anjo, arroinado por cauza do Rebaixo, que se fes na Rua das carmelitas.

A demolição de hua Torre dos Muros da cidade na Calsada chamada de Thereza, que por dezaprumada, e Rachada, amiasava Roina próxima.

A demolição de hua parte do muro da cidade na Rua dos clérigos, que não podia sustentar-se, cahindo outra parte do memo Muro por si mesma, na grande Invernada do anno passado.

Hum Alpendre fora da porta das cazas em que actoalmente se faz a camara, para comodidade das partes, e para defender o projuizo, que hia padecendo o importante cartorio da mesma camara pelas humidades de hua Parede, exposta ao tempo, que com o telhado do mesmo alpendre, ficou acantellado.

Dezemtulharao-se as áreas, que deixou a grande cheya do anno proximo, nos sítios da Ribeira, da Fonte Taurina, e Banhos, e parte de Miragaya.

Fesse hum encanamento subterraneo das Agoas dos enchurros, e da Fonte no Sitio das Virtudes: e transportes de entulhos para diferentes partes.

Compraram-se huas cazas, que se devasaraõ na Rua do Souto para se tirar della, hum Arco sórdido, e imundo, que impedia a Liberdade, e pureza do Ar, aos moradores da mesma Rua; e athé a passar por elle o sacramento Viatico.

Comprarao-se Sinco porções de Propriedades no Lado Oriental da rua de Cedofeita, para o Recto alinhamento della; e assim mesmo outras porçoens do Lado Poente para o mesmo fim.

Comprarao-se duas porções de dois Quintaes para alargar a Ponte de Cedofeita, pela qual apenas cabia hum carro, e hua nessa (sic) deze; afim de ter a cidade por aquela parte hua entrada de coreza correspondente e beleza da mesma Rua.

Pagarao-se emfim alguas outras compras, Feitas pelo Publico no tempo da antecedente contrebuição, que por estas vir (sic) letigiosas as suas avaleaçoes, Vieraõ a decedir-se por sentenças da Relação no tempo da contrebuição actual.

O primeiro auto que fes esta Junta dipois da Ultima conceção desta Praça na Referida Provizaõ foi Eim no dia sinco de Outubro de mil setecenta oitenta e sete examinar o citado cofre das Obras Publicas; e da certidaõ N.º S.º consta achar-se nele a quantia de tres contas duzentos noventa e sete mil quinhentos sincoenta e oito reis, dipois entraraõ

em nove parcelas, desde o Referido dia, até trinta e hum de Dezembro de mil setecentos sincoenta e oito, dois contos cento sincoenta mil quinhentos secenta e sete reiz constantes da mesma certidão.

Da certidão N° 2° consta ter Rendido a dita contribuição desde Setembro de mil setecentos oitenta e sete, até Dezembro de mil setecentos oitenta e oito a quantia Liquida de Vinte e Sinco contos quatrocentos secenta e tres mil reis.

Da certidão N° 3° que a despeza dos Mandados, passados desde o dia vinte e sete de Setembro de mil setecentos oitenta e sete, até o dia trinta e hum de Dezembro de mil Setecentos oitenta e oito compreendidos desde o Numero primeiro até o Numero quatro cento e dezeseis, além de duas Portarias/ que ambos fazem a soma de cento e noventa e dois mil reis/ vem a ser a total despeza do Referido tempo, a quantia de vinte e sete contos duzentos sincoenta e dois mil setecentos quarenta e dois reis.

Da certidão N° 4° consta, que desde o dia seis de Novembro de mil setecentos oitenta e sete até trinta e hum de Dezembro de mil setecentos oitenta e oito, foi a Despeza das compras, de propriedades, e terrenos, em honze parcelas, a quantia de sinco contos cento e oito mil, cento setenta e quatro reis.

E como a despeza já excedeu a Receita, na quantia de hum conto quatrocentos oitenta e nove mil setecentos sincoenta e hum reis, vio-se esta Junta presizada, a pedir de empréstimo á Companhia do alto Douro adiantados dois contos de reis, como verifica a certidão do N° 5° a que também deu cauza o presição de acordar a Reidificação das Ordens (sic) da nova Rua de Santo Antonio, pela pesima construção desta, feita pelos Empreiteiros Arrematantes, de quem ou de seus fiadores, há de haver se a despeza, que vai fazendo o Publico na mesma Reparação, que hé, e tem sido de muito cuzto.

Tem a Junta cumprido com a Recomendação de V. Magestade na presente conta, que não antecipou até agora pela demora das Plantas Juntas: V. magestade a vista de todo Resolverá o que for servida. Porto doze de Fevereiro de mil setecentos; e oitenta e nove = como Governador Prezidente Jozé Roberto Vidal da Gama = Antonio Jozé Coelho = Carlos Vieira de Mello = Jozé Cirne de Souza de Madureira = Jozé de Mello digo = Jozé de Mello Pereira Coreia Coelho = Jozé Pedro Antunes Pereira =

Esta conta, alem do dito caderno, se instroio com as sinco certidoens nella mencionadas, que continhaõ o seguinte

Cert.m Nº 1. O exame, e estado, em que se achava o cofre do dinheiro da contrebuiçaõ antecedente.

Nº 2º A quantia que tinha Rendido a nova contrebuiçaõ do mês de Setembro de mil setecentos oitenta e sete em que principiou thé o ultimo de Dezembro de mil setecentos oitenta e oito.

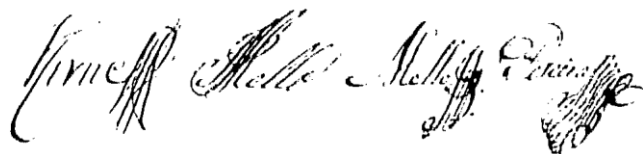
Nº 3º A despeza dos mandados que se pagaraõ para as obras feitas no discurso do dito tempo.

Nº 4º O importe da despeza dos bens que se compraraõ para as ditas obraz.

Nº 5º A quantia do imprestimo adiantado, que se pedio, por ter a despeza excedido a Receita.

E por esta forma houveraõ por finda a mesma Junta deferindo a todos os Requerimentos das partes que mandaraõ fazer este termo. Joaõ Caetano de Télo e Souza o escrevi»

Assinatura deste documento:

A handwritten signature in black ink, written in a cursive style. The signature appears to read 'João Caetano de Telo e Souza'.

DOCUMENTO Nº 4

FONTE: A.H.M.P./ A-PUB/ 05725, fls. 54v.-55.

DATA: 4 de Março de 1790.

«Junta de quatro de Marco do anno de mil setecentos, e noventa que faziaõ nsta cidade do porto e caza do senado da camara o Dezembargo dos concelhoi chanceler governador das Justiças, Prezidente daz obras Publicas, e o Doutor Juiz de Fora, e Vereadores do mesmo senado com asistencia do Procurador da cidade todos abaixo asinados.

Sendo neste dia apresentada nesta Junta hum avizo da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino com a copia de hua carta Regia derigida ao Provedor, Vice Provedor, e Deputados da Junta da Administração da Companhia geral do Alto Douro para que em consequencia della se cumpriu e executou a terminaçaõ (sic) de todas as Obras Publicas a que estava aplicado o Real do Vinho, para que daqui em diante o producto da mesma contribuiçaõ se devida em duas partes, hua para a obra da abertura, e Reparos da Barra do Porto, e a outra para os Aquedutos e cães desta cidade, cessando entre tanto, por menos necessarias outras Obras Publicas, quaes quer sejaõ: asenta em pronta execuçaõ desta Real Oredem mandou suspender desde ja todas em todas as Obras Publicas actoaes, a excepçaõ dos Aquedutos, e cães que Sua Magestade manda continuem.

Asentouse que o Sargento Mor Francisco Rodrigues Mendes Vedor de Agoas encarregado por esta Junta do descobrimento daz que elle certa no termo f 44 a meia distancia do Sitio de Paranhos, e igualmente da Direcçaõ da Obra do seu Aqueduto, em cuja contemplaçaõ lhe contribue esta Junta com o eztipendio (sic) de tres moedas por mês por elle mesmo pedidas: que elle seja obrigado desde logo a dizignar, e asinalar os sítios onde se vem abrir-se os Possos das agoas por elle descobertas digo por elle premitidas fazendo-as patentes, e verificada esta condiçaõ ser Remunerado como for justo sem projuizo deve, nem do publico, bem entendido que feita a descoberta da agoa será o dito Sargento Mor Atendido com hua das alternativas por elle pedidas ou de Vinte mil reis por mez, ou a de cento e vinte mil reis por hua só Vez, cuja offerta fica Rubricada, e guardada no cartorio.

E por esta forma houverão por finda a mesma Junta deferindo a todos os Requerimentos das partes de que mandaraõ fazer este termo. Joaõ Caetano de Télo e Souza o escrevi.»

Assinaturas deste documento:



Handwritten signatures in cursive script, including names like "Carmo", "Vidal", "Reis", "Mirra", and "Pelle".

DOCUMENTO Nº 5

FONTE: A.H.M.P./ A-PUB/ 05725, fls. 94v.-96v.

DATA: 30 de Julho de 1795.

«(?) Sua Magestade (?) dia vinte de Novembro de mil setecentos noventa, e tres, athe o ultimo de Dezembro de mil setecentos noventa e quatro, e do Mapa que: acompanhou, com huas Notas no fim; que declaraõ em esse (sic) ano, o que contem os documentos, que (?) conta.

Senhora

Tendo o Desmbargador concilheiro Francisco Ribeiro da Silva Ferraõ occupado o Lugar de Presidente desta junta das Obras Publicas athe o dia vinte de Novembro do anno de mil setecentos noventa e tres, em que o chamastes Governador das Justiças da Relaçãõ desta cidade, e seu Destrito tomou posse, e entrou a ser Presidente da dita Junta se continuou por execuçaõ da Provizaõ Regia de Vinte e sinco de Agosto de mil setecentos oitenta e sete na factura daquelas obraz, que parecem eraõ de vigente neccidade Publica.

Mostra-se da Certidaõ N.º S.º achar-se no Cofre das Obras Publicas a quantia de sinco contos duzentos sesenta mil cento e dous reis, e ter sido o rendimento da contrbuicaõ do meyo real do Vinho nos tres meses de Outubro, Novembro e Dezembro de mil setecentos noventa e tres, dous contos trinta mil, duzentos sincoenta e seis reis; e em todo o anno de mil setecentos noventa e quatro, outo contos cento, e oito mil quinhentos quarenta e quatro reis; havendo alem disso entrado no cofre em seis parcelas dous contos quatrocentos vinte oito mil, oitocentos e trinta reis, que tudo fez o importe de dezasete contos oitocentos vinte e sete mil setecentos trinta e dous reiz.

E da certidaõ N.º 2.º consta que a despeza de sincoenta conto (sic) Mandados fasiados (sic) sobre o Thezoureiro das Obras Publicas em todo o referido tempo importou oito contos quinhentos vinte e (?) mil seizcentos e dezasete reis, alem do pagamento de setenta e oito mil duzentos sincoenta e hum reis que pagou (?) à D. Anna Joaquina

Teves da Silva da compra de hua terra, que se foi neessaria (sic) para as Obras Publicas, como se ostra da certidaõ N.º 3.º (?) parcelas imperiaõ oito contos seiscentos e seis mil oitocentos sesenta e oito reis, excedendo assim a Receita a Despeza em nove contos duzentos, vinte mil, oitocentos, sesnta e quatro reis, que firma no cofre athe o Ultimo de Dezembro de mil setecentos noventa e quatro.

Da mesma sorte foi necessário emprestarem-se digo emprestarse para a obra da cadeia a quantia de hum conto e duzentos mil reiz que o chanceler e Governador das Justiças reprezentou ser presiza para entrar na acçaõ de concluir a mesma obra, a qual sendo Publica, e de evidente presizaõ, conveio a Junta neste empréstimo na certeza do seu pagamento em havendo dinheiro no Cofre das Despezas, como se faz ver do termo copiado na certidaõ N.º 2.º cuja quantia vai incluída no local dos ditos nove contos duzentos vinte mil oitocentos secenta e quatro reis.

As obras que esta Junta mandou fazer nos sobreditos quinze Mezes vaõ declarados no Mapa N.º 5.º incluindo-se a moior parte das despesas no complemento da Rua de Santo Antonio, suas pedreiras, e mais pertenzas na conformidade da Ordem expedida por V. Magestade no Real Avizo de dois de Setembro de mil setecentos noventa e hum, que em tudo deu a preferencia a essa obra pela nesecidade da sua concluzaõ.

E suposto tambem se fizessem as outras obras, que verifica o referido Mappa, contudo, em a por parte detras tiveraõ hua urgentissima presizaõ, como por exemplo se mostra da factura do Paredaõ da Rua chamada da Neta, o qual cahindo pela sua má construcão, e forsa do Inverno naõ era possível, sem mayor estrago deixar de susederse ao seu reparo, poiz que a nececidade assim o pedia; e as mais obras se pagaraõ pelas referidas diversas parcelas de particulares, que fora da contribuiçaõ (?) no Cofre.

Naõ deixa esta Junta de promover tudo quanto hé Utilidade Publica em beneficio da cidade, e continuacão das obras della enquanto o premite as poucas forças da dita mezada de hum Real da contrebuiçaõ, pela outra igual mesada se achar aplicada para as obras, e reparo da Barra deste anno de mil setecentos e noventa. Avista do que tudo V. Magestade mandara a que for servida. Porto em junta das obras Publicas vinte e oito de Julho de mil setecentos e noventa e sinco = o Chanceler Presidente das Obras Publicas Manoel Francisco da Silva e Veiga Magro de Moura = Doutor Vicente Jozé Ferreira

Cardozo de Souza = Manoel de Figueiroa Pinto = Jozé Pamplonona Carneiro Rangel = Antonio de Mello Correa = Jozé de Mello Pereira Correa Coelho = Jozé Antonio Roza de Figueiredo =

N.º5.º Mapa das Obras

Concluzaõ da Fonte e tanque da Rua da Almada

Continuaçaõ da rua de santo Antonio e Pedreiras

Aquaduto para guiar a Agoa a Fonte d'Almada

Concerto da rua da Porta de Carros

Extraçaõ do entulho defronte do Recolhimento do anjo

Concerto das Fontes de Cedofeita, e Taipas

Caterraplano da Torre da marca para o exercício Melitar

Concerto dos Paseyos da Rua Formoza, chamada da Neta

As Escadas da Igreja de Santo Ildefonso, fronteiras a Rua de Santo Antonio

Encanamento das Vertentes da Fonte d'Almada

Rebaixo da Rua de Santa Catharina

Tanque da Praça nova

Corte da Parede no sitio de Villar

Mina de Agoa da Rua nova d'Almada

Mina de Agoa no Sitio de Salgueiros

Concerto das Escadas do Caes da Ribeira

Paredaõ da Rua Formoza chamada da Neta

Demolisaõ da antiga Torre da Caza da Camara, e carretos (sic) da pedra para a cadea

Alem desse Mapa foi a dita conta instruída com as quatro certidoens nella mencionadas, que continhaõ o seguinte

N.º 1.º A quantia que tinha rendido a contrebuiçaõ nos Ultimos tres Mezes do anno de mil setecentos noventa e tres, e em todo o anno de mil setecentos noventa e quatro, como tambem a quantia que se achou no cofre ao tempo da posse do Presidente da junta, e a quantia, que no mesmo cofre entrou em seis parcelas fora da contrebuiçaõ.

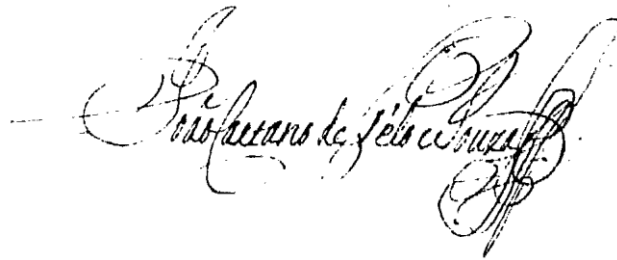
N.º 2.º A despeza dos Mandados que se pagaraõ para satizfazer a despeza das obras feitas no decurso dos referidos quinze mMezes, e a liquida importância, que ficou existente no cofre.

N.º 3.º A quantia que se pagou a D. Anna Joaquina Teves da Silva da compra de hua terra necessária para as obras Publicas.

N.º 4.º O Termo do empréstimo de tres mil cruzados, que se fez para se entrar na accaõ de concluir a obra Publica da Cadea.

E não contem mais a dita conta, e Mappa que acompanhou, que tudo aqui igualmente copias dos originaies, por ordem da Junta das Obras Publicas, as quaes me reporto. Porto trinta de Julho de mil setecentos noventa e sinco. João Caetano de Télo e Souza o escrevi, e asinei.»

(Assinatura neste documento)

A handwritten signature in cursive script, reading "João Caetano de Télo e Souza". The signature is written in dark ink on a light background.

DOCUMENTO Nº 6

FONTE: A.H.M.P./A-PUB/05969 (1), fls. 1-9.

DATA: 25 de Junho de 1806.

«Memoria das Fontes que tem a Cidade do Porto, em que paragem nassem, que alturas, larguras e comprimentos tem suas Arcas: que quantidades se devidem para os Chafarizes; por que paragens vem, os nomes que tem, e donde se derivaraõ.

Memoria das agoas que vem para as Fontes desta Cidade, tirada de huma lembrança que tinha o Reitor dos Orfaõs Balthazar Guedes, que Deos tem.

Ilustrissimo Senado, a ser filho deste Cidade por Paes e Avós, me obriga a offerecervos Illustres Senhores, esta offerta por minha taõ limitada, de vos noticiar as fontes, com que piedosamente remediaes aos Conventos, Collegios, Hospitaes e Cadeas desta muito, Sempre Nobre e Muito Leal Cidade do Porto, Patria vossa e minha, e literalmente despendeis por suas ruas, e cercaes seus muros com que ella fica taõ enobrecida como realçada entre todas deste Reino. O se aõnde beber aos que haõ sede he obra de tanta misirecordia, parece que convinha offerecer este papel para que sirva de mostrador de nascimento das fontes, via por onde vem e a que partes acodem, que como o tempo tudo gasta em mares de esquecimentos, poderá submergir as noticias das agoas desta Cidade; e como Illustre Senado, por ordem vossa, corri com as melhores della para os fazer concertar, experimentei as fallas destas noticias, e quando por taõ toscas nada mereçaõ, acceitai Heroes Portugues, descendentes legítimos um zello de vossos antepassados, e a vontade com que vos desejo servir e esta Sempre Indita Cidade da Origem.

Collegio dos Orfaõs 17 de Outubro de 1669.

O Padre Balthazar Guedes.

_____Fonte de Paranhos_____

Nasce esta fonte distante desta Cidade, para o Norte, mais de hum quarto de legoa: está em arca fechada com uma porta e chave: é quadrada, terá em vaõ vinte

palmas, a agoa belissima, bastantemente peitoral: nasce em bolhoenzinhos que brotaõ arca, signal de sua permanencia: he mais de manilha e meia, na Mais: á perto de setenta annos que veio para esta Cidade: houve ao vir grandes controvérsias, assim com aquelle povo, como com o Reverendo Cabido, que ali tem os seus dízimos. Contou esta agoa, the chegar á Rua Nova, cincoenta e sete mil cruzados, e vem tomando muitas voltas, podendo vir mais suave, não por culpa dos senhores que entaõ governaraõ a Camara, mas dos Mestres, que assim a traçaraõ, traçando ao delatado para que durasse a obra e tivessem muito ganho. Chegando ao Monte Parral, alcantilhada em arcos, e na estrada de Vianna, em huma bica de pedra: dá de beber a quem passa, dali se mete por serrados campos, athe que sae á estrada de Cedofeita, assima do Ribeirinho, ali se vai esconder, mas torna logo a subir em passadiços de pedra, voltando-se a recolher pela Quinta de Antonio Rodrigues Marques, Almox.e (sic) desta Cidade, e Cavalleiro professo do habito de Christo; passa ao quintal ajo que foi de Braz Brandaõ, vai pelo pé da Devaza da Ponpa, atravessa a entrada, e tanto que entra no Campo, recebe em huma pia de pedra hum annel de agoa, que vem da arca dos Padres Bentos, com esta ajuda de custo, para tornar a paga la, vai caminhando adiante, athe chegar aos Carvalhos, atravessando a estrada, caminha sempre ao descoberto, avistando a Cidade por detrás dos Ferradores, dá aos Padres do Carmo meio annel d'agoa, por hum annel que os Padres daõ á Cidade para recolher na fonte de Villa Parda, o que athé-gora se não fez: desse logo mais abaixo, aonde está huma arcazinha, com aporta de ferro, que melhor dissera do Ceo, donde manou aquella grande Miziricordia, que haverá quinze cannos, obrou este Illustre Senado com este pobre Collegio de Meninos Orfaõs e dezamparados, e juntamente com o povo dos Ferradores, e com todo deste Reino; pois debaixo dos frescos Carvalhos achaõ liberal, meio annel de agoa que os Senhores da Camara naquelle tempo, deraõ repartido para o Povo e para este Collegio: entra logo nos arcos, que serve para triumpho de sua comprida jornada, que pelas voltas que vem dando, passa de legoa e meia: na fonte do ultimo arco se divide em duas partes á maõ direita, vindo do Norte fica a agoa do repuxo que vai ao Chafariz da Porta do Olival, que caridoso, repente tres pennas d'agoa para as Cadêas, e no repuxo, junto á Ermida do Anjo, frente ao Sul, cobraõ os Padres Bentos hum annel de agoa, que atraz recolheraõ da sua arca neste anno. A outra parte da agoa que fica á esquerda dos arcos, divide-se: passa por debaixo das portas do Olival; chegando defronte da Travessa que vai para a do Ferraz, acode mizicordioza a dar para o Hospital de Roque Amador tres penas d'agoa, que entre todas he mais bem empregada: daqui se recolhe a toda a preça pelo Beco do Ferraz abaixo, e no fim do dito

Beco, entrada da Rua das Flores, se reparte em duas partes, huma vai ao Chafariz abaixo da Mizirecordia, a outra, em Cano dividido mais junto ao repuxo, vai pela Rua abaixo, no Marinho tem huma pia, e volta por São Domingos, pela rua das Congostas, e vai dar a agoa á rua Nova, posta na ultima taça que tem de Paranhos o nome, que bemfeitores quando cuidaõ que acabaõ entaõ eternizaõ seu nome, como aqui faz a Fonte de Paranhos.

O Cano Real desta agoa se reforma todo de novo, desde a Mae athe á Pia que está no fim da Calçada do Beco do Ferraz em o anno de 1666, sendo Juiz de Fora o Doutor Estevaõ Correa Xara, Vereadores, Juiz de Valadares Carneiro, Fidalgo da Caza de Sua Magestade = Joaõ Moes d’Azevedo, que Deos tenha em sua Gloria = Joaõ de Figueiredo Pinto, Contador Mor da Fazenda de Sua Magestade, desta Cidade, e o Morgado Manoel Corrêa de Lacerda, Procurador da Cidade = o Licenciado Franeiro Aranha Ferreira, Sindico que he hoje da Camera, e o Escrivaõ della Joaõ Lopes Borges.

Fez o Senado este concerto, ou reformaçaõ geral com grande assistência, em que se gastaraõ cincoenta e quatro cruzados. Tirou-se esta agoa de caza dos lavradores, que sobre a afastarem, vinha a agoa pouco limpa; e por fora do Regado se partio hum Monte, distante de 27 braças, altura de 18 palmos, por donde a agoa bem limpa e segura, e pasara a agoa pela Quinta de Gonçalo Rodrigues Marques, Cidadãõ que foi desta Cidade, e qual por não lhe abrirem a quinta, couza não muito decente, que com taõ grande Republico, deu quarenta mil reis para ajuda do custo, que fazia lamado pela Estrada, para o que se rompeo aquella Soma toda, em que se fez grande custo que o Senado não reprovou só, por trazer a agoa limpa e segura á Cidade; se não fora esta nova reformaçaõ, estivera este grande povo sem huma pinga d’agoa por falta da esterilidade das arcas.

_____Fonte da Arca_____

Tem seu Nascimento tres braços pelo Campo dentro da terra: trás algumas arcas, nasce em lodo; sua qualidade e frescura, toda a Cidade o sabe. Tem junto a si outras fontezinhas, que averigoaõ he melhor agoa, mas porque são avarentas não são nomeadas: Os ollmos juntos não lhe fazem boa vizinhança, porque de tempos em tempos criaõ rapozos os canos, com que tem a agoa seu detrimento.

_____Arca do Laranjal_____

Chama-se do Laranjal pelas muitas laranjeiras que neste campo havia antigamente: está hoje feito somada Quinta que chamaõ do Laranjal, tiro de Mosquete do muro; está dentro do dito Campo huma formosa arca, tem de comprido vinte palmos, de largura cinco, de alto vinte e dous, toda muito bem emparedada com suas padieiras por cima, com sua porta e degraus: está somado tudo com padieiras, por que o Campo se lava. Em este mez de Outubro de 1669 se abriu esta arca para se concertar, e se concertou de novo: teria de agoa hum annel, limitado, tem muitas grutas, donde no Inverno corre a agoa trinta palmos ao Sul. Fóra da Arca fica huma pia que tem hum marco em cima donde se ve a agoa, que sahe da arca: estes trinta palmos se abrião agora, e se fez o cano de novo; ao concerto delle se acharaõ onze bolhoemzinhos d'agoa que ainda que limitados, se recolhiraõ com a mais; vem assim subterranea quinze palmos, sahindo fora da Quinta se descobre abrir o da terceira pia da agoa de São Francisco, torna a cobrir-se no campo, e logo aparece ao Rio dos Lavadouros; vai mettida por entre as paredes, altura de dez palmos, donde tem nove pias, que este mez se abrião para se arranjar o cano. Chegada á ultima pia aonde chamaõ a Eira, fora d'Entre as paredes, vem á Rua, á outra pia que fica defronte da Estralagem, primeira da parte do muro. Desta pia vai esguilhadamente entrando para huma Estalagem para a parede do Norte; d'ali se esconde pelas cazas dentro, e vai passando pelo Adro de Santo Antonio, e aparece na pia junto ás portas daquellas hortas, e passa per huma padieira para a porta de Carros; de ali se embaraça com o Cano d'agoa dos Padres de Saõ Domingos, chega mais abaixo donde entaõ as padieiras, que dos Padres Loios saiem para o Rio da Villa, e dali caminha pela Rua dos Canos abaixo, chega á boca da Ponte Nova, dali se ajunta com a que vem de Paranhos, para que ambas ajudem ao Chafariz que chamaõ de Saõ Domingos. De ali torna a dividir-se hum Cano proferir pelas Congostas abaixo, donde se acaba de espremer esta Laranja.

_____Arca que fica na Estrada, indo para o Bomjardim_____

Fica para a porta do Sol, frente a cancella, huma formosa pedra levantada, com hum rotolo que diz, Cano d'agoa (sem explicação em que tempo) melhor dissera de dinheiro, que tanto devia custar, pois por debaixo do Chaõ está huma estrada encuberta, custou muito empareda-la, empadieirada por cima, vem topar em huma arca ou tanque muito bem feito; tudo isto se abriu neste mez, presente o Juiz do Povo Manoel Camelo:

com lugar de acharmos agoa, achamos lodo e área: O custo que se fez antigamente bem valle 500r., o que ali está enterrado, que devia ser fazer a fonte, no Inverno, em tempo taõ escuzado = Chega esta fonte com três bicas, a ficar defronte da Porta de Carros: este tanque se desfez, quando se principiou a Ermida de Santo Antonio, que he da protecção deste Nobilissimo Senado: no Inverno rebenta esta fonte na parte donde d'antes tinha o tanque.

_____Chafariz de Villa Parda_____

Fica este Chafariz acima do Bomjardim: dizem se chama de Villa parda, porque estando este Chafariz acima a onde hoje está junto á Mai donde nasce, estava huma Estalagem onde morava huma mulher que se chamava a Villa Parda (como hove outra Estalajadeira á Porta do Olival que se chamava a Villa Pardinha) Este Chafariz he obra muito antiga: haverá quarenta annos se mudou para a parte onde hoje se ve; terá no Verão meio annel d'agoa de gentil sabor e leveza = Nasce em fraga, como mostra sua arca em que nasce; tem de largo cinco palmos, e de comprido onze, toda de pedra de cantaria, que se descobrio em vinte e dous de Outubro deste anno de 1669, em que este Illustre Senado, sendo delle Juiz de Fora e dos Orfaons o Doutor Christovão Maõ de Moraes = Vereador Paulo Corrêa d'Azevedo = Joaõ de Seabra e Souza = Joaõ de Figueiroa Pinto e Dom Manoel de Noronha, Procurador da Cidade = Mathias Esteves, Escrivão da Camara = Miguel Tavares Leitaõ: Mandaraõ estes Senhores concertar esta fonte, e descobrir a Mai, por não haver quem desse noticia aonde estava, e que se fez com o concerto possível junto á arca em que nasce esta agoa distante para o Norte dez, ou doze braços, sobre outra fonte d'agoa por entre hum fojo = Esta agoa deraõ os Padres do Carmo á Cidade, pela que a Cidade lhe deu por detraz dos Ferradores no Cano de Paranhos, como já fica dito: Seraõ dous anneis de agoa, a que hoje lança este fojo, a qual convinha á Cidade recolher, ou neste Chafariz, ou no Cano de Paranhos, ou no do Laranjal, suposto custara vinte cruzados.

_____Fonte da Thereza_____

A fonte da Thereza tem o nome de huma Ortelóa que chamaõ a Thereza; morava esta em humma cortinha, que antigamente ficava junto á fonte antes da quella Quinta estar cercada, e com esta fonte regava a sua hortalice = Por morte desta Ortelóa

comprou a Cidade a fonte, fica ella junto á Calçada que da Porta de Carros vai para a Senhora da Batalha, tem a mais quinze braças, entre a Calçada e a Quinta, the chegar donde lança = Fica a Mai para o Monte, como mostra o Marco, que este nós lhe puzemos = Nasce em Saibro, e he hum tanto salobra: lança de Veraõ e Inverno hum annel d'agoa. Fóra serviço de Nosso Senhor, e grandeza da Cidade, á Torre da Porta de Carros, para serventia das Estalagens e dos Cavallos, e Mullas, quando vem beber.

_____Fonte de Mijavelhas_____

Tem esta fonte o nome pelas velhas lavadeiras, que de antigo tempo sempre nela lavaraõ. Comprou a Cidade esta fonte, e oxalá a não comprara, por que os Campos abaixo as entulharaõ, de sorte que metem-na a agoa suja outravez dentro na arca = Nasce a agoa em saibro, e tem humma arca muito bem feita, e tem as Armas Reaes. Podia a Cidade deixar esta fonte ás Lavadeiras, e tomar os formozos bolhoens de agoa, que acima estaõ onde as Lavadeiras lavaõ, pois bem mais alta vinha a agoa livremente, ou em o Cano á porta de Saõ Lazaro = Vamos ao ponto = Vem esta agoa enterrada por entre hum monte, por cuja cauza, quando chove, vem toda envolta aos Cahafarizes, encapas de se varejar pela altura das pias = Vem esta agoa, saindo pelo cortado monte de Saõ Lazaro, e chega a Entre paredes, e caritativa dá de beber as pobres Entravadas do Hospital do Espirito Santo = Mais abaixo em hum largo, em hum curiozo Chafariz = Lança tres bicas d'agoa = para por baixo do Muro, dá agoa para caza do Sm.º Conde de Miranda = Tambem reparte esta fonte outra bicazinha de agoa, ao Hospital de Nossa Senhora do Amparo dos Entravados = Vem costeando o Hospital, sahe á Rua de Cima de Villa, e correndo dá agoa para caza do Marquês de Fontes = Chegando á Rua Cham, prova (sic), sendo briozo Chafariz, com quatro bicas, que he o melhor da Cidade, no feitio = Passa toda a Rua Chã, desce aos Cobertos, Chega ao pé da Escada da Sé, e ali sobe em hum repuxo ao lindo Chafariz do Senhor São Sebastiaõ, acabando esta fonte taõ assitiada nas fontes que de si lança ao pé de hum Souto, que de seu sangue for fontes pelo amor de Deos.

_____Fonte das Fontainhas_____

Tomou o nome das que na sua Arca se ajuntaõ, he feita dez o tempo que se fundou o Hospital de Saõ Lazaro = He agoa muito excellente, terá no Veraõ tres anneis

d'ágoa, dous levaõ para o seu Collegio os muitos Reverendos Padres da Compahhia de Jesus, que este Senado lhe deu como protectores daquelle Hospital, com obrigaçaõ que os Reverendos Padres fossem nas sextas feiras da Quaresma á aquelle hospital pregar aos Lazaros, e ao povo; não sei se hoje está o contracto igual = Outro annel caie ao povo com bem pouco concerto, de que as lavadeiras se aproveitaõ para a roupa qui ali lavaõ; e agora voltamos para as fontes que nos ficaõ para a parte do mar, e junto do Douro.

_____Fonte de Malmeajudas_____

Em os Guindaes está esta fonte, que de huma viva rocha brota humma formoza manilha de agoa em o Veraõ, que de Inverno he hum Rio = Hé agoa excellente: tem o nome de Malmeajudas, fundamento de hum homem, moleiro, que em companhia de hum moço, levava o barco carregado de moage, e como ali corresse muito a agoa, e vendo o moleiro que o creado o não ajudava, lhe disse, moço que malmeajudas a levar este barco. Daqui tomou a fonte o nome conforme atradiçaõ. Quis este Senado trazer esta fonte á Praça da Ribeira, obra taõ necessaria, que aser, fora a mais heroica do Reino, para o que deraõ seiscentos mil reis ao Mestre Domingos Luiz, haverá perto de vinte annos, sendo Vereador Manoel de Valladares Carneiro, que Deos tem, que com galharda resoluçaõ, deu principio ataõ grandeoza obra, que dez entaõ athé agora, se foi dezejada, não continuada. Pelo monte adiante, vindo para o muro estaõ duas fontes nascidas em rocha, que juntas com a primeira, fazem de agoa hum Mar, que Nosso Senhor queira haja alguma hora quem a recolha nesta Cidade = Voltemos a Cordoaria.

_____Fonte da Cordoaria_____

Fica esta fonte junto a hum Campo do morgado Miguel de Madureira, pessoa bem conhecida = Nasce esta agoa de huma fraga, he muito leve e sadia, terá hum annel d'ágoa = Quis este Senado na era de 1664 trazella abaixo para o Caminho que vai para Mathozinhos, e por respeito das vertentes, que vaõ para o campo, se não poz em execuçaõ a obra de tanta piedade para os passageiros daquelle estrada. Queira Nosso Senhor que em algum tempo se ponha em execuçaõ.

_____Fonte das Virtudes_____

Tomou esta fonte o nome, segundo afirma o Douto Chronista Agostinho =
Afirma elle que nos tempos antigos estava juncto a esta fonte, que entãõ hera bem
limitada (digo no concerto) huma relíquia do Protomartire Santo Estevaõ, com que esta
fonte hera miraculoza e sua agoa tinha virtude, o que tudo se pode ver claramente na
dita Chronica, que amim me naõ convem averiguar antiguidades, nem meu cabedal se
estenda a tanto, que conheço bem o pouco para que presto= Nasce esta fonte de huma
Rocha viva: he muito para ver taõ formozo bolhaõ de agoa, que está sahindo na Mai =
Logo mais acima para o Sol, duas braças, sahe por dous formozos canos de bronze, e
cada hum leva meia anilha d'agoa, regalo universal desta Cidade = He a custosa da
fonte, em , obra, epitaphios e architettura a melhor do reino, sem ninhum encarecimento,
cuja obra passou de quatro mil cruzados, grandeza digna desta Cidade = Naõ reparte
esta fonte, de sem cristaes, com outrem; suas vertentes copiosas, em os tanques em que
as lavadeiras lavaõ a roupa desta Cidade = A mais grandeza da fonte, é o bizarro da
Calçada, o custozo dos assentos; o concenso femenino abasta a esta a lavar = Nai
necessita de paralello, quando os olhos saõ vivas testemunhas.

_____Fonte da Colher_____

Hé o nome corrupto; per que o proprio se hade dizer = Fonte de Colher = He
tradiçaõ que antigamete hera esta fonte Rio em que se colhia a roupa que em outra agoa
se lavava, depois se vinha aqui colher, pelo Cristalino da agoa. Tomou a Cidade esta
fonte á sua conta, e suposto deixou fazer cazas sobre ella, nem por isso ficou a fonte
deminuta = Lança dois formosos Canos de agoa, passados por forte bronze = A agoa é
das milhores da Cidade; nass em fraga; e tem arca fechada dentro na mesmma caza.

_____Fonte do Espirito Santo_____

Esta fonte naõ pertence a esta Cidade, pois he daquelle Hospital insólito, assim
naõ tenho que dar noticia a este Illustre Senado, pois lhe naõ pertence. Volto a dar-lhe
noticia das fontes publicas que estaõ dentro dos muros da cidade.

_____Fonte dos Banhos_____

Está ella em a Rua, aquém deu seu proprio nome, em frente ao Postigo, que dos banhos se chama e he serventia do Douro. Tem esta fonte meia manilha d'agoa, lança por hum só cano, e he salobra; e dizem que nos tempos antigos hera taõ borna qui nella se tomavaõ banhos. A fonte he muito antiga, como sua obra mostra = Nasce oito braças acima em huã logea, ou armazem de vinhos, e fica acima na rua.

_____Chafariz da Rua Nova_____

No meio da Rua Nova, ao pé da Rua das Congostas, está o formoso Chafariz com tres Taças; de duas tenho dado noticia atraz, da ultima darei mais adiante; de quaõ he necessaria para este povo, neste lugar; elle mesmo testefica. As vertentes vaõ á caza da Moeda para o serviço della, e quando lá naõ saõ necessarias, tem hum Cano que vai pela ladeira da Alfandega abaixo sahir a hum Postigo que está serrado de parede para o Rio.

_____Fonte da Lada_____

Está humma ao pé do muro, que sobe para o Codeçal: para ella se desce por degraos, he obra muito antiga, a agoa em si grossa; nasce mais acima ao pé da Serra, chama-se Fonte da Lada = Da parte de fora, sobre o Cais, está outra fonte, que chamaõ da Arca: nasce humma bica piquena d'agoa, cuja mai está ao entrar do Postigo, dentro em huma caza derrubada, das duas que ficaõ entre o Postigo e o beco que sobe por ali acima; he a agoa muito boa, porque nasce de huma rocha: he de boa serventia para o consumo dos Barcos, estava de antes no segundo Postigo do Poleirinho, mas por estar mais limpa, a mandou este Senado mudar para onde está. Abriu-se a Mãe em sete de Novembro deste anno de 1669, e se achou nella hum annel de agoa.

_____Fonte da Biquinha_____

Está esta fonte a quem deu o nome: he obra antiguissima do tempo que aquellas ruas heraõ hortas. Está debaixo de hum arcozinho de pedra, nasce ali mesmo, brota meio annel d'agoa salobra, podera estar mais limpa e concertada a respeito daquellas estalagem e concurso de gente.

Chafariz de São Domingos

Está este Chafariz abaixo da Miziricordia, he obra taõ perfeita como as desta Cidade: tem duas bases com quatro bicas, cuja agoa, pela maior parte é da fonte de Paranhos, e alguma recebe do Laranjal, como atráz fica dito = As vertentes vaõ para os quintaes da Ponte, para as cazas de Dom Fernando; por cuja causa nunca o tanque está concertado como os mais da Cidade.

Fonte da Ponte Nova

Debaixo da Ponte Nova nasce huma bica de agoa, he demasiadamente fria: a Cidade a por ali quando fichou a formosa fonte de agoa salobra dos Congostas = He esta fonte de obra muito antiga, tem Arca de comprido quinze palmos, toda de cantaria, tem no meio repartimento de quatro palmos de alto, com que faz duas arcas; terá de agoa meia manilha.

No anno de 664, por mandado deste Senado a fui abrir: hé muito para ver = Tem arco, enredos (sic), suas rozas e Seraphim da obra antiga, tem sem degraos de pedra muito bem feitos, para hir para ella, toda esta empadeirada, com que se não se deixa ver: está no meio do quintal de huma forneira da Ponte Nova, junto a hum pilar, cujo quintal e cazas é Prazo do Contador Mor joão de Figueiroa Pinto; da qui vai esta agoa por aquelles quintaes abaixo, e sai por baixo de São Chrispim, caminha pelas Cangostas abaixo, e em cano soterrado, de tal sorte que nunca se abrio athe hoje; e deste modo como podem as fontes ter agoas sem haver nelas hum grande cuidado e continua vigilancia? Tem este cano huma pia, junta á prta do Abbade, que hoje he de São Nicolao; tornou-se a abrir a Mai desta agoa, e se achou nella huma deminuição, mas como está enterrada taõ fundamente pelas cazas e quintaes, chega mui deminuta no Chafariz: O mais acertado, fora passa-la pela Biquinha abaixo pois hia mais segura e limpa.

Fonte dos Canos

Chama-se assim pela bizzarria de dous formosos canos por onde saie, juntamente pelos muitos canos que por aquellas ruas vaõ, d'agoa. Nasce esta formosa fonte, logo mais acima duas braças, hindo para a Calçada, de huma viva rocha, com tudo he

salobra, mas muito fria, servindo de remédio nos cálidos da cristalina neve da alta Serra da Estrella.

_____Chafariz da Rua Chã_____

He a obra, como temos dito, moderna das mais curiosas da Cidade, suas vertentes vão para as Freiras de São Bento, parte para o quintal que foi de Bernardo Godinho. Não tracto do Chafariz da Sé, cuja Arca é muito formosa; está na Povoia de Cima, e como não pertence a este Senado, recuzo tratar della. Muitas mais fontes particulares e poços tem esta Cidade dentro em si = Particularmente ha huma formosa fonte da Rua dos Mercadores, abaixo da boca da Rua Nova, que por algumas vezes tem este Senado intentado leva-la á Ribeira, couza mais necessaria; está esta fonte em huma Tore que foi dos Galegos, e fica para o rio da Villa, e supposto não será mais que hum annel d'agoa, he certo que ao passar do Cano de agoa, se acharia mais pelas fragas abaixo.

No anno de 1717 em que eu André Carneiro de Souza servi de Procurador de Cidade, descobri, pregado á porta de hum Espadeiro chamado Manoel Fernandes, pregado á Porta de Carros, huma pouca d'agoa, e vem pregado ao dito Espadeiro: Mande fazer huma Arca, e fiz encanar a agoa athe á porta de humas cazas, que são de José Maria, passando-a por cima de huma padieira, e a fiz metter no cano que vai para o Chafariz de São Domingos: Será hum annel d'agoa: dará muita mais havendo travadas; porq. sahe de pissarra. Custou esta obra á Camara 40 r. e trouxe demanda com o Espadeiro, por não querer construir a Arca á porta por achar lhe tirava a agoa de huma fonte que tem na sua loge, mas venei tudo. Em 12 de Março de 1718. Sahi da Camara, com que servi de Procurador da Cidade, nella, o anno de 1717, de 2 de Janeiro do dito anno, athe tomar posse, que veio a Pauta em 12 de Março de 1718, em que vinhão por Vereadores =

Luiz de Mello da Silva, Este regeitou

Antonio d'Oliv.^a Vasconcellos, Escrivão do Ecclesiastico

O Doutor Manoel Riz.^a Brandaõ, Medico desta Cid.

Domingos Vieira Mello, não hera desta Cidade

Procurador da Cidade

Antonio Fernandes de Oliveira

Escrivão da Camara

Luiz Ferreira da Rocha

No anno em que servi, foraõ meus companheiros

Vereadores

Bernardo Ferrás de Mello

Francisco Pereira de Vasconcellos

Francisco de Mattos Cerveira

Manoel de Freitas de Faria

Procurador da Cidade

Eu André Carneiro de Souza

Escrivão de Camara q. acabou com nosco

Manoel Pinto de Madureira

Lance-se esta Memoria no Livro do registo. Porto em Camara aos 25 de Junho de 1806, e ponha-se nella, em lembrança, que quem a apresentou foi o Illustrissimo Vereador actual José de Souza Mello, encarregado actualmente por esta Camara, do cuidado das Agoas desta Cidade. Dito dia, e Era supra – Almada – Souza – Mello – Miranda.

Registado no Livro dezasseis da Illustrissima Camara no Registo Peral a folhas 258. Porto 12 de Setembro de 1806. Antonio Ribeiro da Silva e Queiróz.»

DOCUMENTO Nº 7

FONTE: A.H.M.P./A-PUB/06314, fls. 108-114.

DATA: 1835.

«Mappa das Fontes publicas naõ fornecidas pelo Aqueducto de Paranhos e do Campo grande, com algumas observações Historicas.

Agoas Ferreas

Nasce a agoa detraz próximo da Fonte cujas vertentes recebe Bernardino José Braga. E naturalmente p.^a ahi descrevem.

Almadas

O Manancial da agoa que descende para esta Fonte da mesma rua, tem onze veas que nascem 85 palmos distante da Propriedade de D. Anna Umbelina Pereira de Souza, e Joaquim José Irm. da S^a no Campo de S. Ovidio, fornecendo alem della toda a que se encontra nos Poços das Propriedades da rua do lado do Poente. Em 1813 tentou aquella D. Anna abrir uma nova Mina na sua Propriedade, avançando o seu abrimto a 85 palmos pelo centro da Praça, tendo obtido para isso previa licença.

Sendo porém prejudicial aos donos dos referidos Poços a abertura daquella Mina que absorvia parte da agoa do manancial, requereraõ se procedesse a inspecção occular, p.^a que conhecido o danno se fizesse atupir a Mina.

Com effeito assim se verificou ficando em resultado ordenado a atupição da mina athe a entrada della no terreno publico. Houveraõ Embargos os quaes sendo desprezados ficou subsistindo aquelle julgado E snn^a (sic) estrahida em 16 de janr^o de 1814.

Esta Fonte deve ter 9 pennas d'agoa as quaes é obrigado afazer correr Manoel Antonio de Araujo, alem dos repairos e concertos della, pelo que recebe da Cidade em retribuição 3 pennas d'agoa p.^a a sua casa N4 da rua das Oliveiras defronte da Fonte

deste nome, cessando porem de correr estas logo que falhem aquellas segundo o pactuado em Escr.^a de 28 de Abril de 1787.

L.^o 12 Compr in Fine.

As vertentes são possuidas oje pela Q.^a de João da C.ta L.^a M.^a que as houve d'outro possuidor conste do titulo de Prazo de 7 de Agosto de 1787.

L.^o 77 Praz. F. 505.

Almada

A 2^a Fonte desta rua recebe a agoa que nasce junto da Travessa da Trindade, cujas vertentes vão para oChafariz do Tanque da Praça de D. Pedro.

Armenia

Naõ tem o p.co posse desta Fonte cuja agoa é de Ant.^o J. Borges em cujos armazens nasce na rua da Esperança.

Banhos

Nasce a agoa della em um armazem próximo, e como as vertentes se não podem aproveitar dirigem-se ao Rio.

Bicas

Nasce a agoa deste chafariz no quintal j.to delle cujas vertentes recele Manoel Calafate =

Bolhão

A agoa que lança é nascida na Quinta proxima, cas vertentes por se não poder usar dellas vão dirigir-se ao Lameiro da Villa da Neta.

Bomsuccesso

Naõ tem posses o p.co desta agoa que é do Des.om (sic) Nart.º (sic) Sá Lopes em cuja Quinta nasce e recebe as vert.es.

= Campo de S. Ovidio –

Naõ tem o p.co posse desta agoa a qual é do Visconde da Beira –

Carregal

He uma cisterna aonde nasce e se faz uso da agoa, e se chamou em outro tempo Fonte da Cordoaria, as suas vertentes saõ consumidas no Lavadouro junto della.

Carvalhinho

Esta Fonte cuja agoa nasce na rocha que lhe fica p Detras he de grande abundância e boa qualidade, as suas vertes vaõ p.^a o Douro.

Carvalhoza

Nasce esta agoa n'uma cisterna a qual decorre para uma pia onde o p.º se serve della – E as suas vertentes vaõ p.^a a Q.ta de Franc.º Serpa Saraiva.

Colher

Nasce a agoa no armazem da Casa proxima e as vertentes dirigem se ao Rio Douro.

Fogueteiros

Dentro da cerca – vulgo Malvas – do Hosp.al real da Cordoaria nasce a agoa desta Fonte cujas vertentes vaõ para a Quinta das Virtudes.

Fontainhas

Recebeo este nome das muitas Fontinhas as nascentes d'agoa de que é composta segundo se ve de uma Memoria feita em 1669, na qual se diz ser a sua construção tão antiga como o Hosp.al dos Gafos os Lazaros.

He-lhe fornecida a agoa de duas diversas arcas – uma dellas nasce proxima da Fonte, a outra na Praça d'Alegria a qual vem junta com a dos ex (sic) Religiosos Grilos sendo uma grande porção para estes segundo se vê da Escr.^a de 8 de Fevereiro de 1589.

L.^o 3.^o Campo de 1 B.

Para que em 1802 teve mudança ou reforma, pois que por Avizo Regio de 14 de Junho do mesmo anno foi approvada a obra da Fonte e Tanques das Lavadeiras da p.te debaixo do Passeio p.as que nelle se achão.

L.^o Reg.^o do Cofre de 1802 f. 2 3 seg.es

Fontinha

Nasce no mmo sitio aonde se acha a Fonte.

Fradellos

A agoa desta Fonte é nascida no memo lugar e as suas vertentes vão para para a Q.ta dos Maias.

Guindaes (ou d'arêa)

A sua agoa nasce em um armazem proximo, e as vertentes decorrem naturalmente para o Rio.

Jardim de S. Lazaro

Nasce na Quinta de Cust.^o Reiz V.^a denominada da = Cavaca = e d'ahi passa atravez dos campos de Malmeacudas, athe chegar á rua da Oliveirinha, segue p. esta athe chegar á rua direita de S.to Ildefonso, atravessa esta e depois passa p. um caminho

q é só desta passagem E entre prédios da dita rua athe chegar á Murta E que adevem athe ao Jardim.

Lapa

Esta Fonte era collocada no Jardim que houve no Quartel de s. Ovidio aonde existia um subterraneo bastante íngreme, e pouco decente.

Em consequência disto ordenou a Junta das Obras Publicas a sua mudança para o lado do Poente do largo da Senhora da Lapa, junto da alameda da mesma: determinação essa que teve lugar em 14 de Abril de 1818 e que surtío o seu devido effeito pela obra se achar concluida.

L.º Vist. Obr. Pcas de 1806 f 29.

Laranjal

Nasce esta agoa na rua do Estevaõ, é de má qualidade, e muito pior a sua colloração; as suas vertentes dirigem-se ao rio de Villa.

Mal-me-ajudas

Naõ ha memoria do quanto se completou esta agoa, mas ha lembrança de custar 600:000 r.

Mem 1669.

É de abundante e excellente qualidade cujo sabor já naõ é taõ bom na Fonte da Ribeira á qual fornece a agoa.

Mezircordia

Nasce a agoa della no Q.al do lado de cima da sacr.^a e é p. della a casa S.ta da Mizericordia q. de livre vontade faculta as p.as o pode privar a posa e quando lhe pareça.

Neta

He mui pequena a quantidade que tem 'agoa a qual nasce no mesmo sitio da Fonte – o uso que della se faz é mui pouco e a sua colocação pouco vantajoza.

Paços do Concelho

Esta agoa, que é redicula, tinha-a a Camra por afforamento e paga della 50 r. annuos. porém no anno de 1821 passou a compra-la por 10:000 r a Gonçalo de Sequeira Monterozo de Mello Silveira, p. Escr.^a de 8 de Agosto do M anno – as suas vertentes saõ para o rio de Villa.

L.º 40 Nob. f. 57.

Porta de Carros

Consta que antes de existir a Calçada da Thereza, era este sitio uma Quinta – morava junto da Fonte uma orteloa chamada Tareja a qual regava a sua ortaliça com a agoa della, e é donde vem o nome á calçada – Falleceu ella, o diz-se a comprara a Cidade; a sua nascente é na mesma Calçada, e nella é a agoa mais saboroza e abundante que na Fonte em consequencia da ruina do aqueducto. As vertentes della foraõ concedidas aos P.es Loios para rega de sua (cerca) – oje porém já naõ tem esse destino, mas o dirigem ao rio da Villa, ignora-se o motivo por que aquelles P.es deixaraõ de ussar.

L.º 3º do Reg. f. 383 p.º

Mem de 1669.

Praça de D. Pedro

He a nascente desta agoa na rua do Almada do lado do Nascente Nº que foi outrora o Campo do Meloal e cuja agoa foi comprada a Gonçalo Pires.

L.º Cofre 1594 f. 12.

Ribeira

Foi projectada esta Fonte quando se comprou a agoa de Mal-me-ajudas.

Consta que anterior a ella houve outra na rua dos Mercadores cuja agoa néscia junto do rio de Villa, a qual a Camara tentou levar para a projectada da Ribeira: He porém de supor não fosse avante este projecto pois que a agoa desta Fonte é somente da de Malmeajudas. Provavelmente foi extincta e substituido pela Fonte da Biquinha ou rio da Villa aonde nascia e nasce a agoa que vinha para a dos Mercadores.

Mem de 1669.

Isto em quanto é por conta de S. Mag.e somente.

L.º 2º Nob. f. 114

Do Cano ou aqueducto desta Fonte foi facultada ao Assento a 3ª p.te da agoa corrente a qual só de noute pode ser tirada.

Ribeirinho

He a sua Nascente na ramada alta, e dá as vertentes a Bernardino J Braga.

L.º 25 do Regº g.al f. 26 p.º

Rio da Villa

V. a da Ribeira.

Sta. Catharina

A agoa desta Fonte nasce na Travessa da Princeza, e as suas vertentes foraõ concedidas a Joaquim Jozé Fernandes da S.ª p. Escr.ª de 28 de Julho de 1810.

L.º 16 Nob. f. 90 p.º

Em 24 de Janeiro de 1818 foi conferida / alem das vertentes / uma penna d'agoa ao Marechal Felipe de Souza Canavarro, p.ª a sua Quinta do Ferra em renumeração das 4 que metteo na mesma Fonte.

L.º 28 Nob. f. 76 p.º

Destas duas Escr.as se vê serem diversos os possuidores das vertentes de que se póde concluir que aquelle s.º vendeo ao 2º.

Sta. Catharina

A agoa desta 2ª Fonte nasce na rua d'Alegria, e as suas vertentes foraõ concedidas a anna Rosa de Jesus, e oje possui Joaõ Joaquim de Andrade Basto.

L.º

S. Joaõ Novo

Custou a agoa desta Fonte com a das Virtudes 66:000 r. p. Escr.ª de 18 de setembro de 1660.

L.º 3 Compra f. 134.

E um terreno p. onde passa o aqueducto 55:000 r. p. Escr.ª de 19 de Julho de 1617.

L.º 3º Compra f. 144.

A agoa desta Fonte vem da das Vertes, e um annel e as vertentes vaõ p.ª o Com.to de s. J.º Novo, devendo porém apenas ministrar-se-lhe som.te 6 pennas em vista da cit Escr.ª de 18 de S.bro e outro de Ver.ao de 5 de Janeiro de 1665, e Escr.ª de 8 de Nov.º de 1821.

L.º 3 Compr f. 134

L.º Ver 1665 f. 5 p.º

Lº 36 Nob f. 12.

S. Pedro de Miragaia

Esta agoa segundo a Mem. de 1669 era pertença do Hosp.tal do Esp.º S.to naõ se sabendo ao certo se o p.vo tem della ou naõ posse asservando-se hoje pela negativa p. nascer no Q.al de Ant.º Maia apt (sic) da qual recebe a juristia da mmo em S. Pedro de Miragaia.

S. Roque

Nasce a agoa dentro da Casa N.º na rua das Hortas aonde tem uma cisterna que fornece meia penna á sobreada casa concedida em 8 de Agosto de 1737.

L.º das Vist.as da Mlma Cam.ª de 1734 a 1739 f. 45.

Segue o encanamento a esquina dos Caldeireiros onde tem 2 reg.os – um delles reparte a agoa para a dita Fonte o outro p.ª o Hosp.al de S. Fran.co.

Continua pelos Caldeireiros, atravessa a rua das Flores em direcção á Praça de s. Roque aonde é sita a Fonte e cujas vertentes se dirigem ao rio de Villa.

Villa Parda

Esta Fonte é muito antiga e a nascente da sua agoa é em um rochedo pouco acima della, aonde tem uma arca ao norte da qual está outra nascente que segundo se affirma deraõ os ex. Religiosos Carmelitas em retribuição de meio annel que se lhe dá do aqueducto de Paranhos.

Em 1802 tentou fazer Ant.º Fernandes da Silva, umas minas ou Noras, perta daquellas nascentes, porém a junta de Obras P.cas procedendo á Vistoria fez-lhe entulhar uma no todo e outra em frente, obrigando-se alem disso m.mo Frnz' (sic) a responder pelo prejuízo que possa subrevenir.

L.º Vist. Obr. P.cas 1787 a 1805 f. 38 p.º

Sendo cada vez mais escassa a agoa, procedem a mesma junta a nova Vistoria em 18 de Janeiro de 1822, conhecendo-se em resultado que a sua escassez não só provinha da sua antiguidade, mas do pouco ou nenhum cuidado que com ella havia, acontecendo por isto a ruína em que se achou, cujo manancial era dentro da Quinta de Joaquim José Fernandes da S. distante do óculo que está na mma Quinta 125 palmos, correndo a agoa de Norte a Sul athe ao d.º óculo por uma Mina empedrada e segura, e delle á Fonte em louça por baixo da terra pertencente ao mesmo Fernz, e determinando-se em consequencia subsistente o Embargo feito a Ant.º José da S.ª, como conhecidam.te prejudicial a sua obra.

Hoje porém acha-se a agoa reduzida a uma diminuta quantidade, cuja escassez se não póde remedear em conseq.ª das casas e Quintas construídos sobre o cano sem existir vistigio algum das Pias, o que impede o varejamento della.

L.º Vist. Obr. P.cas de 1806 a 1825 f. 50 p.º

Virtudes

Em quanto ao importe da compra d'agoa, um terreno, e a que vai p.ª S. J.º Novo – Veja-se esta Fonte.

Consta que a construcção do Chafariz e Tanques importara mais de 1:600:000 r., mas não ha tituli disto.

Mem de 1669.

Há 2 Minas que fornecem a agoa desta e da Fonte de S. Joaõ Novo – uma nasce na Quinta das Virtudes, outra junto da Fonte.

Segue um reg.º Junto da casa, Capella, ou Hosp.al do sp.º S.to em Miragaia onde reparte p.ª a Quinta da mma meia penna d'agoa.

Segue depois deste outro reg.º na casa de Ant.º de Mattos Pinto, que lhe dá um quarto de penna d'agoa pelo tt.º reg.º no L.º 25 do Reg.º g.al f. 24p.ª

Daqui dirige-se a s. J.º Novo e termina.

Fim»

ANEXO III - TABELAS

TABELA I – Fontes e Chafarizes Públicos em 1669, Segundo Baltazar Guedes.

FONTE: A.H.M.P. – A-PUB/05969 (1), fls. 1-9.

Denominação	Freguesia	Existência actual
Fonte da Cordoaria	Miragaia	Não existe
Fonte das Virtudes	Miragaia	Existe
Fonte da Colher	Miragaia	Existe
Fonte de Paranhos	Paranhos	Existe
Fonte da Arca	Santo Ildefonso	Não existe
Chafariz da Vila Parda	Santo Ildefonso	Existe
Arca do Laranjal	Santo Ildefonso	Não Existe
Arca na estrada em direcção ao Bonjardim	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte da Thereza	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte de Mijavelhas	Santo Ildefonso	Existe
Fonte das Fontainhas	Santo Ildefonso	Existe
Fonte de Malmajudas	Santo Ildefonso	Não existe

Chafariz da Praça da Ribeira	São Nicolau	Não existe
Fonte dos Banhos	São Nicolau	Não existe
Fonte da Lada	São Nicolau	Não existe
Chafariz de São Sebastião	Sé	Existe
Chafariz da Rua Nova	Sé	Não existe
Fonte da Biquinha	Sé (possivelmente)	Não existe
Chafariz de S. Domingos	Sé	Existe
Fonte da Ponte Nova	Sé	Não existe
Fonte dos Canos	Sé	Não existe
Chafariz da Rua Chã	Sé	Não existe

TABELA II – Fontes e Chafarizes Públicos nos Finais do século XVII, Segundo Manuel Pereira de Novais.

FONTE: NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrísis Historial*. Parte I, Volume 2. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913. pp. 39-48.

Denominação	Freguesia	Existência actual
Fonte de Cedofeita	Cedofeita	Existe
Fontes da Lapa	Cedofeita	Não existe
Fonte das Virtudes	Miragaia	Existe
Fonte da Colher	Miragaia	Existe
Fonte da Porta de Miragaia	Miragaia	Não existe
Fonte do Carregal	Miragaia	Não existe
Fonte abaixo da Cordoaria	Miragaia	Não existe
Fonte da Rata	Miragaia	Não existe
Chafariz antes da Porta de Cima da Vila	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte da Arca	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte do Penedo da Morte	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte de Mijavelhas	Santo Ildefonso	Existe

Fonte de São Lázaro	Santo Ildefonso	Não existe
Chafariz da Vila Parda	Santo Ildefonso	Existe
Fonte do Laranjal	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte das Lágrimas	Santo Ildefonso	Não existe
Chafariz de Cima da Vila	Santo Ildefonso	Não existe
Chafariz da Praça da Ribeira	São Nicolau	Não existe
Fonte dos Banhos	São Nicolau	Não existe
Fonte Aurina	São Nicolau	Não existe
Fonte da Lada	São Nicolau	Não existe
Fonte do Carvalhinho	São Nicolau	Não existe
Chafariz de São Domingos	Sé	Existe
Chafariz da Rua Chã	Sé	Não existe
Fonte dos Canos	Sé	Não existe
Fonte da Porta de Nossa Senhora da Vandoma	Sé	Não existe
Fonte dos Pelicanos	Sé	Existe
Fonte da Rua Nova	Sé	Não existe

Fonte de São João Novo	Vitória	Não existe
Fonte da Cadeia da Relação	Vitória	Não existe

TABELA III – Fontes e Chafarizes Públicos em 1758, Segundo as Memórias Paroquiais.

FONTE: CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. pp. 583-631.

Denominação	Freguesia	Existência actual
Fonte da Igreja	Campanhã	Existe
Fonte da Granja	Campanhã	Não existe
Fonte do Gorgulhão	Campanhã	Não existe
Fonte de Bonjóia	Campanhã	Existe
Fonte das Virtudes	Miragaia	Existe
Fonte da Colher	Miragaia	Existe
Fonte do Touro	Miragaia	Não existe
Fonte da Arca d’Água	Paranhos	Existe
Fonte da Barca	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte da Neta	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte da Arca	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte das Fontaínhas	Santo Ildefonso	Existe
Fonte de São Lázaro	Santo Ildefonso	Não existe

Fonte do Poço das Patas	Santo Ildefonso	Existe
Fonte das Musas	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte do Bolhão	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte de Fradelos	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte da Fábrica do Tabaco	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte da Rua de Santo Ovídio	Santo Ildefonso (Cedofeita)	Não existe
Fonte dos Meninos Órfãos	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte dos Cordoeiros	Santo Ildefonso	Não existe
Chafariz da Porta de Carros	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte do Laranjal	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte do Terreiro da Batalha	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte das Lágrimas	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte das Malmajudas	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte do Carvalhinho	Santo Ildefonso (São Nicolau)	Não existe

Fonte Aurina	São Nicolau	Não existe
Fonte da Rata	São Nicolau (Miragaia)	Não existe
Fonte do Carvalhinho	São Nicolau	Não existe
Fonte dos Banhos	São Nicolau	Não existe
Chafariz da Porta do Olival	Vitória	Não existe
Chafariz do Postigo das Virtudes	Vitória	Não existe
Fonte de São João Novo	Vitória	Não existe

TABELA IV – A Arquitectura da Água nas Memórias Paroquias de 1758.

FONTE: CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património, 2009. pp. 583-631.

Freguesia	Autor da Memória Paroquial	Página (s)	Palavra(s)-Chave/ Objecto	Excerto
Campanhã	Reitor João Camelo de Miranda			<i>“A capella de São João Baptista que está na Quinta do Freixo, que hé de Vicente de Tavora e Noronha da cidade do Porto, cuja Quinta hé bem conhecida, não só pella soberania das ospício, com que se coram as casas, mas pella grandeza da sua fonte, obras, que no arteficio e custo com que foram feitas, se avantajam a todas as de Entre Douro e Minho, cuja Quinta e casas estão nas margens do rio Douro.”</i>
		584	- Fonte da Igreja; - Fonte da Granja;	<i>“São as agoas desta freguesia muitas e muito saluferas. E se tem averiguado que a da fonte da Igreja, a da fonte da Granja e a da fonte do</i>

			- Fonte do Gorgulhão;	<i>Gorgulhão e em Contomil, são das melhores que há Entre Douro e Minho, se bem que não estão com a estimação que merecem”</i>
			- Fonte de Bonjóia;	<i>“Hé nesta freguesia a fonte de Bomjóia, na estrada que vem do Porto para ella e para a freguesia de Fanzeres, de cujas agoas se tem experimentado effeitos maravilhosos, porque dizem os naturaes antigos, que aquella fonte brotava de repente de entre as pedras do que se sahe. Succedendo cahir do andor naquele sitio a imagem de Nossa Senhora de Campanhã, recolhendo-se da cidade do Porto, aonde tinha hido [como outras vezes] a pedir chuva e que hessa hé a rezão de ter a Senhora hum braço encastado, que então lhe quebrara, para ter hoje as mãos rotas para nos despender os seus benefecios por meio da agoa daquella</i>

				<i>fonte.”</i>
Foz do Douro	Frei Francisco de Jezus Maria	589	- Fonte;	<i>“Neste lugar, nem nas vizinhanças delle, não há fonte, nem lagoa celebre que suas agoas tenham especial qualidade.”</i>
Massarelos	Dom Manoel do Pillar Lobo	594	- Fontes;	<i>“Nesta terra não há lagoa, nem fonte com especial celebridade, por que as agoas della todas são muito salutíferas e de gosto excellente, cujas fontes são muitas e com abundância de agoas, tanto que com hum grandíssimo obelisco de agoa, que corre pelo meio deste lugar de Norte a Sul direito [...]”</i>
Miragaia	Abbade João Alvares do Valle	596	- Fonte do Touro; - Fonte da Colher;	<i>“Tem vinte e dous lugares [...] O quarto a Fonte do Touro [...] O septimo a Fonte da Colher.”</i>
		597-598	- Fonte das Virtudes; - Lavadouros;	<i>“Há no districto desta freguezia a celebre Fonte das Virtudes, obra magestoza feita de cantaria lavrada com o</i>

				<p><i>melhor primor da arte. Tem no meio a imagem da Senhora em hum nixo entre vidraças, das partes as duas torres, que são as Armas da Cidade, no Remate as Armas Riais. E nos lados quatro bollas em cima de quatro colunas. Abaxo da imagem da Senhora, em hua quadrada lamina de marmora vermelho, lhe mandou gravar o Sennado da camera no anno de 1619, em que foi feita, huns dísticos que ditou Pantalem de Siabra e Souza, cavalleiro do Habito de Christo, veriador que então era e hum dos beneméritos filhos da cidade, de illustre vea de sangue e poezia latina. E tendo primeiramente estas letras: Posteritati. Continuum os dísticos: “Fons scatet illustri virtutum nomine dictus/ Quis sitit há s limphas absque timore bibat/ Ante Carvenoso de pumice</i></p>
--	--	--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

				<p><i>degener ibat/ Obstabant pigra, limus et umbra, mora,/ Publica conspícuas, axpensa duxit in auras,/ Utquae loco fluat commodiore dedit. Inde viam stravit, dejecique ordine sedes,/ Gratia tam grátis maior ut esset aquis.”</i> Tem nos lados duas columnas, pirâmides e seos assentos de pedra, e no fim dellas outras columnas similhantes [...] E se desce por hua grande calçada a lograr o prazível das agoas, que lança por duas bicas, em duas cabeças de monstro, que descendo por aquedutos subterrâneos, se divide em quatro grandes bicas de pedra, que cahem em outros tantos lavadouros de desassete palmos e meio de comprido de cantaria gatiados de ferro. E daqui parte da agoa vai para hua quinta e outra cahe por hum despinhadeiro de verde relva, em outros</p>
--	--	--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

				<i>lavadouros, menos polidos, que huns e outros vêm continuamente ocupados de lavadeiras no seu exercício.”</i>
		598	- Fonte da Colher;	<i>“Há mais a fonte chamada da Colher, que de huas cazas sai à praia, que antigamente tinha hua grande colher de cobre, porque se bebia agoa, tão precioza que para Braga a mandava buscar o Senhor Arcebispo, o Senhor Rodrigo Moura Telles.”</i>
			- Fonte do Touro;	<i>“Tem mais a Fonte do Touro, entre hum largo, que fazem os cobertos da praia, que por estar subterrânea se não pode saber distância de hua minna, porque sai e só se vêm dous grandes arcos no principio da minna.”</i>
Paranhos	João Carneiro da Silva	601	- Fonte da Arca d’Água;	<i>“Tem esta terra no lugar da Arca d’Agoa hua fonte que se acha e conserva fechada por chave com sua caza de aboboda,</i>

				<p><i>zolejo e cal, de cuja fonte vai a agoa, que hé muita, por hum aqueducto aos chafarizes da cidade do Porto, correndo por elles de huns para outros thé cinco.”</i></p>
Ramalde	Francisco Matheus Xavier de Carvalho	602-603	- Fontes e Tanques da Quinta de Dom Antonio de Noronha de Mesquita e Mello;	<p><i>“No lugar da Prelado há hua Quinta que passa pella melhor destas Provincias. A sua entrada principia no lugar do Carvalhido, freguezia de Cedofeita, aonde faz hum largo de trezentos e sessenta pés de cumprimento, e quarenta e três de largo [...] No fim delle se elevam duas piramedes de figura triangular, assentadas sobre três bolas de pedra, ellas tem de altura trinta pés e dois terços, acabam em ponta aguda com hua torre em cima, que são as armas do Noronhas; as bases, que as sustentam tem de alto dez pés. Pegado às piramedes comessa a primeira entrada, que tem de cumprimento setecentos e cincoenta e seis pés e pouco mais de dois terços, de largura trinta e cinco pés e hum terço [...] no fim desta primeira entrada se levantam dois pedestais de dez pés de alto, e</i></p>

			<p><i>também acabam com a figura de hua torre [...] hum pouco apartado da porta, há duas grandes meias laranjas de pedra lavrada com seus assentos. A porta hé de relevo e tem oito pés de largo, e pouco mais de treze de alto, mas o escudo das armas que sobe oito pés lhe serve de remate. Dentro faz hum pateo de cento e vinte pés de fundo e cento e treze e hum terço de largo, elle tem em hum dos lados hua fonte. As cazas estão comessadas com o risco de Nazoni pintor italiano que vive na cidade do Porto. E só a galeria que fica para o mar está acabada, com hua torre que franquearam no cunhal da parte do Poente e que faz vista para o pateo. Tem as cazas de alto até a cornige dezoito pés e hum terço, ella hé de aboboda para dar uso a hum eirado cercado de balaustes de pedra e com oito piramedes nos ângulos. Esta obra há-de ter a largura do pateo e de fundo quarenta pés com torres quadradas nos cantos. Nas escadas que descem para Quinta tem hum dos seus pateos hua fonte, que faz a figura de hum brugel com cabessa de Meduza, lançando</i></p>
--	--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p> <i>agoa pella lingoa e cabelos, que transformados em cobras, deitam pelos olhos a agoa. Para a parte da Quinta e debaixo da galaria das cazas, há hum jardim de arvores do Norte e de espinho. A sua figura é oval e no meio tem hum grande tanque redondo de agoa. Em correspondência deste jardim há outro irregular, mas de bem risco com arvores de boa vista e bem tratadas. Tem hum tanque oitavado com huma estatua da Aurora, sustentando em hum dos braços hua cornocopeia, por onde sahe alguns rezistos d'agoa. Esta figura está sentada em hum Delfim, pegando-lhe na cauda com hua mam. Para o Nascente fica hum pomar de fruta de espinho doce, nelle há hum tanque para as aves amphibias [...] Na quarta parte desta rua há hum tanque oitavado de agoa, e na volta delle corre a largura da mesma rua, elle tem no meio hua piramede que lança por dis rezistos agoa para o ar, e no assento do mesmo tanque hum jogo de agoas [...] há outra fonte com ruas de limoeiros e lorangeiras [...] no meio do pateo está hua fonte que hé hum</i> </p>
--	--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p><i>Cagado que lança agoa pella boca e ella cahe em hua grande conxa. Serve de ornato aquella figura dois rapazes com similhaças de monstros, e este sírio hé de obra Moizaica [...] Nella há hum lago artificial, e perfeitamente redondo, o seu diâmetro hé de quatrocentos e sessenta e cinco pés, a agoa tem quatro e meio de fundo. No meio delle está hua ilha aonde se levanta hua torre de dois corpos, a sua figura hé retunda, a primeira tem em volta oitenta e cinco pés e de altura vinte e cinco e hum quarto, nas ameias segue a forma Mourisca [...] Na testa deste terreno há hua fonte bruta com a figura de Polifemo, ella tem na cabeça hua grande pedra e dos pés lhe nasce hum golfo de agoas, que vão para o lago. Defronte desta figura e no meio do lago está hua estatua que representa Asis; esta lança agoa pela boca e veas dos braços e na ilha há outra estatua de Galathea. Todas as figuras que são de pedra, estão muito bem cortadas. Nos dois lados do lago, que fazem para a Quinta, vista estão duas casas de campo [...] Para a parte Nascente no mesmo sitio,</i></p>
--	--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

				<p><i>há hum pórtilico com duas janelas, por onde se entra para a mata que esta quinta tem, ella hé capaz ainda para cassa grossa [...] E deste mesmo pórtilico nascem outras três ruas, que vão ter Ás portas da Quinta [...] A quinta terá âmbito quarto e meio de legoa, e della hé senhor Dom Antonio de Noronha de Mesquita e Mello, fidalgo da Caza Real.”</i></p>
		604	- Arca d’Água;	<p><i>“[...] entra outro regato que vem da Arca d’Agoa, freguesia de Paranhos e passa pelo lugar da Prelada desta mesma freguesia.”</i></p>
Santo Ildefonso	Simão Duarte de Oliveira	604-605	<p>- Poço das Patas;</p> <p>- Fonte da Barca;</p> <p>- Fonte da Neta;</p> <p>- Fonte das Virtudes;</p>	<p><i>“E as ruas Direita de Santo Ildefonço e outra que com esta sai no poço das Patas [...] E outras que no meio da dita Rua Direita se divide e vai ter ao mesmo Poço das Patas [...] Rua da Calçada da Fonte [Barca] [...] Rua da Fonte da Neta [...] E do Poente com a freguezia da São Pedro de Miragaia e Fonte das Virtudes.”</i></p>

		606	- Aqueduto e Cano da Cidade;	<i>“[...] em vinte e três de Junho de mil seiscentos e quarenta e nove do aqueduto e cano da cidade, que vem das áreas de Paranhos, lhe repartio a agoa para os gastos do Colegio e Cadeia da Rellação.”</i>
		612	- Fonte da Arca;	<i>“Hão nesta freguezia varias fontes. A primeira hé a Fonte de Arca, fundada no anno de mil seiscentos e outenta e dous pello semnado da camera. Lança copiozisima agoa por quatro b iças de bronze que comprehende duas manilhas de agoa. E as Arcas estão na Quinta do Laranjal, refrescando no Veram ao povo assim a dita fonte com o arvoredado de grande e antigos álamos que da parte lhe ficam mediando entre ella e o muro, ao pé da qual se acham bellos acentos, a rua que sobe a igreja dos ditos clérigos pobres,</i>

				<p><i>assistindo de dia em toda a mesma fonte, em lugar mais elevado, vários tendeiros vendendo quantidade e diversidade de marsarias. E no lugar mais supremo da dita fonte que hé de maravilhoza architectura e grandeza a coroa hua imagem da Senhora da Natividade, e em seu próprio dia oito de Setembro, persedendo a esta festividade hua novena e praticas em devottos, que lhe tributam estes cultos.”</i></p>
		612-613	<p>- Fonte das Fontainhas; - Tanques das Fontainhas;</p>	<p><i>“A segunda hé a Fonte das Fontainhas, lugar retirado das abitaçoens e recreio do povo da cidade, onde vai tomar o sol no Inverno e de Verão beber da excelente agoa e recrear-se com a que vê correr do rio Douro, servindo também de lavage de varias roupas para a cidade, havendo nella a pervenção de bons tanques para este</i></p>

				<i>ministério.”</i>
		613	- Fonte de São Lázaro;	<i>“A terseira hé a do campo de São Lazaro que fez o semnado da camera no anno de mil e setecentos e cincoenta.”</i>
			- Fonte do Poço das Patas; - Tanques do Poço das Patas;	<i>“A quarta hé a do poço das Patas, onde se lavam a maior parte das roupas da cidade, que nunca falta por mais rigorosa que seja a sua, tendo também quantidade de tanques para este efeito, cujas vertentes dessem à Ponte das Patas e por baixo dellas correm por três arcos a regar a Quinta de Francisco Diogo de Souza Cirne, a do Prado e a dos Padres da Companhia e dos seus moinhos de Val de Milhorados, e vai dezaguar ao rio Douro.”</i>
			- Fonte das Musas;	<i>“A Quinta hé a das Musas, fonte tosca de boa agoas, mas não muitas, no sitio de Santa Catharina.”</i>
			- Fonte do	<i>“A sexta hé do Bulhão</i>

			Bolhão; - Tanques da Fonte do Bolhão;	<i>com seus tanques também para lavar roupas.”</i>
			- Fonte de Fradelos;	<i>“A sétima a de Fradellos com a mesma prevenção.”</i>
			- Fonte da Fabrica de Tabaco;	<i>“A oitava a da Fabrica do Tabaco que vem de Paranhos, distante da cidade hua legoa, com quatro bicas e seu chafariz.”</i>
			- Fonte da Rua de Santo Ovídio;	<i>“A nona na Rua de Santo Ouido (sic, Ovídio) com seu chafariz.”</i>
			- Fonte dos Meninos Órfãos;	<i>“A dessima a dos Meninos Orphãos no terreiro chamado da Graça.”</i>
			- Fonte dos Cordoeiros;	<i>“A undessima a dos cordoeiros que se aplica aos que padessem enfermidade de ospí.”</i>
			- Chafariz da Porta de Carros;	<i>“A duodessima o chafariz à Porta de Carros, agoas salobras.”</i>

			- Fonte do Laranjal;	<i>“A dessima terceira sita na Rua do Laranjal de copiozas agoas.”</i>
			- Fonte do Terreiro da Batalha;	<i>“A dessima quarta a do terreiro da Batalha com seu chafariz triangular e não se conhece alguma virtude particular nestas agoas.”</i>
			- Fonte das Lágrimas;	<i>“Só na dessima quinta que hé das Lagrimas que fica junto ao rio Douro que por serem incorrutas nella se fazem as agoas para as embarçaõens que vão para os Brazis e mais partes estrangeiras.”</i>
			- Fonte das Malmajudas;	<i>“A dessima sexta hé a de Malmeajudas.”</i>
			- Fonte do Carvalhinho;	<i>“A dessima septima a do Carvalhinho, junto à capela deste mesmo nome.”</i>
São Nicolau	---	615	- Aqueduto dos Padres da Companhia; - Fonte Aurina;	<i>“[...] com todas as suas cazas, ruas e travessas e quitaes thé os arcos do aqueduto dos Padres da Companhia, junto à</i>

			- Fonte da Rata;	<i>capella de Nossa Senhora do Postigo [...] a Rua da Fonte de Aurina com seus becos [...] desde a Fonte da Rata thé a rua por onde se vai para Sam Francisco [...]</i> ”
		618	- Fonte do Carvalhinho;	<i>“Tem outra no principio da Rua da Lada, a qual dá principio a hua Via Sacra, dedicada a hua imagem de Christho Crucificado, a quem os vezinhos ornem e veneram, com o titullo da Senhora da Ascensão e Boa Morte, cuja Via Sacra corre por hum hosp sobre o rio Douro e finaliza em hua admiravel fonte chamada a Fonte do Carvalhinho, em cujo sitio está outra capella, que serve de cerca à mesma Via Sacra, dedicada também a hua imagem de Christo Crucificado, em memoria do Calvario.”</i>
		621	- Fonte dos Banhos;	<i>“Nesta freguesia há muitas e inumeráveis fontes, que como fica no baixo dos montes, em que</i>

				<p><i>está situada a cidade, thé muitas cazas as tem em suas logeas. A mais celebre hê a chamada dos Banhos, cujo nome veio de antigamente no mesmo sitio haver, eram de agoa fria e cada pessoa que os vinha tomar pagava huma tanto cujo rendimento era do bispo e da hospíc da cidade, os quais se extinguiram. E no mesmo sitio se edificaram cazas, ficando huas foreiras à Mitra outras à camera.”</i></p>
			- Fonte Aurina;	<p><i>“Há outra fonte, onde em hua caza subterrânea no fim da Rua da Fonte Aurina, onde chamam a Lingoeta do Terreiro, a qual lança bastante agoa, a qual ocularmente fui ver. Dizem que antigamente sahia a tal agoa por boca da cabeça de hum touro, pelo que deu o nome à rua chamada a Rua da Fonte Taurina, e corrupto o vocábulo, ficou Fonte de Aurina.”</i></p>

Sé	Abbade Manoel Ramos Vieira	626	- Chafarizes Públicos;	<i>“Há nesta freguezia 8 chafarizes publicos e muitos particualres nas cazas dos moradores de excelentes agoas, mas não de virtudes particulares.”</i>
Vitória	Abbade Francisco Antonio	631	- Chafariz da Porta do Olival; - Aqueduto de Paranhos;	<i>“[...] sei que nesta freguezia há dois chafarizes, os melhores e mais elevados que há em toda esta cidade. Hum sito na praça da Rua da Porta do Olival, que lança agoa perenne e hé o mais elevado chafariz da cidade, deitando agoa que lhe vem da Arca de Paranhos, em distancia de mais de meia legoa, em beneficio dos moradores da dita rua, em tal forma que no primeiro capitel a lança por coatro bicas, que se recolhem na primeira vaze, a qual hé de ordinária grandeza, e deste se expelle por outras coatro bicas que cahem na segunda vaze, a qual hé de extremoza grandeza, que cauza admiração a todos aquelles que bem a</i>

				<p><i>examinam, como podesse ser trazida aquele sitio tam grande pedra. E desta correm coatro bicas de que se aproveitam os moradores e toda a mais cidade. E hé em tanta abundância o aqueduto desta agoa, que somente deste chafariz se reparte pelas varias partes, como hé pêra ao prezos da Rellação desta freguezia. E da mesma agoa se socorrem os religiosos de Santo Antonio de Valle de Piedade, pêra seu hospício, sito na Cordoaria Nova, e os religiosos do Mosteiro de São Bento, já mencionado, e Hospital Geral desta cidade.”</i></p>
			<p>- Chafariz do Postigo das Virtudes; - Aqueduto de Paranhos;</p>	<p><i>“E também do mesmo aqueduto vem dar ao chafariz do Postigo das Virtudes, que melhor se lhe pode chamar Porta pella grandeza e largura. Corre este chafariz perennemente no seu elevado capitel por coatro</i></p>

				<p><i>bicas, cuja agoa recebe hua excellente e primorosa taça, e desta sahe por duas bicas que recebem duas taças de conxa primorozamente lavradas, e destas passa a outras da mesma perfeição e de muito maior grandeza. E destas passa a dita agoa a comunicar-se ao povo. Hé esta de estimável grandeza e primorosa architectura assim na altura, como na perfeiçam do seu lavrado, por ser obra moderna, por quanto da parte Nascente se acham escriptas em conta as palavras ou letras seguintes: “1750.” E da parte do Poente se lê a inscripção seguinte: “Hanc molem extruxit populo auxiliante senatus una ergo ex duplici fonte perennat aqua.””</i></p>
			- Fonte de São João Novo;	<p><i>“Tem mais esta freguezia a perenne fonte que está encostada ao muro da cerca do Convento de São</i></p>

				<p><i>João Novo. Porém não sei que águas destas agoas mencionadas tenham alguma especial qualidade ou virtude, ainda que esta última de que se fez menção, tem a sua origem no sitio aonde está situada a Senhora das Virtudes, que hé freguezia de São Pedro de Miragaia, extra muros desta cidade.”</i></p>
--	--	--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

TABELA V – Fontes e Chafarizes Públicos em 1788, Segundo Agostinho Rebelo da Costa.

FONTE: COSTA, Agostinho Rebelo da – *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*. Lisboa: Frenesi, 2001. pp. 51-54.

Denominação	Freguesia	Existência actual
Bicas de Massarelos	Massarelos	Existe
Fonte da Colher	Miragaia	Existe
Fonte das Virtudes	Miragaia	Existe
Chafariz da Fábrica ¹	Santo Ildefonso (possivelmente)	Não existe
Fonte da Arca	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte das Musas	Santo Ildefonso	Não existe
Chafariz da Vila Parda	Santo Ildefonso	Existe
Fonte das Fontaínhas	Santo Ildefonso	Existe
Fonte de Fradelos	Santo Ildefonso	Não existe
Chafariz da Ribeira	São Nicolau	Existe
Chafariz de São Domingos	Sé	Existe
Chafariz das Taipas	Vitória	Existe

¹ Possivelmente refere-se ao Chafariz da Fábrica do tabaco, em Santo Ildefonso, visto não nos ser apresentada mais nenhuma descrição.

Chafariz da Porta do Olival	Vitória	Existe

TABELA VI – Fontes e Chafarizes Públicos entre 1757 e 1804, Segundo Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves.

FONTE: FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. Volume 2. Porto: Câmara Municipal, 1990. pp. 323-434.

Denominação	Freguesia	Existência actual
Chafariz das Oliveiras	Cedofeita	Existe
Fonte das Águas Férreas	Cedofeita	Existe
Fonte de Cedofeita	Cedofeita	Existe
Fonte da Colher	Miragaia	Existe
Fonte do Touro	Miragaia	Não existe
Fonte das Virtudes	Miragaia	Existe
Chafariz da Fábrica ²	Santo Ildefonso (possivelmente)	Não existe
Chafariz da Vila Parda	Santo Ildefonso	Existe
Fonte da Rua do Almada	Santo Ildefonso	Não existe
Segunda Fonte da Rua do Almada	Santo Ildefonso	Existe
Fonte da Arca (fonte da Natividade)	Santo Ildefonso	Não existe

² Possivelmente refere-se ao Chafariz da Fábrica do tabaco, em Santo Ildefonso, visto não nos ser apresentada mais nenhuma descrição.

Fonte da Batalha	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte do Bolhão	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte do Bonjardim	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte do Carvalhido (Fonte do Senhor do Carvalhido)	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte das Fontaínhas	Santo Ildefonso	Existe
Fonte fora da Porta de Carros	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte de Fradelos	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte de Malmajudas	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte de Mijavelhas	Santo Ildefonso	Existe
Fonte das Musas	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte do Poço das Patas	Santo Ildefonso	Existe
Fonte da Praça Nova (Tanque da Praça Nova)	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte da Rua de Santo Ovídio	Santo Ildefonso (Cedofeita)	Não Existe
Fonte de Santa Catarina	Santo Ildefonso	Não existe

Fonte das Lágrimas (fonte das Aguadas)	Santo Ildefonso	Não existe
Fonte do Boi	São Nicolau (provavelmente)	Não existe
Chafariz dos Banhos (Fonte dos Banhos)	São Nicolau	Não existe
Fonte do Carvalhinho	São Nicolau	Não existe
Fonte da Lada	São Nicolau	Não existe
Fonte da Ribeira (Chafariz da Ribeira, Chafariz da Porta da Ribeira)	São Nicolau	Existe
Fonte da Rata	São Nicolau (Miragaia)	Não existe
Fonte da Areia	São Nicolau	Não existe
Chafariz da Rua Chã (Fonte da Rua Chã)	Sé	Não existe
Chafariz de São Miguel	Sé	Existe
Fonte dos Canos	Sé	Não existe
Fonte das Congostas	Sé	Não existe
Fonte da Praça de Santa Ana (Fonte de São Roque, Fonte do Souto)	Sé	Não existe

Fonte de São Domingos	Sé	Existe
Fonte de São Sebastião	Sé	Existe
Fonte da Biquinha	Sé (possivelmente)	Não existe
Chafariz da Praça da Porta do Olival	Vitória	Não existe
Chafariz da Porta do Olival	Vitória	Existe
Chafariz do Postigo das Virtudes	Vitória	Não existe
Chafariz das Taipas (Fonte das Taipas)	Vitória	Existe
Fonte de São João Novo	Vitória	Não existe
Fonte das Recolhidas do Anjo	---	---

TABELA VII – As Obras nas Arquitecturas da Água na Cidade do Porto entre 1757 e 1804 Patentes nos Livros do Cofre do A. H. M. P.

FONTE: FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *O Porto na época dos Almadás: arquitectura, obras públicas*. Volume 2. Porto: Câmara Municipal, 1990. pp. 323-434.

Ano	Obra	Arrematante	Profissão	Página
1757	<i>“«consertou os aquedutos que vem pella praça Nova e o pateo da fonte da arca»”</i>	Francisco de Sousa	Mestre pedreiro	323
1758	<i>“«fés os concertos das agoas que vinhão pella praça Nova abaixo e pella cazas aonde assiste o senhor Jozé de Mascareinhas»”</i>			324
	<i>“Obra do tanque e lajeado do chafariz da Porta do Olival”</i>	Caetano Pereira e Domingos da Costa	Mestres Pedreiros	
	<i>“Conclusão da obra do tanque do chafariz da Porta do Olival”</i>			
	<i>“Conserto do chafariz da porta do olival e «desentulhar a fonte das Aguadas»”</i>	Francisco de Sousa	Mestre dos Aquedutos	
	<i>“Obra na fonte das</i>			

	<i>aguadas</i>			
	<i>“Obra no cano da arca de Paranhos”</i>			325
1759	<i>“Conserto do chafariz dos Banhos”</i>	António Gomes	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra no aqueduto de Paranhos”</i>	Francisco de Sousa	Mestre dos Aquedutos	
	<i>“«rebaixamento das padieiras do aqueduto do campo de S. Lazaro»”</i>			
	<i>“Reedificação da arca e cano do chafariz da Ribeira e seu repuxo”</i>	---	---	326
	<i>“«factura de hum canno no sitio da Lameda»”</i>	Manuel Moreira da Silva	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra no cano da Alameda”</i>			
1760	<i>“Obras no aqueduto da calçada da Teresa, no aqueduto da Ribeira, junto aos Guindais, na fonte do Touro e na fonte das Aguadas”</i>	Miguel Pinto e António Pinto	Mestres dos Aquedutos	
	<i>“Obra no «arcaduto (sic)»”</i>	José Francisco	Mestre	327

	<i>do cano da agoa»”</i>		pedreiro	
1761	<i>“Concertos nas fontes da Arca, da Biquinha, da Rata e da Colher”</i>	António Pinto	Mestre pedreiro dos aquedutos	
	<i>“«calciamento das ruas da Banharia e Ribeira e hum cano na mesma Ribeira»”</i>	José Tavares	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do paredão da fonte do Poço das Patas”</i>	Caetano Pereira	Mestre pedreiro	
	<i>“Consertos nos aquedutos e limpeza dos tanques da cidade”</i>		Mestre das águas do Senado	
	<i>“Consertos nos aquedutos”</i>	António Pinto da Costa	Mestre dos aquedutos	328
	<i>“Reformou todo o cano das águas da Arca de Paranhos”</i>			
	<i>“Consertou a fonte da Lada, aqueduto da Natividade e Paranhos, Poço das Patas, Aguadas e Fontainhas”</i>	António Pinto	Mestre dos Aquedutos	
1764	<i>“Obra na arca e fonte da rua do Almada”</i>	---	---	330

	<i>“Consertos nas fontes das Aguadas, Carvalhido e S. Domingos «de levantar o chafariz»”</i>	Manuel António Pinto	Mestre dos aquedutos	
	<i>“«mandou compor a fonte do Senhor do carvalhido»”</i>			
	<i>“«arrematou a fazer a porta da rua dalmada (sic) e o acaduto na mesma rua»”</i>	Caetano Pereira	Mestre pedreiro	
1765	<i>“Continua a trabalhar «na porta da rua de almada e fonte e aqueduto»”</i>			331
	<i>“Documentos sobre a obra na «Fonte Aurina»”</i>	Bernardo Borges	Mestre pedreiro	
	<i>“«anda acabando na porta da rua do Almada e tem findo o acadutto da fonte da mesma rua»”</i>			
1766	<i>“«mandou abrir o reguo e alimpar os tanques no Posso das Patas»”</i>	Caetano Pereira	Mestre pedreiro	
	<i>“«anda trabalhando na fonte da rua de Almada»”</i>			332

	<i>“«encanamento do cano que vai para a porta do Olival feito de pedra e principia na rua das Oliveiras athe o pe da porta do Vigario geral de Malta»”</i>	José Francisco	Mestre pedreiro	
	<i>“«arematarão o emcanamento e avertura (sic) da rua de S. João»”</i>	Caetano Pereira e José Francisco	Mestres pedreiros	
	<i>“«arematou de endireitar o aqueduto da praça de s. Domingos [...] que arematou partes de louça e partes de pedra, e como se acha feita e acabada»”</i>	António Pinto	Mestre dos aquedutos	
	<i>“«abrir a traveça na rua do Almada» e «abrir hum canno na rua nova para as restantes da fonte hirem por baixo»”</i>	Caetano Pereira	Mestre pedreiro	
1767	<i>“Consertos no aqueduto da Ribeira”</i>	António Pinto	Mestre dos aquedutos	333
	<i>“«fazem a obra da praça de Santa Anna capella de S. Roque que tem findo o encanamento do rio do mesmo sitio»”</i>	José Alves do Rego e Manuel Martins	Mestres pedreiros	

	<i>“«arematou a obra do acaduto que se faz em a rua de Almada»”</i>	António da Costa	Mestre pedreiro	
	<i>“«arematou a fazer o tanque para os suradores e caza para os peliqueiros no sitio dos pellames»”</i>	José Francisco	Mestre pedreiro	334
	<i>“«arematou a fazer os aloques que se fizerão no citio das Fontainhas e hum tanque grande e como se esta acabado»”</i>	Domingos da Costa	Mestre pedreiro	
	<i>“Consertou a arca do Campo de S. Lázaro, «gorneseu o arco de vandoma» e consertou a arca de Paranhos”</i>	António Pinto	Mestre pedreiro	
1768	<i>“«fés hum tarjão paraas letras e duas janelas na fonte de Almada e duas pilastras e como isto se acha feito e acavado»”</i>	José Francisco	Mestre pedreiro	336
	<i>“«que elle suplicante por ordem do senhor procurador da cidade mandou cmpor a agoa que vinha pella praça Nova</i>	Caetano Pereira	Mestre pedreiro	

	<i>abaixo e mais mandou fazer hum conserto no paredão que fica no correio»”</i>			
	<i>“«arematante do acaduto que [...] se mandou fazer na traveça da rua nova de Almada e como este se acha feito e acabado»”</i>	António da Costa	Mestre pedreiro	
	<i>“«arematante do canno que se fés a porta de Almada»”</i>	José Francisco	Mestre pedreiro	
	<i>“«arematou o arcaduto que passa no sitio da Porta do Sol [...] se acha feito e acabado»”</i>	António Pinto	Mestre dos aquedutos	337
1769	<i>“«fizerão o roço da Porta do sol e o cano que se mandou fazer e como tudo se acha acabado»”</i>	Caetano Pereira e José Francisco	Mestres pedreiros	338
1770	<i>“«mandou limpar o dito rio Frio e desentulha lo todo como tambem outro aqueducto que no mesmo entra»”</i>	---	---	340
	<i>“Consero do «cano dos Banhos e tambem do</i>			

	<i>rezisto da repartisam das agoas do campo de S. Lazaro e tambem de fazer um lanço de novo na arcaduto (sic) da Porta de Carros e tambem do conserto que se fés na fonte das Quingostas»”</i>	António Pinto	Mestre dos aquedutos	
	<i>“«arematou nestte Senado o conserto do aqueduto da Ribeira junto a fontte de Malmajudas [...] o coal se acha feito e acabado»”</i>			
	<i>“«foi compor a fonte ao sitio do Carvalhido»”</i>	Caetano Pereira	Mestre pedreiro	341
1771	<i>“Conserto do aqueduto de Paranhos”</i>	António Pinto	Mestre dos aquedutos	
	<i>“«fés varios consertos como foi na rua e passagem da porta de Carros, no cano e pia das vertentes da fonte que fica fora desta porta, e tambem concertou parte da calçada do Corpo da Guarda»”</i>	Manuel da Silva	Mestre pedreiro	
	<i>“«rematou os lanços que de novo se fazem no</i>	Manuel Moreira da Silva	Mestre pedreiro	342

	<i>arcaduto das agoas de Paranhos»</i>			
	<i>“Arremataram «o tratar dos aquedutos»”</i>	José Pereira e João Pinto	Mestres pedreiros	
	<i>“«tem feito o conserto da agua de S. Sebastião e tambem da Porta do Olival»”</i>	José Moreira	Mestre pedreiro	
1772	<i>“«fés o conserto de que nesesitava o cano das saídas das agoas vertentes da fonte da Arca»”</i>	Caetano Pereira	Mestre pedreiro	343
	<i>“«mestre das obras da praça da santa Anna e da capella de São Roque [...] tem finda a obra na forma das ordens de Vossa Excelencia e so falta o tanque, e fonte e emcanamento da mesma fonte [...] e como o supplicante continua na referida obra»”</i>	José Alves do Rego	Mestre pedreiro	
	<i>“«consertos do aqueduto que vem de Paranhos»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	344
	<i>“«hum dos rematantes das obras de pedraria das</i>	Henrique Ventura	Mestre pedreiro	

	<i>cadeias da Relaçam desta cidade [...] fis a obra do cano dos despegos (sic) das cadeias emte a Ponte nova»</i>					
1773	<i>“Conserto no aqueduto que vem de Paranhos”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	345		
	<i>“«consserto (sic) que fês na arca da agoa de Paranhos que vem para a Portta do Olival e repucho das Recolhidas do Anjo»”</i>					
	<i>“«comprou os pinheiros para abrir as caleiras para passar a agoa da feira do pam emthe o repuxo do Anjo»”</i>				Manuel Alves	Mestre carpinteiro
	<i>“«anda fazendo o acaduto da agoa do repucho do Anjo athe os arcos da feira do Pão»”</i>				Caetano Pereira	Mestre pedreiro
1774	<i>“«no acto de vistoria que se fez em hum cano que este Illustrissimo Senado mandou fazer de novo por baixo do chafariz de S. Domingos e por baixo do aqueduto dos religiozos</i>	José Francisco	Mestre Pedreiro			

<i>dominicos tomou o suplicante a obra do dito cano»”</i>			
<i>“«tem andado com mais officiaes fazendo huma obra em rebaixar a rua, e formar hum cano por cima da capella de S. Roque onde foi preciso cortar, e rossar muita pedra pra dar çaida (sic) as agoas e enchurros que cahiã(o) por detrás da dita capella, e agora tem saída para diante sem o prejuízo que lhe cauzava. E como tem concluido»”</i>	Manuel da Silva	Mestre pedreiro	
<i>“Conseros: na fonte da rua do Almada; na fonte de S. Domingos; «no repuxo do Anjo para a porta do Olival»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	346
<i>“«fês os ferros para o repucho do pe do Anjo»”</i>	Ventura Correia dos Santos	Mestre Ferreiro	
<i>“«fês o acaduto [...] junto ao Anjo»”</i>	Caetano Pereira	Mestre pedreiro	
<i>“«mandou obrar, e carrear a figura que se faz</i>	José Francisco	Mestre pedreiro	

	<i>na praça de Santa Anna [...] mandou encanar o resto do canno que faltava na mesma praça; e mais continua com o roço, e traveça da Conseiçam que vem ter a rua nova de Almada»”</i>			
	<i>“Consertos: no aqueduto de Paranhos para a porta do Olival; fonte de S. Sebastião; aqueduto que vem para a fonte da Ribeira”</i>			347
	<i>“Conserto nos aquedutos das fontes da rua Chã e S. Sebastião.”</i>			
1775	<i>“Conserto do repuxo da Porta do Olival”</i>			
	<i>“Conserto de parte do aqueduto que vem da rua Chã e S. Sebastião”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	348
	<i>“Conserto no aqueduto de Paranhos junto à fabrica”</i>			
1776	<i>“Conserto no aqueduto principal da cidade que vem de Paranhos e no da</i>			

	<i>fonte da Arca à natividade”</i>			
	<i>“Consertos «no aqueduto do chafaris da Ribeira [...] no aqueduto do chafaris das Taipas»”</i>			349
	<i>“«anda trabalhando no aqueduto da agoa que vem do poço das Patas para a fonte da batalha, rua Cháa e S. Sebastião»”</i>	José Francisco	Mestre pedreiro	
	<i>“«andou no concerto do aqueduto que vem de Paranhos para esta cidade»”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	
1777	<i>“«mandou compor a rua de S. João e tambem abrir hum reguo ao Posso das Patas»”</i>	Caetano Pereira	Mestre pedreiro	
	<i>“Consertos «que se fizerão na fonte e aquedutos de S. Sebatião, do chafariz das taipas, e pia das religiosas do Carmo»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	350
	<i>“«tem dado fim a obra do aqueduto que vem do</i>			

	<i>Posso das Patas»”</i>			
	<i>“«fes hum pedaço de obra a fabrica e também anda trabalhando na rua de Santo Ouvido por trás dos Ferradores e trás tambem gente em S. Pedro de Miragaia e compôs huns pedaços de obra para a agua do chafaris de S. Sebastião»”</i>			
	<i>“«fes hum pedaço de obra na rua da Fábrica, e tambem na rua de santo Ovidio e meteo huma padieira a Porta de Carros, compondo tambem ahi hum boracos, na rua Cham por amor da agoa de S. Sebastião e ao prezente anda trablhando na rua Escura»”</i>	Manuel da Silva	Mestre pedreiro	
	<i>“Consertos no aqueduto do chafariz da Ribeira”</i>			
	<i>“«fes todo o conserto [...] no aquedutto da agoa da Portta do Olival dentro da quinta de Bernardo de Souza Lobo»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	351

	<i>“Consertos: no tanque das Taipas; fonte do Almada; fonte de S. Roque”</i>			
	<i>“«fes a obra do aqueduto que vem de Paranhos pra Portta do Olival no cittyo dos carvalhos do Monte»”</i>			
	<i>“«fes todo o concerto da Ferraria de Baixo dêo o paço athe Sam João e tambem meteo dois calhaos na rua do Postigo do Pereira para amarrar os navios e tambem compôs huns buracos na Alfandega e fes hum comçerto em hum cano para as vertentes da Fonte das Quingostas»”</i>	Manuel da Silva	Mestre pedreiro	352
1778	<i>“«fes e consertou o tanque das Congostas e o das taipas»”</i>			
	<i>“«fes o conserto na arquinha da agoa na rua Cham»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<i>“«consertou o aqueduto da agoa de Paranhos</i>			353

	<i>aonde chamao o çitio de Fiel»”</i>			
	<i>“«consertou o chafaris de Sam Domingos, rua nova de Almada, rua Cham e S. Sebastião e o aqueduto da Ribeira»”</i>			
	<i>“«consertou o acaduto da agoa da Porta do olival em o çitio do moinho de ventto e da mesma forma em o çitio dos carvalhos do Monte»”</i>			
	<i>“»fes hum pedaço de obra com seu aqueduto por baixo a S. domingos, e tambem compôs toda a villa do Carregal e outro pedaço na rua Direita vindo para os Ferradores»”</i>	Manuel da Silva	Mestre pedreiro	
	<i>“«andão travalhando com seus ofeciais ao meter da agoa na fonte da praça de Santa Anna»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
1779	<i>“«andarão [...] na obra de meter agoa na fonte da praça de Santa Anna e</i>	Manuel da Costa	Mestre pedreiro	354

	<i>Sam Roque [...] e como os suplicantes tem concluido a ditto obra»”</i>			
	<i>“«fes o conserto em a fonte da rua nova de Almada»”</i>			
	<i>“Consertos no chafariz de S. Sebastião; fonte de Mijavelhas; fonte da rua nova do Almada; arca de Paranhos e na fonte dos Banhos”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	355
1780	<i>“«mandou fazer a obra da fonte dos canos desta cidade na feira da gente»”</i>	Caetano Pereira	Mestre pedreiro	356
	<i>“«fes hum pedaço de obra nos Ferradores e tambem hum pedaço de roço para encanar a mesma pedra e tapou quantidade de boracos emthe o chafariz de Santo Ouvido e fez outro pedaço de obra da rua Cham»”</i>	Manuel da Silva	Mestre pedreiro	
	<i>“«reteficou a rua e arcaduto dos Lavadouros»”</i>	Manuel da Costa	Mestre pedreiro	

	<p>“<i>Consertos na fonte de S. João Novo e na fonte da rua do Almada «e mandou fazer huma porta para a fonte de Malmajudas»</i>”</p>			
	<p>“<i>Consertos na fonte da Batalha, tanque da Sé, tanque das Taipas e aqueduto de Paranhos junto ao Figueiroa</i>”</p>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<p>“<i>«fes os concertos no acaduto do repuxo da Senhora da Grassa (sic) e na fonte do Posso das Patas e na fonte da rua nova do Almada»</i>”</p>			357
1781	<p>“<i>Consertos no repuxo da Graça, na Porta de carros, na água da Ribeira, no Chafariz das Taipas, nos campos de Cedofeita, no aqueduto de Paranhos, e na «tapage» das Fontainhas e no chafariz da rua Chã</i>”</p>			358
	<p>“<i>Conserto do aqueduto de Paranhos</i>”</p>			
	<p>“<i>«fes de novo hum pedaso</i></p>	Manuel da Silva	Mestre	

	<i>de rua o chafaris da Fabrica e tambem compôs parte da rua das Hortas e fes de novo parapeito da Porta Nova o pe do asougue e tambem tapou algum bocaros na mesma rua e meteu hua padieira na Biquinha e tambem meteu outra padieira na feira da Gente e picou huma fraga na viella dos Gatos e tambem tapou algum boraco na mesma viella»”</i>		Pedreiro	
	<i>“Conserto no aqueduto de Paranhos”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	359
	<i>“Consertos no aqueduto de Paranhos, chafariz das taipas, rua do Almada, Poço das Patas”</i>			
	<i>“Conserto do aqueduto da fonte da Colher, em Miragaia”</i>			
1782	<i>“Conserto no aqueduto da fonte de S. Domingos”</i>			
	<i>“«anda na rua das Flores com a acaduto ou cano e</i>			360

	<i>rosso que vem para o chafaris de s. Domingos»”</i>			
	<i>“Consertos no aqueduto da fonte de S. Sebastião, fonte da Colher, rua nova do Almada e Congostas”</i>			
	<i>“Conseros no aqueduto da fonte de S. Sebastião, fonte da Colher, rua nova do Almada e Congostas”</i>			
	<i>“Consertos no aqueduto da água «que vem à Porta de Carros sito na calssada da Thereza»”</i>			
1783	<i>“«obra no acaduto da rua das Flores»”</i>			361
	<i>“«conçerttou o acadutto da agoa de Paranhos que vem para as fontes publicas»”</i>			
	<i>“«conçerttou o acadutto da agoa que vem para S. Sebastam e rua Cham e Batalha e concerttou o tilhado da capella de S. Sebastiam e cahiou a mesma capella»”</i>			

	<p>“«anda fazendo de novo o acadutto da rua das Flores de agoa que vai para os conventos de S. Domingos e S. Francisco»”</p>			362
	<p>“«administrou o conserto da rua do Bomjardim athe o chafariz da Vila Parda»”</p>			
	<p>“«fes e administrou a obra nova que se fes no acaduto da agoa que vem para a Rua Cham em o sitio de entre Paredes»”</p>			
	<p>“«andou fazendo de novo os acaduttos da agoa que vai para os religiosos de S. Domingos e S. Francisco e o conserto da fonte do Bulhão e administrando do conserto da rua atrás da Se e o meio a Porta de Carros»”</p>			
1784	<p>“«habatumou o chafariz da Porta do Olival e outro das Taipas»”</p>			363
	<p>“«concertou o aqueduto</p>			364

	<i>da agoa da rua Cham em o citio de Entre Paredes e outro em o aqueduto da agoa da rua Nova em citio das Cangostas»”</i>			
	<i>“«tem feito quantidade de obra o chafaris de Villa Parda e tãobem compôs hum padaço da lingoeta de fora da Porta Nova e hum padaço do cais para cá da fonte da Colher e tãobem compôs hum padaço do arcaduto aos lavadouros e tapou huns boracos na rua do Loreiro»”</i>	André dos Santos	Mestre pedreiro	
	<i>“«conserto da fonte das Agoadas»”</i>	José Ferreira	Mestre pedreiro	
	<i>“«continua do paredão da fonte das Agoadas»”</i>			365
	<i>“«arematou o acaduto que se mandou fazer pella rua dos Lavadouros asima»”</i>	Caetano Pereira	Mestre pedreiro	
	<i>“«arematou o acaduto que se fas pella dos Lavadouros para a praça do Laranjal»”</i>			

1785	“«mina do Poço das Patas»”	---	---	366
	“«trabalha nas paredes da Fonte das Agoadas»”	José Ferreira	Mestre pedreiro	
	“«deu principio para se mudar o aqueduto da agoa que vem de Paranhos em o citio da rua nova que vai da senhora da Lapa para Sedofeita e o concerto do aqueduto da agoa da Ribeira em sima do muro»”	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	“«vai continuando em fenelizar os muros da fonte das Goadas (sic)»”	José Ferreira	Mestre pedreiro	
	“«arematou [...] o acaduto que se fas pela rua dos Lavadouros»”	Caetano Pereira	Mestre pedreiro	
	“«rematou o aqueduto da rua de São Chrespim»”	José Leite da Silva	Mestre pedreiro	
	“«mandou tirar do alcaduto da rua dos Lavadouros trezentos e dezoito carros de intulho»”	Caetano Pereira	Mestre pedreiro	

	<p><i>“«plantou os olimos em a alameda e tambem em a fonte das Lagrimas e continuou o concerto em o aqueduto da agoa em Sima do Muro que he da fonte da porta da Ribeira e administrou em tirar o emtulho da rua Nova de São João pegado as cazas e quintal da Feitoria»”</i></p>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<p><i>“«tem continuado com os padroens da fonte das Agoadas»”</i></p>	José Ferreira	Mestre pedreiro	367
	<p><i>“«arematou a fazer todo de novo o arcaduto da rua de S. Crespim»”</i></p>	José Leite da Silva	Mestre pedreiro	
	<p><i>“«continua no conserto do aqueduto de Sima do Muro da agoa da Porta da Ribeira que se acha acabado e outro sim com a mudança do aqueduto da agoa que vem de Paranhos em o sitio junto a quinta de Manuel de Figueiroa Pinto»”</i></p>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<p><i>“«rematou em praça publica o arcaduto que se</i></p>	Caetano Pereira	Mestre pedreiro	

<p><i>mandou fazer pella rua dos Lavadouros athe chegar as cazas que se hão de deitar abaixo e como este se acha acabado»”</i></p>			
<p><i>“«consertou o chafaris das Taipas e o da Porta do olival e meteu hua padieira em o rio da Villa de frente de São Bento das Freiras e lagiou hua logea em o terreiro que he da senhora Noronha»”</i></p>	José de Sousa	Mestre pedreiro	
<p><i>“«continua com a obra da mudança do aqueduto em o sitio da rua nova que vai da Senhora da Lapa para Sedofeita»”</i></p>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
<p><i>“«fes o concerto em a fonte e tanques das Vertudes»”</i></p>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	368
<p><i>“«continua em a nova obra da mudança do aqueduto da agoa que vem de Paranhos em o çitio da rua nova da Boavista»”</i></p>			
<p><i>“«rematou o aqueduto de</i></p>	José Leite da	Mestre	

	<i>São Chrispim emthe a viella da Pena Ventoza»”</i>	Silva	pedreiro	
	<i>“«tem admenistrado a mudança do aqueduto em o çitio da rua nova da Boavista»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	369
	<i>“«arrematou a fazer de novo a rua do xafariz de Vila Parda»”</i>	Francisco Moreira	Mestre pedreiro	
	<i>“«anda fazendo o conserto em o aqueduto da agoa que vem do Posso das Patas»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<i>“«apiou o chafariz da Ribeira, e também arumou a mesma pedra, e de prezente anda na retificação da rua dos Mercadores»”</i>	Manuel Alves	Mestre pedreiro	370
	<i>“«arematou o aqueduto que se fas para expedição dos enxuros que decorrem pela rua nova da Boavista para a rua de Cedofeita»”</i>	José Francisco	Mestre pedreiro	
	<i>“«fes a obra pertencente ao aqueduto do rio da Villa junto a rua de Sam</i>			

	<i>João»”</i>			
	<i>“«continua em o concerto do aqueduto da agoa que vem do posso das Patas»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	371
1786	<i>“«arematou neste senado a obra do alcaduto da rua dos Mercadores desde a porta da Ribeira emte a rua Nova»”</i>	José Moreira	---	372
	<i>“«anda limpando e fazendo de novo o acadutto da fonte da Colher em çitio de Miragaia e tambem abatumou a fontte do soutto»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<i>“«rematou o arqueduto do poço das Patas»”</i>	José Rodrigues Braga	Mestre pedreiro	373
	<i>“«limpar o rio frio»”</i>	Manuel Ferreira	---	
	<i>“«arematou [...] a obra do aqueduto da rua dos Mercadores»”</i>	José Moreira	Mestre pedreiro	
	<i>“«remattante da obra do aqueduto que [...] se anda fazendo na nova rua que se abrio no bairro da</i>	José Francisco	Mestre pedreiro	

<i>Senhora da Lapa para Sedoiteia»</i>			
<i>«rematante do aqueduto que recebe as agoas na entrada da nova rua chamada da Boavista e continua ate à fonte e ribeiro do citio de Cedofeita»</i>	José Francisco	Mestre pedreiro	374
<i>«consertou o arcaduto da agoa que vem de Paranhos em sette lanços e outro no acaduto do posso das Patas»</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	375
<i>«rematou as obras seguintes [...] a saber, hum arco, e acabou a fonte na Praça da Ribeira [...] pellas bicas de bronze postas na mesma fonte [...] 160 palmos de lageado [...] por levantar duas braças de lageado»</i>	José Francisco	Mestre pedreiro	
<i>«consertou o chafaris da rua Cham»</i>	Joaquim da Silva Mafra	Mestre pedreiro	
<i>«conçertou o acaduto de Sima do muro da agoa da Ribeira e a fonte das</i>			

	<i>Congostas»”</i>			
1787	<i>“«conserttos do repuxo do anjo e aquedutos da agoa da rua Chãa e rua nova d’Almada»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	377
	<i>“«repuxo do Anjo e na fonte de Sedoffeita junto ao D. Prior e na rua Cham»”</i>			378
	<i>“«fes o conserto no chafaris da Portta do Olival e no das Taipas e juntto ao da Batalha»”</i>			
1788	<i>“«conserttou a fonte do rio da Villa em o çitio debaixo da Pontte Nova»”</i>	José Pereira	Mestre pedreiro	
	<i>“Conserto na fonte das Congostas”</i>			380
	<i>“«obra à fonte da Colher e rio Frio»”</i>	Caetano Pereira	Mestre pedreiro	382
	<i>“«anda corendo com a obra do emcanamento da fonte do Posso das Patas»”</i>			
	<i>“Obra na fonte do</i>			

	<i>Laranjal</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<i>“consertou o acadutto da agoa da Porta da Ribeira e o chafaris das Taipas”</i>			
	<i>“anda corendo com o emcanamento da fonte do Posso das Patas”</i>	Caetano Pereira	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto da fonte do Poço das Almas”</i>			384
	<i>“Obra na «praça do Laranjal e no emcanamento do arcaduto da mesma rua»”</i>	Henrique Ventura Lobo	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra dos «acentos do telheiro da Caza da Camara» e o conserto do chafariz de S. Domingos”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	385
	<i>“Conserto dos tanques das fontes de S. Sebastião, Congostas, Batalha, Colher, Porta do Olival e S. Domingos”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<i>“Obra «na praça do Laranjal no arcaduto [...] e na pedreira da mesma praça e [...] na pedreira</i>	Henrique Ventura Lobo	Mestre pedreiro	

	<i>dos quintais do bairro alto»</i>			
	<i>“Obra no «aqueduto da fonte do Posso das Patas»</i>	Caetano Pereira	Mestre pedreiro	386
	<i>“Obra no aqueduto da fonte do Poço das Patas”</i>			
	<i>“«conserto do rio da Villa, no sitio da Biquinha»</i>	Manuel dos Santos	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto da fonte do Poço das Patas”</i>	Caetano Pereira	Mestre pedreiro	387
	<i>“«concertou o acaduto da agoa da fonte das Patas»</i>	José Pereira	Mesre dos aquedutos	388
	<i>“Obra no aqueduto da Batalha”</i>	---	---	
	<i>“Obra no aqueduto do Poço das Patas”</i>	Caetano Pereira	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra no aqueduto da Batalha”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	389
	<i>“Obra no aqueduto da Batalha”</i>			
	<i>“«despedição das agoas na rua de Santa Catarina»</i>	---	---	

	<i>e «entulhos tirados das cazas da viela do Pasteleiro»</i>			
1789	<i>“Obras nos aquedutos das Virtudes e no aqueduto da Batalha”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	390
	<i>“«consertou o acaduto da agoa que vem do Posso das Patas em o çitio para cá da ponte»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	391
	<i>“Obras na fonte das Virtudes, na rua de Trás, e escadas do Codeçal”</i>	---	---	
	<i>“«consertou e abatumou e limpou os tanques e arcas a saber da fonte das Vertudes Taipas e Bulhão e rua Cham»”</i>			392
	<i>“«consertou a caduto da agua da Ribeira em o çitio em sima do muro»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	393
	<i>“«deu principio ao concerto no acaduto de agua que vem do Posso das Patas para as fontes publicas dasta cidade»”</i>			394

	<i>“Obra no aqueduto de Cedofeita”</i>	---	---	395
	<i>“Obra no aqueduto de Salgueiros”</i>	Manuel José Teixeira	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto que vem do poço das Patas”</i>	José Pereira	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra no aqueduto de Salgueiros”</i>	---	---	396
	<i>“«conçerto da agua do Posso das Patas»”</i>	José Rodrigues Braga	Mestre pedreiro	
1790	<i>“Obra do aqueduto que vem do poço das Patas”</i>	Manuel Pereira	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra no aqueduto de Salgueiros”</i>	---	---	
	<i>“Obra no aqueduto que vem do Poço das Patas”</i>	José Pereira	Mestre pedreiro	397
	<i>“Obra do aqueduto de Salgueiros”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto das religiosas de S. Bento”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	398
	<i>“Obra na fonte da rua do Almada”</i>	---	---	

	<i>“Obra na fonte da rua do Almada”</i>	Henrique Ventura Lobos	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto que vem do Poço das Patas”</i>	José Pereira	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto de Salgueiros”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto dos «Religiosos Dominicós»”</i>			
	<i>“Obra do aqueduto da praça do Laranjal”</i>	Henrique Ventura Lobos	Mestre pedreiro	399
	<i>“Obra do aqueduto e calçada do Codeçal”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“Obras da fonte da rua do Almada, no aqueduto da rua dos tintoreiros e na fonte da rua de Santa Catarina”</i>	---	---	
	<i>“Obra do Poço das Patas”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<i>“Obra do aqueduto de Salgueiros”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra da fonte da rua do Almada e da fonte de Santa Catarina”</i>	António Alves de Sousa	Mestre pedreiro	

	<i>“Obra da fonte do Poço das Patas”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	400
	<i>“Obra do aqueduto de Salgueiros”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra da fonte do Poço das Patas”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<i>“Obra da fonte do Almada e da fonte de Santa Catarina”</i>	António Alves de Sousa	Mestre pedreiro	
	<i>“Conserto no repuxo do anjo e na porta da arca de Paranhos”</i>			
	<i>“Obra da fonte do poço das Patas, encanamento da água na rua do Laranjal, e abrir o aqueduto que se achava entulhado no cais de Miragaia”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
1791	<i>“Obra da fonte e aqueduto da rua do Almada”</i>	---	---	401
	<i>“Obra da arca da fonte do Poço das Patas”</i>	José Pereira		
	<i>“Obra na fonte de Santa</i>	José Luís de	Mestre	

	<i>Catarina”</i>	Sousa	aparelhador	
	<i>“Obra do aqueduto de Salgueiros”</i>	---	---	
	<i>“«consertou o acaduto da agoa da Ribeira e as cazinhas do despacho e barqueiros no mesmo çitio da Ribeira e adestio ao conserto na rua do Souto»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<i>“«consertou o acaduto da agoa que vai para a fonte da rua Nova dos Inglezes»”</i>			
	<i>“Obra no aqueduto de Santa Catarina”</i>	José Luís de Sousa	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto de Salgueiros”</i>	---	---	402
	<i>“«consertou o acaduto do chafaris de S. Domingos»”</i>			
	<i>“«anda consertando o acaduto da agoa que vem de Paranhos em o çitio dos Carvalhos do Monte»”</i>	José Pereira	Mestre pedreiro	

	<i>“Obra no aqueduto do Poço das Patas”</i>	José Luís de Sousa	Mestre pedreiro	
	<i>“«compos o aqueduto da fonte da Batalha»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<i>“«consertou e abatumou a fonte da Ribeira e conserto no arco da Grassa (sic) abatumou a fonte da Villa Parda»”</i>	José Pereira	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto do Poço das Patas”</i>	---	---	
	<i>“Obra do aqueduto de Santa Catarina”</i>	José Luís de Sousa	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto de Salgueiros”</i>	---	---	
	<i>“«compos o tanque da Porta de Caros (sic) e mais em Sima de Vila e mais a fonte do Bolham e mais a de Fradelos»”</i>	Manuel Rodrigues	Mestre das obras das águas	
	<i>“«mestre que foi dos acadutos das agoas desta cidade [...] consertou o acaduto da agoa da Porta do Olival em o citio do Carvalhido e na rua da</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	403

	<i>Boavista e no acaduto da agoa do Porta da Ribeira»</i>			
1792	<i>“Obra nos aquedutos da cidade”</i>	Manuel Rodrigues	Mestre dos aquedutos	
	<i>“Obra do aqueduto de Salgueiros”</i>	---	---	
	<i>“Obra do aqueduto de Santa Catarina”</i>	José Luís de Sousa	Mestre pedreiro	
	<i>“«abrio e fes a arqua da agoa em o çitio dos cortumes das Fontainhas»”</i>	José Pereira	Mestre pedreiro	
	<i>“«anda fazendo concerto no acaduto da agoa que vem do Posso das Patas em o citio, junto aos Padres Capuxos da cidade»”</i>	José Pereira	Mestre pedreiro	404
	<i>“Obra do aqueduto de Salgueiros”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra no aqueduto que vem de Paranhos”</i>			
	<i>“«anda consertando e redeficando o acaduto da</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	

	<i>agoa que vem do Posso das Patas em o çitio do campo de S. Lazaro»</i>			
1793	<i>“«consertou o acaduto da agoa que vem do Posso das Patas em o çitio de Entreparedes e a fonte da rua nova de Almada e a da Porta da Ribeira e abrio as covas e plantou treze olimos na Lameda»</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	405
	<i>“«consertou o aqueduto da agua que vem de Paranhos em o citio dos Carvalhos do Monte»</i>			
	<i>“«consertou o acaduto da agoa que vem do Posso das Patas em três partes e da Porta do olival em duas partes e a fonte da Porta de Carros»</i>			
	<i>“«consertou a fonte da Colher em o çitio de Miragaia e desmtulhou o cano que da a agoa da mesma fonte e tambem a fonte de Mijavelhas»</i>			406
	<i>“Obra da fonte da rua</i>	---	---	

	<i>nova do Almada”</i>			
	<i>“Obra da fonte da rua nova do Almada”</i>			
	<i>“«fes o cano da agoa em o citio de Salgueiros a fim de o meter e encaminhar o acaduto da cidade»”</i>			
	<i>“«limpou e abatumou o chafariz da Porta do olival e tres lanços novos hum junto as Oliveiras e outro mais asima, e na rua do Carvalhido»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	407
	<i>“«consertou em varias partes o acaduto da agoa que vem de Paranhos como tambem o que vem do Posso das Patas»”</i>			
1794	<i>“Obra do «aqueduto das vertentes da fonte da rua do Almada»”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“«consertou os tilhados do açougue publico e os tilhados da Caza da Audiência e hum conserto no acaduto que vem do Posso das Patas em o sitio</i>			

<i>de Antreparedes (sic) e cortou os Olimos (sic) na Lameda forão para os meninos orfos»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
<i>“«consertou a fonte da ponte de Sedofeita e o acaduto da agoa que vai para o tanque das Taipas em o çitio da Porta do Olival e o mesmo tanque nas Taipas»”</i>			
<i>“«consertou a agoa do Posso das Patas em o çitio de Entreparedes e o da Ribeira em o çitio dos Guindais e em sima do muro»”</i>	José Pereira	Mestre pedreiro	408
<i>“Obra do «acrescento do tanque da fonte da rua nova de Almada (sic)»”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
<i>“«compôs o arqueduto de fora da Porta de Carros»”</i>	Manuel Martins	Mestre pedreiro	
<i>“Obra da fonte da praça Nova”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
<i>“«abatou o tanque da rua Chã e S. Sebastião e consertou a fonte do</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	

	<i>Senhor do Carvalhido o acaduto de Paranhos e o do Posso das Patas e outros em varias partes»”</i>			
	<i>“Obra do novo tanque da praça Nova”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra da «mina da rua de Almada» e «mina de Salgueiros»”</i>	---	---	
	<i>“«consertou o acaduto da agoa da Ribeira e o da agoa que vem de Paranhos e o da fonte da rua nova de Almada»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	409
	<i>“Obra do aqueduto ao pé da Senhora da Lapa”</i>	José de Sousa	Mestre pedreiro	
	<i>“«consertou a fonte dos banhos a fonte de Sedofeita e a agoa de Paranhos»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
1795	<i>“Obra do novo tanque da praça Nova”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	
	<i>“Obras na rua nova do Almada, da mina de salgueiros e paredão da rua Formosa”</i>			

	<i>“Obra do aqueduto junto à Senhora da Lapa”</i>	José de Sousa	Mestre pedreiro	
	<i>“«compôs o arcaduto da feira»”</i>	Manuel Martins	Mestre pedreiro	
	<i>“«concertou a fonte de Santo Antonio do Bolhão e limpou e guiou as vertentes da fonte da rua do Almada e o acaduto que vem de Paranhos em o çitio do Muinho de Vento concertou os tilhados do açougue»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	410
	<i>“Obra «da calçada e cano que se fas de frente de Nossa Senhora da Natevidade»”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra dos passeios «do fundo ad rua de santo Antonio e aqueduto da praça Nova»”</i>			
	<i>“«consertou o acaduto da agoa que vai para o Corpo da Guarda e agoa do Soutto e descobrir huas poucas de pias em o dito da Torrinha no acadutto</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	

<i>que vem de Paranhos e consertou os tilhados da Camera»</i>			
<i>“Obra do aqueduto junto à Senhora da Lapa”</i>	José de Sousa	Mestre pedreiro	
<i>“Obra da mina de Salgueiros e rua nova do Almada”</i>	---	---	
<i>“Obra do novo tanque da praça Nova”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	
<i>“«concertou o acadutto da agoa que vem de Paranhos junto a araca e ao pinhal de sedoifeita e Moinho de Vento e abatumou as fontes do senhor do Carvalhido»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	411
<i>“«consertou a fonte da Colher e a fonte da agoa Ferria o acadutto da agoa que vem de Paranhos»”</i>			
<i>“«anda fazendo na prasa de santo Ouvido ao pe dos novos quartéis hum alcaduto»”</i>	José de Sousa	Mestre pedreiro	
<i>“Conserto do aqueduto da</i>	Bartolomeu de	Mestre	

	<i>água do poço das Patas”</i>	Carvalho	pedreiro	
	<i>“«consertou o acaduto daa goa da Portta do olival e forte do Senhor do Carvalhido e agoa da porta da Ribeira»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<i>“«limpou e abatumou os tanques das Vertudes e desentulhou e limpou hum cano em Miragaia dos enxuros»”</i>			
	<i>“Obra das minas da rua nova do Almada e de Salgueiros”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do novo tanque da praça Nova”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	412
	<i>“Obra do aqueduto ao pé da praça de Santo Ovidio”</i>	José de Sousa	Mestre pedreiro	
	<i>“«consertou o acaduto da agoa que vem de Pranhos abatumou o tanque das Taipas a arca e dous lanços da agoa que vem para S. João e abatumou o tanque da fonte Villa Parda»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	

	<i>“«consertou o acaduto da agoa da fonte de S. João Novo desde a cozinha dos Religiozos the a fonte e limpou a fonte do touro fora da Porta Nova»”</i>			
1796	<i>“Obra das minas da rua nova do Almada, Salgueiros e padrão das Almas”</i>	---	---	413
	<i>“Obra do aqueduto do desembargador António Barroso Pereira”</i>	João da Silva Araujo	---	
	<i>“«dezemtulhou e concertou a fonte da Colher e fonte do Touro e o tanque das Taipas e um lanço na agoa da Ribeira e outro no acadutto de Paranhos»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<i>“«obra do rebaixo do largo de Santo Ildefonso e dos parapeitos da rua nova de Santo Antonio e da calçada e passeio da prasa Nova e do antigo ado (sic) dos Justisados e do aqueduto da rua da Thorrinha, e da calçada</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	

	<i>da rua do chafaris de Vila Parda»”</i>			
	<i>“«concertou e desmtulhou a fonte de Fradellos e embatumou a da rua de Santa Catrina (sic) e hum lanço no acaduto de agoa da Ribeira»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<i>“Obra das minas de Salgueiros e de Santa Catarina e «imcane da agoa da rua nova de Almada»”</i>	---	---	
	<i>“«fes o concerto em a fonte da Natevidade abatumou o chafaris da rua Cham e S. Sebastiam e nos Banhos e dous lanços em o acaduto que vem de Paranhos»”</i>	José Pereira	Mestre pedreiro	414
	<i>“Obra do tanque da praça Nova”</i>	---	---	
	<i>“«consertou a agoa da rua Nova e na Ribeira e fonte do senhor do Carvalhinho e o acaduto que vem de Paranhos em o çitio do Muinho de Vento»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	

	<i>“Obra das minas de Santa Catarina e de Salgueiros”</i>	---	---	
	<i>“Obra «das pirâmidas e calçada do largo de Santo Ildefonso e da obra que se faz na rua de Tras da Sé e do tanque da prasa Nova e do resto da calçada da rua das Ortas e do paredão que se fas no antigo adro dos Justisados»”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	415
	<i>“Obra do tanque da praça Nova”</i>	---	---	
	<i>“«concertou e redeficou a fonte da Colher em Miragaia e Posso das Patas em o çitio de Cedofeita e recolher e tomar conta dos alcatruzes que vierão de Ovar»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
1797	<i>“«obra dos paseios do largo de santo Ildefonso e do novo tanque da prasa Nova e do parapeito que se fas defronte de Nossa Senhora da Natividade e do paredão que se fes no antigo adro dos</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	416

<i>Justisiados e do rebaixe da porta do Olival»”</i>			
<i>“Obra do tanque da praça Nova”</i>	---	---	
<i>“Obra das minas de Salgueiros e de Santa Catarina”</i>			
<i>“Obra do passeio da rua da Neta «e da arca que se fas ao pe da rua nova do Almada»”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	
<i>“Obra do aqueduto na rua dos Tintureiros”</i>	---	---	
<i>“Obra do «rebaixo que se faz dentro da Porta do Olival e da arca da agua que vai para o tanque da prasa Nova»”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	
<i>“Obras das minas de Salgueiros e de Santa Catarina”</i>	---	---	
<i>“«limpou e desmtulhou o regueirão e fonte do Posso das Patas fonte do Bolhão e fonte da Colher e das Quingostas e S. Sebastiam</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	417

	<i>e cair a caza do assougue publico»”</i>			
	<i>“Obra das minas de Salgueiros e Santa Catarina e arco de Paranhos”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	
	<i>“«fes ps consertos nos acadutos das agoas da mesma cidade a saber nas Vertudes Sedofeita arca de Paranhos the os Regados (sic) fonte do Almada por duas vezes Congostas e Posso das Patas fonte da Colher e Banhos e chafaris da rua Cham»”</i>	José Pereira	Mestre pedreiro	
	<i>“«consertou e compôs as duas pias do rezisto da agoa da cidade em o sitio da Senhora da Batalha e hua em o campo de S. Lazaro»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
1798	<i>“Obra da minas «das aguas de Salgueiros arca de Paranhos Santa Catherina»”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	418
	<i>“Obra do tanque e aqueduto da rua das</i>			

	<i>Taipas”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto de Salgueiros”</i>			
	<i>“«limpou e compôs a fonte da Colher desentulhou o cano da mesma athe a veira (sic) do rio e outro cano mais adiante que vem da Bandeirinha e consertou em os Lavadouros o aqueduto que vem da praça Nova e no sitio de Entreparedes e aqueduto que vem do poço das Patas»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<i>“«fes [...] o cano da fonte da Ribeira naquela parte do muro em que edificou huma morada de cazas Joaquim Pereira de Almeida»”</i>			
	<i>“Obras das minas «das aguas de Salgueiros da arca da agua de Paranhos de Santa Catherina»”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto de Salgueiros”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	419

<p><i>“«anda trabalhando no reparo da agoa que vem de Paranhos»”</i></p>	<p>Manuel Rodrigues</p>	<p>Mestre pedreiro</p>
<p><i>“Obra das minas «das aguas de Salgueiros da arca da agua de Paranhos Santa Catherina»”</i></p>	<p>Bartolomeu de Carvalho</p>	<p>Mestre pedreiro</p>
<p><i>“Obra do tanque da rua das Taipas e «rebaixe» do largo da Vitória e do aqueduto de S. Domingos”</i></p>	<p>António Alves</p>	<p>Mestre pedreiro</p>
<p><i>“«encanou a agoa e fez o concerto da fonte da areia no cais da Ribeira»”</i></p>	<p>Manuel Monteiro</p>	<p>Mestre rebocador</p>
<p><i>“«consertou o cano da agoa das taipas, e o chafariz do Carvalhinho»”</i></p>		
<p><i>“«reparo do cano de agoa que vem de Paranhos»”</i></p>	<p>Manuel Rodrigues Pereira</p>	<p>Mestre pedreiro</p>
<p><i>“Conserto na fonte dos Banhos e fonte das Taipas”</i></p>	<p>Manuel Monteiro</p>	<p>Mestre rebocador</p>
<p><i>“«consertou e abatumou os tanques das agoas da mesma cidade»”</i></p>	<p>José Pereira</p>	<p>Mestre dos aquedutos</p>

1799	<i>“Obra das «tres minas das aguas de salgueiros da arca da agua de Paranhos Santa Catherina»”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	420
	<i>“Obra do novo tanque da rua das Taipas e aqueduto de S. Domingos”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“Conserto do «telheiro da obra do tanque da rua das Taipas» e conserto «da caza das alems (sic)» e escoramento do aqueduto de s. Domingos”</i>	José Pedro Ribeiro	Mestre Carpinteiro	
	<i>“«limpou e desmtulhou a fonte da Colher e a do Touro por cauza de ficar emtulhadas da cheia»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<i>“Obra da nova fonte da Batalha”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto de Salgueiros”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“«pasou em callerias a agoa do tanque da Ribeira em o citio dos Guindais; e tilhados da Camara»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	

<p><i>“Obra na nova fonte da Batalha”</i></p>	<p>Bartolomeu de</p>	<p>Mestre</p>	
<p><i>“Obras das «tres minas que se andão fazendo [...] de Salgueiros, Paranhos Santa Catherina»”</i></p>	<p>Carvalho</p>	<p>pedreiro</p>	<p>421</p>
<p><i>“Obra do novo tanque da rua das Taipas e aqueduto de S. domingos”</i></p>	<p>António Alves</p>	<p>Mestre pedreiro</p>	
<p><i>“«anda reparando o cais da Ribeira» e o aqueduto do poço das Patas”</i></p>	<p>Bartolomeu de Carvalho</p>	<p>Mestre pedreiro</p>	
<p><i>“Obra do aqueduto de Salgueiros”</i></p>	<p>António Alves</p>	<p>Mestre pedreiro</p>	
<p><i>“«anda reparando as agoas da fonte da areia na Ribeira»”</i></p>	<p>Bartolomeu de Carvalho</p>	<p>Mestre pedreiro</p>	
<p><i>“«reparos que se fizeram na fonte da Areia no Barredo na caza velha da Camera e na calçada de trás da Ce»”</i></p>	<p>Bartolomeu de Carvalho</p>	<p>Mestre pedreiro</p>	
<p><i>“«desmtulhou o regueirão que vem da fonte de Mijavelhas emthe a ponte que inda esta por emcluir,</i></p>	<p>José Pereira</p>	<p>Mestre dos aquedutos</p>	

	<i>e outro sim procurar a agoa no campo de S. Lazaro e conserto da mesma junto a fonte de S. Sebastião»</i>			
	<i>“Obra do novo aqueduto do Poço das Patas”</i>	José de Sousa	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra das «minas de Salgueiros de Santa Catherina da arca de agua de Paranhos»”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do novo tanque da rua das Taipas e aqueduto de S. Domingos”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	422
	<i>“Obra do aqueduto do Poço das Patas”</i>	José de Sousa	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto de santa Catarina”</i>	Manuel Alves Prata	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra das «tres minas das aguas de Salgueiros Paranhos Santa Catherina»”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto de S. Domingos”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“«anda reparando a viela</i>	Bartolomeu de	Mestre	

	<i>do Barredo e as duas fontes de Fradelos e do Touro» e feira do Pão”</i>	Carvalho	pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto do Poço das Patas”</i>	José de Sousa	Mestre pedreiro	
	<i>“«consertou o acaduto da agoa que vem de Paranhos junto ao quintal de Joze Alvaro Brandão e a fonte junto ao desembargador Antonio Barrozo e a de Sedofeita, e a da Ribeira e de S. Lazaro»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<i>“Obra do aqueduto da rua de Belmonte que vai ter a S. Domingos”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto de Santa Catarina”</i>	Manuel Alves Prata	Mestre pedreiro	423
	<i>“Obra do aqueduto de Salgueiros”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“«consertos que fes nos mesmos acadutos em o citio da feira do Pam e junto aos regados (sic)»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
1800	<i>“«obra que se anda fazendo na viela do</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	

	<i>Barredo (sic) na fonte do Boi no que se fes no cano da rua de Santa Catherina» e obras na viela da Esnoga, Rio Frio e Porta Nova”</i>			
	<i>“Obra do aqueduto do poço das Patas”</i>	José de Sousa	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra das minas de salgueiros e Santa Catarina”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto de Salgueiros”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“«Consertos dos mesmos acadutos em o citio de s. Sebastião e Posso das Pattas e dezemtulhar as covas e pias em os Carvalhos do Monte e quinta do senhor Figueiroa»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<i>“Obra do aqueduto da rua de santa Catarina”</i>	Manuel Alves Prata	Mestre pedreiro	424
	<i>“«tem andado e trabalhado em dezemtulhar o arcadutto que vem de Paranhos em o</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	

	<i>çitio dos carvalhos do Monte e Carvalhido e tambem o acadutto da Ribeira e fazer batumes»”</i>			
	<i>“Conserto do aqueduto da rua dos Lavadouros”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra da nova fonte da Batalha”</i>	José de Sousa	Mestre pedreiro	
	<i>“Obras das minas de Salgueiros e Santa Catarina”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto do Poço das Patas”</i>	José de Sousa	Mestre pedreiro	
	<i>“Conserto do aqueduto da rua dos Lavadouros”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do novo tanque da rua do Bonjardim”</i>			
	<i>“«fes o conserto em pia do acadutto Entreparedes em cuja pia se reparte agoa que vai para as Entrevadas de S. Ildefonso e chumbou os gattos de ferro nas guardas de pedra defronte de S. João Nepamoceno e nas</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	425

	<i>escadas que vão para a caza deste Ilustrissimo Senado»</i>			
	<i>“Obra do aqueduto da rua de santa Catarina”</i>	Manuel Alves Prata	Mestre pedreiro	
	<i>“«consertto da fonte das Congostas»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<i>“«anda reparando a fonte e lavadouros do Bulhão»”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra no aqueduto que vem de Paranhos”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<i>“Obra da nova fonte da Batalha”</i>	José de Sousa e António Alves	Mestres pedreiros	
	<i>“Obra do aqueduto do Poço das Patas”</i>	---	---	
	<i>“Obras das minas de Salgueiros e de Santa Catarina”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	426
	<i>“Obra da fonte do Bolhão”</i>			
	<i>“Obra do aqueduto de Santa Catarina”</i>	Manuel Alves Prata	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto de</i>	António Alves	Mestre	

	<i>Salgueiros</i>		pedreiro		
1801	<i>“Obra do aqueduto do Poço das Patas”</i>	António Alves	Mestre pedreiro		
	<i>“Obra da nova fonte da Batalha e pedreira das Fontainhas”</i>				
	<i>“Obra das minas de salgueiros e de Santa Catarina”</i>	Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro		
	<i>“Obra da fonte de Santa Catarina”</i>	António Alves	Mestre pedreiro		
	<i>“Obra do aqueduto do campo de S. Lazaro”</i>				
	<i>“Obra do aqueduto do campo de S. Lazaro”</i>				
	<i>“Obra das minas de Salgueiros e de Santa Catarina”</i>	José Rodrigues de Azevedo	Mestre pedreiro		427
	<i>“Obra da fonte de Santa Catarina”</i>	António Alves	Mestre pedreiro		
	<i>“Obra da fonte da Batalha”</i>				
	<i>“Obra do aqueduto de</i>				

	<i>Salgueiros”</i>			
	<i>“Obra do aqueduto do Poço das Patas”</i>			
	<i>“Obra da nova fonte da Batalha”</i>			
	<i>“Obra das minas de Salgueiros e de Santa Catarina”</i>	---	---	
	<i>“Obra do aqueduto do campo de S. Lazaro”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“Conserto do aqueduto da fonte da rua de Santa Catarina”</i>	Manuel Alves Prata	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto do campo de S. Lazaro”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	428
	<i>“Obra das minas de Salgueiros e de Santa Catarina”</i>	---	---	
	<i>“Obra da nova fonte da Batalha”</i>			
	<i>“Obra da nova fonte da Batalha”</i>			
	<i>“Obra do aqueduto do</i>	António Alves	Mestre pedreiro	

	<i>campo de S. Lazaro”</i>			
	<i>“Obra das minas de Salgueiros e da «travesa da capela das Almas de Santa Catarina»”</i>	---	---	
	<i>“Obra do aqueduto do Poço das Patas”</i>			
	<i>“Obra da mina da travessa da Capela das Almas de Santa Catarina e aqueduto que vem de Salgueiros”</i>			429
	<i>“Obra da nova fonte da Batalha”</i>			
	<i>“Obra do aqueduto do Poço das Patas”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
1802	<i>“Obra do aqueduto que vem do Poço das Patas”</i>			
	<i>“Obra «do aqueduto mina da traveça das Almas de Santa Catarina»”</i>			
	<i>“Obra do aqueduto de Salgueiros”</i>			
	<i>“«anda em o giro do</i>	José Pereira	Mestre dos	

	<i>barejo e consertos dos mesmos acaduttos»”</i>		aquedutos	
	<i>“Obra do aqueduto que vem do Poço das Patas”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	430
	<i>“Obra «do aqueduto da traveça das Almas de Santa Catarina»”</i>			
	<i>“Obra do aqueduto de Salgueiros”</i>			
	<i>“«trabalha em o giro do barejo e conserto das agoas»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<i>“Obra do aqueduto que vem do Poço das Patas”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do «aqueduto da traveça das Almas de Santa Catarina»”</i>			
	<i>“Obra do aqueduto de Salgueiros”</i>			
	<i>“«trabalha em vejar barejar limpar e reparao dos mesmos acaduttos»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	431
	<i>“«mandou compor o cano da fonte de Cedofeita»”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	

	<i>“«consertos da aguas na trabesa das Almas de Santa Catarina no conserto da agua de São Sebastião na fonte de Sedoifeita mais aquedutos da cidade»”</i>	António José Machado	Vedor das águas da cidade	
	<i>“Obra do aqueduto que vem do Poço das Patas e aqueduto da rua da Boavista”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“Obra do aqueduto de Salgueiros”</i>	---	---	
	<i>“Consertos nos aquedutos”</i>			
1803	<i>“Obras do aqueduto que vem do Poço das Patas, novo aqueduto da rua da Boavista e na mina de Salgueiros”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“Consertos dos aquedutos da cidade”</i>			
	<i>“«abertura da brecha necessaria para o novo aqueduto publico dentro da quinta de Santo</i>	António Nunes	---	432

	<i>Ouvidio e terras de Joze, e Antonio Ribeiro Braga»”</i>			
	<i>“Obras do aqueduto que vem do Poço das Patas, novo aqueduto da rua da Boavista, da mina de Salgueiros pedreira dos Carvalhos do Monte e aqueduto da Batalha”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“Consertos nos aquedutos da cidade”</i>			
	<i>“Obras da mina de Salgueiros, do «rigeirão» para o aqueduto nos Carvalhos do Monte, e no aqueduto da Batalha”</i>			
	<i>“«emcanamento da agoa da fonte da Ribeira»”</i>	José Correia	Mestre pedreiro	433
1804	<i>“Obras do aqueduto que vem do Poço das Patas para a cidade, do aqueduto e pedreira da mina de Salgueiros e no aqueduto «reigueirão» dos Carvalhos do Monte”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“«consertos das agoas em todas as fontes desta</i>	Manuel Monteiro e José	Mestres pedreiros	

	<i>cidade e aquedutos delas»”</i>	Pereira		
	<i>“Consertos nos aquedutos da cidade”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	
	<i>“Obras do aqueduto que vem do Poço das Patas para a cidade, do aqueduto e pedreira da mina de Salgueiros e no aqueduto «rigueirão» dos Carvalhos do Monte”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“«tem andado a trabalhar em o giro dos mesmos aquedutos a saber em as Taipas, Porta do Olival, Carvalho do Monte, rua do Almada e Santa Catarina, Posso das Patas, e S. Lazaro, rua Cham, S. Sebatião»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	434
	<i>“«foi enconvido (sic) alinhar (sic) os entulhos i (sic) lodo dos tanques da fonte do Posso das Patas»”</i>			
	<i>“Consertos e «giro de limpar e varejar os acadutos»”</i>			

	<i>“Obras do aqueduto que vem do Poço das Patas para a cidade e do aqueduto de Salgueiros”</i>	António Alves	Mestre pedreiro	
	<i>“«tem frequentado o barejar consertar e limpar os mesmos aquedutos»”</i>	José Pereira	Mestre dos aquedutos	

TABELA VIII – Quantidade de nas Arquitecturas da Água na Cidade do Porto Arrematadas por Cada Arrematante entre 1757 e 1804.

FONTE: Dados da tabela anterior.

Arrematante	Profissão	Quantidade de Obras Arrematadas
Arrematante Desconhecido	---	36
André dos Santos	Mestre pedreiro	1
António Alves	Mestre pedreiro	62
António Alves de Sousa	Mestre pedreiro	2
António da Costa	Mestre pedreiro	2
António Gomes	Mestre pedreiro	1
António José Machado	Vedor das águas da cidade	1
António Nunes	---	1
António Pinto	Mestre dos aquedutos	8
António Pinto	Mestre pedreiro dos aquedutos	1
António Pinto	Mestre pedreiro	1
António Pinto da Costa	Mestre das águas do Senado e Mestre dos aquedutos	3

Bartolomeu de Carvalho	Mestre pedreiro	39
Bernardo Borges	Mestre pedreiro	1
Caetano Pereira	Mestre pedreiro	31
Domingos da Costa	Mestre pedreiro	3
Francisco de Sousa	Mestre dos aquedutos	5
Francisco de Sousa	Mestre pedreiro	2
Francisco Moreira	Mestre pedreiro	1
Henrique Ventura Lobo	Mestre pedreiro	4
Henrique Ventura	Mestre pedreiro	1
João da Silva Araújo	---	1
Joaquim da Silva Mafra	Mestre pedreiro	1
José Alves do Rego	Mestre pedreiro	2
José Correia	Mestre pedreiro	1
José de Sousa	Mestre pedreiro	13
José Ferreira	Mestre pedreiro	5
José Francisco	Mestre pedreiro	15

José Leite da Silva	Mestre pedreiro	3
José Luís de Sousa	Mestre aparelhador	1
José Luís de Sousa	Mestre pedreiro	3
José Moreira	Mestre pedreiro	2
José Moreira	---	1
José Pedro Ribeiro	Mestre carpinteiro	1
João Pinto	Mestre pedreiro	1
José Pereira	---	1
José Pereira	Mestre dos aquedutos	134
José Pereira	Mestre pedreiro	14
José Rodrigues Braga	Mestre pedreiro	2
José Rodrigues de Azevedo	Mestre pedreiro	1
José Tavares	Mestre pedreiro	1
Manuel Alves	Mestre carpinteiro	1
Manuel Alves	Mestre pedreiro	7
Manuel Alves Prata	Mestre pedreiro	6
Manuel António Pinto	Mestre dos aquedutos	1

Manuel da Costa	Mestre pedreiro	2
Manuel da Silva	Mestre pedreiro	8
Manuel dos Santos	Mestre pedreiro	1
Manuel Ferreira	---	1
Manuel José Teixeira	Mestre pedreiro	1
Manuel Martins	Mestre pedreiro	3
Manuel Monteiro	Mestre pedreiro	1
Manuel Monteiro	Mestre rebocador	3
Manuel Moreira da Silva	Mestre pedreiro	3
Manuel Pereira	Mestre pedreiro	1
Manuel Rodrigues	Mestre das obras das águas	1
Manuel Rodrigues	Mestre dos aquedutos	1
Manuel Rodrigues	Mestre pedreiro	1
Manuel Rodrigues Pereira	Mestre pedreiro	1
Miguel Pinto	Mestre dos aquedutos	1
Ventura Correia dos Santos	Mestre Ferreiro	1

SUBTOTAL	- Mestres aparelhadores – 1	1
	- Mestres carpinteiros – 2	2
	- Mestres das águas do Senado e Mestres dos aquedutos – 1	3
	- Mestres das obras das águas – 1	1
	- Mestres dos aquedutos – 6	150
	- Mestres Ferreiros – 1	1
	- Mestres pedreiros – 40	250
	- Mestres pedreiros dos aquedutos – 1	1
	- Mestres rebocadores – 1	3
	- Sem profissão definida – 6	41
- Vedor das águas da cidade – 1	1	
TOTAL	61	454

